ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
DIV ENSINO — SEC ENS "A"
CADEIRA DE HISTÓRIA MILITAR

Nota do Cel Claudio Moreira Bento: Em 1978 chegamos na AMAN para o exercício da função de Instrutor de História Militar, função que desde 1960 era privativa de Oficiais com o Curso da Escola de Estado-Maior do Exército que lá tinham adquirido experiência de História Militar Crítica. Trazíamos como bagagem uma experiência intensa de Historiador Militar iniciada em 1971 com a produção e publicação de meus primeiros livros *As Batalhas dos Guararapes - Descrição e Análise Militar* e *A Grande Festa dos Lanceiros* focalizando a inauguração do Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório e, de 1971/1974 haver integrado como adjunto do presidente Cel Francisco Ruas Santos a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército, cuja principal missão era preparar e publicar, como contribuição do Exército às comemorações do sesquicentenário da Independência a obra em 3 volumes: *História do Exército Brasileiro - Perfil Militar de um Povo*, da qual participei intensamente e me coube como historiador convidado pelo chefe do Estado-Maior o Gen Ex Alfredo Souto Malan, escrever o capítulo referente as Guerra Holandesas.

Ao deixar a Comissão de História fui servir no DEC, período em que participei de concursos literários sendo premiado pela Assembléia

Legislativa do Rio Grande do Sul e pela Associação Riograndense de Imprensa com o livro *Hipólito da Costa - o gaúcho fundador da Imprensa Brasileira* e a seguir premiado pelo Rio Grande do Sul, no Biênio da Imigração e Colonização do Rio Grande do Sul com os livros *O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul* (1º lugar) e *Estrangeiros e seus descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul*. A par da produção de livros desenvolvi intensa atividade como articulista de assuntos de História Militar em especial em jornais de Pernambuco, Brasília e Rio Grande do Sul. Em São Paulo tendo sido classificado na AMAN como instrutor de História Militar preparei os originais de meu livro que seria publicado como manual em 1979 e 1999 pelo Estado Maior do Exército: *Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro*. Foi levando em conta minha bagagem como historiador que me foi confiada pelos companheiros da Cadeira de História Cel Inf Ney Sales (Chefe) e Cel Sergio Marcondes a formatação do presente livro que aborda diversos trabalhos de instrutores da Cadeira de História Militar de 1960 /1978 durante 18 anos incluindo trabalhos de minha autoria.

Fim da nota

Digitado e digitalizado por Camila K.C.S Renê

HISTÓRIA DA DOUTRINA MILITAR

(Da Antiguidade a 2ª Guerra Mundial)

— História Militar

"O estudo crítico da História, particularmente da História Militar de uma nação, conduz a conclusões e levanta fatores capazes de influir na Expressão Militar. Caminhos normais de penetração, erros e acertos, tradições e culto de heróis, trazem reflexos na formulação da doutrina, no moral e nas estruturas militares como fatores de influência sobre o Poder Militar. Essas tradições históricas e militares que cumprem cultuar e manter, não devem, por outro lado, apresentar obstáculos intransponíveis à evolução e à tecnologia.(Manual **Básico-ESG).**

"O conhecimento da História Militar não só desenvolve o raciocínio e o critério. Contribui para evitar a repetição de erros. Permite a identificação de conceitos básicos pouco mutáveis da Doutrina Militar e a identificação das características e peculiaridades do homem brasileiro como chefe e combatente" **(Port. 61 EME - out. 1977 - Diretriz para Atividades do Exército no Campo da História).**

Doutrina Militar: "Conjunto de conceitos básicos, princípios gerais, processos e normas de comportamento que sistematizam e coordenam as atividades das Forças Armadas" (Manual de Campanha - C 20 - 230 do EME).

Um conceito pratico de Doutrina Militar.São as regras como um Exercito ,no Campo da Ciência Militar regulamenta a sua Organização, Equipamento, Instrução e Motivação para combater, e seu Emprego Operacional com apoio na Arte Militar. Cel Bento

APRESENTAÇÃO

O presente ensaio — **História da Doutrina Militar —** traduz pesquisas que vêm sendo realizadas há mais de 50 anos pela Cadeira de História Militar das Agulhas Negras. E agora editado com o apoio do Estado-Maior do Exército. Destina-se aos estudantes e pesquisadores do assunto no Exército. Consolida ensinamentos profissionais resultantes do estudo e pesquisa crítica da História Militar da Humanidade, fundamentação histórica necessária à compreensão do combate moderno e base estimativa de sua evolução provável. Seu texto não abrange a descrição e análise de batalhas à luz dos fundamentos da Arte da Guerra. O referido assunto é abordado em aula com documentação específica. Em seu texto são encontradas todas as respostas as questões formuladas nos **Planos de Estudo Dirigido** (PED), base do processo de ensino adotado pela Cadeira de História Militar - AMAN e que é exemplificado no capítulo 5.0 presente volume é cedido gratuitamente. Não pode ser vendido, cedido ou reproduzido, no todo ou em parte, sem a permissão da AMAN.

NOTA: Para melhor rendimento do estudo no presente trabalho é aconselhável ter em mãos o ATLAS HISTORICO ESCOLAR, editado pelo Ministério de Educação e Cultura, em qualquer de suas edições.

Introdução da Cadeira de História Militar na Academia Real Militar,

raiz histórica da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende-RJ.

TÍTULO SEGUNDO

Número dos professores, Ciências que devem ensinar e dos seus Substitutos

Logo que possa formar-se uma Biblioteca Científica, e Militar para esta Academia, haverá um lente de História Militar, que servirá de Bibliotecário; e que no oitavo ano explicará a História Militar de todos os povos, os progressos que na mesma fez cada Nação; e dando uma idéia dos maiores Generais Nacionais e Estrangeiros, explicará também os Planos das mais célebres Batalhas, o que acabará de formar os Alunos, e os porá no caso de poderem com grande distinção ser verdadeiramente úteis ao Meu Real Serviço, em qualquer aplicação, que Eu seja servido dar-lhes.

(Transcrito da CARTA DE LEI de 4 de dezembro de 1810, na qual o Príncipe Dom João há por bem se estabeleça na sua Côrte do Rio de Janeiro uma Academia Militar Real).

ÍNDICE

PÁGINA

Apresentação 5
índice 9
Periodização da História 15
Evolução do Armamento de 300 a.C até 1945 (gravura) 17

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA DA DOUTRINA MILITAR — IDADE ANTIGA 19
Cronologia sumária da Idade Antiga 19
- DOUTRINA MILITAR DOS GREGOS 22
1 - Generalidades 22
2 - Instituições Militares 22
3 - Recrutamento 23
4 - Instrução 23
5 - Organização e armamento 23
6 - Processos de combate 23
7 - Comando 24
- DOUTRINA MILITAR DE ALEXANDRE O GRANDE 24
1 - Generalidades 24
2 - Instituições Militares 25
A Falange (gráfico) 26
- DOUTRINA MILITAR ROMANA E CARTAGINESA 27
1 - Generalidades 27
2 - Instituições Militares 28
2.1 - Romanas 28
2.1.1 - Recrutamento 28
2.1.2 - Instrução 28
2.1.3 - Armamento e equipamento 28
2.1.4 - Organizações 29
2.1.5 - Serviços 29
2.1.6 - Processos de Combate 29
2.1.7 - Comando 30
2.2 - Instituições Militares Cartaginesas 30
2.2.1 - Aníbal 30
- A Legião (gráfico) 31

- Comparação da Falange x Legião (gráfico) 32

CAPÍTULO 2

- HISTÓRIA DA DOUTRINA MILITAR — IDADE MÉDIA 33
Cronologia sumária da Idade Média 33
- DOUTRINAS MILITARES DE CARLOS MAGNO E DO FEUDALISMO 35
1 - Generalidades 35
2 - Carlos Magno 36
3 - Feudalismo 37
3.1 - Instituições Militares 37
4 - Cavalaria 37
5 - Ressurgimento da Infantaria 38
6 - Processos de combate 39
7 - Armamento e equipamento 39
8 - A Fortificação 39
O Castelo (gravura) 40
- DOUTRINA MILITAR DOS MONGÓIS (GENGIS CÀ) 41
1 - Generalidades 41
2 - Instituições Militares 41
3 - Armamento e Equipamento 42
4 - Organizações 42
5 - Processos de Combate 42
6 - Estudo Comparativo 43
6.1 - Instituições Militares 44
6.2 - Armamento e equipamento 44
6.3 - Organizações 44
6.4 - Processos de combate 45
6.5 - Conclusões 45
- DOUTRINA MILITAR NOS ÚLTIMOS TEMPOS DA IDADE MÉDIA 45
1 - Os Exércitos permanentes 45
2 - As primeiras armas de fogo 46
3 - Processos de combate 46
4 - A organização militar dos turcos 47

CAPÍTULO 3

- HISTÓRIA DA DOUTRINA MILITAR — IDADE MODERNA 48
Cronologia sumária da Idade Moderna 48
- DOUTRINA MILITAR DOS SÉCULOS XVI e XVII 52
1 - Generalidades 52
2 - Progressos do armamento 53
3 - Organizações e formações 53
3.1 - Infantaria 53
3.2 - Artilharia 54
3.3 - Engenharia 54
3.4 - Cavalaria 54
4 - Processos de combate 55
Armamentos da época (gravura) 56
- DOUTRINA MILITAR DE GUSTAVO ADOLFO 55
1 - Generalidades 55
2 - Organizações eformações 57
2.1 - Infantaria 57
2.2 - Cavalaria 57
2.3 - Artilharia 57

3 - Processos de combate 57
- DOUTRINA MILITAR DO SEC XVIII 58
1 - Generalidades 58
2 - Instituições 59
3 - Recrutamento 59
4 - Armamento e equipamento 59
5 - Organizações e formações 60
6 - Processos de combate 62
7 - Tática e estratégica 62
8 - Campanhas e chefes 63
- DOUTRINA MILITAR DE FREDERICO II 64
1 - As instituições prussianas 64
2 - A formação do chefe Frederico II 64
3 - As campanhas 64
4 - Contribuição para a Doutrina Militar 65
- DOUTRINA MILITAR DE SUVOROV (Rússia) 66
1 - O chefe Suvorov 66
2 - O Exército Russo do sec XVIII 67

CAPÍTULO 4

- HISTÓRIA DA DOUTRINA MILITAR — IDADE CONTEMPORÂNEA 69
Cronologia sumária da Idade Contemporânea 69
- DOUTRINA MILITAR DA REVOLUÇÃO FRANCESA 79
1 - Generalidades 79
2 - Instituições militares 79
2.1 - Recrutamento 80
2.2 - Organização 80
3 - Processos de combate 81
3.1 - Estratégia 81
3.2 - Tática 82
- DOUTRINA MILITAR DE NAPOLEÀO 83
1 - Generalidades 83
2 - Campanhas de Napoleão (quadro)..... 84
3 - Organização militar 86
4 - Tática e Estratégia 88
5 - O pensamento militar de Napoleão 89
- DOUTRINA MILITAR NO SEC XIX 90
1 - Generalidades 90
2 - Clausewitz 91
3 - Reflexos da Revolução Industrial 92
- DOUTRINA MILITAR NA GUERRA DE SECESSÀO 94
1 - Introdução 94
2 - Antecedentes 94
3 - Planos iniciais 97
3.1 - Dos confederados (sulistas) 97
3.2 - Dos nortistas 97
4 - A organização militar dos contendores 97
5 - Síntese do desenvolvimento estratégico 98
5.1 - TO de Leste 98
5.2 - TO de Oeste 99
5.3 - TO de Sudeste 100
6 - Contribuição para a Doutrina Militar..... 100
- DOUTRINA MILITAR NA GUERRA FRANCO-PRUSSIANA 101
1 - Antecedentes 101
2 - As instituições militares 101

2.1 - Prussianas 101
2.2 - Francesas 102
3 - Moltke 103
4 - Desenvolvimento estratégico..... 104
5 - Contribuição para a Doutrina Militar..... 104
- DOUTRINA MILITAR NA GUERRA DOS BOERS — Ensinamentos 105
- DOUTRINA MILITAR NA GUERRA RUSSO-JAPONESA 107
1 - Antecedentes 107
2 - Forças em presença..... 109
2.1 - Russos 109
2.2 - Japoneses 110
3 - Desenvolvimento estratégico 110
4 - Contribuição para a Doutrina Militar..... 113
4.1 - Apreciação Geral..... 113
4.2 - Apreciação sobre a tática 114
- DOUTRINA MILITAR PERÍODO ANTERIOR I GUERRA MUNDIAL 116
1 - Generalidades 116
2 - Organização Militar..... 117
2.1 – Mobilização 117
2.2- Aperfeiçoamento do material..... 118
2.3- Novos meios..... 119
2.4- Organizações 119
2.5- O combate..... 120
2.6- Comando 122
2.7- Conclusões..... 122
DOUTRINA MILITAR NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL 123
1 - Antecedentes 123
2 - Causa imediata da guerra 124
3 - Desenvolvimento estratégico 125
3.1 - Frente Ocidental 125
3.2 - Frente Oriental 127
3.3 - Frente Balcânica 128
3.4 - Frente Italiana 129
3.5 - Frente Turca 129
5 - Apreciação Geral 130
5.1 - Novos processos de Ação Ofensiva 131
5.2 - Situação na Frente Ocidental início 1918 133
5.3 - Armistício 134
6 - Causas da vitória aliada 134
7 - Principais consequências 136
7.1 - Políticas 136
7.2 - Para a Doutrina Militar 136
- DOUTRINA MILITAR ENTRE 1915 - 1939 137
1 - Generalidades 137
2 - A guerra civil espanhola 139
3 - Conclusões 140
3.1 - Organizações 140
3.2 - Tática e Estratégia 141
- DOUTRINA MILITAR NA II GUERRA MUNDIAL 142
1 - Antecedentes 142
1.1 - Políticos e econômicos 142
1.2 - Psico-sociais e biográficos 143
2 - Situação no início da Guerra 143
2.1 - França 144
2.2 - Inglaterra 144

3 - Desenvolvimento estratégico 145
3.1 – 1ª fase 145
3.2 – 2ª fase 150
4 - Principais consequências políticas 152
5 - Contribuição para a Arte da Guerra 153

CAPÍTULO 5

— PROCESSO DE ENSINO 155
— Fundamentos da Arte da Guerra 155
— Plano de Estudo Dirigido (P E D) — Exemplos 165
— Análise de Batalha — exemplo 177
— Análise sumária de uma Doutrina Militar 180
— Verificação Imediata (VI) — Exemplo 181
— Verificação Corrente (VO — Exemplo 186
— Bibliografia de interesse da História da Doutrina Militar publicada pela Bibliex 195

PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA

a. Antiguidade (Início dos tempos históricos até 395 ou 476).

(1) . Subdivisão

- **Oriental** (Sumerianos, Hebreus, Babilônios, Egípcios, Hititas, Assírios, Fenícios, Medas, Persas, Hindus, Chineses).

- **Clássica** (Gregos e Romanos).

(2) . Marco final A divisão definitiva do Império Romano em Império do Ocidente e Império do Oriente (395) ou a queda do Império Romano do Ocidente (476) em poder dos bárbaros (Hérulos).

(3) . Figuras militares mais importantes - ALEXANDRE (macedônio, 356 a 323 a.C.), ANÍBAL (cartaginês, 246-183 a.C.) e CAIO JÚLIO CÉSAR (romano 100-44 a.C.).

b. Idade Média (395 ou 476 a 1453).

(1) . Marco final - A queda de CONSTANTINOPLA, capital do Império Romano do Oriente, ou Império Bizantino, em poder dos Turcos Otomanos.

(2) . Períodos ou fatos relevantes

Invasões bárbaras.
Fundação e expansão do Islamismo. Império Árabe.
Restabelecimento do Império do Ocidente, com CARLOS MAGNO.
Invasões Normandas.
Desmembramento do Império de CARLOS MAGNO.
Sacro Império Romano-Germânico.
Separação da Igreja Ortodoxa da Igreja de ROMA.
Feudalismo.
Cruzadas.
Magna Carta e Estatutos de OXFORD.

Invasões mongólicas.
Guerra dos CEM ANOS.
Império Otomano.

(3) . **Figuras militares mais importantes -** CARLOS MAGNO (franco, 742-814) GENGIS CÃ (mongol, 1154-1227) e TAMERLÃO (mongol, 1370-1405).

c. Idade Moderna (1453 a 1789).

(1). Marco final - Revolução Francesa.

(2). Períodos ou fatos relevantes

Grandes invenções.
Descobrimentos marítimos.
Renascença.
Reforma religiosa (Protestantismo).
Guerras de religião.
Guerra dos TRINTA ANOS e Paz de WESTFÁLIA.
Centralização monárquica.
Independência dos EUA e Revolução Francesa.

(3). Figuras militares mais importantes - GUSTAVO ADOLFO (sueco, 1594-1632) — TURENE (francês, 1611-1675) — CONDÉ (francês, 1621-1686) — JOHN CHURCHIL, Duque de MALBOROUGH (inglês, 1650-1722) — FREDERICO II (prussiano, 1712- 1786) e SUVOROV (russo, 1729-1800).

d. Idade Contemporânea (1789 até os nossos dias)

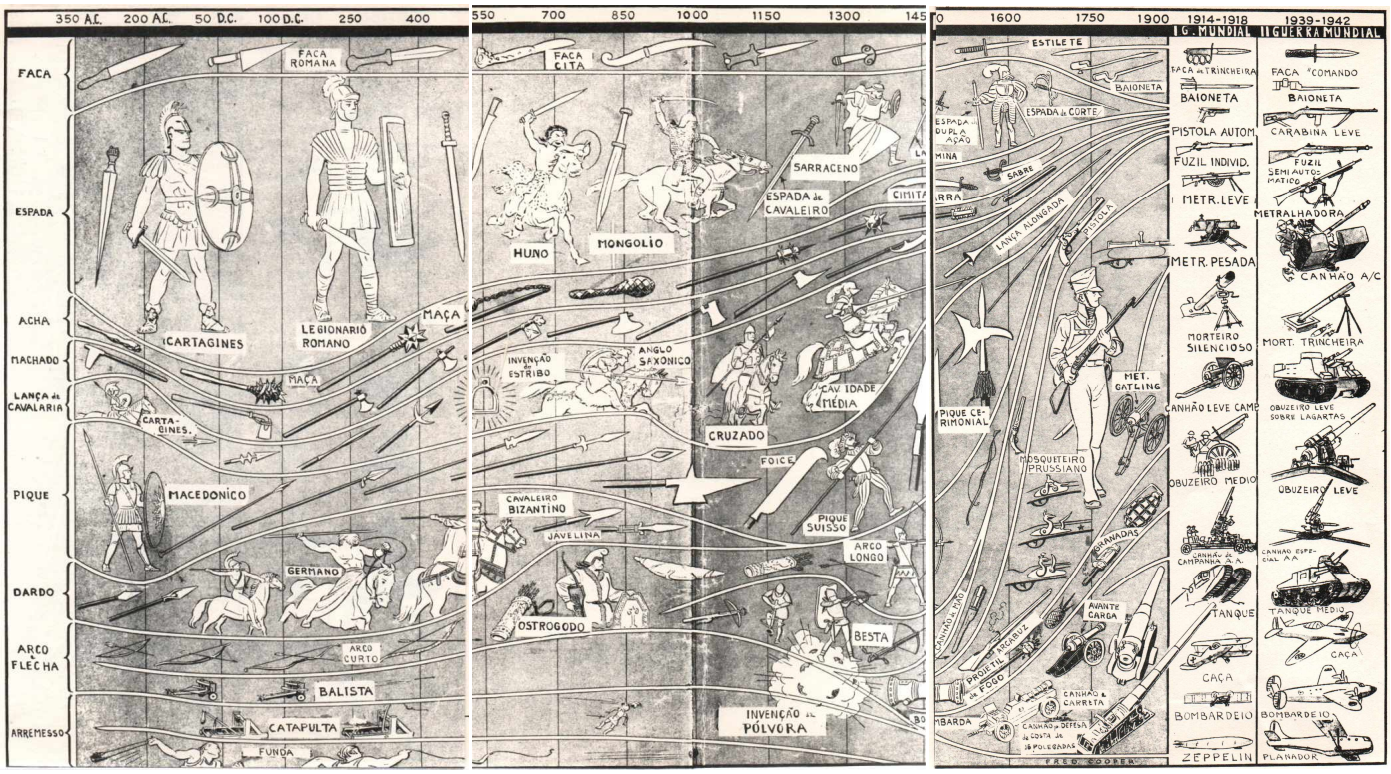
(1) . Períodos ou fatos relevantes

Sec. XVIII - Revolução Francesa.
Sec. XIX - Império Napoleônico.
Congresso de VIENA
Santa Aliança.
Guerras de libertação dos países da AMÉRICA LATINA e da área do Império Otomano.
Revolução Industrial.
Unificação da ITÁLIA e da ALEMANHA.
Reconhecimento e partilha da ÁFRICA.
Entrada do JAPÃO no convívio internacional.
Partilha da CHINA.
Guerras de SECESSÃO e da TRÍPLICE ALIANÇA.

Sec. XX - Guerra Russo-Japonêsa.
1ª Guerra Mundial.
Sociedade ou Liga das Nações.
2ª Guerra Mundial.
Organização das Nações Unidas (ONU).
Guerra da CORÉIA.

(2) . Figuras militares mais importantes (até o início da 1ª Guerra Mundial)

CARNOT (francês, 1753-1823) — NAPOLEÃO I (corso, 1769-1821) — CLAUSEWITZ (alemão, 1780- 1831) — MOLTKE, o Velho (alemão, 1800-1891) — Von SCHLIEFFEN (alemão, 1839-1913).



CAPÍTULO I

HISTÓRIA DA DOUTRINA MILITAR — IDADE ANTIGA

CRONOLOGIA SUMÁRIA DA IDADE ANTIGA

a. <u>Período anterior a CRISTO (a.C.)</u>

SEC ANO	REGIÃO	EVENTO

	Eg	
064	O P	— Fundação da 1ª monarquia.
		– Os semitas se estabeleceram na MESOPOTÂMIA (TIGRE-EUFRATES)
3000	Eg	— Ereção da 1ª pirâmide.
2675	O P	– Fundação na MESOPOTÂMIA, por SARGÀO, dos Estados de SÚMER e ACÁDIA.
2584	E O	— Expansão dos chineses ao sul do rio YANG TSÉ.
	M Or	— Os HITITAS.
2200	O P	— Código de HAMURABI, rei da BABILÔNIA.
1980		– Os HICSOS, reis-pastores. Introdução dos carros e dos cavalos nas ações militares.
1965	Eg	— Invasões dos ÁRIAS.
1750	In	— Os FENÍCIOS e a supremacia de TIRO.
	M Or	— Os CELTAS na GÁLIA.
1300	Eu Oc	— Os poemas de HOMERO (ILÍADA e ODISSÉIA).
1100	Gr	— Os ETRUSCOS.
900	It	— Fundação de CARTAGO pelos FENÍCIOS.
850	M Oc	— Criação dos Jogos Olímpicos.
	Gr	— Fundação de ROMA.
814	It	– Conquista do Oriente Próximo por CIRO, rei dos Medos e Persas. Início da metodização da Arte da Guerra, inclusive do emprego da Cavalaria.
776	O P	— Vida de BUDA.
753	In	— Vida de CONFÚCIO e LAO TSÉ.
539	E O	— Guerras Médicas (Gregos x Medos e Persas).
VI	Gr	
512		
479		

SEC ANO	REGIÃ	EVENTO
490	Gr	— Batalha de MARATONA, com a vitória dos atenienses sob MILCÍADES.
480	Gr	— Batalha naval de SÁLAMINA, com a vitória dos gregos sob TEMÍSTOCLES. Início da preponderância de ATENAS no seio dos Estados gregos.
431 404	Gr	— Guerra do PELOPONESO. ESPARTA abate o poder de ATENAS.
371	Gr	— O poder de ESPARTA é abatido por TEBAS, em LEUTRAS, batalha em que EPAMINONDAS lança a ORDEM OBLÍQUA.
362	Gr	— Batalha de MATINEIA, a qual confirma a supremacia tebana, sob EPAMINONDAS.
359	Gr	— FELIPE da MACEDÔNIA inicia a conquista da GRÉCIA.
338	Gr	— Batalha de QUERONÉIA, que marca a dominação macedônica sobre a GRÉCIA.
336	O P	— ALEXANDRE MAGNO, sucessor e filho de FELIPE, leva a civilização helênica ao Oriente Próximo, vencendo aos Persas em GRANICO (334), ISSO (333) e ARBELAS ou GAUGAMELA (331).
323	O P	— Morte de ALEXANDRE, repartição de seu Império e formação das monarquias helenísticas. Os PTOLOMEUS no EGITO.
264 146	M Oc	— Guerras Púnicas (ROMA x CARTAGO).
219	It	— No quadro da disputa entre ROMA e CARTAGO, ANÍBAL, depois de percorrer a ESPANHA e a GÁLIA, atravessa os ALPES e invade a ITÁLIA.
216	It	— Vitória de Aníbal em CANAS, sobre os romanos (protótipo da "batalha de ANIQUILAMENTO").
207	It	— Vitória romana sobre os cartagineses em METAURO.
202	Af	— Batalha de ZAMA, com a vitória de ROMA sobre CARTAGO em solo africano.
197	Gr	— Batalha de CINOSCÉFALA, na qual ROMA abate o poder da MACEDÔNIA.
146	Gr	— Redução da GRÉCIA a província romana.

66	O P	— POMPEU conquista, para ROMA, o Oriente Próximo.
58	Eu Oc	— Conquista das GÁLIAS por JÚLIO CÉSAR.
55	Eu Oc	— Início da conquista da INGLATERRA pelos romanos.
48	M Or	– No quadro das guerras civis romanas, JÚLIO CÉSAR vence a POMPEU em FARSÁLIA.
31	M Or	— OTÁVIO vence a MARCO ANTÔNIO em ACTIUM.
31	It	— ROMA sob AUGUSTOS (OTÁVIO). Início do Império Romano.

b. Período ulterior a CRISTO (d. C.)

9	Eu Oc	— O império romano atinge a linha RENO-DANÚBIO, onde é detido. Batalha de TEUTOBURGO, na qual ARMÍNIO, germânico, derrota as legiões romanas de VARRO.
100	E O	— Invenção do papel, na CHINA.
250	I R	— Os povos ditos "bárbaros" iniciam a invasão do Império Romano, através de suas extensas fronteiras
III	-	— Adoção da sela e dos estribos, na Cavalaria.
313	I R	— Édito de MILÃO: liberdade de culto para os cristãos do Império Romano.
330	I R	— Transferência da capital do Imp. Romano para BIZÁNCIO (depois CONSTANTINOPLA, hoje ISTAMBUL).
355	Eu	— Aparecimento das primeiras hordas de HUNOS, vindos do Oriente.
380	I R	— Édito de TESSALÔNICA: adoção do CRISTIANISMO como religião oficial do Império Romano.
395	I R	— Divisão do Império Romano em duas partes: Império do OCIDENTE (com sede em ROMA) e Império do ORIENTE ou Império BIZANTINO (com sede em BIZÁNCIO).
451	Eu Oc	— Batalha dos CAMPOS MAURIACOS, na qual AÉCIO derrota a ÁTILA, rei dos HUNOS.
476	Eu Oc	— Queda do Império Romano do OCIDENTE em poder dos bárbaros.

NOTAÇÃO: - Abreviaturas utilizadas na coluna REGIÃO:

— Af.... ÁFRICA
— Eg... EGITO
— E O. EXTREMO ORIENTE
— Eu... EUROPA
— Eu Oc EUROPA OCIDENTAL
— Gr ... GRÉCIA
— IR ... IMPÉRIO ROMANO
— In .... ÍNDIA
- ITÁLIA
— M Ôc..... MEDITERRÂNEO OCIDENTAL
— MOr MEDITERRÂNEO ORIENTAL

DOUTRINA MILITAR DOS GREGOS

1 - GENERALIDADES

Da Antiguidade Clássica, a GRÉCIA é tomada como ponto de partida para o estudo de HISTÓRIA MILITAR porque foram os seus povos que, por suas qualidades espirituais, intelectuais e morais, lançaram os fundamentos racionais de toda a cultura universal, inclusive da Arte Militar.

Os gregos, oriundos da raça ariana, eram pacatos por índole, dedicando-se às ciências, às artes, ao comércio e à navegação, porém com o progresso de sua civilização, sentiram a necessidade de se tornarem guerreiros.

De fato, a organização política social do povo grego concentrando-se em cidades-estados (ATENAS, na Ática; ESPARTA, na Laconia; TEBAS, na Beócia) cada organismo receava o predomínio do outro, ou pelo desejo de cada qual obter a hegemonia sobre os demais e, dado os costumes austeros e a prática das virtudes, não lhes foi difícil o hábito de uma rígida disciplina e a nítida compreensão do dever militar.

Foram os gregos que organizaram, pela primeira vez, exércitos animados de espírito patriótico, recrutados, equipados e instruídos com regularidade. ,

No Sec. VII aC, ESPARTA e ATENAS, e também outras cidades-estados da HÉLADE, já tinham tropas com organização permanente, o que não ocorria com as demais nações daquele tempo.

Em virtude dessa maior capacidade militar, os gregos conseguiram resistir durante muitos séculos aos assaltos e ameaças de poderosos agressores e, assim, resguardaram, para a posteridade uma base de conhecimentos científicos e filosóficos tão sólida que, até hoje, com dificuldade é encontrado algo na civilização que não provenha do seu legado.

Para um estudo mais aprofundado, a história militar da GRÉCIA antiga, pode ser dividido em dois períodos:

1. - PERÍODO HELÊNICO - caracterizado pelas lutas entre ATENAS, ESPARTA e TEBAS, em que a hegemonia da HÉLADE, passou de ATENAS, à ESPARTA e desta a TEBAS.
2. - PERÍODO MACEDÔNICO - caracterizado pela conquista da HÉLADE por FELIPE da MACEDÔNIA e da unificação da GRÉCIA com ALEXANDRE, o Grande, seu filho e sucessor.

Em ambos os períodos tiveram lugar, também, porfiadas lutas externas, como no primeiro, as Guerras Médicas e no segundo a conquista da ÁSIA, por ALEXANDRE.

2- INSTITUIÇÕES MILITARES

As instituições militares, acompanhando de perto a evolução político-social dos povos, atingiram na GRÉCIA notável importância. De inicio o exército não teve caráter de permanência e os homens que deviam entrar em uma campanha eram escolhidos pela sorte. Depois se impôs a todos os cidadãos a obrigação de se tomarem guerreiros, adestrando-se no manejo das armas.

ESPARTA foi a cidade onde mais se acentuou o valor militar dos gregos; inclinada à prática constantes dos esportes, *a* educação militar era objeto de grande cuidado.

Em ATENAS, o povo mais inclinado às ciências e às artes, não se rivalizava na guerra com os espartanos; mais inteligentes, porém, supriam as deficiências com melhor organização.

Em TEBAS, os habitantes, menos ativos que espartanos e atenienses, mostraram-se, quase sempre, menos inclinados à guerra.

Contudo, graças ao valor de alguns generais, como PELÓPIDAS e EPAMINONDAS, conquistaram, por algum tempo, a hegemonia da HÉLADE.

3 - RECRUTAMENTO

O Serviço Militar era obrigatório para todos os cidadãos livres, aos quais cabia o privilégio de defender a pátria. Aos 18 anos os gregos iniciavam a prestação do Serviço, engajado por 2 anos e passando, após para a reserva; até os 45 anos poderiam ser convocados a qualquer momento para operações no exterior e, até os 60 anos, para a defesa da sua cidade. E interessante constatar que apenas no Sec. XIX outros povos apresentaram um sistema de recrutamento semelhante.

4 - INSTRUÇÃO

O treinamento militar começava já na infância e, em certas cidades, a seleção seguia-se imediatamente ao nascimento, sendo as crianças fracas ou defeituosas eliminadas sumariamente. A prática de esportes e pesados exercícios físicos, a par de

sérias competições em público, facilitavam a formação dos soldados. Havia rigorosa disciplina tanto na paz como na guerra.

5 - ORGANIZAÇÃO — ARMAMENTO

A tropa era organizada em:

- Infantaria pesada - HOPLITAS, armados de pique de 3 a 4 metros de comprimento e aumentados para 6 a 8 metros no tempo de ALEXANDRE; usavam também, espada curta e escudo.
- Infantaria ligeira - PSILITOS, dotados de armas leves de arremêsso como fundas, arcos e dardos.
- Infantaria mista - PELTASTAS, dotados de armas de arremêsso e de choque. Agiam ora como hoplitas, ora como psilitos.
- Cavalaria pesada - CATAFRATAS, com pique e espada para o ataque; armaduras de pano ou couro,forradas de lâminas de metal dispostas em escamas; seus cavalos eram também protegidos por armaduras semelhantes.
- Cavalaria ligeira - SARISSÓFOROS, usavam arco e pique pesado e bastante longo de 6m de comprimento (sarisa); eram empregados na perseguição do inimigo, finda a batalha.

É interessante notar que os cavaleiros gregos não dispunham nem de selas, nem de estribos.

A formação de combate era a FALANGE, a única grande unidade organizada, quer no período helênico, quer no macedônico. Criada pelos espartanos, serviu de modelo para os demais povos da GRÉCIA, e durante vários séculos ela foi suficiente às necessidades do campo de batalha, até ser sobrepujada pela LEGIÃO romana (historicamente na batalha de CINOSCÉFALO, 197 a.C).

A FALANGE, consistia de um emassamento de hoplitas, unidos ombro a ombro, formando grandes quadrados de 16 fileiras com 16 homens de frente, chamados SINTAGMA. 16 SINTAGMAS, constituíam a FALANGE simples, com um total de 4.096 homens. As compridas lanças, das primeiras fileiras ficavam na horizontal e as das fileiras seguintes inclinavam-se para frente ou ficavam na posição vertical. Os escudos cobriam essa massa de homens pela frente,por cima e de lado de modo que, parecendo um enorme ouriço, a FALANGE adquiria um extraordinário poder de choque e de defesa. Os psilitos dispunham-se, inicialmente, espalhados à frente da FALANGE, e os peltastas, à retaguarda. A cavalaria, quando existia, era colocada nas alas do dispositivo.

6 - PROCESSOS DE COMBATE

Os adversários dispunham-se em ordem paralela. A luta tinha início pela ação dos psilitos que, dispostos na frente da falange, lançavam dardos, pedras e flechas com o intuito de desorganizar a formação inimiga e preparar o choque do grosso; em seguida, retiravam-se pelos intervalos e flancos da falange e esta avançava em passo de carga. Dava-se, então, a batalha por um único choque das massas adversárias o que durava poucos minutos; o partido que não resistia ao combate fragmentava-se, entrava em pânico e os soldados escapavam ao controle dos chefes, fugindo ou sendo exterminados; psilitos e cavalarianos tomavam parte na limpeza do campo de batalha. A reduzida duração da batalha - 10 a 30 minutos - tomava impossível a intervenção de uma ala em socorro da outra, principalmente devido à frente da falange que, em certas batalhas atingiu a 3 Km. Os generais hábeis procuravam tirar algum partido da pesada e inflexível formação da falange, seja variando sua largura e profundidade, seja procurando a decisão em um ou ambos os flancos do adversário, seja atacando nos pontos críticos do inimigo. O êxito repousava, pois, na força numérica e no valor moral. Os mais valentes enquadravam os tímidos e os chefes demonstravam, sempre, firmeza de caráter e disciplina, amavam seus soldados, guiando-os e incitando-os com o exemplo.

A ordem de batalha paralela foi uma conseqüência da própria organização da falange. Quando, porém, os chefes perceberam que o combate frontal a que tal ordem de batalha conduzia, não dava um resultado rápido, passaram a procurar a decisão com a

cavalaria por uma das alas, que tentavam desbordar. Essa nova idéia, fez resultar a ordem oblíqua, que realizada pela primeira vez pelo general tebano EPAMINONDAS nas batalhas de LEUTRAS (em 371 a.C) e MANTINEA (366 a.C) revolucionou o campo de batalha.

ALEXANDRE, o Grande, convencido da superioridade da ordem oblíqua sobre a ordem paralela, sempre adotou a primeira.

De qualquer maneira, a falange grega, instrumento militar imperfeito, mas muito disciplinado e coeso, venceu hordas muito superiores em número, entretanto, indisciplinadas e heterogêneas.

7 - COMANDO

Para dirigir o exército, a Assembléia elegia certo número de "estrátegos" - 10 em ATENAS - escolhidos entre cidadãos competentes. O Conselho de Guerra era formado por esses cidadãos e cada dia um deles exercia o comando supremo; essas constantes e rápidas substituições de comandantes, embora causassem sérias dificuldades na conduta das operações, tinham por fim evitar que certos chefes usassem o prestígio pessoal para lesar as instituições democráticas.

DOUTRINA MILITAR DE ALEXANDRE O GRANDE

1 - GENERALIDADES

A MACEDÒNLA era um pequeno reino situado a Nordeste da GRÉCIA com a qual possuía acentuada afinidade de raça e língua; projetou-se na História devido aos feitos de FELIPE e ALEXANDRE, dois grandes soberanos e soldados.

Na primeira parte do Sec. IV aC, FELIPE esteve nas grandes cidades gregas do Sul, cuja cultura assimilou, e percebeu a possibilidade de unir todos os estados helênicos enfraquecidos pela Guerra do PELOPONESO.

Feito rei, em 359 aC, FELIPE deseja tomar realidade sua ambição; para isso, organiza, prepara e instrui intensamente seu pequeno exército. Convenientemente preparado, FELIPE marcha para o Sul e, em QUERONÈIA (338 aC) inflige decisiva derrota a ATENAS e seus aliados, concedendo-lhes uma paz honrosa e persuadindo-os a reconhecê-lo como general para a guerra contra o tradicional inimigo, os persas.

A FELIPE dominava ainda a idéia de formação de um grande império pela conquista do ORIENTE PRÓXIMO, entretanto, assassinado em 336 aC, isso só será possível com ALEXANDRE, seu filho com 20 anos, para o qual passou a liderança da MACEDÔNIA.

FELIPE havia preparado ALEXANDRE para a sucessão, tanto como soldado como rei; dera- lhe como mestre o grande filósofo ARISTÓTELES; fizera com que ALEXANDRE compartilhasse de suas próprias idéias de conquista e expansão, para isso muito bem instruiu seu futuro sucessor em rigorosa instrução militar. Desse modo, foi possível a ALEXANDRE prosseguir imediatamente na tarefa iniciada por seu pai.

Após firmar sua posição na GRÉCIA, instruir recrutas e organizar o suprimento, com 35.000 infantes e 5.000 cavalarianos, ALEXANDRE inicia sua expedição à PÉRSIA. Transpondo o HELESPONTO (DARDANELOS) em 334 a.C, passa à ÁSIA MENOR e nas margens do GRANI- CO derrota pela primeira vez os persas. Prosseguindo para o Sul, ao longo da costa do MEDITERRÂNEO, bate-se em ISSUS, TIRO e GAZA (TURQUIA, LÍBANO e PALESTINA), chegando ao EGITO em 332. a.C, onde substitui o domínio dos persas. Assegurando o controle de todos os povos do MEDITERRÂNEO ORIENTAL e neutralizando a armada persa, dá ALEXANDRE um grande exemplo de estratégia não arrisca seu exército no coração do império persa sem certificar-se primeiro da segurança na retaguarda e da segura manutenção de suas vias de transporte.

Retornando do EGITO, lança-se à invasão da PÉRSIA (IRAQUE, IRAN e AFGANISTÃO), em 331 a.C, em busca do exército inimigo de DARIO III. Transpõe o EUFRATES, a MESOPOTÂMIA e o TIGRIS para defrontar em ARBELLAS o Imperador

DARIO III e sua tropa a quem derrota em batalha decisiva, o que significa a posse da PÉRSIA, 331 aC.

Prossegue ALEXANDRE na direção do Gôlfo de OMAN, atinge PERSÉPOLIS e inflete o Norte, alcança TEHERAN e as margens do Mar CÁSPIO, segue para Leste e ultrapassa KABUL no AFGANISTÃO prosseguindo para o Norte e na direção do Mar de ARAL, volta-se para Sudeste e transpõe o HIMALAIA em KABIR a fim de invadir a ÍNDIA. Esse enorme deslocamento, ele o faz, dividindo seu exército em colunas paralelas, sempre aptas ao auxílio mútuo, quando necessário.

Em 326 a.C, ALEXANDRE atinge os formadores do INDUS, encontrando no HYDASPES (PANJAR) forte oposição do rei PORUS, um dos soberanos da ÍNDIA, o qual é derrotado na Batalha de HYDASPES. Seus progressos na ÍNDIA foram interrompidos pelo descontentamento crescente de suas tropas, obrigando-o a regressar; para isso constrói uma frota, desce o rio INDUS atingindo KARACHI (PAQUISTÃO) e daí, pela costa chega a PERSÉPOLIS e BABILÔNIA, na MESOPOTÂMIA. Nessa cidade, no ano 323 a.C, aos 33 anos de idade e no pináculo de sua glória, falece ALEXANDRE, o Grande.

Com seus exércitos havia percorrido cerca de 40 mil quilômetros, através de desertos causticantes, montanhas nevadas e rios caudalosos; na rota fundou numerosas cidades que até os dias de hoje resistem aos embates dos tempos e da História; as estradas abertas constituíram o primeiro traço de união de pensamento e comércio entre o OCIDENTE e o ORIENTE.

O grande sonho de ALEXANDRE, um vasto império mundial desvaneceu-se; os imensos territórios conquistados constituíram um pesado fardo para os seus sucessores SELEUCO, CASSANDRO e PTOLOMEU que terminaram por reparti-lo e perdê-lo entre si.

2 - INSTITUIÇÕES MILITARES

FELIPE foi um grande organizador e, por seus esforços, o exército macedônio elevou-se de uma simples horda à posição de maior máquina militar do seu tempo.

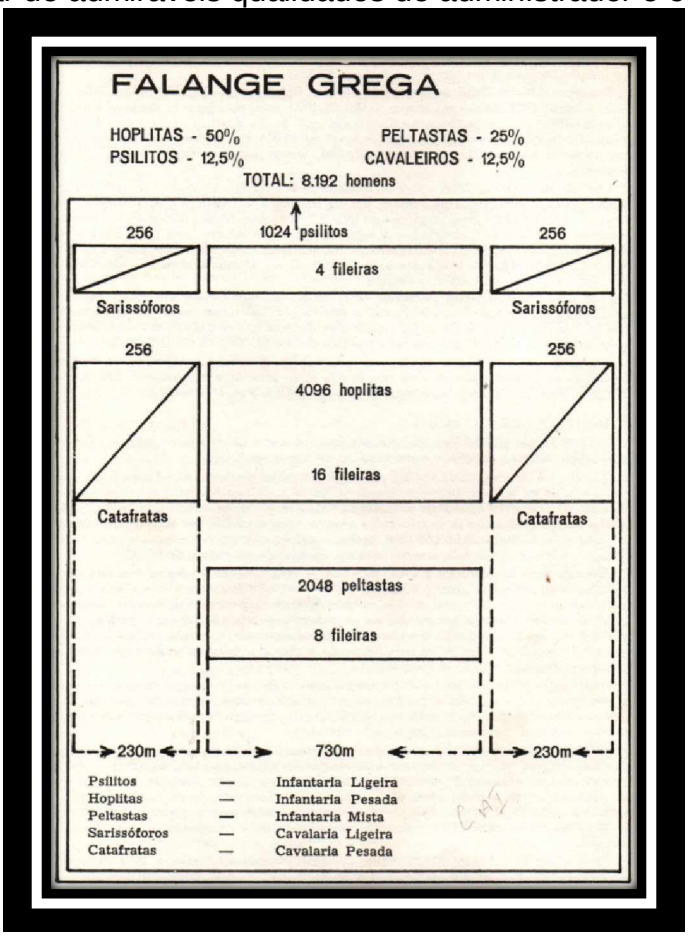
Quando, aos 20 anos, ALEXANDRE substituiu seu pai na chefia dos macedônios, herdou um exército superior a tudo quanto o mundo já havia visto, relativamente a treinamento e organização. O exército macedônio compreendia Falanges que apresentavam como base elementos das nações aliadas, dos povos tributários e mercenários; essas falanges eram constituídas de tropas a pé e cavalaria. ALEXANDRE, porém, aperfeiçoou a sua organização e criou tetra- falange ou falange quádrupla, a maior unidade constituída em toda a GRÉCIA.

Além do material conhecido e usado pela falange grega, engenhos pesados de arremesso e precursores da Artilharia, como a BALISTA e a CATAPULTA foram concebidos e introduzidos nas batalhas campais. Máquinas de sítio, também, tiveram surgimento como o aríete(cabeça de carneiro) para abrir brecha na muralha por meio do choque; a terebra(verruma) para perfurar muros de tijolos. Para o assalto e a proteção da tropa assaltante, os gregos usavam **torres de madeira** movendo-se sobre rodas ou cilindros de madeira, o **mantelete,** abrigo de madeira, **guindaste** de roldana ou de báscula, etc.

Os atributos principais desse exército eram a sua extraordinária potência de choque e o seu alto valor moral e combativo. A Infantaria e a Cavalaria Pesadas suportavam o peso da luta, sendo as tropas ligeiras dispostas à frente, nos flancos e na retaguarda para fazerem a segurança do corpo principal, reconhecer e inquietar o adversário.

ALEXANDRE não atacava sem realizar minuciosos reconhecimentos e sem precaver-se contra a surpresa com uma vanguarda uma retaguarda e flancoguardas, enquadrando todo o dispositivo. Após a Batalha de ARBELAS a Arte Militar conheceu uma nova fase de combate que, até então, os gregos haviam descurado - a perseguição - feita pela Cavalaria, acompanhada e apoiada por PELTASTAS montados, porém combatendo a pé, de modo semelhante aos blindados de MONTGOMERY e PATTON, que na 2ª Grande Guerra serão acompanhados pela Infantaria transportada.

Como chefe de exército, ALEXANDRE, revelou-se consumado tático e de certo modo, estrategista, a par de admiráveis qualidades de administrador e organizador.



Suas preocupações estavam sempre voltadas para as linhas de comunicações, para a sua retaguarda, sem o que não avançava.

Por sua vez, as linhas de operações, que seguiu,eram racionalmente traçadas, pois visavam o inimigo, sua única preocupação. Em todas as operações, podia, com essas providências, tomar decisões rápidas e agir mais rapidamente ainda, de modo fulminante.

Adepto da ofensiva estratégica, revelava-se do mesmo modo como tático, pois, desde que escolhia o ponto de ataque, marchava sobre ele, resolutamente. Dispunha suas tropas, não esquematicamente e sim, levando em conta as circunstâncias do momento e a disposição do inimigo. A rapidez e a surpresa constituíram os meios principais de que lançou mão o rei macedônico, para obter a vitória. Desse modo, mesmo com inferioridade numérica, conseguiu atacar do forte ao fraco, isto é, ser o mais forte no momento e no ponto decisivos. ALEXANDRE foi educado pelo filósofo ARISTÓTELES.

DOUTRINA MILITAR ROMANA E CARTAGINEZA

1 - GENERALIDADES

Fundada no ano de 753 aC, segundo a lenda, por dois irmão». - RÔMULO e REMO - é ROMA a mais célebre cidade do mundo por suas recordações históricas. Plantada na Península Itálica, onde surgiram pequenos estados que se mantiveram sob sua égide, dominou ela o mundo conhecido do seu tempo por meio de aguerridas e poderosas forças. Seu poder incorporou vastíssimas extensões, formando um império que por ocasião de sua maior expansão - ano 98 DC -, compreendia os atuais territórios de toda a EUROPA MERIDIONAL, SUÍÇA, FRANÇA, BÉLGICA, HOLANDA, ÁUSTRIA, HUNGRIA, ROMÂNIA, TURQUIA ASIÁTICA, ISRAEL e LÍBANO, partes da GRÁ-BRETANHA, da

ALEMANHA, da UCRÂNIA, do IRAQUE, do IRAN, da SÍRIA, do EGITO, da TUNÍSIA e do MARROCOS, incluindo total domínio sobre o MEDITERRÂNEO.

As instituições políticas de ROMA passaram por modificações sucessivas - Monarquia de 745 a 510 a.C, República de 510 a 29 a.C e Império de 30 a.C a 476 dC.

Em cinco séculos de República, os romanos conquistaram o mundo de sua época e em três séculos de Império o administraram; a decadência teve inicio quando o exército passou de nacional e permanente a estrangeire, mercenário e indisciplinado.

Já fracionado, desde 395 dC, em Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente, viu ROMA a primeira dessas partes cair e fracionar-se nas mãos de antigos povos dominados, Francos, Godos e Alamanos, em 476, enquanto o Império do Oriente seguia mais adiante para, em 1453, passar ao domínio dos Turcos.

CARTAGO foi uma cidade situada na ÁFRICA DO NORTE, próxima ao local onde hoje está TÚNIS; fundada no século VII a.C pelos Fenícios oriundos do MEDITERRÂNEO Oriental, em pouco tempo tornou-se capital de uma república marítima e criou colônias na SICÍLIA e na ESPANHA. Entrando em rivalidade com o poderio e a expansão dos romanos, acabou por travar sérias lutas que muito se prolongaram e que terminaram por lhe serem desastrosas. O conflito de interesses surgido entre ROMA e CARTAGO deu lugar ao inicio de uma série de guerras conhecidas como Guerras Púnicas.

A 1." Guerra Púnica (264 a 241 a.C) girou em tomo da posse da SICÍLIA, cobiçada pelos cartagineses; foi uma longa luta da qual ROMA saiu vitoriosa. Ainda necessitando de colônias, CARTAGO subjugou parte da ESPANHA, surgindo logo questões de limites com os territórios vizinhos pelos romanos, desencadeando-se, então, a 2.“ Guerra Púnica (218 a 201 a.C). Aqui aparece a figura de ANÍBAL, comandante cartaginês que se destaca pela inteligência, vigor e gênio militar.

Não mais possuindo CARTAGO uma boa esquadra, decidiu ANÍBAL conduzir seu exército à ITÁLIA por via terrestre, para isso, transpôs os PIRINEUS, todo sul das GÁLIAS (FRANÇA) e, atravessando de modo espetacular og ALPES, desembocou na planície do Rio PÓ, sempre repelindo contingentes romanos e aliados de ROMA. O primeiro encontro de vulto entre os antagonistas ocorreu nas margens do Rio TRÉBIA, afluente -du PÓ, em 218 aC; logo após, em outra batalha, junto ao Lago TRASÍMENO, Sul de FLORENÇA, ANÍBAL é novamente vencedor. Sem meios adequados para apossar-se de ROMA, prosseguiu ele para o Sul da península até as proximidades de CANES onde vence a célebre batalha, em 216 aC. Impossibilitados de realizar ações decisivas contra ROMA, permaneceram os cartagineses combatendo na ITÁLIA e aguardando reforços que, em 13 anos de espera, jamais puderam chegar, uma vez que os romanos, com domínio do mar, haviam cortado suas vias de transporte e se apossado das bases cartaginesas na ESPANHA.

Os romanos lançaram-se, mais tarde, contra a própria CARTAGO, na ÁFRICA; ANÍBAL chamado para conjurar o perigo, atravessa do Sul da ITÁLIA para o continente africano e vai sofrer, nas mãos de CIPIÁO o Africano, chefe romano, sua primeira e fragorosa derrota, em ZAMA (TUNÍSIA) em 202 aC.

A 3ª Guerra Púnica (149 a 146 aC) foi consequência do imperialismo de ROMA que, com exigências descabidas em territórios e tributos, forçou os cartagineses à retomada de uma luta que acabou por destruir CARTAGO.

2 - INSTITUIÇÕES MILITARES

2.1. - ROMANAS

No decorrer da longa vida de ROMA, cerca de 13 séculos, as Instituições Militares teriam de sofrer certas modificações no tocante ao recrutamento, às características do exército, às formações e aos processos de comando e combate. Passando a dominar extenso império o exército perdeu, paulatinamente, o caráter essencialmente nacional, deixando de ser a imagem da sociedade para constituir, com os povos subjugados, um conjunto de mercenários que tanto poderia combater no exterior, como no interior para

disputar o poder em benefício de algum chefe.

Em todos os tempos, o elemento básico dos exércitos romanos foi a LEGIÃO que teve a sua origem na própria organização militar das cidades que surgiam.

2.1.1 - RECRUTAMENTO

Nas três fases pelas quais passou o governo de Roma, o recrutamento foi diverso. De início,na monarquia, quando os cidadãos eram repartidos em tribos, cabia a cada tribo dar uma centúria (100 infantes, comandados por um centurião) e uma decúria (10 cavaleiros, sob o comando de um decurião). Deve-se notar que desde esse tempo só servia nas legiões a nata dos povos.

Com SÉRVIO TÚLIO (6.° rei), o recrutamento passou a ser estabelecido pelo Censo; neste caso só eram chamados às armas os guerreiros necessários.

Dos 17 anos aos 45, o romano podia ser chamado às fileiras; após os 45 anos lutava somente em defesa de sua cidade. Na República, com o cônsul CAIO MÁRIO, foi estendida *a* obrigação do serviço militar aos proletários e plebeus e com CAMILO foi instituído o soldo, o que deu origem ao termo soldado. Finalmente no império (a partir de 63 aC) os aristocratas abandonam o exército que passa a ter apenas voluntários e na falta destes, teve-se de socorrer dos mercenários e até de escravos; por isso, dessa época em diante, o exército deixou de ser nacional.

2.1.2 - INSTRUÇÃO

O maior elemento de triunfo no exército romano da República estava na disciplina. O treinamento militar e a educação moral tinham início nos primeiros anos da adolescência. Idéias patrióticas e virtudes militares eram inoculados cuidadosamente nos futuros guerreiros; as gloriosas tradições militares eram respeitadas com veneração. Os moços recebiam educação guerreira, estudavam a arte militar, de preferência a qualquer outra e passavam dez anos de formação nos campos de Marte.

2.1.3 - ARMAMENTO E EQUIPAMENTO

Normalmente cada soldado providenciava seu próprio armamento e equipamento individual. As bagagens pessoais podiam ou não ser conduzidas pelos guerreiros que quando as levavam era "impeditus" (de onde provém a designação de impedimenta para tudo que o exército conduz consigo) e no caso contrário "expeditus". A principal arma era a espada (gládio), de meio metro, com duplo fio e ponta aguçada. As armas de choque consistiam no pique (ou hasta), lança de até 3m de comprimento e o dardo (ou pilun) com cerca de l,5m de comprimento. Eram usadas maciças catapultas de madeira, acionadas por tensão ou torção e que lançavam pedras de 5 Kg a 300m durante a realização de assédios. A proteção individual era feita com capacetes, armaduras, perneiras, escudos de couro reforçados com metal. Os cavaleiros, a princípio, não usavam sela nem estribos. Ainda como armamento, arcos e fundas eram usados para arremesso de flechas e de pedras. As máquinas de guerra foram as mesmas usadas pelos gregos, se bem que melhoradas; apenas levando-se em conta que essas máquinas não foram, como entre os gregos empregadas somente no sitio, e sim em rasa campanha.

2.1.4 - ORGANIZAÇÀOES (próxima figura)

A grande unidade tática dos romanos foi a LEGIÀO. Sua organização passou por várias modificações, de acordo com a época e o caráter guerreiro dos chefes romanos, dos quais o mais notável, JÚLIO CESAR, lhe introduziu os últimos aperfeiçoamentos e cuja tática atingiu o apogeu.

A Infantaria compreendia, na República, 4 classes:

- os HASTÁRIOS que usavam armas meio pesadas (25 a 30 anos);
- os PRÍNCIPES, pesadamente armados e equipados (30 a 40 anos);
- os TRIÁRIOS, veteranos aguerridos e bem armados (40 a 45 anos);
- VÉLITAS, infantes ligeiros, dotados de armas leves (17 a 25 anos).

A Cavalaria usava lança e escudo, sendo inferior à Infantaria em qualidade; os romanos não eram grandes cavaleiros.

A LEGIÀO era composta de três linhas;

- na primeira formavam os HASTÁRIOS;
- na segunda, os PRÍNCIPES;
- na última, os TRIÁRIOS.

Essas linhas ficavam distanciadas cerca de 100m.

Os VÉLITAS atuavam à frente da LEGIÀO, no inicio da ação.

A Cavalaria da LEGIÀO era dividida em 10 TURMAS de 30 cavalarianos. As fileiras de infantes da LEGIÀO eram subdivididas em 10 manípulos (retângulos) sendo que os manípulos de hastários e príncipes compunham-se de 120 homens e o de triários de 60 homens. Esta era a organização da legião manipular de CAMILO.

Posteriormente os manípulos foram reunidos em COORTES, unidade intermediária que permitiu maior flexibilidade à legião. A coorte era a reunião de um manipulo de cada espécie, hastários, príncipes e triários, com um grupo de 120 homens vélitas e uma turma de cavalarianos.

Em principio, cada LEGIÀO possuía 10 COORTES, num total aproximado de 5.000 homens por LEGIÃO; 4 LEGIÕES formavam um exército consular.

2.1.5 - SERVIÇOS

A perfeita organização militar dos romanos não se descuidara dos serviços. Assim criaram eles o serviço de engenharia, o de transporte, o de intendência (destinado a suprir o exército em marcha ou a abastecer os armazéns), o de fundos (a cuja frente ficava o questor, representante do tesouro público) e finalmente o de saúde. Os romanos criaram também o sistema de armazéns temporários para o abastecimento dos exércitos; com JÚLIO CÉSAR eles tornaram-se permanentes.

2.1.6 - PROCESSOS DE COMBATE

Ao grito de guerra dado pelos chefes, os vélitas atacavam em ordem dispersa, visando a desorganização do adversário. Em seguida, a legião avançava e ultrapassava os vélitas; os hastários, na testa, chocavam-se com o inimigo; se repelidos, os príncipes, os reforçavam, ou os substituíam, ficando os triários prontos para o terceiro esforço. Assim, os romanos combatiam em ORDEM PROFUNDA, numa sucessão de esforços.

Durante o combate da Infantaria, a Cavalaria, colocada nas alas, lançava-se contra os flancos, ou contra a Cavalaria inimiga. Derrotado o adversário, os vélitas e a Cavalaria realizavam a perseguição ou, em caso contrário, cobriam a retirada do grosso.

Em campanha, o exército romano estacionava diariamente após a marcha ou o combate. Prescrições regulamentares fixavam o dispositivo de acampamento, as atribuições dos homens e o serviço de guarda e de vigilância. Com a atual finalidade, deslocava-se e atuava um destacamento precursor.

Na antecedência dos combates, era designada uma "Zona de Reunião", na retaguarda, onde eram recolhidos os feridos e os prisioneiros, guardados os suprimentos, as bagagens e as armas sobressalentes. Além do armamento, os soldados conduziam material próprio para fortificar as regiões de estacionamento.

2.1.7 - COMANDO

No tempo da República, dois cônsules designados pelo Senado comandavam o exército em dias alternados. Seus auxiliares diretos eram tribunos que comandavam as legiões mediante revezamento; manípulos e coortes eram comandadas por centuriões e as decúrias, por decuriões.

No império, a responsabilidade de comando cabia ao Imperador.

Muitos chefes revelaram suas aptidões na condução dos exércitos romanos. Foi, porém, JÚLIO CÉSAR o maior deles, pois senhor dos princípios postos em prática por ALEXANDRE e ANÍBAL, deles soube aproveitar-se e melhor aplicá-los conduzindo suas campanhas com brilhantismo, notadamente a conquista das GÁLIAS. CÉSAR foi historiador militar.

2.2 - INSTITUIÇÕES MILITARES CARTAGINESAS

CARTAGO era essencialmente comercial; enriquecer era a grande paixão de seus cidadãos. Para a guerra recrutavam os cartagineses, mercenários estrangeiros e escravos; os primeiros, eram na maioria magníficos soldados profissionais, porém destituídos de patriotismo e de pouca afeição a CARTAGO; desertavam ou revoltavam-se muito frequentemente. Para o combate adotavam a falange tipo grega; ANÍBAL fez adaptações, aproximando-a do tipo legião romana. Entre outros recursos, usavam o elefante como elemento de combate, cuja função precípua era a de romper as fileiras adversárias.

Contavam entre suas tropas com a Cavalaria Númida (tribo do Norte da ÁFRICA) que muito se distinguia pela coragem, obstinação e pela resistência dos seus animais.

O comandante dos exércitos era indicado pelos Senadores e nomeados pela Assembléia; esse chefe gozava de melhor posição que o cônsul romano porque podia manter-se na chefia enquanto o Senado quisesse.

2.2.1 - ANÍBAL (249 - 183 a.C)

O melhor julgamento de ANÍBAL talvez esteja na afirmação de que, embora vencido pelos romanos, seus ensinamentos militares assimilados pelos seus vencedores tenham, através destes, contribuído para formar a base da doutrina militar contemporânea. Era o chefe em que os soldados depositavam toda a confiança. Audacioso no ataque, prudente no perigo. Era o primeiro cavaleiro e o primeiro infante de sua tropa. Dotado de inteligência privilegiada, previa e provia antes de executar. Graças à habilidade com que soube explorar a desinteligência entre os generais romanos, que se lhe opunham em campanha, pode vencê-los somente por meio de manobras.

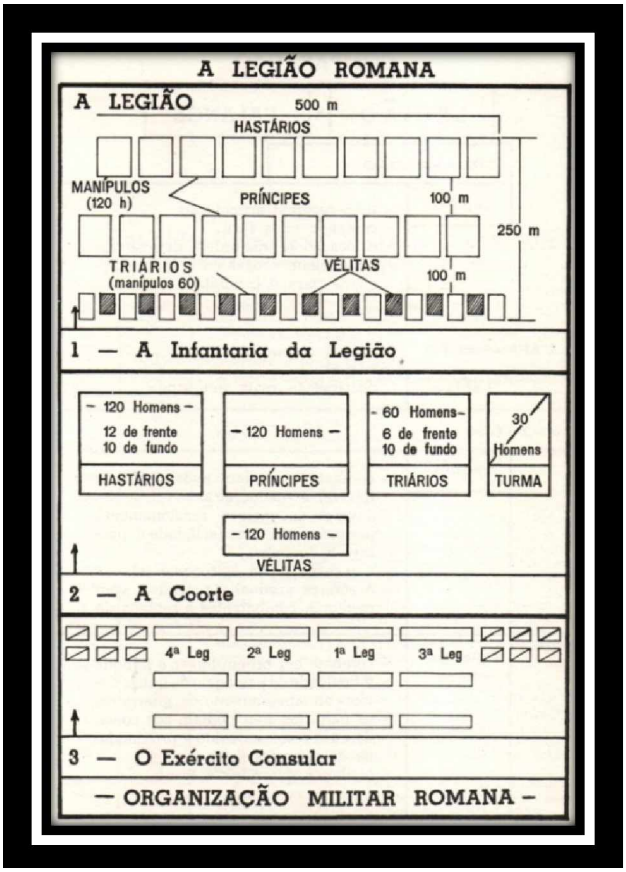
Dois foram os tipos de manobras que ANÍBAL aplicou contra os romanos:

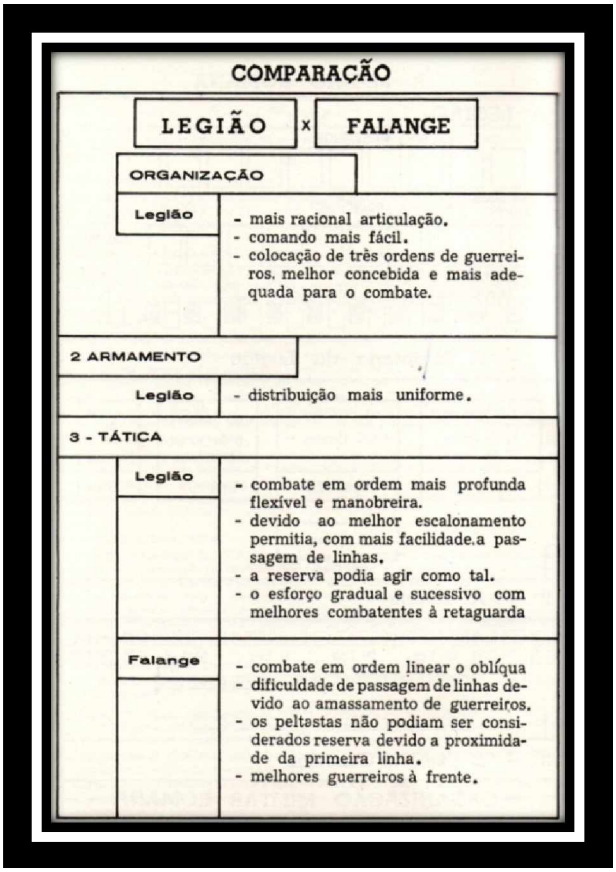
(a) - Dada a superioridade numérica de sua cavalaria, empregá-la contra as alas do inimigo, envolvendo-as.

(b) - Manter oculto, aproveitando as dobras do terreno, um corpo de tropa que, em dado momento, a um sinal combinado, se atiraria sobre a retaguarda do inimigo, ao mesmo tempo que este seria atacado de frente.

- Na batalha de TESSINO, ANÍBAL aplica a primeira das manobras acima; na de TRÉRIA é aplicada uma combinação das duas manobras.

A batalha de CANES (219 a.C) é a máxima concepção do gênio do cartaginês que consegue com a sua manobra o aniquilamento das tropas romanas. Daí ser CANES conhecida como o exemplo típico da batalha de aniquilamento.





CAPÍTULO 2

HISTÓRIA DA DOUTRINA MILITAR IDADE MÉDIA

CRONOLOGIA SUMÁRIA DA IDADE MÉDIA

SEC ANÓ	REGIÀO	EVENTO
481	Fr	— CLÓVIS e os Merovíngios.
520	E 0	— Unidade japonêsa.
527	Eu-Af	— JUSTINIANO, Imperador bizantino, reconquista territórios do antigo Império Romano do Ocidente, com o destaque militar de BELISÁRIO e NARSÉS.
568	It	— Invasão da península pelos LOMBARDOS.
570	0 P	— Nascimento de MAOMÉ.
622	0 P	— HÉGIRA. Início do calendário maometano.
632	O P	— Morte de MAOMÉ e início da expansão árabe: SÍRIA (636), EGITO (639), ÁFRICA DO NORTE (647) e PÉRSIA (651).
651	0 P	— O ALCORÀO.
	E 0	— Os chineses na CORÉIA.
677	Eu Or	— Os árabes são detidos em CONSTANTINOPLA.
695	Af	— Os árabes expandem suas conquistas: CARTAGO (695),
721		(709), ESPANHA (711) e norte dos PIRINEUS (721).
732	Fr	— Batalha de POITIERS (l.ª), em que CARLOS MARTEL, rei franco, vence a ABD-AL-RAHMAN, governador árabe da ESPANHA, pondo limite à expansão árabe no ocidente europeu.
751	Fr	— Os Carolíngios: PEPINO, o Breve.
	It	— Doação de territórios ao Papa, ponto original dos Estados da IGREJA.
768	Eu Oc	— Império de CARLOS MAGNO, abrangendo aproximadamente
814		atuais territórios da FRANÇA, ALEMANHA, ITÁLIA e ÁUSTRIA. Coroação em 800 e morte em 814.
830	It	— Os árabes na península.

843	Eu Oc	— Tratado de VERDUN. Desmembramento do império carolíngio, dando origem aos fundamentos da FRANÇA e da ALEMANHA atuais e criando uma faixa territorial entre ambas - a LOTARÍNGIA, que veio a constituir motivo de disputas seculares entre os dois países.
IX	Eu	— Invasões normandas (FRANÇA, INGLATERRA, RÚSSIA e ITÁLIA principalmente).
955	Eu Or	— Os germânicos esmagam os húngaros invasores em
962	Eu Oc	— Criação do SACRO IMPÉRIO ROMANO GERMÂNICO (atuais ALEMANHA e ITÁLIA, aproximadamente). OTO, o Grande.
987	Eu Oc	— Os Capetas. O Feudalismo.
1019	Ing.	— CANUTO, o Grande, une a INGLATERRA à DINAMARCA.
1054	Eu	— Cisma religioso (do Oriente): a Igreja Ortodoxa se separa da de ROMA
1066	Ing	— Invasão normanda de GUILHERME, o Conquistador, que vence a HAROLDO na batalha de HASTINGS, última ação terrestre de envergadura ocorrida nas Ilhas Britânicas contra estrangeiros.
1095	Eu	— Iniciam-se as CRUZADAS, que se prolongarão até 1270.
XI	0 P	— Progressos territoriais dos turcos seldjúcidas.
1189	Eu Oc	— Início da 1." Guerra dos CEM ANOS, entre INGLATERRA e FRANÇA. Prolongar-se-á até 1258.
1204	Eu Or	— Criação do IMPÉRIO LATINO de CONSTANTINOPLA pelos cruzados; teve duração efêmera.
1215	Ing	— MAGNA CARTA.
1215	As	— Expansão mongólica sob GENGIS CÃ e seus descendentes: PEQUIM (1215), PÉRSIA (1220), RÚSSIA (1222), CORÉIA (1231), BULGÁRIA (1237), POLÔNIA e parte da ALEMANHA (1241). — Na RÚSSIA, os mongóis fundam o Império da HORDA DE
1248	Ing	— Estatutos de OXFORD.
XIII	Eu Or	— Estabelecimento dos Cavaleiros Teutônicos no baixo VISTULA (origem da PRÚSSIA).
XIV	O P	— OTMÃ reinicia a expansão turca sobre os restos do antigo império seldjúcida. Os turcos OTOMANOS servem-se, para tanto, de excelente organização militar, à base de JANÍZAROS (infantes) e SPAHIS (cavaleiros).
1337	Eu Oc	— Início da 2.ª Guerra dos CEM ANOS, entre a INGLATERRA e a FRANÇA. Durará até 1453.
1346	Fr	— Batalha de GRÉCY (Gue 100 Anos). Vitória inglesa. (£)
1356	Fr	— Batalha de POITIERS (2.ª), dentro da Guerra dos CEM ANOS. Vitória inglesa. (£)
1369	Fr	— Início da campanha de guerrilhas do Condestável Du GUESCLIN, derrotando várias vezes os britânicos na Guerra dos CEM ANOS. Duração até 1380.
1370	As	— Conquistas de mongol TAMERLÁO: territórios turcos do Oriente Próximo e parte da ÍNDIA (Império do GRÀO-MONGOL). Seu império durara até 1405.
1380	Eu Or	— Vitória russa sobre os mongóis do Império da HORDA DE OURO em CULICOVO, dando inicio à expulsão destes do território russo.
1389	Eu Or	— Vitória otomana de KOSSOVO sobre os sérvios.
1396	Eu Or	— Vitória otomana, sobre franceses e sérvios, de NICÓPOLIS.
1410	Eu Or	— Batalha de TANNEMBERG: Cavaleiros Teutônicos x Lituano - poloneses, com a vitória destes.
1415	Fr	Batalha de AZINCOURT, mais uma vitória inglesa na Guerra dos CEM ANOS. (£)
1429	Fr	— Batalha de ORLEANS (Guerra dos CEM ANOS): sob o influxo de JOANA D'ARC, os franceses derrotam os ingleses, definindo o rumo do conflito e frustrando o domínio da FRANÇA pela INGLATERRA.
1450	Eu	— GUTTEMBERG e a imprensa.
1453	Eu Oc	— Fim da Guerra dos CEM ANOS.
	Eu Or	— Os turcos OTOMANOS, que já vinham dominando o Oriente Próximo e a EUROPA Oriental desde o Sec XIV, conquistam CONSTANTINOPLA, último reduto do progressivamente debilitado Império BIZANTINO.

NOTAÇÃO: — Além das constantes na cronologia da Idade Antiga, mais as seguintes:

— As ..... ÁSIA
— Fr ..... FRANÇA
— Ing ..... INGLATERRA

OBSERVAÇÃO: — Ação ligada à decadência da Cavalaria Medieval.

DOUTRINAS MILITARES DE CARLOS MAGNO E DO FEUDALISMO

1 - GENERALIDADES

A decadência de ROMA atingiu o máximo com o desmembramento do grande Império (395) em dois outros - o IMPÉRIO DO ORIENTE e o do OCIDENTE, com mudança da capital para BISÂNCIO e ainda, pela rivalidade entre o PAPA e o IMPERADOR.

No ano de 476 caia o último imperador romano do OCIDENTE, RÔMULO AUGUSTO.

Das províncias que haviam feito parte do IMPÉRIO ROMANO e que os bárbaros haviam assaltado, plantando-se nelas, surgiam novos reinos; as GÂLIAS, com os FRANCOS e BURGI- NHÔES; a GRÃ-BRETANHA, com os ANGLOS e SAXÕES; a ESPANHA, com os VISIGODOS; e ITÁLIA, com os OSTROGODOS.

Estava assim encerrado o ciclo da antiguidade clássica; ia iniciar-se uma outra idade - a Idade Média.

Essa idade começa em 476, com a queda do último imperador romano do OCIDENTE e termina em 1453 com a queda de BISÂNCIO, sob o domínio dos TURCOS.

Na idade Média podem ser caracterizados dois períodos distintos :

- O do Barbarismo (século V ao IX), período de estagnação da parte militar, em que não há nenhuma modificação nos processos de combate em relação aos da Antiguidade Clássica, havendo, pelo contrário, até regressão. A falta de cultura dos bárbaros não lhes permitia perceber, que nos generais da antiguidade, a arte da palavra, aliava-se à arte militar, pois o grande general era, quase sempre, um grande orador, dotado de cultura invulgar. Esses chefes militares eram todos homens de letras, educados filósofos e retóricos - ALEXANDRE, CÉSAR, etc; os conhecimentos profundos que tinham da ciência e das artes, na época, serviam de base para a aptidão militar de que deram provas. Os Bárbaros fecharam os olhos ao avanço do progresso, e se a já notável civilização não se afundou totalmente ante a presença de uma força brutal e feroz, deve-se a ter o próprio bárbaro desejado gozar as conquistas da civilização romana. A denominação de "bárbaros" foi dada pelos romanos às tribos que invadiram o Império, passado mais de um século após o seu desmembramento. E foram eles, que quase destruindo tudo, puseram abaixo o organismo social romano, onde imperava o estadismo, isto é, o poder do estado acima de tudo. Aquelas indisciplinadas e ferozes hordas, agindo pela força e pelo número não podiam compreender o estadismo romano; em seu lugar surgiu o individualismo, isto é, desapareceu o Estado para, em substituição, ficar o homem, o chefe, único e absoluto.

Em conseqüência o poder local aumenta em número, tomando cada vez menor na sua extensão territorial, chegando a atingir, nesse decréscimo, a um simples burgo, a um castelo ou a uma abadia, e cujo chefe é, ao mesmo tempo, amo, senhor, chefe militar e juiz. O estadismo, porém, havia criado raízes bem profundas para desaparecer, muito repentinamente.

A não ser as operações levadas a efeito por CARLOS MAGNO (750 a 800) nada se fez de notável na arte da guerra. Forçosamente haveria de se operar uma reação em sentido oposto ao individualismo dos bárbaros e, como consequência, surgiu no IMPÉRIO DO OCIDENTE, CARLOS MAGNO, sob cuja égide o edifício estatal parece se reconstruir, estabelecendo a unidade governamental e a unidade religiosa, porém por pouco tempo.

- O segundo período da Idade Média, o do Feudalismo (século IX ao século XV) continuou com os mesmos processos de lutas individuais, sem grandes progressos na

arte da guerra, surgindo porém, nessa ocasião, a CAVALARIA como Arma que chegou a determinar a criação da **Instituição,** regime a que se sujeitavam os cavaleiros da época, regendo-se por códigos em que a honra, a obediência, o altruísmo eram os elevados objetivos.

Nesse período a tática e a estratégia ainda não progrediram; tudo ou quase tudo o que se realizara pelos grandes guerreiros da Antiguidade havia sido esquecido. O combate era um imenso duelo, sem direção e sem ação de conjunto.

Entretanto, o Feudalismo, que assistiu a esse estado de coisas, pela sua duração como forma social e política, seria testemunha de uma transformação, ao iniciar-se o século XV - o aproveitamento de um novo instrumento de guerra, a arma de fogo.

2 - CARLOS MAGNO

Dentre os povos bárbaros os que apresentaram melhor organização social e militar foram os FRANCOS, de que uma de suas dinastias dos Carolíngios, deu um representante mais notável entre todos: CARLOS MAGNO (771 - 814).

CARLOS MAGNO foi o maior guerreiro e o maior conquistador da Idade Média. Reinando 43 anos, empreendeu 54 expedições que deram como resultado reunir, sob seu cetro, vasto império. Suas principais campanhas foram na ITÁLIA, ESPANHA e SAXE (Alemanha do Norte). Ao contrário de seus predecessores que faziam da guerra uma indústria, pois as expedições tinham caráter de pilhagem, construiu estradas e criou cidades; as guerras foram travadas por razões políticas, tendo sempre como objetivo manter a paz no reino, ou abrigá-lo contra invasores. O Ocidente não sucumbiu aos bárbaros do Oriente, graças a Carlos Magno.

2.1 - INSTITUIÇÕES MILITARES

Salvo o clero, todos eram obrigados ao serviço militar. À ordem de mobilização cada qual tinha obrigação de se apresentar no ponto de concentração determinado, na manhã seguinte ao recebimento da ordem, se tivesse sido expedida na véspera, e à tarde do mesmo dia, se tivesse sido conhecida pela manhã.

Por meio das suas "CAPITULARES", CARLOS MAGNO estabeleceu uma primeira legislação sobre o recrutamento para o exército, onde o súdito, que dispusesse de mais de quatro propriedades era obrigado a sustentar, vestir e armar todos os que vivessem nessas propriedades, obrigando-se a apresentá-los para o serviço militar, que teria a duração de três meses. Cada um deveria levar consigo - por conta própria, ou do senhor feudal a que estivesse sujeito - um escudo, uma espada, ou uma lança, um arco, duas cordas, doze flechas e três meses de víveres. Entre as armas era usado o "FRANCISK" machado provido de pequeno cabo e que tanto servia como arma de arremesso como de choque. Os proprietários mais pobres deveriam apresentar-se em grupos devidamente organizados, constituindo a INFANTARIA, arma em decadência; os mais abastados constituíam a CAVALARIA. O proprietário de doze herdades deveria apresentar-se a cavalo e com couraça de escamas de metal.

CARLOS MAGNO tinha maior número de cavaleiros do que de infantes.

Punia-se a deserção com a morte, a embriaguês com a proibição de beber vinho e comer carne durante um dia e o saque era formalmente condenado; o exército, só poderia pedir verduras, madeira e água, aos habitantes.

Ao Imperador cabia o comando do exército; a ele subordinavam-se os duques e a esses, os condes.

Quanto à tática empregada por CARLOS MAGNO sabe-se que ele dirigia sua massa sobre o centro do adversário se este tivesse praticado a falta de se dividir, ou sobre as duas alas, se apresentasse em linha contínua. Não sendo estrategista soube, entretanto, sobrepujar seus adversários, calculando com segurança a reunião de seus exércitos no tempo e local escolhidos. O modo normal de combate era o do tipo **falange.**

CARLOS MAGNO, porém, fez renascer a manobra, caracterizada por ações frontais contra o centro do dispositivo adversário para rompê-lo, ou sobre uma das alas, para envolvê-lo. Fortificava bem os campos e posições e fazia os sítios com maestria.

Vivendo mais de 700 anos na obscuridade, a estratégia repontou com CARLOS MAGNO que deu sobejas provas do seu valor nas suas 54 campanhas notadamente na que empreendeu contra os avaros.

3 - FEUDALISMO

Com a morte de CARLOS MAGNO e o consequente desmembramento de seu Império, a tendência para o governo feudal leigo ou religioso, voltou a dominar. O Feudalismo, cuja origem remonta à Germânia, foi o sistema político e social que regeu a maior parte da EUROPA, desde o século X; até os fins da Idade Média. Sua organização foi favorecida e depois assegurada pelo desmembramento do Império de CARLOS MAGNO e pelo aparecimento de grandes e pequenos feudos que dele resultaram.

Nos fins do século X, a vitória dos senhores feudais sobre os últimos descendentes de CARLOS MAGNO foi completa. Nesse aspecto há que ressaltar a influência dos Normandos.

Na França, suas incursões, pondo à prova a fraqueza dos soberanos carolínios, herdeiros de CARLOS MAGNO, provocaram uma reorganização da sociedade, o FEUDALISMO. Igualmente, na Inglaterra, a invasão normanda com GUILHERME, o Conquistador (batalha de HASTING, em 1066), acarretou a reorganização social, política e econômica. Na Rússia Kieviana, a intervenção normanda produziu também profundas modificações, sendo certo que é depois da sua aparição no Dnieper que o país eslavo assumiu realmente a feição de Estado.

3.1- INSTITUIÇÕES MILITARES

A sociedade que então se formou, era toda militar. Em primeiro lugar, na importância, figuravam os grandes feudatários ou senhores de títulos - os duques, os marqueses, os condes, os viscondes; em seguida, os grandes proprietários chamados ou senhores, levando a bandeira e conduzindo, à guerra, um certo número de homens d'armas, finalmente, em menor importância, os vassalos, desses vassalos ou vavassalos, possuidores de pequenos feudos - simples cavaleiros, senão escudeiros.

Todos os detentores de feudos, apesar de hierarquizados, eram também monarcas, exercendo direitos e regalias, isto é, o dever de conduzir tropas para sua defesa, de convocar o exército para uma guerra importante, de levantar impostos entre os súditos, de justiça e de fazer executar suas sentenças.

Os exércitos feudais encerravam três elementos:

- os contingentes feudais;
- as milícias comunais, não compreendendo até o século XIII senão INFANTARIA;
- as companhias de aventureiros, de grande experiência militar.

Na época feudal, não se admitia senão uma só ocupação honrosa, a guerra, que durava frequentemente muitos anos consecutivos, com ou sem batalhas, mas com numerosos sítios.

Até que a ARTILHARIA, mais tarde, se tornasse temível, não havia outros meios senão o sítio e a fome para as conquistas dos castelos.

Todo o peso recaia sobre os infelizes vilões, rendeiros livres e servos, que não podiam semear e colher; à guerra, sucedia a fome e, frequentemente, a peste.

O povo muito sofreu com a tirania feudal e com o próprio sistema, entretanto é preciso reconhecer que o Feudalismo assegurava a tranquilidade da região contra as invasões.

4 - CAVALARIA

- A Idade Média propriamente dita é caracterizada por duas instituições, cujas influencias foram consideráveis - o FEUDALISMO e a CAVALARIA que se liga à grande epopéia das CRUZADAS, seu apogeu.

Os tempos das CRUZADAS, sobretudo sob FELIPE AUGUSTO e SÃO LUIZ, foram a época mais brilhante dessa instituição, quando a Cavalaria francesa adquiriu reputação extraordinária.

Ao cavaleiro estava reservada uma situação privilegiada e, em princípio, este título

subentendia nobreza de nome e de armas. A investidura do cavaleiro era acompanhada de cerimônias religiosas e militares, próprias a ressaltarem a importância e o valor da instituição e o valor do título, bem como as prerrogativas que lhe eram especiais. O ideal, era a exaltação do que havia de mais puro - a coragem militar levada à abnegação mais completa, a paixão da glória, o culto da honra, a prática da fidelidade, o ódio à injustiça e a compaixão pelos fracos, e sua defesa. Com o fim de se prepararem para a guerra, quando os combates momentaneamente haviam cessado os cavaleiros exercitavam-se em jogos militares, dos quais os mais solenes eram os torneios. Para os torneios, os cavaleiros iam cobertos, da cabeça aos pés, de armas esplêndidas, levando nas lanças bandeirolas e sobre o peito corpetas das cores e emblemas das suas damas. Levavam vestimentas especiais com escudos de armarias pintados e montavam fogosos ginetes. Os árbitros lembravam a todos, e a cada um, as leis da boa CAVALARIA. Elas consistiam em não ferir de ponta, mas com o gume da espada, a não dirigir golpes ao adversário senão no rosto, e entre os quatro membros.

Era considerado mau cavaleiro aquele que ferisse o rival no braço ou na coxa, vil aquele que tocasse seu cavalo. A essa elevação de idéias dependentes de espíritos correspondia para o corpo, um entretimento contínuo.

E entretanto, é preciso reconhecer que à existência da cavalaria opunha-se ao renascimento e ao progresso da arte militar; por exaltar o **individualismo** em prejuízo do emprego coordenado das massas.

A importância da Cavalaria era tão grande que a Infantaria cada vez mais ficava negligenciada, decaindo, pouco a pouco, em número e qualidade. No combate, os infantes limitavam-se a aguardar a decisão, pelo choque da Cavalaria. Vencedora esta, a Infantaria se lançava sobre os cavaleiros caídos e que não podiam levantar-se, saqueando e matando. Vencida que fosse a Cavalaria, a Infantaria debandava, pois faltava-lhe o ânimo para a luta.

5 - RESSURGIMENTO DA INFANTARIA

Três foram, entretanto, os acontecimentos que permitiram à Infantaria a possibilidade de disputar, à Cavalaria, a almejada importância de que antes gozara - CRUZADAS, COMUNAS e ARMAS DE FOGO.

As CRUZADAS foram, do ponto de vista político e social, um dos maiores acontecimentos da IDADE MÉDIA; desenvolveram a arte, a indústria, e as relações com o ORIENTE mais se estreitaram.

Mas se assim foi do ponto de vista geral, sob o ponto de vista militar, as CRUZADAS são consideradas como a mais notável, extensa e fecunda empresa realizada pela CAVALARIA.

Por outro lado, quanto à revolução da arte militar, sua contribuição foi insignificante.

Uma lição decorreu, porém em relação à INFANTARIA - passou a ser considerada pelos cruzados como elemento necessário à luta. As comunas ou cidades livres surgiram como consequência das cruzadas que lhes permitiram enriquecer e assim conseguiram libertar-se dos senhores feudais. Como consequência surgiu a **infantaria das comunas** e com a qual a vontade popular procurou impor-se, cuidando de por abaixo o senhor feudal contra cujo poder se rebelara.

Segundo alguns autores, o primeiro sinal do ressurgimento da tática da Infantaria ocorreu na Flandres. Aí as comunas flamengas criaram uma falange de infantaria pesada e leve e venceram os cavaleiros franceses em COURTRAI (1302).

Durante a Guerra dos Cem Anos, CRECY (1346) e AZINCOURT (1415) representam, por outro lado, a vitória dos arqueiros ingleses sobre os cavaleiros franceses.

Em Azincourt, o Rei HENRIQUE V acionando seus arqueiros galeses a comando e em massa, dirigiu contra a formação adversária feixes densos e profundos de milhares de flechas, infundindo o pânico nos cavalos que espantados derrubavam seus cavaleiros.

Finalmente, a descoberta da arma de fogo exerceu notável influência na guerra, contribuindo de modo insofismável para o ressurgimento definitivo da Infantaria.

A ARTILHARIA, armada de canhões e bombardas, daria início ao ataque aos castelos feudais, até então inexpugnáveis diante das armas de sitio da época.

6 - PROCESSOS DE COMBATE

Na IDADE MÉDIA o combate não se revestia de um caráter tão feroz como na ANTIGUIDADE. As tropas eram dispostas normalmente em dois ou três grupos sucessivos. No primeiro grupo, a primeira linha era formada pelos cavaleiros colocados em uma só fileira, de maneira que nenhum deles ficasse tolhido no combate. Os escudeiros eram os últimos do grupo, prestes a socorrerem os cavaleiros quando ameaçados, bem como proporcionarem novas armas ou montadas. Os arqueiros e besteiros a cavalo constituíam o segundo grupo, que às vezes enquadrava os elementos do primeiro grupo. Finalmente à retaguarda, situavam-se os infantes, os peões, os servos ou a comuna livre, tudo constituindo o último grupamento.

Por vezes, os flancos, ou certas partes da frente do dispositivo, eram protegidos com carretas e equipamentos. A falta de trincheiras, as carruagens formavam, uma cinta protetora guarnecida por arqueiros com intervalos protegidos por estacas ou lanças aguçadas. As frentes apresentavam sempre igual extensão, independentemente, dos efetivos contrários, o que provocava, em certos casos, profundidades exageradas para efetivos numerosos. Quando as ações preliminares para o combate já haviam sido empenhadas pelos arqueiros, ou realizadas por meio de combates individuais, os cavaleiros carregavam e, ao choque, sucedia sempre a confusão, comportando uma infinidade de duelos; intervinham então os escudeiros e por vezes os cutileiros.

Durante muito tempo a Infantaria era empregada apenas para realizar trabalhos de sapa, provisão de forragem e dar o golpe de misericórdia nos cavaleiros inimigos caídos ou feridos. Mais tarde, antes do seu emprego mais regular, a Infantaria, nas batalhas, encarregava-se também de acutilar as alas de formações e desmontar com arpões, os combatentes. O orgulho militar era tal, que os cavaleiros de todas as nações não admitiam que outros combatentes, senão cavaleiros, pudessem consigo lutar. Os Flamengos na Batalha de BOUNIVES (1214) foram ardentes cavaleiros em combate, porém, ficaram indignados em serem atacados de início por homens d'armas (combatentes montados, porém não "CAVALEIROS") e não pelos CAVALEIROS NOBRES.

7 - ARMAMENTO E EQUIPAMENTO

- Os cavaleiros eram protegidos por uma couraça de couro ou de metal, escudo, capacete e armados de lança, espada, adaga, acha, massa e martelo d'annas. Posteriormente a couraça foi substituída por uma vestimenta ou cota de malhas de aço, que por sua vez dá lugar a uma armadura cobrindo o cavaleiro da cabeça aos pés. Assim, a proteção do cavaleiro se toma cada vez mais pesada e completa, até que ele se apresenta, nos últimos séculos da Idade Média, completamente recoberto de ferro. No Sec. XV, a armadura mais leve pesava cerca de 80 Kg. Também o cavalo é protegido dessa forma.

Durante a Guerra dos Cem Anos surgem, como armas de arremesso, a flecha lançada por um arco de 2m de comprimento e a **besta** ou **arbaleta.**

A besta ou arbaleta era uma balista em miniatura, compreendendo, basicamente um arco de aço, montado numa haste e que se estendia por meio de uma mola acionada a mão ou por uma alavanca ou manivela.

8 - A FORTIFICAÇÃO

O outro traço de evolução da doutrina militar durante os primeiros séculos do feudalismo, está na fortificação. Nesta doutrina o **castelo** é a peça central, cuja importância decorre do fato de ser ao mesmo tempo residência e cidadela do senhor feudal.

A arte da fortificação se estendeu também às defesas das cidades e vilas, que, frequentemente, nada mais eram do que um castelo ampliado.

O assédio dessas obras fortificadas desenvolveu-se em linhas gerais como na

Antiguidade. Empregaram-se os mesmos recursos como, por exemplo, a catapulta, a balista, o mantelete, etc

DOUTRINA MILITAR DOS MONGÓIS (GENGIS CÀ)

1 - GENERALIDADES

Na parte final da Idade Média, o mundo conhecido assistiu a grandes incursões de nômades da ÁSIA CENTRAL, nas regiões mais civilizadas do Oriente Próximo e da EUROPA. A agressão mongol iniciada no Sec. XIII, partindo quase da costa asiática, no PACÍFICO, atingiu o coração da EUROPA em arrancadas destruidoras da civilização, então jamais vividas. Nos fins do século anterior, os mongóis, antes imersos em inteira obscuridade, erguem-se repentinamente para a história; havia-os unificado GENGIS CÀ chefe tártaro das estepes da ÁSIA, cujo trono era a sela de um cavalo e que quase conquistou mais terras que qualquer guerreiro da história, invadindo a CHINA quando esta vivia no apogeu de sua civilização.

GENGIS CÀ organizou uma vasta máquina militar e varreu o ocidente, desde o PACÍFICO ao DNIEPER, na RÚSSIA, submetendo todas as nações que encontrava em seu caminho.

Em 1206 com a idade de 44 anos começa sua carreira de conquistador, fazendo-se proclamar Cã dos Cã, ou IMPERADOR, e máximo guerreiro, ao tempo que na EUROPA, a arte militar que havia desaparecido com o declínio do Império Romano. Ela esperaria ainda 400 anos para, com NAPOLEÁO, voltar à perfeição das legiões de CÉSAR.

Em menos de trinta anos estendeu seu Império do Oceano Pacífico às estepes russas e às planícies da ÍNDIA; os imperadores chineses e os duques europeus pagaram-lhe tributo; LUIZ IX e o PAPA enviaram-lhe missões diplomáticas e a sua dinastia ameaçou a ÁFRICA e o Ocidente.

Em 1241, durante o reinado de seu filho OGATAI, o exército mongol, às ordens de SUBOTAI, enfrentou os poloneses, húngaros e os cavaleiros da Ordem Teutônica; pela primeira vez cavaleiros protegidos por pesadas armaduras, foram aniquilados por cavaleiros aligeirados.

De 1259 até 1294, KUBLAI CÀ, neto de GENGIS CÁ, atinge o máximo de extensão da investida mongol através da EUROPA OCIDENTAL.

2 - INSTITUIÇÕES MILITARES

- Os exércitos mongóis constituíram a espinha dorsal de um vastíssimo Império. A hierarquia das classes era mantida do seguinte modo:
- nobres que participavam da divisão do espólio, mas que pagavam impostos ao CÀ;
- homens livres que participavam da pilhagem, guerreiros que não guardavam senão uma parte ínfima do espólio e que não pagavam impostos;
- povo comum, comparável aos escravos livres romanos;
- escravos que nunca poderiam ser mongóis.

O sistema clã, tribo, horda, colônia, nação era igualmente mantido, mas as relações eram definidas pelo Cã.

Foi publicado o JASSAK, código de leis muito simples, porém inexoráveis.

O JASSAK era cumprido com vigor e compreendia desde a pena de morte até o açoite conforme a gravidade dos crimes ou delitos.

Os nômades eram excelentes, combatentes, caracteristicamente astuciosos e agressivos; a disciplina tendo por base o JASSAK, tornou esses soldados famosos e combatentes sem rivais.

- Para sua eficiência e boa organização muitos fatores concorreram, constituindo verdadeiras inovações que, durante o decorrer da Idade Média, garantiram e asseguraram a superioridade das forças invasoras mongóis sobre todos os outros exércitos da época, mesmo na EUROPA. Entre esses fatores devem ser salientados os seguintes:
- serviço militar obrigatório; caráter essencialmente popular dos exércitos; predominância de uma mentalidade coletiva; espírito eminentemente agressivo e feroz; moral de guerra sem igual; disciplina e heroísmo individual como religião; extrema mobilidade; serviço de informações tático e estratégico bem coordenado; serviço de manutenção de material de guerra; política de guerra visando a submissão incondicional e total do adversário, ou a sua destruição completa.

Somente muitos séculos mais tarde, a EUROPA conheceria algumas vantagens de alguns desses elementos, como regras de sucesso na arte militar.

3 - ARMAMENTEO E EQUIPAMENTO

O cavalo mongol, resistente, rápido, nervoso, era o elemento principal e essencial. Quando em ação, o guerreiro podia, com extraordinária rapidez, apanhar as flechas e atirar, apenas, com um leve movimento de mão. Apoiado nos estribos, o soldado podia a galope atirar uma série de flechas pesadas, utilizando o arco. Como as armas, a armadura era leve e prática - tiras de couro fervido e modelado aos ombros e ao corpo dos soldados, incluindo muitas vezes um avental cortado ao meio, preso à cintura e descendo até os joelhos. Todas as peças eram cobertas de resina, como proteção contra a umidade. Cintas de ferro reforçavam o capacete, sem torná-lo pesado e uma aba de couro macio, guarnecida de ferro, protegia o pescoço.

Os soldados mongóis possuíam equipamento pessoal completo; cada um tinha dois ou mais cavalos e levavam uma capa de feltro e um casaco de peles forrado de couro de carneiro, como proteção contra o frio. Nos cavalos, um laço, uma corda (que servia para amarrar aos carros, a fim de puxá-los nos lamaçais ou nas fortes subidas), sacos com cevada, um bomal, uma panela, uma machadinha e um saco de sal. Alguns regimentos possuíam lanças com tufos de crina de cavalo amarrados logo abaixo da ponta, ou do

gancho, para desmontar o inimigo. As lanças eram empregadas apenas para o golpe final, depois que o ataque dos arcos tivesse quebrado a resistência do adversário. A lança era para o mongol o que é a baioneta hoje para o fuzileiro.

Após a campanha da CHINA, GENGIS CÂ utilizou a competência dos engenheiros militares chineses e dotou-se de instrumento de cerco e máquinas de arremesso desmontáveis.

4 - ORGANIZAÇÕES

- Na realidade, a nação mongol era o perfeito exemplo de nação armada. Os exércitos mongóis compunham-se inicialmente de apenas cavalaria, mais tarde se lhes ajuntaram tropas a pé, provindas de contingentes de povos submetidos pelas armas, principalmente da CHINA e da PÉRSIA.

GENGIS CA reorganizou completamente as forças em atividade até ali, em formações por famílias e tribos.

A organização do exército era baseado na progressão decimal. Foram criados os "tumans" - força de 10.000 homens equivalente à divisão, instrumento de combate sólido, unificado, organizado, apto para realizar ações bem independentes, porém diretamente subordinado ao monarca, na maioria das vezes do seu emprego. No âmbito dos "tumans"não havia transferência ou alterações, o serviço de guerra perpetuava-se mesmo por tradição ou herança. A unidade tática era o "guhran", de 1.000 cavaleiros, este era o esquadrão. Cada "guhran" via-se dotado de cavalos da mesma pelagem. As unidades subalternas de 100 e 10 equivaliam aos pelotões e às secções. A unidade de 10 homens era um todo indivisível, vivia, combatia e morria - em geral haviam servido juntos por muitos anos. Cada cavaleiro sabia onde seus companheiros se achavam e o que fariam em dadas circunstâncias. O Ung-Cã, ou chefe de grupo, era responsável pelo bem estar de seus nove homens. O monarca era o senhor absoluto da guerra; os príncipes, os chefes imediatos dos exércitos. Na forma mais simples da hierarquia, cada grupo de 10 homens escolhia democraticamente o seu chefe de grupo; esse, vota no superior que comandaria 100 homens; desses dez comandantes, verdadeiros centuriões, sairia, da mesma forma; um superior para 1.000 homens; finalmente, era selecionado, para a chefia de 10.000 homens, um comandante de "tuman". A promoção rápida era garantida aos mais capazes, mesmo entre os combatentes incorporados dentre os povos submetidos ou vencidos pela força; as vantagens estariam ao alcance de qualquer elemento valente e disciplinado.

Um sistema de mensageiros e estafetas com prioridades especiais e direito de remonta, atravessava todo o IMPÉRIO MONGOL; viajando pela estrada, podia ordenar ao comandante de um "tuman" que desmontasse seu cavalo. A transmissão de ordens fazia-se rapidamente no campo de batalha, de dia, por bandeirolas e à noite por lanterna. Para certas ordens, Utilizavam flechas sibilantes, de ponta oca.

5 - PROCESSOS DE COMBATE

Todas as campanhas eram preparadas e planejadas em detalhe; qualquer preparação ou realização levava em conta como diretriz, a economia de forças. A astúcia e a fuga premeditada, ou simulada, desempenhavam papel importante na tática e na estratégia dos mongóis. A vitória tinha de ser total; quando o inimigo não era destruído inteiramente, a perseguição era sistemática e implacável. As formações para o combate, normalmente, obedeciam à apresentação de um centro e duas alas.

Duas maneiras de realizar-se a batalha eram correntemente empregadas:

- enquanto uma parte do dispositivo engajava-se frontalmente, o restante avançava contra o adversário, fixando-o; a ala, de início engajada, reforçada, tinha oportunidade para, então, destruir o inimigo à frente e envolver o restante das forças adversárias (tipo LEUTRAS).
- o duplo envolvimento após o recuo premeditado de centro (tipo CANES), manobra preferida de GENGIS CÃ.

Desencadeado um ataque ou uma ação, caso nada fosse logo obtido, era realizada

uma fuga simulada ou uma retirada estratégica, preparando um retorno vitorioso.

- As forças eram engajadas por vagas sucessivas a fim de obter-se a continuidade do esforço e não permitir ao inimigo tempo para recuperar-se. Se o adversário dispusesse seus esquadrões em determinado número de fileiras, os chefes mongóis dispunham os seus números em duplo.

As informações de combate, a partir de certa época, passaram a basear sua apresentação em várias linhas de "guhrans" (1000 homens) intervaladas em profundidade suficiente para permitir cada escalão ser empregado no combate, somente mediante oportunas ordens. Desde que o primeiro escalão esgotasse seu valor combativo, as unidades da segunda linha efetuavam a ruptura da frente inimiga enfraquecida, ou a envolviam.

Quando os "guhrans" estavam dispostos para o combate, os combatentes das duas primeiras fileiras eram equipados com armaduras de couro completa. Constituíam esses elementos a tropa de choque. Arqueiros ligeiros, desprovidos de armaduras, operando a cavalo, ou desmontados, preparavam o ataque despojando o adversário de seu material ou dissociando o assalto inimigo.

Uma manobra que normalmente realizavam os mongóis com sucesso durante o combate, e por eles denominada **"a virada da bandeira",** consistia numa mudança total da frente de combate, executada com a habitual rapidez, precisão e habilidade, causando em todas as ocasiões surpresa e apressando a vitória. Graças à rapidez e à mobilidade insuperável da sua cavalaria, nessa manobra, enquanto uma das alas, durante o combate, ia sendo gradativamente enfraquecida pela retirada de elementos, simultaneamente, ou a outra ia sendo fortalecida e prolongada na sua frente pelo acréscimo daqueles elementos que ali iam chegando em rápido deslocamento, e ficando em condições de, num determinado momento, desbordarem o inimigo caindo sobre o flanco ultrapassado e à retaguarda.

Sob o comando supremo de GENGIS CÁ, o exército mongol marchava em três colunas:

- as alas direita e a esquerda marchavam à frente;
- o centro marchava ligeiramente atrasado.

Esta formação permitia:

- ao centro, apoiar as alas sem se revelar e sem fazer marcha retrógrada;
- às alas, agirem sobre a retaguarda inimiga, caso viesse a ser atacado o centro.

Os adversários dos mongóis - chineses, muçulmanos, russos, húngaros, etc., não escondiam sua admiração pela habilidade e eficácia do emprego do arco e flecha e pela perfeição das evoluções dos seus cavaleiros em combate.

NAPOLEÁO diria mais tarde: **"a força de um exército com uma quantidade de movimento e mecânica avalia-se pela massa multiplicada pela ligeireza";** os mongóis aplicaram com naturalidade esse conceito - 1120 Km em 15 dias durante a campanha da POLÔNIA e 450 Km em 3 dias durante a campanha da HUNGRIA.

- Exemplo interessante do valor do exército de GENGIS CÂ quanto aos principais aspectos aqui apresentados, está na sua campanha para a conquista do Império do KWARISM, modelo de excelente tática e estratégica.

6 - ESTUDO COMPARATIVO

Após a realização do estudo das Instituições da EUROPA e ÁSIA, não será demais apreciar, em estudo comparativo, semelhanças e dessemelhanças com a finalidade de melhor conhecê-las.

Foi estudada a CAVALARIA desses dois CONTINENTES, dentro de uma mesma época

A IDADE MÉDIA.

Enquanto a arte militar na EUROPA estava estagnada, devendo ainda esperar 400 anos, para com NAPOLEÀO voltar às perfeições da ANTIGUIDADE CLÁSSICA, GENGIS CÂ na ÁSIA iniciava suas conquistas, utilizando processos de combate só empregados na

EUROPA cerca de 500 anos depois.

6.1- **INSTITUIÇÕES MILITARES**

Com a morte de CARLOS MAGNO voltou a EUROPA ao regime feudal, desaparecendo o poder central, capaz de formar exércitos homogêneos e treinados dentro dos mesmos processos de combate. As guerras voltam a ser locais, sem objetivo político de grande envergadura. Os feudos formavam verdadeiros compartimentos estanques, em que cada detentor era verdadeiro monarca que podia convocar o exército para uma guerra importante.

Na ÁSIA ao contrário, GENGIS CÁ exerce suprema autoridade sobre seu território, para isso o ESTADO tem uma estrutura sólida.

No barbarismo, CARLOS MAGNO deu organização aos seus domínios, com apoio nas célebres "Capitulares" havendo aqui, certa semelhança com o "JASSAK" mongol pois ambos puniam a deserção com a morte.

GENGIS CÁ estabeleceu para boa eficiência e organização de, seu exército certas inovações inteiramente desconhecidas na EUROPA, como:

Serviço militar obrigatório;

Mentalidade coletiva;

Espírito agressivo e feroz;

Extrema mobilidade, etc.

Na EUROPA não havia o serviço militar obrigatório; na ocasião das guerras os senhores feudais incorporavam seus servos que na maioria das vezes não sabiam lutar. Não havia nenhuma mentalidade coletiva nem espírito agressivo, os nobres relegavam seus servos a planos secundários e a cavalaria, única arma considerada, era pesada e lerda, prejudicando, portanto sua mobilidade.

Enquanto que, na EUROPA, a CAVALARIA era tida como uma INSTITUIÇÃO, obedecendo a certos preceitos como: coragem militar; culto da honra; e prática da fidelidade. Na ÁSIA, a CAVALARIA usava como sistema a surpresa, a astúcia e a rapinagem, não respeitando nenhum dos cultos da européia, a não ser a coragem militar. O que mais diferençava as duas cavalarias era quanto a mobilidade e aptidão manobreira.

6.2 - **ARMAMENTO E EQUIPAMENTO**

Enquanto os mongóis agiam com extraordinária mobilidade, graças ao seu equipamento extremamente leve, perfazendo com facilidade grandes jornadas em poucos dias, como aconteceu na CAMPANHA contra o IMPÉRIO DO KWARISM, os cavaleiros europeus eram lerdos e pesados por causa dos equipamentos por demais dificultosos, que os impediam até mesmo montar. Com um simples arco o cavaleiro mongol atirava uma flecha a galope com a máxima precisão, surpreendendo os cavaleiros europeus protegidos por pesadas armaduras, como aconteceu no ano de 1241, quando SUBOTAI enfrentou os poloneses, húngaros e os cavaleiros da ordem teutônica.

6.3 - **ORGANIZAÇÕES**

Nos exércitos mongóis tal como no europeu predominava a CAVALARIA, mais tarde sendo-lhes incorporadas tropas a pé, Artilharia e Engenharia. O exército mongol era baseado na progressão decimal, já tinha noção do que hoje chamamos, divisão, regimento, esquadrão, etc., o europeu era formado de aglomerados de diversos feudos que para o combate formavam grupos de cavalaria, tropas a pé, etc., sem aquela noção do emprego tático. A escolha dos chefes nos combates, obedecia para os europeus aos títulos de nobreza, não se cogitando aí de valor militar ou competência do chefe, contrário ao sistema asiático em que o chefe era escolhido entre os mais capazes, por eleição democrática.

6.4 - **PROCESSOS DE COMBATE**

A nação mongol planejava todas as suas campanhas, dentro do princípio da economia de forças, enquanto que o europeu sem nenhum planejamento empregava suas tropas emassadas, sem obedecer a nenhum princípio ou diretriz. Os mongóis

empregavam a astúcia e a fuga premeditada na sua tática e estratégia, enquanto que a CAVALARIA européia, segundo as regras da boa cavalaria, colocava-se no campo de batalha aguardando que seu adversário também se dispusesse para então atacá-lo; não havia astúcia.

O lema da CAVALARIA européia era poupar o inimigo, tendo em vista algumas vezes o resgate; os inimigos vencidos recolhiam-se a castelos fortes até que se refizessem - não havia o aniquilamento total nem a perseguição implacável, usada pelos soldados de GENGIS CA. As frentes de combate dos adversários europeus eram sempre iguais, variando a profundidade, em oposição ao mongol que fazia questão de duplicar sua frente, tendo em vista o envolvimento.

Enquanto os exércitos europeus se apresentavam no combate em formações clássicas de dois ou três grupos, com a cavalaria pesada à frente, os asiáticos apresentavam-se em várias linhas de guhrans (1000 homens), intervalados em profundidade suficiente para permitir cada escalão entrar no combate no Momento decisivo, demonstrando conhecimento do princípio de economia de forças. Os mongóis pela habilidade de eficácia no emprego deixavam perplexos os seus adversários europeus que não possuíam nenhuma dessas virtudes.

6.5 - **CONCLUSÕES**

Enquanto na campanha de GENGIS CÃ a mobilidade do seu exército foi fator característico, na EUROPA, apreciam-se movimentos lentos em que os exércitos vão se defrontar sem nenhuma ação igualável aos rápidos cavaleiros mongóis. GENGIS CÃ, aliou sua concepção de invadir o KWARISM, ao terreno, quando caiu de surpresa sobre a retaguarda do SHA, atravessando o DESERTO DE KILZIL, considerado intransponível. Dentro de uma mesma época duas espécies de CAVALARIA apresentaram-se em regiões geográficas quase extremas. Uma CAVALARIA manobreira, hábil, astuciosa, treinada e preparada para largas campanhas, outra, pesada, lerda, pouco flexível, nada manobreira. Evidentemente os resultados teriam de ser diferentes - enquanto os asiáticos incursionavam profundamente pelo mundo ao seu redor, construindo um vasto e poderoso império, os europeus, só se empenhavam em empreitadas de guerras indecisas e indefinidas.

Se por um lado a arte da guerra pouco beneficiou das manifestações dos povos europeus, na mesma oportunidade os mongóis pelos caracteres de surpresa, mobilidade, manobra e ofensiva muito contribuíram para a apreciação do modo de combater na IDADE MÉDIA.

DOUTRINA MILITAR DOS ÚLTIMOS TEMPOS DA IDADE MÉDIA

1 - **OS EXÉRCITOS PERMANENTES**

Nos últimos tempos da Idade Média, à medida que os reis vão recobrando poder e a nobreza se enfraquece, reaparecem os exércitos permanentes a serviço do Estado Moderno que surge. Até então, na fase feudal, os exércitos se compunham de hostes que sob diferentes nomes, os senhores feudais deviam apresentar quando obrigados a prestar auxílio militar ao soberano. Antes mesmo de ter a Guerra dos Cem Anos atingido o seu final, CARLOS VII, de FRANÇA, em 1445, organizou e solidificou um EXÉRCITO PERMANENTE, para liquidar com as desordens e atos de banditismo dos bandos guerreiros surgidos à sombra daquela guerra, e também, para concretizar a expulsão dos ingleses do solo francês.

Desde 1439, CARLOS VII havia acabado com as milícias, quando estabeleceu o sistema de taxa para obtenção de verbas para organização de seu exército. Através de uma ordenança real, o rei recrutava os guerreiros para o serviço militar real. Daí a denominação de Companhias de Ordenança dada a esse primeiro núcleo do exército regular e permanente francês.

- O exército de CARLOS VII era organizado em 15 companhias de Ordenanças a

cavalo, cada uma de 100 equipes de 6 homens. Cada equipe denominava-se LANÇA. A Lança era constituída de 1 homem d'armas a cavalo, armado de lança e espada, 3 arqueiros a cavalo, 1 piqueiro e 1 pagem.

Cada companhia era comandada por um Capitão, nomeado pelo Rei, oficial esse que podia perder a patente, e se responsabilizava pelos atos de seus comandados. Seus homens recebiam soldo, a princípio em espécie (vinho, carne e pão), depois em dinheiro; por isso a pilhagem era punida rigorosamente. Cada companhia ficava de guarnição numa cidade ou estacionava num castelo real. As Companhias de Ordenança formaram uma cavalaria bem treinada que substituiu definitivamente a cavalaria da nobreza ou tradicional pela caracterização de um elemento comum: o cavaleiro.

Quanto à infantaria, CARLOS VII tentou organizar uma infantaria nacional, a exemplo dos ingleses. Nestas condições, em virtude de uma ordenança de 1448, cada grupo de cinquenta casas devia dar ao Rei um arqueiro ou um besteiro que deviam apresentar-se para o serviço real ao primeiro apelo. Esses franco-arqueiros quando mobilizados eram reunidos em companhias de 500 homens cada uma. Oito companhias formavam uma BANDA.

CARLOS VII dispôs também de uma artilharia, graças aos esforços do mestre JEAN BUREAU. Entretanto, as bombardas que apareceram durante a Guerra dos Cem Anos eram engenhos pesados, atravancados, pouco maneáveis e mesmo perigosos.

E, assim, o exército francês regular e permanente contou com as três armas e desempenhou importante papel na expulsão dos ingleses.

2 - **AS PRIMEIRAS ARMAS DE FOGO**

As fontes mais antigas deixam entrever que a mais primitiva arma de fogo teria sido a BOMBARDA ou canhão grosseiro (Sec. XIV).

Em GRECY (1346) os ingleses usaram pela primeira vez três desses canhões, lançando bolas de fogo. Feito de um tubo de ferro forjado ou fundido, não dispunha de reparo ou rodas; eram suspensos para o tiro entre dois pranchões ou colocados numa espécie de caixa alongada de madeira. Atiravam de início bolas de pedra ou de chumbo e seu alcance era mesmo inferior ao das máquinas de arremesso. Defeitos de fabricação, pólvora mal preparada e mal condicionada e falta de segurança no manejo foram causas de frequentes e mortais acidentes, a ponto de registrar um cronista medieval que - o primitivo artilheiro devia estar sempre com a alma pura, pois corria o risco de ser chamado ao seio de Deus, quando atirava com sua boca de fogo.

Essa artilharia foi, entretanto, aperfeiçoada na França, por JEAN BUREAU. Surgiram então as COLUBRINAS, canhões muito compridos e mais leves, que colocados em uma carreta lhes permitiam maior mobilidade. Era a primeira artilharia de campanha que deu uma superioridade acentuada aos exércitos do Rei da França, durante a Guerra dos Cem Anos. O aparecimento de uma colubrina muito aligeirada, a ponto de poder ser levada por um só homem, configura o nascimento da primeira arma de fogo portátil.

A evolução da técnica permitiu, posteriormente, a adaptação à essa rudimentar arma, de uma coronha. O peso ainda excessivo (8 Kg) a tomava incômoda e deu-se então ao homem uma forquilha para o apoio da arma. O carregamento fazia-se pela boca, derramando pelo cano primeiramente a carga de pólvora e em seguida a bala esférica que era embuchada com uma vareta de madeira. A pólvora, a bala e o polvarim (pólvora mais fina para escorva) eram levados em recipientes separados e pouco práticos.

Se há um erro crer que essas primeiras armas tivessem revolucionado bruscamente a organização e a tática dos exércitos. Sua influência não se exerceu senão progressivamente, à proporção e à medida que se tomaram cada vez mais maneáveis, mais eficientes e mais numerosas. Esse progresso foi lento e demorou cerca de 300 anos. Por isso continuavam ainda por muito tempo em uso as armas de choque: pique, alabarda e partazana.

3 - **PROCESSOS DE COMBATE**

Se as instituições militares se aperfeiçoaram, a tática e a estratégia, por outro lado,

não apresentaram nenhuma tentativa de novas combinações. A batalha continua sendo travada ou de surpresa ou pelo consentimento recíproco dos adversários, e as operações conduzidas morosamente. Nada de movimento de massas, combinando suas atuações, à procura da decisão.

Realizada a batalha, o vencido se retirava na direção de seus armazéns, aí se refazendo o vencedor, por sua vez, ficava preso aos próprios com receio de perdê-los e, por isso não realizava a perseguição. Com a estação invernosa os exércitos suspendiam suas operações e tratavam de se recolher aos seus quartéis de inverno, para reiniciarem a campanha com a primavera.

Está aí a razão da longa duração das guerras e de que a história está repleta de exemplos.

Há, entretanto, algumas modificações interessantes no que respeita à infantaria inglesa, suíça e espanhola que procuraram se firmar no campo de batalha com melhor noção de aproveitamento do terreno e no modo de suportar as cargas da cavalaria.

4 - **A ORGANIZAÇÃO MILITAR DOS TURCOS**

Outro fato a examinar neste último período da Idade Média está no Oriente. Lá, os TURCOS, com um exército permanente, puderam expandir seu domínio pela EUROPA, enfrentando a cavalaria feudal indisciplinada dos seus oponentes. O exército permanente turco, organizado pelo Sultão ORKA, compreendia a cavalaria de "SPAHIS", armados ligeiramente com um sabre curvo e muito afiado (a cimitarra) e uma lança comprida.

A infantaria, era porém, o principal elemento do exército otomano. Os infantes turcos, os JANIZAROS, eram recrutados entre meninos cristãos educados fanaticamente pelos sacerdotes mulçumanos. Com isso os turcos enfraqueciam as populações cristãs submetidas e o Sultão dispunha de homens que lhe eram exclusivamente devotados de corpo e alma. Os janízaros eram grupados em companhias de cem homens e rigorosamente disciplinados; verdadeiros monges-soldados, interrompiam sua instrução somente para rezar. Eram soldados por toda a vida e não podiam contrair matrimônio.

Portanto sua família era constituída pelos próprios companheiros d'armas e suas paixões, a profissão e o Islã. Não havia, na época, tropa que lhes pudesse comparar.

Tal como CARLOS VII, ORKÃ juntou uma artilharia às duas outras armas.

À semelhança do Império Otomano e da França, as demais potências européias também ensaiaram a constituição de um exército permanente, composto de infantaria, cavalaria e de embrião da arma de artilharia.

- O mercenarismo será, no entanto, o traço dominante nesses exércitos permanentes, durante muito tempo.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA DA DOUTRINA MILITAR - IDADE MODERNA

CRONOLOGIA SUMÁRIA DA IDADE MODERNA

SEC ANO	REGIÀO	EVENTO

1455 /85 1491	Ing	— Guerra das DUAS ROSAS (LANCASTER x YORK). Advento da dinastia TUDOR.
1492	Eu Oc	— Início das lutas pelo domínio da ITÁLIA, em que os franceses se empenharam até 1516.
1494	Am	— Primeira viagem de COLOMBO.
1500 1512	Esp	— Conquista de GRANADA pelos Reis Católicos, pondo fim a dominação muçulmana.
1513 1515	Am	— Meridiano de TORDESILHAS.
1517 1518	As-Af	— VASCO DA GAMA descobre o caminho marítimo para as índias
1520	Am	— Os ingleses na AMÉRICA DO NORTE.
1522	Brasil	— **CABRAL chega ao BRASIL — DESCOBRIMENTO.**
1524	Am	— PONCE DE LEON na FLÓRIDA.
1525 1531	Am	— BALBOA avista o Oceano PACÍFICO.
1533	It	— Batalha de MARIGNAN (lutas dos franceses na ITÁLIA), considerada a 1º grande batalha dos tempos modernos e a última ao estilo da Idade Média - dois exércitos pesados se enfrentam em um grande choque sem manobras.
1534 1542	Eu Oc	— MARTINHO LUTERO publica suas teses.
1545	Am	— Os espanhóis no MÉXICO, que acaba conquistado por CORTEZ.
1555	Eu Oc	— Início das lutas entre as Casas da FRANÇA e da ÁUSTRIA, as quais se prolongarão até 1559: CARLOS V (titular do SIRG e rei da ESPANHA) x FRANCISCO I (rei da FRANÇA).
	Pr	Término da viagem de circunavegação de MAGALHÃES.
	Am	— ALBERTO DE BRANDEBURGO, 1º Duque da PRÚSSIA.
	Al	— PIZARRO no PERU.
	Ing	— Início das lutas de caráter religioso, com duração até 1555.
	Rus Am E	— HENRIQUE VIII estabelece a Ig Anglicana.
	0	— Início do reinado de IVÀ, o Terrível, com duração até 1584.
	Eu	— JACQUES CARTIER no CANADÁ.
	Al	— Os portugueses no JAPÁO.
		— Concilio de TRENTO, renovador da Igreja Católica, com duração até 1563.
		— Paz de AUGSBURGO, através da qual se estabeleceu a liberdade de culto para os protestantes alemães.

1555	**Brasil**	**— Invasão dos franceses no Rio de Janeiro Nov. 10**
1556	Esp	— Início do reinado de FELIPE II (1598).
1558	**Ing**	— Início do reinado de ISABEL I (1603).
1559	Fr	— Início das lutas de caráter religioso, com duração até 1596. No período, salienta-se a Noite de S. BARTOLOMEU (24 ago. 1572).
	Eu Oc	— Paz de CATEAU-CAMBRÉSIS, pela qual a FRANÇA renuncia ao domínio da ITÁLIA. Significa o fim do l.° estágio da luta entre as casas da FRANCA e da ÁUSTRIA.
1565	**Brasil**	**— Fundação da Cidade do Rio de Janeiro - mar lº.**
1567	**Brasil**	**— Expulsão dos franceses do Rio de Janeiro - jan. 20**
1571	Eu Or	— Batalha naval de LEPANTO, com a vitória de FELIPE II sobre os Otomanos.
1580	**Eu Oc**	— União das coroas espanhola e portuguesa sob FELIPE II.
1588	**Eu Oc**	- Desastre da INVENCÍVEL ARMADA.
1595	**Brasil**	**— Ataque dos piratas ingleses Lancaster e Venner a Recife - mar. 29**
1598	Fr	— Edito de NANTES, que estabelece a liberdade religiosa.
1603	**Ing**	— Advento da dinastia STUART.
1607	Am	— Fundação da colônia inglesa da VIRGÍNIA.
1612	**Brasil**	**— Invasão dos franceses no Maranhão - jul. 26.**
1613	Rus	— Advento dos ROMANOV, reinantes até 1917.
1615	**Brasil**	**— Expulsão dos franceses do Maranhão.**
1616	**Brasil**	**— Fundação de Belém.**
1618	**Eu Oc**	— Inicio da Guerra dos TRINTA ANOS - de começo uma guerra civil alemã, de caráter religiosa, espraia-se pela EUROPA e acaba por colocar frente a frente, em diversos períodos: de um lado, o SIRG e a ESPANHA; do outro, DINAMARCA, SUÉCIA e FRANÇA, principalmente. Destacam-se militarmente, GUSTAVO ADOLFO (Bat de BRETEINFELD - 1631 e LUTZEN - 1632), TURENNE, CONDÉ, TILLY e WALLENSTEIN. A entrada da FRANÇA no conflito configura o início da segunda etapa das lutas entre casas da FRANÇA e da ÁUSTRIA.

1620	**Am**	— Chegada do MAY FLOWER.
1624	**Brasil**	**— Invasão holandesa da Bahia - mai 10**
1625	**Brasil**	**— Expulsão dos holandeses da Bahia - abr 30.**
1625	**Brasil**	**— Ataque frustrado de Pieter Heyn a Salvador - mar l.°**
1628	**Brasil**	**— Inicio ação dos bandeirantes no Guairá, Tape e Itatin.**
1630	**Brasil**	**— Invasão holandesa de Pernambuco - fev 15**
1630	**Brasil**	**— Queda do Recife - mar 3.**
1631	**Brasil**	**— Batalha naval dos Abrolhos; Oquendo derrota o Alm. Pater no NE - set 12.**
1639	**Brasil**	**— Conquista da AMAZÔNIA, por Pedro Teixeira - Ago 16.**
1640	**Brasil**	**— Marcha de Luiz Barbalho do Rio Grande do Norte à Bahia.**
1640	**Brasil**	**— Restauração de Portugal por separação da Espanha.**
1640	Pr	— FREDERICO-GUILHERME organiza o Estado prussiano.
1643	Fr	— INÍCIO DO REINADO DE LUIZ XIV, com duração até 1715. Destacando-se em suas numerosas campanhas militares: LOUVOIS, VAUBAN, CONDÉ e TURENNE.
1645	**Brasil**	**— Insurreição Pernambucana - jun 17.**
1645	**Brasil**	**— Batalha do Monte das Tabocas - ago 3.**
1645	**Brasil**	**— Batalha de Casa Forte - ago 10.**

45 1648	**Brasil**	
1648 1649	**Brasil Eu**	
1649 1654	**Oc Ing**	
1659	**Brasil**	—**Resistência das heroinas de Tejucopapo - abr 24.**
	Brasil Eu	—**Primeira Batalha de Guararapes - abr 18.**
1651 1653	**Oc**	—Paz de WESTFÁLIA, que põe fim a Guerra dos 30 ANOS.
1667 /68		—Início da ditadura de CROMWELL (até 1658).
1672	**Ing E O Eu**	—**Segunda Batalha dos Guararapes - fev 17.**
	Oc	—**Rendição Holandesa na Campina da Taborda - jan 14.**
1680 1682		— Tratado dos PIRINEUS, que põe fim à disputa entre FRANÇA, ESPANHA, remanescente da Guerra dos TRINTA ANOS.
1683 1685	**Eu Oc**	—ATO DE NAVEGAÇÃO (Navegation Act).
1688		—Advento da dinastia Mandchu na CHINA.
/89	**Brasil**	—Guerra da DEVOLUÇÃO (favorável à FRANÇA).
1688 /97	**Rus Eu Fr**	
1699	**Ing**	— Guerra da HOLANDA, em que os franceses derrotam uma coligação européia.
	Eu Oc	—**Fundação da Colônia do Sacramento - jan 22.**
1700	**Eu Or**	—Início do reinado de PEDRO I, o Grande (1725).
1701		—Sítio de VIENA pelos Otomanos.
	Eu Or	—Revogação do Edito de NANTES. *
		—Revolução GLORIOSA.
	Eu Oc	—Declaração de Direitos.
1709		— Guerra da LIGA DE AUGSBURGO, em que a FRANÇA derrota uma coligação européia.
1710 1711		— Tratado de CARLOVITZ, que impõe o abandono da HUNGRIA pelos Otomanos, fato este que representa o começo do recuo turco na EUROPA.
1713	**Rus**	— PEDRO I, o Grande, é vencido por CARLOS XII (rei da SUÉCIA), na Batalha de NARVA.
	Brasil	— Guerra de SUCESSÃO DA ESPANHA, em que a FRANÇA enfrenta uma coligação formada por INGLATERRA, HOLANDA e Império GERMÂNICO, principalmente. Destaca-se, sob o ponto de vista militar, JOHN CHURCHILL, Duque de MALBOROUGH (Batalha de BLEINHEIM ou HOCHSTADT - 1704).
	Brasil	
1714 1723		
1737 1739	**Eu Oc**	
1740		— Os russos vencem a CARLOS XII na batalha de POLTAVA, eliminando assim a tentativa sueca de conquista de seu território.
/48 1750		
1754 1756	**Ing Brasil**	—**Invasão do Rio de Janeiro pelo corsário francês Du Clerc.**
	Brasil	— **Invasão do Rio de Janeiro pelo corsário francês Du Guay- Trouin.**
	Brasil	— Tratado de UTRECHT, que põe fim à Guerra de SUCESSÃO da ESPANHA, com reflexos no Brasil (limite com a Guiana Francesa).
	Eu	—Advento da dinastia de HANOVER, ainda reinante.
		—**Fundação portuguesa de Montevidéu - nov.**
	Brasil	—**Fundação do Rio Grande do Sul por Silva Pais - fev 19.**
	Brasil	—**Fundação de Santa Catarina por Silva Pais**
	Eu	— Guerra de SUCESSÃO da ÁUSTRIA, salientando-se FREDERICO II, rei da PRÚSSIA.
		—**Tratado de Madrid.**
		—**Guerra Guaranitica - RS - fev 1756.**
		— Guerra dos SETE ANOS, tendo de um lado a INGLATERRA e a PRÚSSIA e, do outro, ÁUSTRIA, RÚSSIA, FRANÇA, SUÉCIA e ESPANHA. Destaque militar para FREDERICO II: Batalha de PRAGA, ROSSBACH e LEUTHEN, 1757; ZORNDOR, 1758; KUNERSDORF, 1759; TORGAU, 1760.

SEC ANO	REGIÃO	EVENTO
1762	Rus	— Início do reinado de CATARINA II, com duração até 1796.
1763	**Eu**	— Tratado de PARIS, que põe fim à Guerra dos SETE ANOS. Por ele, a INGLATERRA obtém o CANADÁ e a ÍNDIA, às expensas da FRANÇA.
1763	**Brasil**	**— Invasão do Rio Grande pelo Gen Pedro Cevallos - abr.**
1763	**Brasil**	**— Derrota espanhola em Monte Grande - RS Morte de Gomes Freire - jan l.°**
1763	**Brasil**	**— Invasão do Rio Grande pelo Gen Pedro Cevallos - abr. Conquista a vila de Rio Grande.**
1767	**Brasil**	**— Reconquista portuguesa de São José do Norte - jun 5.**
1772	Eu Or	— Primeira partilha da POLÔNIA em favor da Rússia, Prússia e Áustria.
1773	**Am**	— Primeiras divergências de colonos americanos com a Inglaterra das quais resultou a Declaração de Direitos de Filadélfia.
/74 1774	**Brasil**	**— Invasão do Rio Grande do Sul pela campanha, pelo governador de Buenos Aires, Gen Vertiz y Salcedo, natural do México e que seria batido em Santa Bárbara - 74 jan 2 e Tabatingai - 74 jan 10. Na altura de Bagé fundou a Fortaleza de Santa Tecla.**
1775	**Brasil**	**— Expulsão dos espanhóis do fortim de São Martinho-RS - out.**
1775	**Brasil**	**— Fundação do Forte de Coimbra no Rio Paraguai.**
1776	**Brasil**	**— Expulsão dos espanhóis da Vila de Rio Grande pelo Exército do Sul ao comando do Tenente General Henrique Boehn, após bem sucedido assalto de surpresa a partir de São José do Norte, através do sangradouro da Lagoa do Patos-abr 1°**
1776	**Brasil**	**— Expulsão poucos dias antes dos espanhóis da fortaleza de Santa Tecla por tropas ao comando do guerrilheiro rio- grandense Maj Rafael Pinto Bandeira.**
1776	**Brasil**	**— Fundação do Forte Príncipe da Beira - Rondônia.**
1776	**Am**	— Declaração da Independência dos EUA.
1776	**Am**	— Guerra de INDEPENDÊNCIA dos EUA. Nela, os colonos foram auxiliados por várias nações, a FRANÇA em especial, Batalhas de SARATOGA (1777) e YORKTOWN (1781).
1777	**Brasil**	**— Invasão da Ilha de Santa Catarina pelo Vice-Rei do Rio da Prata com poderosa expedição armada em Cadiz - fev.**
1777	**Brasil**	**— Conquista e arrasamento da Colônia de Sacramento pelo Vice-Rei Pedro Cevallos.**
1777	**Brasil**	**— Tratado de Santo Ildefonso - out l.° Portugal perde definiti- vamente a Colônia de Sacramento e mais os Sete Povos das Missões. É devolvida a Ilha de Santa Catarina.**
1777	**Brasil**	**— Conquista espanhola da Fortaleza N. S. dos Prazeres do Itaguatemi ao sul de Mato Grosso - out 27.**
1777	**Brasil**	**— Devolução da Ilha de Santa Catarina a Portugal e fundação portuguesa de Corumbá, Ladário e Cáceres.**
1783	**Am**	— Tratado de PARIS, através do qual a INGLATERRA reconheceu a Independência dos EUA.
1787	Am	— Constituição dos EUA.
1789	Fr	— Revolução Francesa.

Ao lado da cronologia acima, com esforço em efemérides da História Militar da Humanidade, constam diversos eventos relativos a História Militar do Brasil.

Eles facilitarão o estudo comparativo que se impõe da evolução da Doutrina Militar Brasileira, dentro do contexto da Militar Mundial. Pois, um estudo isolado da evolução de nossa doutrina não conduzirá à conclusões úteis que precisem ao chefe, ao pensador e ao estudante militar brasileiro, o verdadeiro sentido dessa evolução, particularmente no tocante à influências recebidas.

Na Idade Moderna, o Brasil lutou inicialmente com os franceses no Rio de Janeiro, nos moldes da Doutrina Militar de Portugal. Depois com franceses e ingleses no Norte e com holandeses no Nordeste, basicamente apoiado na Doutrina Militar de Espanha, entre nós vigorante com a União das Coroas Ibéricas de 1580-1640. A seguir lutaria com os espanhóis no Sul, de 1680-1777, com apoio nas doutrinas militares de Portugal e da Inglaterra sua aliada. Estão aí, pois, as principais influências recebidas. Resta pesquisar o que nossas condições e características cooperaram para dar uma contribuição brasileira àquelas influências. Por exemplo: quando da primeira batalha do Guararapes a Doutrina Militar Espanhola, por nós seguida, já estava em decadência na Europa. Que contribuição ou acréscimo foi dado no Brasil àquela doutrina para que ela aqui fosse vitoriosa? Seria a tática de Emboscadas?

CONVENÇÕES

Al.....ALEMANHA
Am.....AMÉRICA
Br.....BRASIL
Esp.....ESPANHA
Eu Or.....EUROPA ORIENTAL
Pr.....PRÚSSIA
Rus.....RÚSSIA

DOUTRINA MILITAR DOS SÉCULOS XVI E XVII

1 - GENERALIDADES

O Sec XVI marca o início do período conhecido na História Geral como o da IDADE MODERNA que se estende até a Revolução Francesa, na segunda metade do Sec XVIII. Sob o ponto de vista militar esse período pode ser dividido em fases, que serão apreciadas, posteriormente.

Quanto ao aspecto político-social, no Sec XVI acentuou-se o fenômeno de orientação que fez surgir novamente a idéia de Estado e de unidade nacional, ressurreição que se intensifica no Sec XVII. Uma consciência coletiva se unifica em tôrno de um poder, representado pelo soberano que por contingências próprias da época se transforma em senhor absoluto.

Com o absolutismo as guerras da Idade Moderna vão ser guerras de reis. Sendo guerras de reis, que as fazem com pequenos exércitos, frequentemente com alta proporção de mercenários, não interessam a massa dos súditos. A nação viverá fora da guerra. Como consequência do fenômeno político-social aperfeiçoaram-se as instituições militares em apoio às pretensões dos soberanos.

No Sec XVI havia ainda lutas de região a região, isto é, lutas que se podem considerar ainda de feudo a feudo, lutas de unificação e lutas de religião.

Mas no Sec XVII e seguintes, por toda a EUROPA, a exceção da ITÁLIA, onde continuam as lutas de unificação, notam-se lutas eternas de predomínio, fruto do absolutismo que se impunha.

Com o correr do tempo as nações procuram melhor se organizar militarmente e, apresentando-se mais fortes, passam a procurar a supremacia na EUROPA, dominando as nações mais fracas.

2 - PROGRESSOS DO ARMAMENTO

Foram, sem dúvida, as armas de fogo, um fator de capital importância na nova fisionomia das guerras, se bem que o progresso verificado tenha sido lento. Quanto às armas de longo alcance, os canhões começaram a ser temidos pelo adversário, devido aos seus efeitos. As antigas bombardas e depois as colubrinas foram aperfeiçoadas. Os canhões passaram a ser feitos de bronze, desaparecendo o perigo de arrebentamento. O projétil de pedra foi substituído pelo de ferro maciço. Dotado de munhões, o canhão podia ser colocado numa carreta reparo, que lhe deu melhor mobilidade e possibilidade de pontaria. Todavia, o peso excessivo da maior parte dos canhões de campanha, exigindo grande número de animais de tiro para tracioná-los, vai obrigá-los a ficar durante os encontros, nas posições em que foram postos inicialmente.

Quanto às armas portáteis, o aperfeiçoamento da colubrina de mão deu lugar ao ARCABUZ, pesado ainda, exigindo uma forquilha para o apoio durante o tiro e seu alcance não ultrapassando 100 metros. O disparo era feito por meio de uma mecha que acesa, comunicava o fogo ao polvarim da caçuleta e este à carga de pólvora. Aperfeiçoamentos no sistema de disparo dão lugar ao surgimento do arcabuz com rodete e posteriormente ao arcabuz de serpentina.

Com novos aperfeiçoamentos inventou-se na ESPANHA, no Sec XVI o MOSQUETE, espécie de arcabuz com o cano mais comprido e com uma coronha recurvada, ao vez de reta, e que, permitiria melhor apoio. Apareceram também, no Sec XVI as primeiras PISTOLAS, por uma redução do mosquete. O aperfeiçoamento sempre crescente, deu origem, no Sec XVII ao FUZIL que tinha entre outras a vantagem de apresentar um cão descoberto que batia em uma pedra de silex, produzindo a inflamação da escorva. Os novos fuzis passaram a ser conhecidos como fuzil de silex ou de perdeneira, arma mais leve e mais maneável, dispensando a forquilha e que devido ao carregamento, também, apresentou maior velocidade de tiro (1 a 2 tiros por minuto).

- No Sec XVII, também, apareceu o CARTUCHO completo; com esse invento, bala e carga foram reunidos em um cartucho de papel o que facilitou muito o carregamento.

Ao lado dessas armas de fogo, cujo constante aperfeiçoamento foi lento, continuaram existindo as armas de choque: pique, alabarda e partazana. Essas armas de choque com o correr do tempo vão diminuindo de tamanho e de proporções no uso pelas tropas até o seu completo desaparecimento e o surgimento em seu lugar da BAIONETA. As primeiras baionetas eram de madeira reforçadas com ferro que introduzidas na boca do fuzil o transformava em arma de choque, mas com o inconveniente de a arma não poder atirar. No fim do Sec XVII, VAUBAN inventou a baioneta de alvado que permitiria fazer do fuzil arma de fogo e choque, provocando o completo desaparecimento do pique.

3 - ORGANIZAÇÕES E FORMAÇÕES

3.1 - INFANTARIA

Em determinadas ocasiões, não foi muito forte o espírito militar da Infantaria, arma onde os elementos da nobreza tinham escrúpulos em servir, mesmo nas funções de graduados e oficiais. Os mercenários constituíam o elemento básico das forças de uma nação. O armamento do infante do Sec XVI era o pique, a alabarda e a partazana e mais tarde o arcabuz que já surgia no campo de batalha. Foi o começo da mistura das armas de fogo com as armas brancas. Neste período de transição os infantes grupados em bandas atuavam emassados a exemplo das antigas falanges gregas, com dez ou doze fileiras de profundidade formando enormes quadrados como os dos LANSQUENETES suíços. As bandas passaram a possuir arcabuzeiros que combatiam em grupos isolados como atiradores à frente ou nas alas, ou entravam na constituição das linhas formando a primeira ou segunda fileira; as demais eram formadas por piqueiros, alabardeiros ou partazaneiros. Essa massa de infantaria era pouco móvel e imprópria às evoluções no campo de batalha.

No início da supremacia militar espanhola no continente europeu (batalha de Pavia, 1541) os arcabuzeiros apresentaram-se mais eficazes desde que haviam surgido. As

lições dessa batalha recolocaram a Infantaria na posição de relevo perdida muito antes e deram-lhe nova organização. Surgiu então o célebre "TÊRÇO" espanhol, em que os arcabuzeiros e depois mosqueteiros se dispuseram em pequenos quadrados flanqueantes nos vértices do grande quadrado de piqueiros. Comandava o têrço, o mestre-de-campo, auxiliado por um sargefito-mor.

Na luta contra os espanhóis, o holandês PRÍNCIPE DE NASSAU (1567 a 1625) renovou a tática da Infantaria. Se bem que conduzindo a guerra defensiva contra os espanhóis, o capitão holandês, não só acabou com o uso dos quadrados, mas concebeu e empregou uma ordem de batalha ofensiva e vigorosa. NASSAU aliviou muito suas unidades básicas de Infantaria, fazendo com que na companhia entrasse igual proporção de mosqueteiros e piqueiros. Criou, ainda, como unidade tática fundamental o BATALHÃO, com 500 homens (300 piqueiros e 200 mosqueteiros); para o combate empregou o batalhão duplo. Para o fogo, o batalhão era disposto em 10 fileiras de profundidade com os mosqueteiros formando duas alas enquadrando os piqueiros O mosqueteiro que descarregava sua arma vinha se colocar na retaguarda de sua fila e esperava que seus nove companheiros fizessem fogo sobre o inimigo, para novamente atirar. Nesse dispositivo a continuidade do fogo podia ser mantida.

Com o decorrer do tempo o número de fileiras de mosqueteiros foi decrescendo de acordo com a diminuição do tempo que o mosquete necessitava para ser carregado. Para o assalto, os mosqueteiros enfileiravam-se atrás dos piqueiros; estes abordavam o inimigo já abalados pelo fogo; os mosqueteiros os acompanhavam e protegiam os flancos. Ao conjunto dos 4 batalhões duplos dispostos em 3 linhas foi dado o nome de BRIGADA.

Comparando-se a infantaria nassoviana com a espanhola, vê-se que Nassau podia obter a continuidade de fogo, mesmo no combate aproximado. Além disso, o mosquete era arma de maior poder de fogo que o arcabuz. Contudo, a arma principal era, ainda, a arma branca e pelo choque eram ganhas as batalhas. Mesmo com os ensinamentos de NASSAU, a Infantaria ainda não tinha um poder ofensivo absoluto; apresentava-se em formações compactas, pouco manobreira, incapaz de fracionar-se para evoluções. Estas duas doutrinas confrontaram-se nas batalhas dos GUARARAPES.

3.2 - ARTILHARIA

Neste período a Artilharia passou a ser consideravelmente reforçada nos exércitos. As antigas bombardas, cederam lugar às colubrinas. Entretanto não tinha, ainda, senão um papel acessório, pois era pesada e pouco móvel. Só era empregada plenamente na guerra de sítio.

A Artilharia apresentava ao principio do século XVII uma característica curiosa, a de empresa industrial, quase civil. Os oficiais de artilharia não faziam parte do exército e o pessoal era recrutado entre trabalhadores civis, segundo as necessidades.

3.3 - ENGENHARIA

É com PRÍNCIPE DE NASSAU que vamos encontrar pela primeira vez os engenheiros e sapadores com lugar de destaque na organização dos exércitos. Antes os espanhóis já empregavam os sapadores, porém como tropa auxiliar.

3.4 - CAVALARIA

A cavalaria contemporânea dos célebres quadrados suíços era ainda pesada, com seus homens protegidos por armaduras, completas e armados de lanças pesada e comprida, espada, acha e massa d'arma. Combatia pelo choque. Posteriormente, com os espanhóis, a cavalaria foi dotada de arcabuz e organizada em esquadrões. Era, em princípio, colocada nas alas da formação da tropa de combate, ficando a infantaria no centro, como na antiguidade.

Antes de NASSAU, a Cavalaria carregava em formações de 10 ou 15 fileiras de profundidade e já atuava pelo fogo. Quando o inimigo ficava abalado os cavalarianos o carregavam a galope de espada. NASSAU criou esquadrões de 200 cavalarianos, formando em cinco fileiras e atuando pelo fogo e pelo choque. A Cavalaria já então

dotada de mosquete e pistola, tornou-se mais rápida. Abandonou-se as pesadas armaduras adotando o cavalariano o capacete e simples armadura leve. Graças a rapidez que conquistou, podia atuar muitas vezes em grupos separados não se arriscando senão alguns instantes necessários à carga. A arte do sucesso era guardar os últimos esquadrões disponíveis para lançá-los no flanco do inimigo e transformar a ameaça em vitória e perseguição.

4- PROCESSOS DE COMBATE

Não só entre os espanhóis, mas também entre os demais povos não havia, no Sec XVI, como princípio, a procura da destruição do adversário pela batalha. Os exércitos davam mais importância à conquista de uma cidade ou de uma praça forte pelo cerco. Nesse meio tempo, os assediados procuravam, através de marchas e contra-marchas, ameaçar as vias de transporte dos assediantes. Uma vez logrado esse objetivo, ficava o sítio comprometido, indo, então, o sitiante investir outra cidade ou praça forte, ou se retirava definitivamente, encerrando a campanha. Além disso, a numerosa impedimenta dos exércitos não lhes permitia manobrar com facilidade. E, uma vez obrigados a travar a batalha, cada um dos adversários preocupava-se mais em proteger os seus próprios trens, em prejuízo do ato capital.

Atendendo à contingências deste tipo de guerra, a arte da fortificação teve grande desenvolvimento, surgindo então o traçado com a proteção mútua do flanco e da frente.

O objetivo principal dos arquitetos militares era obter a maior proteção combinada com a maior potência de fogo defensivo. Os exércitos, quando se defrontavam em campo aberto, o que raro acontecia, eram lentos e levavam muito tempo para tomar seu dispositivo.

A batalha continua sendo realizada por consentimento mútuo dos adversários. Já em pleno Sec XVII, os exércitos continuavam combatendo com os mesmos processos dos romanos e agindo sempre com as mesmas formações, compactas e sem flexibilidade.

O infante, tal como hoje possuímos, combatendo com arma de fogo e arma branca, ainda não era conhecido, isso viria mais tarde, e, a cavalaria decai de importância.

Desde que o fogo começa a predominar no campo de batalha e o tiro de artilharia vai aumentando de eficácia, uma transformação se vai operando no campo de defesa. A artilharia progride, é certo, nos ataques às praças fortes, mas seu emprego em rasa campanha continua sendo de pouca monta.

DOUTRINA MILITAR DE GUSTAVO ADOLFO

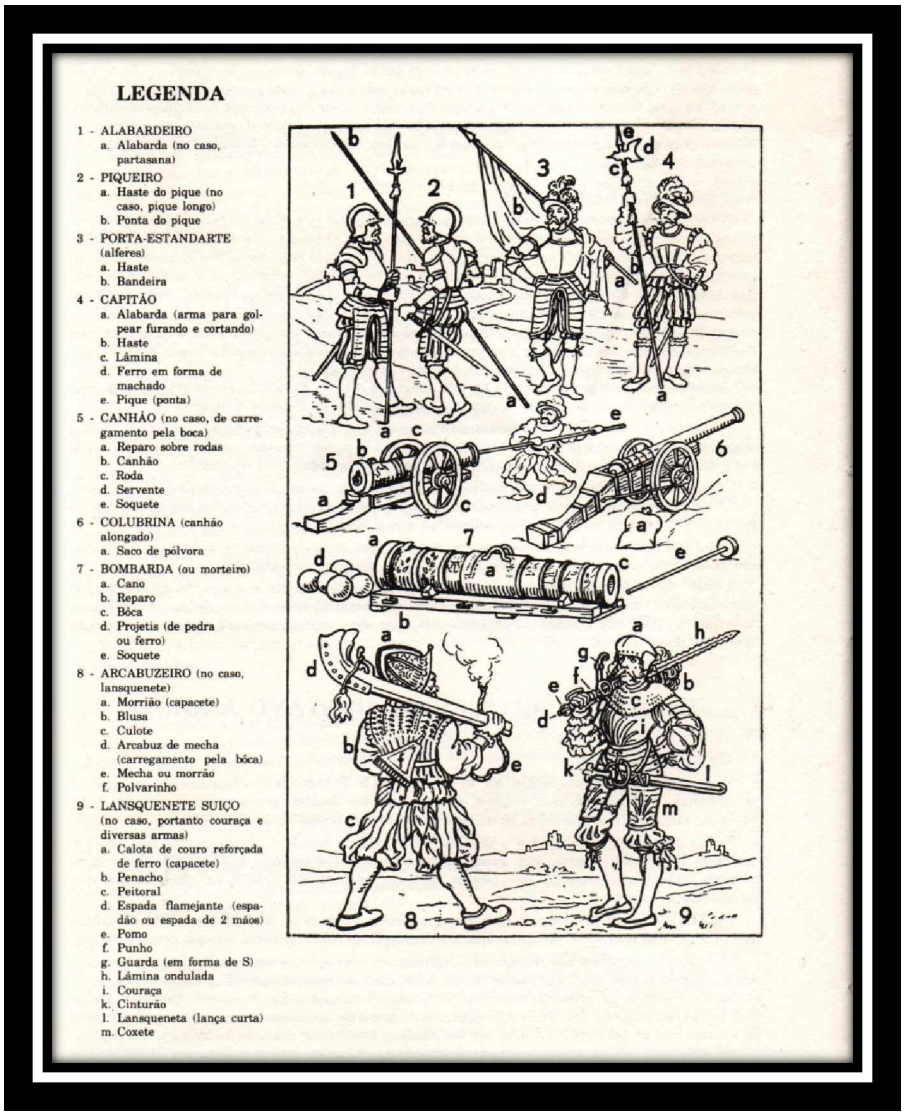
1 - GENERALIDADES

Esse grande rei sueco subiu ao trono em 1611. Dotado de brilhante cultura geral e profissional distinguiu-se pela notável elevação do seu caráter, por um incisivo exemplo de modo de vida cristã e sobretudo pelas inovações desenvolvidas no campo militar.

Tendo guerreado a RÚSSIA e a DINAMARCA, fechou àquela o acesso ao mar BÁLTICO e contra a POLÔNIA operou, por vezes, vitoriosamente. Guerreando a ÁUSTRIA foi sempre bafejado pela vitória mesmo na célebre batalha de LUTZEN (1632) na qual morreu dos ferimentos recebidos.

GUSTAVO ADOLFO teve, no seu tempo, o melhor exército da EUROPA e tal foi a conduta que deu às suas operações militares que fez ressurgir do obscurantismo em que caíra, a tática.

Se bem que houvesse nos chefes que surgiram por essa época o espírito de ofensiva, contudo, dada a instabilidade das situações políticas, a escassez de recursos, as dificuldades de cobrir os claros do exército, as crises financeiras, tudo isso os induzia a não travarem batalhas. Estas são, talvez, as razões pelas quais não puderam os generais dessa época empregar seus exércitos de acordo com os princípios da arte militar. Toda a habilidade deles se manifestou em limitar ao mínimo possível, as funestas consequências desta atitude a que se sujeitaram TURENNE e CONDÉ e de que em parte conseguiu eximir-se GUSTAVO ADOLFO.



2 - ORGANIZAÇÕES E FORMAÇÕES

2.1 - INFANTARIA

A Infantaria sueca adotou o mosquete de roda. Esse aperfeiçoamento permitiu que fosse aliviada a arma pela supressão da forquilha. Por outro lado GUSTAVO ADOLFO introduziu o cartucho que reúne a carga e a bala num mesmo invólucro de papel. Daí resultou um ganho considerável de tempo para o mosqueteiro, liberado que foi de colocar separadamente a pólvora e a bala tirando-as de recipientes separados. Assim o novo mosqueteiro passou a atirar três vezes mais rápido que o antigo. Disso resultou: a redução do número de atiradores em profundidade (6 fileiras em lugar de 10), com possibilidade de, para um mesmo objetivo, aumentar a frente, mantendo a mesma densidade de fogo; menor vulnerabilidade; redução do número de piqueiros; (a Infantaria

sueca compreendia 2 (dois) mosqueteiros para um piqueiro.

Com esse acréscimo de Infantaria armada de mosquete, pode GUSTAVO ADOLFO introduzir modificações na tática.

O sistema de falange até então usado (unidades maciças, blocos compactos de dez a doze fileiras), foi abolido e ele adotou o sistema de legião romana - ordem delgada - longas linhas flexíveis, isto é, formações menos profundas, com seis e até três fileiras.

Adotou também GUSTAVO ADOLFO o emprego criterioso da reserva, alimentando, sem cessar, a linha de frente.

A Infantaria sueca se notabilizou, assim, entre as demais do seu tempo na EUROPA. Era sólida, disciplinada e enérgica, e foi a primeira a agir realmente pela ação do fogo.

2.2 - CAVALARIA

Na Cavalaria, GUSTAVO ADOLFO, introduziu acentuados melhoramentos, quanto à articulação das formações, à simplificação das evoluções e à maneira habitual de combater. Consideravelmente mais leve, a Cavalaria atuava pelo fogo e pelo choque; o cavalariano sueco usava armadura mais simples, pistola e sabre em lugar da espada. Na batalha, ela era disposta nas alas, formada em três fileiras, ficando nesta formação menos vulnerável ao fogo que os esquadrões adversos, então ainda dispostos em colunas profundas. Para apoiar sua cavalaria, GUSTAVO ADOLFO agregou os infantes ligeiros, denominados "mosqueteiros montados" A Cavalaria passou a atuar também pelo fogo, carregando contra o adversário ao galope e formações apropriadas, fazendo uso de suas pistolas e empunhando a arma branca apenas contra o inimigo já em desordem.

2.3 - ARTILHARIA

A organização que lhe deu GUSTAVO ADOLFO o credencia como o precursor da artilharia de acompanhamento e o primeiro solucionador do problema da ligação Infantaria-Artilharia. Além da artilharia pesada (artilharia do exército) GUSTAVO ADOLFO criou a artilharia do regimento, junto à infantaria. No que respeita ao material, tendo em vista a mobilidade, foi adotado pelo rei sueco, como tipo padrão de sua artilharia de campanha a peça de 4 libras. Tal material era transportado em um reparo de rodas grandes e puxado por dois cavalos o que lhe permitia passar por todos os lugares e acompanhar a tropa a que pertencesse. A Artilharia, sofre assim, acentuadas transformações no material. É aligeirada, uniformizada e tem diminuído o seu calibre, embora continue com o alcance reduzido.

Face à essas transformações a Artilharia sueca era organizada em: grossa artilharia (para a guerra de sítio); artilharia de campanha (grupada no combate em bateria, como a atual artilharia divisionária); e artilharia ligeira (marchando e combatendo junto com a infantaria).

3 - PROCESSO DE COMBATE

Dentro do quadro geral da época, caracterizado pela lentidão nas operações, os suecos agem com rapidez, atacando sempre o adversário antes que ele fosse capaz de se reorganizar.

Em contraposição às formações maciças e pesadas, GUSTAVO ADOLFO apresentou uma ordem flexível apoiada na legião romana. Nenhum batalhão podia, além disso, contar mais de 800 homens. Os regimentos, fracionados em batalhões, continham intervalos suficientes para executar as conversões, formar em coluna e se deslocar em linha. Um corpo de elite formava a reserva. Todavia o aniquilamento do adversário nem sempre foi o seu objetivo.

Dentro do espírito da época, lançou-se GUSTAVO ADOLFO, no início de suas campanhas, ao assédio das praças fortes. Posteriormente, já não respeitou a tradicional trégua de inverno, aspirando à destruição das forças inimigas à base da mobilidade e da ação enérgica, revelando- se, então, como precursor de NAPOLEÂO.

Entre outros ensinamentos, já citados, GUSTAVO ADOLFO deixou:

- a combinação das três armas; o emprego da Cavalaria no reconhecimento e no contra reconhecimento; a idéia da repartição dos meios em duas linhas e reserva; *ó* emprego do reconhecimento e da perseguição tal como se faria ainda em dias contemporâneos.

Além de ter aumentado a mobilidade do seu exército, pelo aligeiramento dos trens e a imposição de severa disciplina, o rei sueco tinha seus homens sempre à mão, em evidente contraste com o que então, via de regra, ocorria nos campos de batalha.

DOUTRINA MILITAR DO SEC XVIII

1 - GENERALIDADES

Ao terminar o século XVII a guerra apresentava ainda um aspecto caracteristicamente lento, pesado, compassado e extremamente metódico.

As operações gravitavam em tomo de sítios de praças fortes e os exércitos preocupavam-se em aperfeiçoar engenhos e máquinas de assédio, descurando-se do progresso e do aperfeiçoamento dos processos de combate que não fossem intimamente relacionados com as investidas às praças fortes e com as guerras de sítio.

Neste cenário nada promissor para a arte da guerra surgiu, entretanto no Sec XVII, como vimos, a inteligência de GUSTAVO ADOLFO e a capacidade de TURENNE e CONDÉ.

No decorrer de todo o século XVIII dois sistemas defrontaram-se constantemente - a **Ordem Linear** e a **Ordem Profunda** - um baseado na potência de fogo, outro no poder do choque. Fogo e choque, em última análise eram a mesma coisa, relativamente a material - a arma de fogo num caso e a arma branca no outro.

Um novo elemento que ambos os sistemas[1] negligenciavam, o Movimento, proporcionaria, entretanto, a Manobra que, no final do século se desenvolverá com satisfação dos adeptos e defensores dos dois sistemas.

Basta lembrar que o século XVIII, entre outras coisas assistiu a completa substituição da arma de choque da Infantaria, (o pique) pela arma de fogo (o mosquete e o fuzil), a adoção do princípio divisionário (funcionamento das grandes massas para maior facilidade de operações), a criação dos exércitos nacionais (em substituição dos mercenários).

O século XVIII apresenta-se pois, cheio de interesse ao estudo da História Militar; a análise dos acontecimentos verificados, no seu decorrer, permite aceitar ou considerar a fase anterior do século, a que precede 1789, ou seja, a que precede o advento da Revolução Francesa, como preparatória dos sucessos dos períodos revolucionário e napoleônico.

Além do que, neste século, surge no cenário militar a figura de FREDERICO, o Grande.

Para melhor compreensão do entrosamento das ocorrências passadas aos fatos verificados e situados entre 1700 e 1789 e aos sucessos que os seguirão, será de grande conveniência que seja examinado:

- como processou-se a evolução do armamento e quais foram as consequências nos processos de combate das diferentes Armas.
- como a evolução dos processos de combate das diferentes Armas influiu no

emprego das Armas em ligação, e, mais particularmente, na forma da batalha

- como os processos da tática influíram na conduta das operações.

2 - INSTITUIÇÕES

Como no final do século anterior, o exército seguiu sendo o instrumento do monarca governante e não a expressão nacional, constituía pesado encargo para a nação e para o povo, de difícil manutenção e substituição, principalmente tratando-se de tropas instruídas, treinadas e eficientes.

O recrutamento mercenário com seus graves inconvenientes de ordem moral prevaleceu ainda por quase todo o decorrer do século; apenas a fase de FREDERICO II da PRÚSSIA (metade do século) mostrou um sentido de transição para o aspecto mais patriótico e nacional.

Praticamente, até a chegada do período revolucionário, a formação das massas combatente era ainda à base do soldado mercenário, de origem ou procedência variada.

De inicio, a cavalaria - Arma de Choque - foi ainda o elemento da decisão no campo de batalha; a infantaria - a Arma do Fogo - ganhou, pouco a pouco, a importância e terminou o século como o elemento primordial no combate; a artilharia, desempenhando apenas papel secundário, teve, pelo emprego e participação crescente na batalha, o seu valor consideravelmente aumentado.

A constituição dos exércitos mostrou, desde o início do Sec XVIII, uma tendência para a organização e a uniformidade; de irregulares e confusos, gradativamente, passaram a melhorar e mais adequadas organizações indicando uma orientação que, mais adiante, começaria a evidenciar progresso e evolução.

Dessa transformação, de onde sairia o verdadeiro exército moderno francês de LUIZ XIV, o essencial foi a substituição dos exércitos improvisados e temporários (os primeiros exércitos permanentes não haviam conseguido subsistir) por exércitos permanentes e regulares.

3 - RECRUTAMENTO

O recrutamento baseava-se, como anteriormente, na incorporação e no alistamento do contingentes estrangeiros e no recurso das milícias.

Em 1726 as milícias foram organizadas em "regimentos" permanentes.

Era fixado em oito anos o tempo previsto para engajamento voluntário no serviço na. milícias e, devido a isso, o exército, na FRANÇA, passou a apresentar maior solidez na sua organização.

Na PRÚSSIA, em 1740, o recrutamento tinha por base o levantamento de massas nacionais e o alistamento de voluntários estrangeiros, inclusão forçada de desertores e prisioneiros de guerra, processo que deu muito bons resultados; na SILESIA, o efetivo prussiano foi aumentado em cerca de 45.000 combatentes, graças à inclusão de prisioneiros de guerra. Quanto a oficiais coronéis e capitães - ainda se constituíam em verdadeiros donos das unidades.

4 - ARMAMENTO E EQUIPAMENTO

O armamento, no decorrer do século XVIII, mostrou aperfeiçoamentos tão importantes que uma nova noção, pouco a pouco, foi se impondo até revolucionar a arte da guerra - o fogo com elemento preponderante no combate. Do século anterior, a infantaria trazia o pique, a espada o mosquete e protegia-se com capacetes, couraças, braçais e perneiras; o século XVIII iniciou pela adoção mais generalizada do fuzil de pederneira e assinalar-se-ia pelos seus contínuos aperfeiçoamentos. Da antiga proporção de 1 piqueiro para 5 mosqueteiros, passou-se à completa adoção de mosquetes e fuzis, ainda mesmo ao começar o século, chegando-se ao final com toda n infantaria armada de

fuzil com baioneta. As principais vantagens que o fuzil apresentava sobre o mosquete, eram o menor peso, maior precisão e maior velocidade de tiro 1 e 2 por minuto Muito mais maneável que o mosquete, apresentava, no entanto, as mesmas servidões que muito prejudicavam seu rendimento, particularmente no que diz respeito à precisão - devido ao projétil esférico, à carga da pólvora, à fumaça, ao alcance e ao recuo. O alcance eficaz, cerca de 200 m era ainda bem modesto, a forma do projétil e a alma lisa da arma os principais fatores do problema da precisão; em consequência da carga da pólvora, o recuo era tão violento que não havia tiro em que não se visse homens com o nariz avariado, a boca e a face sangrarem e os ombros mais ou menos contundidos. A fumaça era tão abundante que após um fogo de alguns minutos o horizonte do atirador estava encoberto. Com um calibre de 17,5 mm, tinha o fuzil a vantagem de receber uma baioneta por um alvado, permitindo o tiro livre; em todo o transcorrer do século XVIII, essa arma passou por contínuo aperfeiçoamento, entretanto, chega às guerras napoleônicas ainda com a alma lisa e com a velocidade de tiro e o alcance pouco melhorados. Apesar disso, foi a arma que apresentou no combate um novo tipo de combatente - o antigo fuzileiro capaz de atuar pelo fogo e pelo choque.

Quanto à artilharia, o primeiro progresso importante foi realizado por VALLIÉRE, em 1732, que simplificou a enorme variedade de modelos e calibre, reduzindo, em cada calibre, todos os tipos num só destinado tanto à guerra de campanha como de sítio. Entretanto, o material ainda se revelava demasiadamente pesado para a campanha, o que levou GRIBEAUVAL, em 1770, a separar com cuidado, a artilharia de campanha da de sítio, fortaleza e costa. No que se referia à de campanha procurou rapidez do tiro, precisão e mobilidade; compreendia canhões e obuseiros cujas características seguem:

Canhões de 4,8 e 12 libras com alcances entre 400 e 900 m, variando o projétil; e Obuseiro de 6 polegadas com alcance de 400 e 600 m;

Eram usadas três espécies de projéteis:

a bala esférica cujo efeito era o choque e podia alcançar no seu ponto de chegada todos os homens de uma mesma fila, em geral, três; a caixa-metralha ou lanterneta. e invólucro cilíndrico contendo balas de ferro de espessura variável, projétil mortífero por excelência nas distâncias curtas; o obús, bala que estilhaça sob a ação duma carga interior inflamada por um artifício muito simples ao qual uma mecha põe fogo; acumula os efeitos da bala e da lanterneta e possui grande poder incendiário.

A velocidade do tiro variava entre 1 tiro por minuto para os calibres 8, 12 e 3 tiros por minuto para o calibre 4. A mobilidade resultava da diminuição dos pesos, encurtamento dos tubos e, principalmente, pelo progresso do sistema de suspensão e de tração. Na estrada esse material rodava tão bem quanto o 75 hipo de nossos dias; através do campo, devido ao sistema na ligação peça "avant train", era mais lento.

Estava, pois, criada uma artilharia de campanha móvel, atuando rapidamente, que permitiria estabelecer a colaboração e a coordenação dos efeitos da infantaria com os da artilharia. Quanto às necessidades, avalia-se 4 peças para cada 1.000 combatentes.

5 - ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÕES

Apenas duas Armas - Cavalaria e Infantaria - apresentavam-se com organizações próprias, desde o começo do século XVIII.

Essa organização prosseguiu durante certo tempo sob as mesmas normas do tempo anterior, havendo, no entanto, grande preocupação quanto a idéia da uniformização das unidades, bem como anular o sentimento de propriedade que os comandantes tinham de seus regimentos e companhias.

S˜cavalaria ainda foi até a metade do século, a Arma da decisão; apresentava organização própria; com a adoção do princípio divisionário, dispersou-se pelas organizações dos exércitos, voltando novamente ao emprego em grandes massas com o

advento das guerras do Império, sob NAPOLEÃO. Os regimentos de cavalaria, em geral 400 a 600 homens, apresentavam número variável de companhias - 6 a 12; o esquadrão era uma formação de combate, a unidade tática, posteriormente passou a ser elemento básico das organizações; 4 ou 5 esquadrões formavam o regimento. Entre os combatentes da cavalaria, alinhavam-se, em diferentes épocas os dragões que também combatiam a pé, os hussardos - cavalaria ligeira, os couraceiros - cavalaria pesada e os "gendarmes" - cavalaria de escolta. A cavalaria carregava ao trote e a galope, em linhas ou colunas de esquadrões.

A infantaria veio do século XVII com duas espécies de combatentes - o infante pesado, com arma branca, o pique e o infante ligeiro, com arma de fogo, o mosquete. Com a substituição definitiva do pique pelo mosquete e mais tarde a adoção do fuzil, modificou-se a organização a base exclusiva de atiradores. Os regimentos de infantaria apresentavam na sua constituição entre 12 e 13 companhias, cada uma com um efetivo entre 30 e 120 homens. As companhias de granadeiros eram formadas por atiradores escolhidos, combatente a mais selecionados e compunham também a organização dos regimentos e batalhões - uma companhia por regimento ou batalhão - ou mesmo, formavam batalhões de granadeiros. O batalhão, 1.800 homens, era, como o esquadrão, uma formação de combate; constituía a unidade básica orgânica e compreendia de 4 a 9 companhias a 2 pelotões e 1 companhia de granadeiros; em determinadas oportunidades 2 batalhões formavam 1 regimento. Desde que a importância do fogo passou a preponderar, as formações da infantaria visavam favorecer a maior potência de fogo; extensas linhas de atiradores passaram logo a caracterizar as formações de batalha, transformando, em consequência, as formações profundas anteriores numa apresentação em ordem linear. A maior rapidez do tiro, progressivamente provocava a diminuição da profundidade de 6 para 3 fileiras de atiradores com fuzil, possibilitando maiores frentes, inicialmente contínuas e sem intervalos.

A apresentação das tropas era pouco flexível, pouco manobreira, pois a tomada do dispositivo para a batalha era uma operação longa e laboriosa, sem evoluções cômodas para a passagem das formações de marcha para as de combate. As cargas de cavalaria contra essas formações, mesmo menos profundas, enfrentavam, no entanto, as mesmas dificuldades, pois as 3 fileiras de atiradores já podiam realizar a continuidade de fogo em todo o transcurso do ataque. Defensivamente, a infantaria também apresentava o "quadrado" para repelir as cargas da cavalaria, realizando fogo mais intenso e eficaz.

Em 1778, a infantaria deslocava-se em coluna dupla e atirava em linha-formações em linha de 3 fileiras; desenvolvia-se o batalhão numa frente de 200 metros.

A ordem de batalha, geralmente, comportava duas linhas de batalhões em três fileiras enquadradas nas alas por cavalaria; a primeira linha do dispositivo tinha efetivo maior duas vezes que o da segunda. Os batalhões de granadeiros, por muitas vezes, se dispunham nos espaços entre as duas primeiras linhas.

A maior segurança no manuseio que, em seguida, passaram a apresentar as armas de fogo, favoreceu o tiro, sem intervalos as formações ombro a ombro - as duas últimas fileiras atirando em pé, por cima da primeira fileira ajoelhada. Por outro lado a melhoria em alcance, embora pequena, possibilitava a melhor continuidade de fogo. Todas essas razões foram até o fim do século, concorrendo para o combate apresentar-se em ritmo mais acelerado e oneroso.

O assalto final exigiria, entretanto, uma formação diferente da linear, pois o choque e o esforço necessitavam coesão, sucessão e continuidade para melhores resultados. Assim, as facilidades que as linhas de atiradores mostravam na realização dos fogos, contrariavam, até certo ponto, as conveniências do assalto.

A artilharia era colocada, seja antes da primeira linha "canhões de batalhões", seja sobre alturas próximas "canhões de posição". No transcurso de seu grande

aperfeiçoamento como vimos, a artilharia separou a artilharia de campanha da de sítio, de fortaleza e de costa. Por certo tempo, ainda compreendia apenas "quadros", sendo o pessoal necessário ao serviço nas peças provenientes da infantaria.

GRIBEAUVAL, na FRANÇA, organizou os regimentos de Artilharia em 20 companhias a oito peças; desse modo passou a existir uma artilharia em unidades definidas, compreendendo material e serventes. O sistema de carreteiros civis, somente mais tarde deixou de existir; os serventes teriam de deslocar-se a pé, pois as viaturas não possibilitavam o transporte do pessoal.

Na PRÚSSIA, na mesma ocasião, os condutores já eram militares, bem como existiam companhias de artilharia cujos serventes eram transportados, sobre viaturas-munições e parte sobre os animais.

Relativamente à engenharia, apenas em 1714, na FRANÇA, graças à intensificação do sistema de fortificações, do qual VAUBAN foi o grande renovador, surgiu um regimento com 4 companhias de mineiros e sapadores e cerca de 300 engenheiros; estava incorporada ao conjunto da artilharia. O serviço de pontes estava regulamentado desde o final do século anterior; empregava-se pontões criados por MARTINET.

A organização divisionária nos exércitos surgiu em 1760, tomando forma com o fracionamento dos exércitos em grupamento de todas as Armas. Os exércitos deixaram de se apresentar como um só bloco, para serem acionadas em divisões; o comandante em chefe não acionaria mais diretamente, ou separadamente a infantaria, a artilharia ou a cavalaria; manejaria suas divisões; as grandes unidades de manobra e de combate.

O termo DIVISÃO reunia 2 brigadas de infantaria, 1 de regimento de cavalaria e elementos de artilharia, engenharia e serviços; a brigada de infantaria equivalia-se a 2 regimentos; a artilharia da Divisão, normalmente reunia 4 baterias a 8 peças. O princípio divisionário correspondia à necessidade de acelerar os deslocamentos e as operações de desdobramento e combate.

6- PROCESSOS DE COMBATE

A princípio a ordem de batalha apresentava os exércitos dispostos em duas ou três linhas, mantendo, ou não, reservas, o centro do dispositivo compunha-se de infantaria, as alas de cavalaria; à frente da infantaria eram colocados os canhões. Frequentemente, formavam na véspera para o combate; quando no mesmo dia, somente à tarde o combate se realizava.

O exército apresentando um conjunto com a forma de um retângulo alongado em largura, procurava, na ordem linear, a ação pelo choque, com o avanço da primeira linha após uma pequena preparação pelo fogo. As primeiras linhas abordavam passando, rapidamente, ao corpo a corpo, como nos tempos da idade média; a cavalaria das alas decidiria a vitória. Outras vezes, enquanto os canhões bombardeavam a infantaria adversária e provocavam a desordem em suas fileiras, a cavalaria carregava, procurando envolver uma a outra. Uma das duas, conseguindo sucesso, explorava o êxito lançando-se contra os flancos da infantaria contrária. Na ação, a maior velocidade de progressão poderia proporcionar o efeito da surpresa e, por mais rudimentar que fosse ainda esse modo de combater, continha a idéia da manobra, do envolvimento, principalmente, pela ação da cavalaria. Uma vez travada a luta, ela desenrolava-se muito depressa; a carga não durava senão alguns minutos, o entre choque cerca de meia hora e a batalha toda, de uma a duas horas. Como resultado, o vencido, geralmente, perdia a maior parte da sua infantaria, toda a artilharia e bagagens.

Era esse caráter brutal e custoso da batalha que explica, em parte, o desejo de apenas travá-la quando se acreditasse possuir todas as probabilidades de êxito. Os preparativos longos e complicados determinavam, muitas vezes, a fuga do adversário que se julgasse em perigosas condições de inferioridade. Assim, a batalha, no período que

aconteceu o aparecimento de uma artilharia móvel no campo da luta, caracterizava-se, entre outras coisas, pela lentidão dos preparativos e pela rigidez da execução.

O novo poder do fogo da infantaria modificou a fisionomia do combate; a apresentação modificada da artilharia, alterou-a ainda mais. A adoção generalizada do fuzil - arma muito superior ao mosquete, pela precisão, velocidade de tiro, maneabilidade e alcance - deveria acarretar repercussões na maneira da infantaria combater. A maior potência de fogo permitiu deixar nas linhas, sem perigo, certos vazios batidos pelas trajetórias e combinados com as condições do terreno.

Anteriormente, ultimava-se a realização do dispositivo longe do adversário; então, os dispositivos de combate, algumas vezes, já eram tomados sobre o próprio campo de combate e o mais perto possível do inimigo, graças à evoluções mais simples, rápidas e adequadas do terreno. Ainda, a potência de fogo cada vez mais valorizada tornou o combate frontal mais difícil e oneroso, sugeriu a manobra, impôs o ataque de flanco. Com as necessidades da manobra surgiu o problema - fogo e movimento. O rompimento das frentes pelo fogo passou a ser realidade, no decorrer do século XVIII devido à artilharia; o canhão passou a ser capaz de romper a frente e abrir caminho para o assalto da infantaria. Assim, a concentração de fogos, a preparação dos ataques pela artilharia, a ligação necessária entre a artilharia e as outras Armas constituíram traços essenciais das modificações ocorridas até o final do século XVIII.

7- TÁTICA E ESTRATÉGIA

A importância da manobra, cada vez mais se concretizou no transcurso de todo o século XVII. Se o combate frontal tornava-se oneroso e impotente para buscar a decisão, enfrentando sempre uma potência de fogo maior do adversário, a manobra sugeriu a procura das alas para ser desencadeado o ataque pelo flanco. Graças aos aperfeiçoamentos da artilharia, a força brutal do fogo começou a se colocar a serviço da ofensiva, na batalha. A ligação das Armas, base do combate moderno, começou, então, a aparecer, pois o desencadeamento das ações da infantaria ou cavalaria necessitavam coordenar-se com as intervenções de artilharia para melhores resultados. Essa compreensão, aliada às possibilidades do princípio divisionário mostrava que, ao aproximar-se o fim do século, a batalha deixara de ser o choque de duas massas indivisíveis, apenas articuladas; passará a ser conduzida por grupos de forças relativamente independentes, permitindo, entre elas, um número de combinações que ressalta uma grande flexibilidade. O comandante do exército combinava o emprego dos seus diferentes grupamentos de forças, das Grandes Unidades das Divisões; poderia pensar numa ação de profundidade, atuando em esforços sucessivos, ao contrário de um único e decisivo esforço. Poderia reservar uma ou duas Grandes Unidades até o fim da batalha para emprego oportuno, de acordo com as necessidades da operação.

A batalha foi adquirindo um aspecto mais violento e aumentando em duração; admitia-se que uma divisão poderia durar o mínimo de uma hora em combate; um grupo de 2, mesmo 3, divisões - 25 a 40.000 homens - poderia combater durante três horas; um exército de 50 a 100.000 homens manteria uma batalha durante, pelo menos, seis horas. Na defensiva, os exércitos, graças à mobilidade que a artilharia foi adquirindo, já podiam, aproveitando o terreno, posições ou regiões de características geográficas vantajosas, manobrar em retirada, procurando garantir, de qualquer maneira, a liberdade de ação.

A rede de estradas, extraordinariamente desenvolvida, a partir, da metade do século XVIII, na EUROPA, igualmente facilitou o fracionamento dos exércitos, a sua concentração, a surpresa, a rapidez de ação e a amplitude de intervenção. Finalmente, o fracionamento dos diferentes grupamentos de forças provocou uma melhor exploração dos recursos locais para os problemas de manutenção dos exércitos.

1 - CAMPANHAS E CHEFES

As principais campanhas verificadas no decorrer do século XVIII foram as seguintes:

Campanha entre a SUÉCIA e a RÚSSIA

- 1700 a 1709: resultados finais desfavoráveis à SUÉCIA.

Principais chefes: CARLOS XII da SUÉCIA e PEDRO, o Grande, da RÚSSIA.

Batalhas importantes: NARVA (1700), vitória de CARLOS XII e POLTAVA (1709), vitória de PEDRO, o Grande.

Guerra da Sucessão da ESPANHA:

- 1701 a 1713, entre FRANÇA, ESPANHA, PORTUGAL e BA VIERA, de um lado e INGLATERRA, ÁUSTRIA, HOLANDA e parte da ALEMANHA, de outro.
- Resultados finais desfavoráveis à FRÁNÇA.
- Chefes: MARLBOROUGH (CHURCHILL), inglês; Príncipe EUGÊNIO, francês pela ÁUSTRIA; VENDÔME e VILLARS, franceses; BERWICK, inglês pela FRANÇA.

-Batalhas importantes: ALMANZA (1701), vitória de BERWICK; RAMILLES (1706) e ARLEUX (1711), vitória de MARLBOROUGH e Príncipe EUGÊNIO.

Guerra da Sucessão da ÁUSTRIA:

- 1741 a 1748, entre a FRANÇA e a INGLATERRA, a ÁUSTRIA e a PRÚSSIA.
- Resultados desfavoráveis à FRANÇA.

Principais chefes: Marechal do SAXE, francês e HAY, inglês

Batalha importante: FONTENOY (1745), vitória de SAXE.

Guerra dos SETE ANOS:

- 1756 a 1763, entre a FRANÇA, SUÉCIA, ÁUSTRIA e RÚSSIA contra a INGLATERRA e a PRÚSSIA.
- Resultados favoráveis à PRÚSSIA e INGLATERRA.

Principais chefes: FREDERICO II, da PRÚSSIA e DAUN, da ÁUSTRIA.

Batalhas importantes: KOLLIN (1757), vitória da ÁUSTRIA; LEUTHEN (1757), vitória de FREDERICO II.

DOUTRINA MILITAR DE FREDERICO II

1 - AS INSTRUÇÕES PRUSSIANAS

FREDERICO II foi um monarca absoluto típico da fase de transição do regime absolutista, a da segunda metade do Sec XVIII. Como soberano e chefe militar, deu ao seu país uma posição de primeira grandeza na EUROPA, a ponto de merecer o cognome de GRANDE. Recebeu de seu pai FREDERICO GUILHERME, o Rei Sargento, que, reinou de 1713 a 1740 um exército bem instruído e poderoso, onde os soldados agiam como verdadeiros autômatos, executando movimentos comandados de tal modo que uma companhia os faziam como se fosse um único soldado. O Rei Sargento obteve assim agilidade e segurança nas evoluções notadamente precisão nos desdobramentos e rapidez na execução do tiro, em nível tal que não tiveram igual na EUROPA do Sec XVIII. Esse exército prussiano tinha como era costume na época, cerca de 50% de voluntários recrutados em toda EUROPA.

Como esse processo custasse caro e não fosse muito eficiente, FREDERICO GUILHERME suplementou-o com o recrutamento de prussianos, baseando-se no princípio de que todos os habitantes do país devem-lhe a obrigação do serviço militar. Tal princípio que, a partir dos exércitos nacionais até hoje, está generalizado, constituía, na época, uma inovação extraordinária. Daí, a razão, da superioridade dos exércitos prussianos sobre os demais nessa quadra, o que levou a EUROPA inteira a adotar o sistema de exercícios e manobras "à prussiana". Tal exército, semi-nacional, era, entretanto, um exército aristocrático, pois FREDERICO GUILHERME só tinha oficiais

nobres e não deixava que um plebeu fosse mais que um sub-oficial, sistema esse que perdurou até os tempos contemporâneos na ALEMANHA. De posse desse magnífico instrumento que é o exército herdado de seu pai, FREDERICO,tratou logo de pô-lo a serviço de sua ambição assim que assumiu a direção dos destinos da PRÚSSIA.

2 - A FORMAÇÃO DO CHEFE

Nada, porém, indicava, a princípio, no jovem príncipe herdeiro do Rei Sargento, que ele poderia ser um digno continuador da obra de seus antepassados. Realmente, a despeito da ênfase que seu pai colocara na sua educação militar, o príncipe FREDERICO não era capaz de amar a vida de soldado. Preferia concertos musicais em companhia de alguns amigos ou participar do circulo das damas de companhia de sua mãe, além de prezar o estudo da filosofia. Mostrava-se assim em completa oposição com o feitio, gestos e tendências de seu pai que desejava fosse ele preparado dentro de um espírito estritamente militar. À medida que ficava mais velho, mais se ampliava a divergência, com seu pai a respeito de sua educação. Em vista disso FREDERICO então com 18 anos, tentou fugir para PARIS a fim de dedicar-se às predileções de sua inteligência. Apanhado em flagrante, foi devolvido para BERLIM, julgado como desertor e condenado à morte. A intercessão de cortes estrangeiras fez com que a sentença fosse transformada em prisão simples. FREDERICO, aparentemente dobrado pela vontade do pai, submeteu-se enfim e foi posto em liberdade. Solto foi prestar serviços no exército do príncipe Eugênio, onde recebeu, então, sua primeira instrução militar.

Com o passar dos anos, enquanto o pai via nele predicados de um digno sucessor, o filho passou a reconhecer e a apreciar melhor as qualidades do Rei Sargento. Quando em 1740, ascendeu ao trono da PRÚSSIA, FREDERICO conhecia, a fundo, o mecanismo do Estado. É de fato um general. A política da EUROPA é-lhe familiar. Possuía forte sentimento do dever, visto num horizonte amplo e luminoso. Considerava, como o pai, que lhe cabia servir ao Estado e não servir-se dele. Além disso, via os interesses da civilização, do evoluir dos povos no sentido humano da liberdade. Sentia ser e agia como um soberano absoluto: "deixo meus súditos dizerem tudo que quiserem, contando que me deixem fazer o que eu quiser". É o "désposta esclarecido" de que falam os filósofos.

3 - AS CAMPANHAS

No ano em que FREDERICO ascendeu ao trono, a EUROPA já se encontrava em presença de uma nova guerra geral - a da sucessão da ÁUSTRIA (1740 - 1748). Conhecedor da realidade política da época, jovem impetuoso, decidiu FREDRICO engrandecer a PRÚSSIA, fazendo-a influir na vida internacional européia. Assim é que aproveitando a situação caótica da EUROPA e com a importância do seu potencial militar invade a SILÉSIA, província então austríaca, sobre a qual já era antiga a reivindicação da PRÚSSIA.

Todavia, na sua primeira campanha, FREDERICO não mostrou nenhum sinal de habilidade militar que marcaria as ulteriores, e a batalha de MOLLWITZ (1740) quase lhe é adversa. Em seguida, faz aliança com a FRANÇA, bate CARLOS DE LORENA e depois disso a SILÉSIA lhe é definitivamente cedida.

Em 1746, terminaria o primeiro período de seu agitado reinado devotando-se durante dez anos seguintes à administração do seu reino, com as vistas voltadas para o progresso científico, literário e econômico de seu povo.

Face entretanto, ao constante aumento do poderio da PRÚSSIA, seus inimigos, empenharam-se nessa fase para uma outra prova de força com sua adversária em potencial. Destarte, formara-se uma liga anti-prussiana entre a ÁUSTRIA, a FRANÇA e a RÚSSIA. Senhor do que se passava, FREDERICO considera a guerra inevitável e decide-se tomar a iniciativa das operações. Não tendo obtido clara garantia de que a ÁUSTRIA não se preparava para atacar a PRÚSSIA, FREDERICO invadiu a SAXÔNIA, iniciando a

Guerra dos Sete Anos (1756 - 1763).

Nesse conflito demonstraria o seu talento militar, como foram as batalhas de PRAGA (1757), ROSSBACH (1757), LEUTHEN (1757), ZORNDORF (1758), KUNERSDORF (1759). A partir de 1760, a guerra caia de intensidade. Os contendores estavam esgotados.

PRÚSSIA e ÁUSTRIA, entretanto, persistiam na luta até que finalmente, a coragem, a persistência e habilidade de FREDERICO saíram vencedoras. E, em Fev 1763, foi assinada a paz, pela qual a ÁUSTRIA concordava, uma vez mais, com a cessão da SILÉSIA.

A PRÚSSIA era agora uma grande potência, e de então por diante, ainda no reinado de FREDERICO, ganhou mais prestígio e poder na EUROPA. Até o dia de seu falecimento (16 Ago 1786), FREDERICO jamais negligenciou quanto à instrução e ao equipamento de seu exército.

4 - A CONTRIBUIÇÃO PARA A DOUTRINA MILITAR

No que diz respeito ao armamento, FREDERICO II, introduziu no fuzil de pederneira alguns aperfeiçoamentos, como a vareta (inventada pelo Gen DESSAUER) e a telha, os quais permitiam à Infantaria prussiana atirar duas vezes mais que a adversária. Quanto à organização da Infantaria a unidade tática no exército prussiano é o BATALHÃO, de 4 Cia a 2 Pel, mais uma companhia de granadeiros. Encarando-se a organização desta arma pode-se afirmar ter sido FREDERICO II, neste particular mais propriamente um reformador do que um inovador, pois que somente a armou melhor e aperfeiçoou sua instrução. A Infantaria, pela sua instrução e rigidez nas evoluções e perfeição de formatura, se aperfeiçoou na mudança de formação em combate. A passagem da linha para a coluna e vice-versa era feita em ordem absoluta, mesmo em terreno movimentado.

Na Cavalaria, ao contrário, foi ele um inovador, dando-lhe um papel decisivo na batalha como arma de choque. A Cavalaria prussiana era organizada em **hussardos** (cavalaria ligeira) **DRAGÕES** (cavalaria pesada) e **couraceiros** (cavalaria muito pesada).

Na Artilharia, além da criação da artilharia a cavalo, FREDERICO separou a artilharia de sítio da de campanha, distribuindo esta última em baterias homogêneas. Com isso procurou tornar a Artilharia prussiana mais leve, de mais fácil manejo e mais poderosa. O objetivo dessa transformação era o poder ela completar e apoiar a ação da infantaria.

A Engenharia não era uma arma organizada como as demais. Ela se constituía de 30 engenheiros que tinham como auxiliares especialistas militares e civis.

No campo da Logística, FREDERICO II aperfeiçoou o sistema de armazéns e de suprimento por meio de comboios, de modo que o exército podia afastar-se 5 etapas dos armazéns sem que o suprimento sofresse solução de continuidade. No campo da Tática é notável a observância, por parte de FREDERICO, dos princípios da ofensiva e da manobra. Sem consideração de números, sempre manteve consigo a iniciativa, sendo o primeiro a procurar o ponto fraco do adversário para aí vibrar o golpe. Com a sua maneira metódica de dispor suas tropas e de empregá-las no campo de batalha, demonstrou que a manobra e a mobilidade não haviam sido afetadas pelas armas de fogo do Sec XVIII.

FREDERICO, mais por intuição genial do que por algum princípio que houvesse concebido e formulado, foge à regra seguida por seus adversários. Enquanto estes o aguardavam em posição preparada, ele corajosamente vai ao seu encontro para expulsá-los pela batalha. Para isso introduziu modificações em sua forma de ataque, abandonando a ordem paralela, para adotar a ordem obliqua que lhe renasce no espírito talvez de suas leituras das batalhas de EPAMI- NONDAS e de ALEXANDRE. Ele só podia, porém, realizar o ataque dessa forma devido a superioridade de sua infantaria, manobreira e extraordinariamente treinada, que a um único comando passava da coluna à linha e os batalhões com a frente para a direita ou esquerda avançavam obliquamente contra o inimigo numa presteza absoluta. Essa manobra de ala já difere um tanto das de

EPAMINONDAS e ALEXANDRE. Ao tempo destes os exércitos manobravam em formação maciça, em bloco compacto, para evitar que o inimigo, nessa manobra, pudesse penetrar nos espaços vazios.

Com FREDERICO, a flexibilidade manobreira da infantaria e da artilharia, e o respectivo potencial de fogo lhe permitiam que houvesse intervalos nas linhas de ataque, pois seria difícil ao inimigo investir por eles desde que esses intervalos, bem medidos pudessem ficar sob a ação das armas de fogo. Por outro lado, sendo fácil a tropa utilizar Suas armas de fogo independentemente da natureza do terreno, o chefe procurava escolher para frentes de apoio de suas tropas os obstáculos do terreno, o que se evitava, aliás, no tempo das armas brancas. O choque final, isto é, o corpo a corpo, ficava por conseguinte retardado; o fogo dominava a maior parte dó tempo. Daí a duração maior das batalhas, duração que aumenta à proporção que o armamento se aperfeiçoa.

Como tático, o rei da PRÚSSIA é, entretanto, acusado de não saber tirar o proveito que a vitória lhe trazia. Não conhecia FREDERICO o remate das vitórias: a perseguição do vencido até sua completa destruição, contendo-se em ver o inimigo abandonar a luta deixando-lhes nas mãos ricos despojos e prisioneiros que lhe reforçassem o exército.

No campo da Estratégia, dada a posição geográfica da PRÚSSIA em relação aos seus adversários, FREDERICO tinha que atuar em linhas interiores. Para esta manobra delicada, contava ele com a mobilidade superior de seu exército, as maiores distâncias que seus adversários deviam percorrer para se reunir e a excelente rede de estradas prussianas. A falta, entretanto, de uma guarda avançada geral, concepção a qual NAPOLEÃO não desprezou trinta anos depois, vai obrigá-lo a movimentar-se quase às cegas, o que lhe embaraça a ofensiva e reduz, sua liberdade de ação. A batalha ele a considerava como necessária para a vitória, mas só a procurava no momento oportuno e somente no caso de poder contar com maior número de circunstâncias favoráveis.

Como quer que seja, FREDERICO conquistou um lugar de maior relevo entre os grandes capitães que o precederam - ALEXANDRE, ANÍBAL, CÉSAR e GUSTAVO ADOLFO, sendo considerado o precursor de NAPOLEÃO.

Por fim, cabe assinalar que além de homem de ação, foi homem de pensamento objetivo, procurando fixar em trabalhos literários sua filosofia da arte da guerra como a obra "Princípios gerais da Guerra".

DOUTRINA MILITAR DE SUVOROV (RÚSSIA)

1 - O CHEFE

ALEXANDRE SUVOROV (1729 - 1800) foi um chefe militar russo que atuou na fase de transição que precedeu a NAPOLEÃO e a em que pontificou FREDERICO II. Foi um dos homens mais instruídos de sua época, dotado de cultura intelectual notável e que compreendeu a fundo os mestres da arte militar de CÉSAR a FREDERICO II. Foi excelente engenheiro, falava sete línguas, além da sua, sabia história e geografia e conhecia a literatura clássica desde PLUTARCO até LA FONTAINE e RACINE.

Iniciado na educação clerical de modo verdadeiramente eclesiástico, rebelou-se, contra essa orientação de seu pai, para ingressar nas fileiras do exército. De caráter voluntarioso, firme e enérgico, logo galgou os postos da hierarquia militar tendo nessa trajetória combatido as tropas de FREDERICO II a quem admirava o gênio militar e de quem assimilava apenas o que sç coadunava com as condições e o temperamento militar dos russos.

Já como general venceu os guerrilheiros poloneses durante a primeira guerra com a POLÔNIA; subjugou o cossaco PUGATCHEV que havia sublevado a campanha em toda a RÚSSIA oriental; lutou contra os turcos, nas duas guerras movidas pela RÚSSIA e

derrotou KUSCIUSKO quando da insurreição polonesa, que dá lugar à segunda partilha da POLÔNIA.

Em todas essas campanhas evidenciou notável rapidez de movimentos, audácia, ações prontas e enérgicas e, sobretudo, bravura. Por suas virtudes, CATARINA II premiou-o com o título, então único na RÚSSIA, de marechal-de-campo.

Foi, entretanto, no comando dos exércitos russos e austríacos, nas operações da ITÁLIA, durante a segunda coligação contra a FRANÇA revolucionária, que SUVOROV pôs amostra todo o seu gênio militar na conduta da guerra.

Na história militar, os feitos de SUVOROV nos ALPES constituem uma página das mais notáveis da guerra em montanha, devido a natureza do terreno, a falta de recursos, a fadiga extrema da tropa, dificuldades tais que, nem ele nem seus homens tinham jamais conhecido no seu peculiar "habitat". Essa façanha de SUVOROV, fugindo ao cerco do general francês MASSENA, põe em relevo suas excelsas qualidades de chefe militar. Supera mesmo qualquer de suas vitórias das quais, com justa razão, tanto se orgulhava. Terminada a campanha, SUVOROV retoma à RÚSSIA para falecer cerca de um ano depois, quando a estrela de NAPOLEÃO ascendia brilhante e promissora.

SUVOROV surge no quadro da evolução da arte da guerra, não como um renovador mas como o representante de um progresso notável, pois que faz a guerra ativa, agressiva e toda circunstancial, sabendo tirar partido das forças tanto materiais como morais. Foi um chefe identificado com o seu exército e por este estimado e obedecido sem restrições. Compreendia muito bem o camponês e o homem de tropa russos e deles se aproximava pela simplicidade de sua vida. Considerava tudo secundário quando comparado ao moral de sua tropa.

2 - O EXÉRCITO RUSSO NO SEC XVIII

O exército russo de que se serviu SUVOROV embora constituído, em regra, como o das demais monarquias européias, diferenciava, entretanto em dois aspectos: era tipicamente profissional e caracteristicamente nacional. Compreendia uma Guarda Imperial, tropa adstrita a pessoa do soberano e uma tropa de linha.

Na tropa de linha, a Infantaria se constituía de granadeiros, mosqueteiros ou fuzileiros e caçadores e a Cavalaria formava-se de couraceiros, dragões, hussardos como os demais exércitos europeus. A Artilharia adquirira fama na EUROPA, graças aos aperfeiçoamentos nela introduzidos depois da Guerra dos Sete Anos. A engenharia também gozava de boa reputação.

Uma peculiaridade do exército russo era, entretanto, as tropas irregulares de cavalaria, os tradicionais COSSACOS, formando uma força à parte, dos quais os mais famosos eram os cossacos do DON. Não eram forças de choque para batalhas de tipo europeu. Empregavam-se para busca de informações e no serviço de segurança para inquietar o inimigo, com incursões sobre as linhas de comunicações, destruindo ou aprisionando comboios e os retardatários. Havia também, além deles, outras forças irregulares formadas por elementos alógenos, isto é, de raças não européias como tártaros, kalmucks, mulçumanos, etc., que utilizavam armas rudimentares, a espada curva, a lança, o arco e a flecha.

No exército regular, parte da nobreza prestava, no quadro de oficiais, o devido serviço ao Czar, e, para tal, seguia a profissão das armas desde a formação em escolas de cadetes ou nas unidades como soldados nobres, até o término da carreira.

As praças comuns eram recrutadas pràticamente só entre os camponeses servos, num sistema de conscrição compulsória mediante indicação dos seus senhores e preenchimento das condições de idade e altura determinadas na lei. Chegados ao corpo de tropa a que eram destinados, sofriam um terrível tormento moral - a tonsura. Eram barbeados. Cortavam-se-lhes os longos cabelos. O soldado servo em sua gleba, sujeito

ao poder despótico do senhor, e também do pai, acomodava-se facilmente à subordinação militar. Assemelhava a vida na unidade à patriarcal. O comandante do regimento era o **pai da família**, os outros soldados seus irmãos. Legalmente seus serviços deviam durar 25 anos, porém se afeiçoavam de tal modo à vida da unidade que os regimentos chegavam a ter nas suas fileiras homens de 50 a 60 anos. A religião ortodoxa, vivificava pelo misticismo do povo eslavo, dava à unidade bastante coesão, inspirava admiráveis devotamentos e heróicas resignações e renúncias. O soldado russo gabava-se de ser um "guerreiro cristão" e considerava todos os inimigos de sua pátria como "infiéis". Resultava daí que as lutas externas eram para ele "guerras santas" pois defendia a "Santa Rússia". A iniciação no serviço militar fazia-se como se tratasse do ingresso numa ordem religiosa, ao cabo da qual o homem sentia-se engrandecido e inteiramente preso ao juramento de fidelidade ao Czar.

CAPÍTULO 4

HISTÓRIA DA DOUTRINA MILITAR
IDADE CONTEMPORÂNEA

CRONOLOGIA SUMÁRIA DA IDADE CONTEMPORÂNEA

SEC ANO	REGIÃO	EVENTO
1789	Brasil	— Inconfidência Mineira. Suplício de Tiradentes
1789	Fr	— Convocação dos ESTADOS GERAIS. — ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE (até 1791). — ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA (até 1792).
1792	Fr	— CONVENÇÃO (até 1795).
	Eu Oc	— Início das chamadas "Guerras da Revolução Francesa", com duração até 1799.
	Eu Oc	— Batalha de VALMY, vencida pelos revolucionários contra os prussianos; representa a consolidação da Revolução e a afirmação definitiva dos exércitos nacionais.
1793	Eu Oc	— Segundo desmembramento da POLÔNIA, em favor da RÚSSIA e da PRÚSSIA.
1794	Eu Or	— Terceiro desmembramento da POLÔNIA, em favor da RÚSSIA, ÁUSTRIA e PRÚSSIA; a POLÔNIA é riscada do mapa político da EUROPA.
1795	Fr	— DIRETÓRIO (até 1799).
1798	M Or	— Batalha naval de ABUKIR, através da qual NELSON frustra a expedição francesa ao EGITO.
1798	Brasil	— Conjuração dos Alfaiates - BA.
1799	Fr -	— CONSULADO (até 1804).
1799	Eu	— Início das chamadas "Guerras de NAPOLEÃO", com duração até 1815.
1801	Brasil	— Guerra de 1801 - Conquista dos Sete Povos das Missões-RS.
1801	Brasil	— Ataque espanhol ao Forte de Coimbra - MT - set 16 a 24.
1802	Brasil	— Ataque e arrasamento do Fortim São José no Rio Apa - jan l.°
1804	Fr	— IMPÉRIO, sob NAPOLEÃO I.
1805	M Oc	— Batalha naval de TRAFALGAR, através da qual NELSON faz abortar o plano napoleônico de invasão dais Ilhas Britânicas.
	Eu	— Batalha de AUSTERLITZ, também chamada "dos imperadores", com a vitória de NAPOLEÃO.

SEC ANO	REGIÃO	EVENTO

	Al	— Estabelecimento da CONFEDERAÇÃO DO REINO, sob a tutela de NAPOLEÃO.
1806	Eu	— BLOQUEIO CONTINENTAL.
1808	Brasil	— Transmigração da Família Real de Portugal, para o Brasil.
1809	Brasil	— Conquista de Caiena - jan 14 a partir do Rio de Janeiro.
1810	Brasil	— Criação da Academia Militar Real - Rio de Janeiro - dez 4.
1810	Am	— Início da insurreição geral das colônias espanholas, movimento que estará concluído vitoriosamente em 1824 (exceto no URUGUAI e em CUBA).
1812	Eu Or	— Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental ao comando de D. Diogo de Souza - RS.
1812	Am	— Segunda guerra de Independência dos EUA, contra os ingleses; duração até 1814.
1814	Fr	— Abdicação de NAPOLEÃO I.
1815	Eu Oc	— Campanha napoleônica dos CEM DIAS.
1815	Eu Oc	— Batalha de WATERLOO, na qual WELLINGTON derrota definitivamente a NAPOLEÃO.
1815	Fr	— Restauração dos BOURBON.
1815	Eu	— Congresso de VIENA, reunido para reconstruir o mapa político europeu, após a derrota napoleônica. Dele resultam, entre outras, as mutações seguintes: - extinção da CONFEDERAÇÃO DO RENO, substituída pela CONFEDERAÇÃO GERMÂNICA, sob a presidência da ÁUSTRIA; - criação do Reino do PAÍSES BAIXOS, mediante a união da BÉLGICA com a HOLANDA; - divisão da ITÁLIA em vários pequenos Estados; - declaração da neutralidade da SUIÇA; - anexação à RÚSSIA do Grão-Ducado de VARSÓVIA (constituído por NAPOLEÃO) e do Grão-Ducado da FINLÂNDIA, ambos constitucionais e dotados de governo autônomo; - entre outros territórios, a INGLATERRA obtém a COLÔNIA DO CABO; - proserição do tráfico de ESCRAVOS.
1815	Eu	— Criação da SANTA ALIANÇA, formada pela RÚSSIA, ÁUSTRIA, e PRÚSSIA, cuja ação evitou a eclosão de guerras européias até 1854.
1815	Brasil	— Elevação do Brasil à condição de Reino Unido do Brasil - Portugal e Algarves em função do Congresso de Viena.
1816	Brasil	— Primeira campanha contra Artigas.
1817	Brasil	— Revolução Pernambucana.
1821	Brasil	— Segunda Campanha contra Artigas e incorporação portuguesa da Província Cisplatina ao Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves.
1822	Brasil	— Independência do Brasil de Portugal - set 7. Primeiro governante - Imperador D. Pedro I.
1822	Brasil	— Guerras da Independência do Brasil na Cisplatina, Bahia, Maranhão, Pará e Piauí que se prolongam até 1824.
1823	Am	— Enunciação da DOUTRINA DE MONROE.
1824	Brasil	— Confederação do EQUADOR e Primeira organização do Exército Brasileiro.
1825	Brasil	— Guerra da CISPLATINA, entre BRASIL e ARGENTINA- URUGUAI, com duração até 1828.

SEC ANO	REGIÃO	EVENTO
1826	Am	— Congresso do PANAMÁ.
1827	Brasil	— Batalha do Passo do Rosário - fevereiro 20.
1828	Am	— Independência do URUGUAI.
1829	Gr	— Independência, após lutas iniciadas em 1821. O fato marca o início de desmembramentos sucessivos do Império OTOMANO no sudeste europeu. Os gregos foram apoiados pela PRÚSSIA, INGLATERRA e FRANÇA, sendo a esquadra destroçada em NAVARI- NO (1827).
1830	Af	— Os franceses se estabeleceram na ARGÉLIA.
	Fr	— Revolução popular de PARIS. Queda de CARLOS X e ascenção ao trono de LUIZ FELIPE (ORLEANS).
	Eu Oc	— Separação da BÉLGICA do Reino dos PAÍSES BAIXOS.
	Eu Or	— Insurreição polonesa massacrada pelos russos em 1832.

1831	Brasil	— Abdicação de D. Pedro I.
1832	Brasil	— Lutas internas no Brasil durante toda a Regência e primeiros anos do reinado de D. Pedro II. Sabinada-BA, Cabana- da-PA, Balaiada-MA, Revolução Farroupilha - RS e SC, Revolução de São Paulo e Revolução de Minas Gerais. Ação pacificadora de Duque de Caxias atual Patrono do Exército Brasileiro.
1836	Am	— Guerra da Confederação PERU-BOLIVIA contra o CHILE, com a vitória deste em 1839.
1839	E O	— GUERRA DO ÓPIO, entre chineses e ingleses, da qual resulta a cessão de HONG-KONG aos últimos.
1841	Eu	— Adoção pela PRÚSSIA do fuzil DREYSE, de carregamento pela culatra.
1846	Am	— GUERRA DO MÉXICO, em que os EUA, vencedores, obtêm acréscimos territoriais (1848).
1848	Fr	— Revolução. Estabelecimento da 2ª República, sob a presidência de LUIZ NAPOLEÀO.
	Eu	— Manifesto comunista de MARX e ENGELS.
	Eu Or	-— Insurreição húngara contra a dominação austríaca, massacrada com a ajuda dos russos (1849).
1851	Brasil	— Guerra contra Oribe e Rosas. Brasil contratou uma Legião Prussiana, Os "Brummer", composta de um RI, um R Art e duas companhias de pontoneiros com equipagem Birago de transposição. Dessa tropa foram utilizados somente 100 atiradores na batalha de Monte Caseros, munidos de fuzis Dreyse, à agulha, de carregamento pela culatra. Posteriormente componentes dessa tropa transferiram aspectos da Doutrina Militar da Prússia para o Exército Brasileiro.
1852	Fr	— Segundo IMPÉRIO, sob NAPOLEÀO IH.
1853	E O	— O Almirante PERRY (norte-americano) põe q JAPÃO em contacto com o Ocidente.
1854	Eu Or	— Guerra da CRIMÉIA, com duração até 1855, da qual resulta a neutralização do Mar NEGRO. A RÚSSIA é batida por uma coligação composta pelo Império OTOMANO, a INGLATERRA e a FRANÇA, salientando-se na luta o cerco prolongado de SEBAS- TOPOL.
1854	Brasil	— Envio ao Uruguai por solicitação do Presidente Flores da Divisão Brasileira de Observação para auxiliar a manutenção da ordem interna naquela nação. Missão que se prolongou até 1856. A tropa brasileira estacionou em Montevidéu.

1857	Eu	— Adoção, pela FRANÇA, de fuzil raiado, com percussão obtida através de cápsula de fulminante (em substituição ao sílex), mas ainda de carregamento pela boca.
1857	In	
1858	E 0	— Revolta dos CIPAIOS, contra a dominação inglesa.
1859	It	— A FRANÇA intervém militarmente na INDOCHINA após longo período de influenciação. Suas lutas, pela dominação da área, durarão muitos anos.
1861	Rus	— Início das lutas pela unificação política, que só se completará em 1870.
1863	EUA Eu	— Abolição do regime de servidão, instituído em 1597 por BORIS GODOUNOV.
1864	Or Am	
1864	Eu Oc	— Início da Guerra de SECESSÃO, com duração até 1865.
1865	Brasil	— Insurreição polonesa contra a dominação russa, malograda.
1866	Brasil	— Ocupação do MÉXICO pelos franceses, que ali entronizam MAXIMILIANO da ÁUSTRIA. Duração até 1867.
1867	Eu	— Início das lutas armadas pela unificação alemã, através da Guerra dos DUCADOS (PRÚSSIA e ÁUSTRIA x DINAMARCA).
1869	Eu Oc	— Guerra contra Aguirre do Uruguai.
1870	Am	— Guerra da Tríplice Aliança do Brasil, Argentina e Uruguai contra Solano Lopes do Paraguai. A guerra prolongou-se até 1870. Principais batalhas Riachuelo (naval), Tuiuti, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Campo Grande. Nela o Duque de Caxias concebe e. dirige duas clássicas manobras de flanco - Humaitá e Piquiciri que o colocam na galeria dos grandes Capitães da História da Humanidade.
/71	Eu Oc	
1877	O P Eu Oc	— Adoção na FRANÇA do fuzil CHASSEPOT, de carregamento pela culatra.
1879	Eu Or	— Guerra AUSTRO-PRUSSIANA, pela unificação alemã; a batalha de SADOWA sela a vitória dos prussianos.
1880	Am	— Guerra da ESPANHA contra o CHILE e o PERU, com a vitória destes.
1881	Af	— União da ÁUSTRIA e da HUNGRIA no Império AUSTRO- HÚNGARO.
1882	Af Eg	— Inauguração do CANAL DE SUEZ.
		— Guerra FRANCO-PRUSSIANA, pela unificação alemã. A vitória germânica de SEDAN sela a sorte da luta, da qual derivam: a proclamação do Império ALEMÃO, a queda da monarquia na FRANÇA (Terceira República) e a anexação, pelos alemães, da ALSÁCIA e da LORENA.
		— Guerra dos BÁLCÁS, entre russos e turcos; a derrota otomana acarreta: - a independência do MONTENEGRO, da SÉRVIA, e da ROMÊNIA; a BÓSNIA e a HERZEGOVINA, embora permanecendo possessões do sultão, passam a ser administradas e ocupadas pelos austríacos.
		— Guerra do PACÍFICO, com duração até 1883, em que o CHILE vence a BOLÍVIA e o PERU; o vencedor se apossa de territórios dos vencidos.
		— Início da partilha da ÁFRICA INTERTROPICAL pelas grandes potências européias.
		— Estabelecimento dos franceses na TUNÍSIA. Intervenção inglesa (que durará até 1922) e início da expansão pelo SUDÀO ANGLO-EGÍPCIO.

SEC ANO	REGIÃO	EVENTO
1883	Eu	— Firmada a TRÍPLICE ALIANÇA entre ALEMANHA, ÁUSTRIA e ITÁLIA, (esta a repudiará em 1914).
1883 /85	E O	— Guerra FRANCO-CHINESA por causa da INDOCHINA. ao fim da qual os chineses reconhecem o protetorado francês sobre aquela região.
1885	Eu Or	— Guerra SÉRVIO-BÚLGARA, por disputas territoriais.
	Af	— Início do estabelecimento dos italianos na ÁFRICA ORIENTAL; até 1896, já se haviam apossado da SOMALIA e da ERITRÉIA.
1888	Brasil	— Abolição da Escravidão no Brasil - Mai 13.
1889	Brasil	— Proclamação da República. Primeiro Presidente e proclamador, Marechal Aliança - nov 15.
1893	Brasil	— Revolução Federalista - RS e Revolta da Esquadra no Rio de Janeiro. Prolongou-se até 1895
1894 /95	E O	— Guerra SINO-JAPONESA, por causa da CORÉIA; a vitória napoleônica dá ao JAPÀO a ilha de FORMOSA Tratado de SHIMONOSEKI.
1896	Af	— Guerra ÍTALO-ABISSÍNIA, com a derrota dos italianos em ÁDUA
1897	Eu Or	— Guerra GRECO-TURCA, por causa de CRETA, ao fim da qual a ilha obtém governo autônomo.
1897	Brasil	— Guerra de Canudos - BA
1898	Am	— Guerra HISPANO-AMERICANA, de que resultam: a independência de Cuba;

		— a obtenção, pelos EUA, das FILIPINAS, de PORTO RICO e GUAM.
1899	Af	— Guerra dos BOERS, com duração até 1902, que marca o avanço do domínio inglês na ÁFRICA DO SUL, a partir da COLÔNIA DO CABO.
1900	E O	— GUERRA DOS BOXERS, rebelião do povo chinês contra a intervenção estrangeira na vida do país.
1903	Am	— Independência do PANAMÁ (separando-se da COLÔMBIA).
1904 /05	E O	— Guerra RUSSO-JAPONESA, embate entre os imperialismos russo e japonês no Extremo Oriente. Vitória nipônica e fama a PORTO ARTUR, advinha da resistência a um longo assédio; a esquadra russa foi destroçada em TSUSHIMA.
1905	Rus	— Revolucão com a decorrente adocão de instituicões parlamentares.
1908	Brasil	— Reforma do Exército Brasileiro procedida pelo Mal Hermes da Fonseca (Lei do Serviço Militar obrigatório, Lei do Sorteio Militar, Lei do Voluntariado. Lei de criação Tiros de Guerra. Criação brigadas estratégicas, rearmamento, envio de oficiais para estágios na Europa, construção de aquartelamentos, etc). Brasil adquire na Europa grande partida de fuzis Mauser 1908, metralhadoras Madsen e canhões Krupp com respectivas fábricas de munições.
1910	E O	— Anexação da CORÉIA pelo JAPÃO.
1911	E O	— Estabelecimento da República na CHINA.
	Af	— Início da Guerra ÍTALO-TURCA, com duração até 19 de que decorre a ocupação da LÍBIA pelos italianos.
1912	Af	— Os franceses estabelecem protetorado sobre o MARROCOS.
1912 /13	Eu Or	— Guerra dos BÁLCÃS, de que resultaram: a anexação da BÓSNIA e da HERZEGOVINA pela ÁUSTRIA; a independência da BULGÁRIA, que rechassou a vassalagem do Império OTOMANO.
1913	Brasil	— Fundação da revista Defesa Nacional pelos jovens turcos

1913	Brasil	ex-estagiários no Exército da Alemanha. Defesa da profissionalização com o lema Rumo à Tropa.
1914	Eu Or	
1914	Eu	— Insurreição do Juazeiro - CE.
	Fr	— Independência da ALBANIA (do Império OTOMANO).
1914		— Início da 1ª GUERRA MUNDIAL (Impérios Centrais x Aliados).
1915	Brasil	—Primeira batalha do MARNE, que marca o recuo germânico na FRANÇA.
1916	Eu Oc Eu Or Eu Oc	— Revolta do Contestado PR e SC. Fim 1916.
		— Emprego de gases de combate pelos alemães, em YPRES.
1917	Eu Oc	— Operação anfíbia dos Aliados em GALIPOLI, malograda.
		— Batalha naval da JUTLÀNDIA.
		— Lutas em torno de VERDUN, com a duração de quase um ano.
	Eu Or	—Batalha de CAMBRAI, que marca o primeiro emprego em massa dos CARROS DE COMBATE (ingleses).
	Am	— Guerra submarina sem restrições, de iniciativa da ALEMANHA.
	Brasil	—Adoção, na batalha de RIGA, da tática de infiltração (Gen HUTLER).
	Eu Or	— Entrada dos EUA na 1.* Guerra Mundial.
		— Entrada do BRASIL na l.ª Guerra Mundial.
	Fr	—Revoluções russas (Fev e Nov), da última das quais decorre a implantação do comunismo naquele país.
	Eu Or	—- Ao fim do ano, já se encontram em solo francês cerca de 2 milhões de norte-americanos, sob o Cmdo do Gen PERSHING.
1918		
	Eu Oc	—Paz em separado da RÚSSIA com os Impérios Centrais (BREST LITOWSK).
	Fr	
	Eu Oc Eu	— Ofensiva alemã na frente ocidental.
	Eu Or	— Segunda batalha do MARNE.
		— Ofensiva aliada na frente ocidental.
		— ARMISTÍCIO, que põe fim à 1.* Guerra Mundial.
		—Guerra civil na RÚSSIA, com a vitória final dos bolcheviques em 1920.
1919		—Tratados de VERSALHES e outros, de que decorrem os seguintes fatos (entre muitos): - a criação da LIGA ou SOCIEDADE DAS NAÇÕES; - a instituição do sistema de MANDATOS; - o restabelecimento do Estado Polonês; - a criação da TCHECOSLOVÁQUIA e da IUGOSLÁVIA; - a recuperação da ALSÁCIA e da LORENA pela FRANÇA; - a criação da cidade-livre de DANTIZIG, sob a tutela da LIGA DAS NAÇÕES e jurisdição parcial da POLÔNIA; - a divisão da ALEMANHA pelo chamado "CORREDOR POLONÊS". - a ereção da FINLÂNDIA, da ESTÔNIA, da LITUÂNIA e da LETÔNIA em Estados soberanos. - o desmembramento do Império OTOMANO na ÁSIA, perdendo a SÍRIA, a PALESTINA, a MESOPOTÂMIA e a ARÁBIA, as duas primeiras sob MANDATO da LIGA; - a perda, pela ALEMANHA, das colônias (ÁRICA e OCEÂNIA), que passam a ficar sob mandato da LIGA das NAÇÕES.
	Al	— República de WEIMAR.
1919	Brasil	— Início dos trabalhos da Missão Indígena na Escola Militar.
1919	Am	—Inauguração do CANAL DO PANAMÁ, iniciado em 1903 e concluído em 1914.
1920		

SEU ANO	REGIÀO	EVENTO
1920	Brasil	— Contrato da Missão Militar Francesa para o Exército Brasileiro, cuja atuação prolongou-se até 1939.
1922	It	— "Marcha sobre ROMA", de MUSSOLINI.
1922	Brasil	— Semana de Arte Moderna - SP
1922	Brasil	— Revolta dos 18 do Forte de Copacabana.
1924	Brasil	— Revolução de 24-26 (Coluna Prestes).
1929	Brasil	— Crise Econômica Mundial.
1930	Brasil	— Revolução de 30 - Fim República Velha
1931	Ing	— CONFERÊNCIAS DE WESTMINSTER, que estruturam a COMUNIDADE BRITÂNICA DE NAÇÕES.
	E 0	— Invasão da MANDCHÚRIA pelos japoneses e estabelecimento do Estado títere de MANDCHÚKUO.
1932	Am	— Início da Guerra do CHACO, com duração até 1935, entre o PARAGUAI e a BOLÍVIA.
1932	Brasil	— Revolução Constitucionalista de São Paulo.
1933	Al	— Incêndio do REICHSTAG. — O JAPÃO e a ALEMANHA abandonam a LIGA DAS NAÇÕES;
	E O	— Incorporação do JEHOL pelos japoneses.
1934	E 0	— "LONGA MARCHA", de MAO TSÉ THUNG.
	Al	— Por morte de HINDENBURG, ADOLF HITLER assume o poder sob o título de FÜHRER (III REICH).
1935	Af	— Início da conquista da ABISSÍNIA (ETIÓPIA) pelos italianos, que a concretizam em 1936.
	Al	— HITLER denuncia o TRATADO DE VERSALHES e restabelece o serviço militar obrigatório.
1935	Brasil	— Intentona Comunista.
1936	Esp	— Início da GUERRA CIVIL, com participação de várias nações e a vinda de FRANCO em 1939.
	Al	— Tropas alemãs ocupam a RENÂNIA.
1937	E 0	— Início da conquista parcial da CHINA pelo JAPÃO.
1937	Brasil	— Inicio do Estado Novo.
1938	Eu	— Anexação da ÁUSTRIA pelo III REICH, ratificada em plebiscito.
	Eu	— Obtenção de territórios tchecos (SUDETOS) pelos alemães, sancionada na Conferência de MUNIQUE.
1939	Brasil	— Lançamento da pedra fundamental da AMAN.
1939	Eu	— Os alemães ocupam toda a TCHECOSLOVÂQUIA. — HITLER anexa o NEMEL. — Tropas italianas invadem a ALBÂNIA. — Assinatura do PACTO DE AÇO, entre a ALEMANHA e a ITÁLIA. — Proposta germânica à POLÔNIA sobre a reintegração de DAN- TZIG e do "Corredor Polonês" no território do III REICH. — Assinatura do PACTO GERMANO-RUSSO, que evitará, para a ALEMANHA, a luta simultânea em duas frentes (inconveniente ocorrido na I.ª GM).
1939	Eu	— I.° Set — Início da 2.” GUERRA MUNDIAL, com a invasão da POLÔNIA e a anexação de DANTZIG pelos alemães. — 3 Set — INGLATERRA e FRANÇA declaram guerra à ALEMANHA.
1940	Eu	— 30 Nov —Invasão da FINLÂNDIA por tropas russas. — 12 Mar — Armistício entre russos e finlandeses. — 9 Abr — Os alemães ocupam a DINAMARCA e invadem a NORUEGA. — 10 Mai — Os alemães invadem a HOLANDA, a BÉLGICA, o LUXEMBURGO e a FRANÇA. — 28 Mai — Retirada de DUNQUERQUE.

SEC ANO	REGIÃO	EVENTO

1941	Af	— 10 Jun — A ITÁLIA declara guerra aos aliados.
1942	Eu	— 22 Jun — Rendição da FRANÇA.
1943	Af	— 10 Jul — Início da BATALHA DA INGLATERRA.
1943	Eu	— 14 Jul —A ESTÔNIA, a LETÔNIA e a LITUÂNIA são anexadas à URSS.
1944	E O	— 27 Set — Assinatura do PACTO TRIPARTÍTE entre
1945	E O	ALEMANHA, ITÁLIA e JAPÀO.
	Eu	— Out — Tropas italianas invadem a GRÉCIA, mas são rechassadas antes de decorrido um mês.
	Am	— Dez — Os britânicos invadem a LÍBIA.
	Af	— Mar — A BULGÁRIA adere ao EIXO.
	Af	—Abr — Os alemães conquistam a IUGOSLÁVIA e a GRÉ CIA, salientando-se a operação aeroterrestre independente sobre CRETA.
	Eu	— Mai — Os italianos se rendem aos ingleses na ABISSÍNIA.
	Af	— 22 Jun —Os alemães invadem a URSS.
	Eu	— Ago — Assinatura da CARTA DO ATLÂNTICO, por ROOSEVELT e CHURCHILL.
	It	— 7 Dez — Os japoneses atacam PEARL HARBOR de surpresa;
	It	no dia imediato, os EUA entram na guerra.
	O P	— Jan — Os japoneses conquistam MANILHA e avançam em todo o SE asiático.
	E O	— Mai — Batalha do Mar CORAL, vencida por forças navais aliadas.
	Brasil	— Ago-nov — Início da batalha de STALINGRADO.
	Eu	— Entrada do BRASIL na 2“ Guerra Mundial.
	Eu	— O VIII Ex inglês (MONTGOMERY) vence o ÁFRICA CORPS (ROMMEL) em AL ALAMEIN.
	Brasil	— Desembarques aliados em possessões francesas (CASABLANCA, ORÃ e ARGEL).
	Eu	— Jan — Rendição de VON PAULUS em STALINGRADO.
	Eu	— Mai — Término da campanha da TUNÍSIA, com a derrota definitiva dos ítalo-germânicos.
	E 0	— Jun — Início da invasão da ITÁLIA pelos aliados.
	Brasil	— Jul — Destruição de MUSSOLINI.
		— Out — Depois de assinar um armistício com os aliados, a ITÁLIA declara guerra à ALEMANHA.
		— Dez — Conferência de TEERÃ, entre ROOSEVELT, CHURCHILL e STALIN.
		— Isolamento de RABAUL, no PACÍFICO (Março).
		— Mar — Início do funcionamento da Academia Militar
		— 6 Jun — Tropas aliadas desembarcam na NORMANDIA iniciando a invasão da "FORTALEZA DA EUROPA”, maior operação da História.
		— 15 Jun — Lançamento da primeira BOMBA-VOADORA, sobre LONDRES.
		— Partida para a Itália do l.° Esc. da FEB.
		— 15 Ago — Desembarque aliado no Sul da FRANÇA.
		— Dez — Contra-ofensiva alemã das ARDENAS, fracassada.
		—.Jan —Os norte-americanos, depois de prolongada série de sucessos aliados contra os japoneses no PACÍFICO, reconquistam MANILHA.
		— Fev 21 — Conquista de Monte Castelo pela FEB.

SEC ANO	REGIÀO	EVENTO
	Eu	— Fev — Conferência de YALTA, entre ROOSEVELT, CHURCHIL e STALIN.
	E 0	— Mar — Conquista, pelos norte-americanos, de IWOJIMA.
	E 0	— Abr — Conquista, pelos norte-americanos, de OKINAWA.
	Brasil	— Conquista de MONTESE pela FEB, abr.
	EUA	— Morte de ROOSEVELT.
	Al	— Forças soviéticas entram em BERLIM.
	Al	— Junção de forças russas e norte-americanas, em TORGAU, no Rio ELBA.
	It	— Morte de MUSSOLINI.
	Al	— Morte de HITLER.
	Brasil	— Rendição à FEB da 148.ª Divisão alemã.
	Al	— 7 Mai — Rendição incondicional da ALEMANHA.
	EUA	— 16 Mai — Explosão da primeira bomba atômica experimental.
	Eu	— Jul-Ago — Conferência de POTSDAM, entre TRUMAN, CHURCHIL (depois ATLEE) e STALIN.

	E O	— 6 Ago — Lançamento da primeira bomba atômica sobre HIROSHIMA.
	E O	— 8 Ago — A URSS declara guerra ao JAPÃO.
	E O	— 9 Ago — Lançamento da segunda bomba atômica sobre NAGASAKI.
	E O	— 15 Ago — Rendição do JAPÃO.
	EUA	— 24 Out — Instituída oficialmente a ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU).
	Brasil	— Fim do Estado Novo.
1946	Fr	— Estabelecimento da Quarta República.
	Eu	— Condenação em NUREMBERG, de 22 criminosos de guerra nazistas.
1947	Eu	— HUNGRIA e ROMÊNIA se tomaram comunistas.
	Eu	— Início da execução do PLANO MARSHALL.
1948	Am	— A TCHECOSLOVÁQUIA se toma comunista.
	Am	— Estabelecimento da ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA)
1949	Eu	— Criação da OTAN (NATO).
	E O	— Independência da INDONÉSIA.
	E O	— Vitória comunista na CHINA, após lutas reiniciadas em 1945.
1950	As	— Independência da ÍNDIA, após haver passado a domínio autônomo do Império Britânico, em 1947.
	E O	— Início da Guerra da CORÉIA, com duração até 1951.
1953	Rus	— Morte de STÁLIN.
	E O	— Armistício de PAN-MUN-JON, relativo à luta na CORÉIA.
1954	E O	— Conclusão da Guerra da INDOCHINA, com a retirada dos franceses e a repartição do VIETNAM em dois países pelo paralelo 17 (após 7 anos e meio de lutas).
	E O	— Criação da OTASE (SEATO).
1955	Eu	— Assinatura do PACTO DE VARSÓVIA.
	O P	— Criação do CENTO (PACTO DE BAGDÁ).
1956	Eg	— Os egípcios se apoderam do CANAL DE SUEZ.

SEC ANO	REGIÃO	EVENTO
	Eu	— Insurreição húngara, esmagada pelos russos.
	O P	— Guerra entre ISRAEL e EGITO, com a intervenção da INGLATERRA e da FRANÇA; a ONU impõe o "cessar fogo" e cria a sua primeira força internacional para vigiar a região fronteiriça entre os dois litigiantes (GAZA).
	Brasil	— Envio de um Batalhão brasileiro para SUEZ.
	Am	— Início da revolução cubana.
	Af	— Independência da TUNÍSIA e do MARROCOS.
1957	Rus	— Lançamento do primeiro satélite artificial da Terra.
	Fr	— O Gen DE GAULLE ascende ao governo.
1958	Fr	— Estabelecimento da Quinta República.
1959	Am	— Vitória da revolução cubana.
	As	— Invasão do TIBET pelos chineses.
1960	Af	— Independência do CONGO (ex-Belga), que em seguida se torna palco de lutas intensas, intervindo a ONU.
1961	Am	— FIDEL CASTRO se confessa comunista.
	As	— A ÍNDIA toma as possessões portuguesas de GOA, DAMÃO e DIU
1962	Af	— Independência da ARGÉLIA, após acirradas lutas.
	It	— Inauguração do XXII CONCÍLIO ECUMÊNICO.
	As	— Lutas de fronteiras entre indus e chineses.
	Am	— Bloqueio de CUBA, decretado pelos EUA (teve a duração de 5 dias).
1963	Af	— Fundação da ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA (OUA)
	Rus	— Acordo para proscrição das provas nucleares, firmado por EUA, INGLATERRA e URSS.
1964	Brasil	— Revolução Democrática - mar 31.
1965	Brasil	— Envio do FAIBRÁS a São Domingos.

CONVENÇÕES

— Além das constantes das cronologias anteriores, mais a seguinte :
— EUA..... ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

NOTA:

O Brasil na Idade Contemporânea recebeu influências das seguintes doutrinas militares: até a Independência, da portuguesa e inglesa. Da Independência até a guerra da Tríplice Aliança das doutrinas portuguesa, alemã e prussiana. Da guerra da Tríplice Aliança até a 1ª GM das doutrinas francesa e alemã. Da 1ª GM a *2ª* GM da alemã e francesa. A última através da Missão Militar Francesa até 1939. Durante e após a *2ª* GM influência predominante da doutrina dos EUA.

DOUTRINA MILITAR NA REVOLUÇÃO FRANCESA

1 - GENERALIDADES

A Revolução Francesa, que tem como marco histórico a tomada da BASTILHA, em 14 Jul 1789, foi ocasionada pela revolta do povo oprimido, contra o despotismo da realeza.

O seu lema de Igualdade, Liberdade e Fraternidade, bem exprime as causas e a finalidade desse movimento.

De caráter político, contribuiu, por uma série de razões, para a evolução da arte da guerra; arte essa, aprimorada, mais tarde, por NAPOLEÃO, valendo-se sabiamente das condições e modificações originadas da Revolução Francesa.

Anteriormente à Revolução, o exército francês era o maior e o melhor da época.

Com a Revolução Francesa, a elite do exército ou foi sacrificada, ou emigrou - conseqüência da anarquia e mesmo do terrorismo que se seguiram, como expansão desenfreada de uma massa recalcada.

Cedo, porém, a FRANÇA sentiu a necessidade de reorganizar seus exércitos para enfrentar as coroas vizinhas, que se coligaram a fim de sufocar as idéias liberais, surgidas com a Revolução; idéias essas que se expandiam pela EUROPA e que tomariam suas coroas insustentáveis.

O ano de 1792, marca o início de um largo período de guerra, entre a FRANÇA e quase toda a EUROPA. Período esse que se prolongou até 1815, quando desapareceu, do cenário político e militar europeu, NAPOLEÀO BONAPARTE, retomando, ao trono da FRANÇA, a dinastia dos BOURBONS.

2 - INSTITUIÇÕES MILITARES

A Revolução Francesa, causando modificações profundas no sistema político e econômico, na mentalidade do próprio povo e provocando grandes alterações em toda *a* escala hierárquica da administração civil e militar, forçosamente teria que modificar, de modo radical, as próprias instituições militares.

Até então, o povo, não tendo voz ativa no destino da nação, desinteressava-se completamente pelas guerras; em conseqüência, os exércitos eram constituídos por mercenários caros e de difícil substituição.

Havendo dificuldade em recompletamento, não eram procuradas batalhas decisivas.

Daí o objetivo das campanhas não ser a destruição do inimigo, o que ocasionava graves perdas, mesmo para o vencedor, mas sim, a conquista de território, redundando em guerras de posição contra cidades ou regiões, e de sítios intermináveis.

Os conflitos resultavam em guerras de grande duração, quase sempre sem solução definitiva.

Com os novos acontecimentos da Revolução, o povo passou a interessar-se pelas causas nacionais, podendo mesmo participar do seu próprio destino.

Percebendo que as coroas limítrofes visavam destruir todas as conquistas obtidas; conquistas que davam ao homem o direito de viver com dignidade e sobretudo, com maior liberdade.

Por outro lado, a FRANÇA, com os seus cofres vazios, não tinha dinheiro para formar exércitos mercenários, daí a formação de exércitos nacionais.

Manter as forças reunidas, quando o inimigo tem as suas separadas, atacar uma delas, depois a outra, eis a regra que já podia ser aplicada e que NAPOLEÁO seguirá magistralmente em 1796-97 na ITÁLIA.

CARNOT foi, dos chefes franceses de então, aquele a quem se deve creditar essa regra fundamental do sistema ou guerra da Revolução Francesa. Em resumo, fixou ele, como diretrizes ao exército, o cumprimento dos Princípios de: objetivo, ofensiva, massa e economia de forças.

3.2 - A TÁTICA

Infantaria

Logo após a Revolução, como os exércitos franceses eram formados em grande parte por tropas antigas, o combate se processava de acordo com a tática da época - a de FREDERICO II - com manobras formalísticas e complicadas, exigentes nas questões de marcha, alinhamento e mudança de direção.

Com o grande aumento dos efetivos dos exércitos, com elementos provindos de massas populares, foi impossível executar as manobras e manter a coesão necessária; daí, em lugar de batalhões corretamente alinhados para o fogo, o que parecia era uma linha desordenada de atiradores, mais ou menos densa, apoiada de quando em quando, por frações de ordem cerrada, agindo discricionariamente no campo de batalha.

Essa maneira de combater denominou-se: "atiradores em grandes bandos". Ao menor incidente, a desordem tomava enormes proporções. Esse modo de combater não era suficiente para se lançar ao ataque; servia apenas para prepará-los, por mais numerosos que fossem os "bandos de atiradores".

Havia pois, necessidade do emprego de batalhões coesos, prontos a se atirarem ao combate - coesão para a obtenção do poder de choque.

O emprego de atiradores foi mantido dentro de certos limites, regulado por oficiais dotados de experiência, que podiam mantê-los na mão.

Desapareceu o formalismo do período anterior, não só reconhecido como inútil, como difícil de ser conseguido com soldados não acostumados à rotina dos terrenos de exercícios.

Exigiam então, os regulamentos em vigor, uma ordem relativa.

A tropa desembaraçada dos cuidados dos alinhamentos geométricos, das distâncias e intervalos rígidos, abandonando o passo ordinário e usando o acelerado e até mesmo o de carga, não parando para mudar de formação, tornou-se, desde logo, capaz de agir rapidamente e com flexibilidade, contra o inimigo ainda amarrado às formações regulares e geométricas.

As linhas de batalhões desenvolvidas, cuja marcha era tão difícil desde que o terreno se apresentasse acidentado, foram substituídas pelas linhas de batalhões em coluna.

Em 1794, a formação do batalhão (9 cias) era a seguinte: na frente, 2 Cia, em três fileiras, justapostas; as outras Cias na mesma formação (em 3 fileiras), em coluna, à retaguarda; 1 ou 2 Cia de granadeiros e volteadores na frente ou flanco do dispositivo. Entre os Btl era colocada em Art de campanha. Era a adoção da tática chamada perpendicular.

Uma cortina de atiradores (volteadores) cobria os movimentos das colunas de apoio. No caso da massa de infantaria se desenvolver para a batalha, os atiradores saíam da frente dor batalhões e se dirigiam para os flancos ou para os intervalos.

Assim, os exércitos franceses, baioneta armada e cantando a MARSELHESA, rompiam as linhas adversárias e os seus generais, sem manobras sábias, apenas

progredindo atrás dos enxames de atiradores, atacavam em massas profundas.

Tudo isso era, aliás, possível, devido ao fraco alcance das armas e a lentidão do tiro. O assaltante em um ou dois minutos, no passo de carga, podia chegar ao choque com o adversário.

A improvisação de um grande número de generais jovens teve o mérito de não permitir que eles se apegassem às tradições da guerra prudente do Sec XVIII, antes de 1789. Por outro lado, sendo jovens, eram dotados de espírito ofensivo, apuravam suas marchas, deixavam de lado as praças fortes e procuravam logo a batalha.

Na defensiva, graças ao aperfeiçoamento da Artilharia e ao sistema divisionário surge um conceito novo - a manobra em ^retirada, que vai dar às operações uma flexibilidade e uma elasticidade até então desconhecidas.

Assim, uma divisão encarregada de manobrar em retirada, escolhe posições geograficamente fortes, trava o combate à distância, graças ao alcance aumentado de sua artilharia, força o inimigo a se desdobrar e a perder tempo, e rompe o contacto antes de ser aferrada, indo renovar a manobra em outra posição. Contra a cavalaria, a infantaria formava os quadrados e, entre os quadrados, estendia-se a infantaria de elite.

Cavalaria

Antes do combate, a cavalaria marchava à frente da divisão, como segurança, durante o combate era colocada à retaguarda, como reserva; pronta a intervir, após o combate, com as cargas, coroava o êxito.

As cargas contra a cavalaria inimiga eram dadas com os regimentos em batalha; contra a infantaria, em colunais de esquadrões em batalha.

Nas alas eram constituídas reservas de esquadrões com o fim de atuarem sobre os flancos do adversário.

Artilharia

A artilharia era empregada em grupamentos de companhias (Bia), com as mesmas missões da época anterior e continuava enquadrada no dispositivo da infantaria e posteriormente no da cavalaria, quando foram constituídas as D C.

DOUTRINA MILITAR DE NAPOLEÃO

1 - GENERALIDADES

A reação das monarquias européias contra as novas idéias propagadas pela Revolução de 1789 vão gerar as lutas chamadas "Guerras da Revolução Francesa".

A vitória dos revolucionários na batalha de VALMY (1792) consolidou a Revolução no plano interno,porém no plano externo aumentou o antagonismo existente.

Entre 1793 - 1797, com a INGLATERRA à frente é organizada a l.ª coligação de nações européia contra a FRANÇA,que invadida em vários pontos,reagiu, expulsou os invasores e passou a ofensiva, no exterior.

É neste quadro que começa a despontar a figura de NAPOLEÀO BONAPARTE.

Nascido em AJÁCIO, na CÓRSEGA, NAPOLEÀO cedo foi levado para PARIS e matriculado na Escola Militar, onde nada revelou de notável. Saído tenente em 1785, foi depois proscrito do Exército por suas idéias revolucionárias. Com a vitória da Revolução retorna ao serviço ativo sob a proteção de ROBESPIERRE e face a 1.* coligação é enviado à ITÁLIA com o posto de Brigadeiro encarregado da Artilharia.

Mais tarde lhe é dado o comando das tropas francesas que há longo tempo viviam famintas e descalças, na orla do Mediterrâneo, acossadas pelos piemonteses e austríacos, sob a ameaça da esquadra inglesa.

Vai agora iniciar-se o intenso período de glórias e vitórias do novo General que contava a essa época, 1796, apenas 27 anos. A memorável campanha se assinala por uma série de vitórias notáveis: MILLESSIMO, CASTI GLIONE, LODI, ARCOLE, RIVOLI.

De volta a PARIS é recebido como um triunfador, tornando-se ídolo do povo.

O Diretório, então, desvencilha-se de BONAPARTE, confiando-lhe a campanha do EGITO, como ameaça à INGLATERRA, que ficou isolada contra a FRANÇA após a Paz de CAMPO FÓRMIO que pôs fim à I.[1] Coligação.

Desembarca, BONAPARTE, sem resistência em ALEXANDRIA e, após a batalha às portas do CAIRO, na qual seus soldados ouviram a famosa exortação "Do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam", entra naquela cidade. Mas a esquadra inglesa de NELSON surpreende a francesa de BRUEYS no porto de ABOUKIR e a destrói.

BONAPARTE ainda tenta uma surtida sobre a SÍRIA, de onde, talvez, iniciasse *a* marcha para as ÍNDIAS, seguindo a mesma rota mais de dois mil anos descrita por ALEXANDRE.

Por não haver conquistado SÃO JOÃO D'ACRE, na PALESTINA, NAPOLEÃO deixa no EGITO o exército sob o comando de KLEBER e regressa à FRANÇA.

Ao pisar o solo francês, BONAPARTE inteirou-se da confusão reinante nas esferas governamentais, com os membros do Diretório hostilizando-se mutuamente.

Ambicioso, compreendeu que aquele era o momento exato para assumir ao poder da FRANÇA. Assim por um golpe de força se fez aclamar I.° cônsul (1799) e mais tarde aproveitando-se da vitória alcançada em MARENGO (ITÁLIA) durante a 2.' Coligação que se formara contra a FRANÇA, torna-se em 1802 Cônsul vitalício.

Já agora senhor de tão absolutos poderes não foi difícil a NAPOLEÃO fazer-se proclamar Imperador dos Franceses em 1804.

Atingindo o pináculo de sua ambição, BONAPARTE, agora NAPOLEÃO I, só podia conservar-se no poder graças a novas vitórias que pudesse obter em novas guerras, já que as nações européias, com a INGLATERRA à frente, viam no Imperador francês uma nova ameaça para a EUROPA.

Foram organizadas, então, de 1804 a 1815, 6 coligações contra NAPOLEÃO. A elas responde BONAPARTE com as vitórias de AUSTERLITZ (1805), IENA (1806), AUERTEDT (1806), EYLAU(1807), FRIEDLAND(1807), WAGRAN(1809), BORODINO(1812), SMOLENSK(1812)

A campanha de 1812, contra a RÚSSIA, com o insucesso na ocupação de MOSCOU, vai marcar o início do ofuscamento da estrela de BONAPARTE.

De fato após o insucesso dessa campanha segue-se a derrota em LEIPZIG e em seguida a entrada dos coligados em PARIS, a despeito do esforço de NAPOLEÃO desenvolvido na campanha de 1814 e na qual seu gênio militar brilhara ainda.

Obrigado a abdicar, NAPOLEÃO exila-se na ilha de ELBA.

LUIZ XVIII, que havia assumido o trono, não estava, entretanto, em condições de conduzir os destinos da nação e esta cai novamente na anarquia.

NAPOLEÃO, vê nisso uma oportunidade para retomar o poder e, menos de um ano após seu exílio, ei-lo novamente instalado nas TULHERIAS, do qual chegou sobre os ombros do povo delirante de entusiasmo.

Para fazer face ao perigo napoleônico, INGLATERRA, ÁUSTRIA, PRÚSSIA e RÚSSIA, aprestaram uma nova coligação (a 8.").

E, em WATERLOO (18 JUN 1815) derrotado pelos ingleses, BONAPARTE vê sua fulgentíssima estrela de guerreiro apagar-se definitivamente.

Exilado na longínqua ilha de STA. HELENA, NAPOLEÃO lá veio a falecer em 5 Mai

1821.

2 - CAMPANHA DE NAPOLEÃO

QUADRO SINTÉTICO

Época		Principais acontecimentos	Local	Adversários
	Abr	I.ª CAMPANHA DA ITÁLIA — Conquista do PIEMONTE		SARDENHA ÁUSTRIA
	Mai	— Conquista da LOMBARDIA		

Época		Principais acontecimentos	Local	Adversários
1796	Ago	— Sítio de MÂNTUA — Batalha de CASTIGLIONE	ITÁLIA	ÁUSTRIA
	Jan	— Batalha de RIVOLLI		
1797	Abr	— Marcha sobre VIENA	ÁUSTRIA	
1798	Jul	CAMPANHA DO EGITO — Desembarque em ALEXANDRIA	EGITO	INGLATERRA e TURQUIA
		— Batalha das Pirâmides		
	Ago	— Batalha naval de ABOUKIR (o)		
1799	Jan	— Avanço sobre a SÍRIA (b)	SÍRIA	
	Mar	— Sítio de ACRE (b)		
	Jul	— Batalha de ABOUKIR	EGITO	
	Ago	— Regresso à FRANÇA		
	Nov	NOMEAÇÃO DE 1.» CÔNSUL		
1800	Mai	2.ª CAMPANHA DA ITÁLIA	ITÁLIA	ÁUSTRIA
	Jun	— Batalha de MARENGO		
1802	Ago	PROCLAMAÇÃO — CÔNSUL VITALÍCIO		
1804	Mai	PROCLAMAÇÃO — IMPERADOR		
1805		CAMPANHA DE 1805 — Batalha naval de TRAFALGAR (c)	ESPANHA	INGLATERRA ÁUSTRIA RÚSSIA SUÉCIA
	Out Dez	— Manobra de ULM — Batalha de AUSTERLITZ	ÁUSTRIA	
1806	Out	CAMPANHA DE 1806 — Batalha de IENA — Batalha de AUERSTEDT	PRÚSSIA	PRÚSSIA RÚSSIA
1807	Jan	CAMPANHA DE 1807 — Batalha de EYLAU	PRÚSSIA	PRÚSSIA RÚSSIA
	Jun	— Batalha de FRIEDLAND		
		— Paz de TILSIT		
1808	Jul	CAMPANHA DA ESPANHA — Batalha de BAYLEN (c)	ESPANHA	ESPANHA PORTUGAL INGLATERRA
	Ago	- Batalha de VIMEIROS (c)	PORTUGAL	
	Dez	— Entrada em MADRID	ESPANHA	
1809	Abr	CAMPANHA DE 1809 — Batalha de ABENSBERG	ÁUSTRIA	ÁUSTRIA
	Mai	— Batalha de ESSLING (a)		

	Jul	— Batalha de WAGRAM	ÁUSTRIA	

Época		Principais acontecimentos	Local	Adversários
1812	Ago	CAMPANHA DA RÚSSIA — Batalha de SMOLENSK	RÚSSIA	RÚSSIA
	Set	— Batalha de BORODINO — Ocupação de MOSCOU (b)		
	Nov	— Travessia do BERESINA (b)		
1813	Mai	CAMPANHA DE 1813 — Batalha de LUTZEN (d)	PRÚSSIA	INGLATERRA RÚSSIA ÁUSTRIA SUÉCIA PRÚSSIA
		— Batalha de BAUTZEN (d)		
	Ago	— Batalha de DRESDEN		
	Out	— Batalha de LEIPZIG (a)		
1814	Jan	CAMPANHA DE 1814 — Queda de PARIS (a)	FRANÇA ♦	INGLATERRA PRÚSSIA ÁUSTRIA
	Abr	— Abdicação de NAPOLEÃO		
	Mai	— Prisioneiro de ELBA	Ilha de ELBA	
1815	Fev	CAMPANHA DOS CEM DIAS — Fuga de ELBA	FRANÇA	INGLATERRA PRÚSSIA ÁUSTRIA RÚSSIA
	Mar	— Desembarque em CANES		
		ENTRADA EM PARIS		
	Jun	— Batalha de LIGNY — Batalha de WATERLOO (a)	BÉLGICA	
	Out	— Prisioneiro de SANTA HELENA		
1821	Mai	— Morte de NAPOLEÃO	S. HELENA	

OBSERVAÇÕES

(a) — Derrota Francesa.

(b) — Insucesso Francês.

(c) — Derrota Francesa - Napoleão não participou da Batalha.

(d) — Batalha indecisa.

3 - ORGANIZAÇÃO MILITAR

Não houve, sob NAPOLEÃO, transformações profundas na organização do Exército.

Persistiram os princípios do serviço militar e da organização estabelecidos no tempo da Revolução.

A Revolução Francesa contribuiu assim com importantes modificações, especialmente no sistema de formação dos exércitos, nas organizações e nos processos de combate.

Coube, entretanto, a BONAPARTE, aperfeiçoar o organismo militar da Revolução dando-lhe mais coesão, formidável estrutura militar, e confiança inabalável na vitória.

Suas divisões foram instruídas de modo a fugirem ao combate esquemático. Elas se tornaram pela instrução, elásticas e facilmente manejáveis.

E quando viu que os exércitos pelo aumento que iam tendo a ponto do sistema divisionário não poder corresponder mais a esse enorme efetivo, criou uma unidade tática mais forte que a divisão: o corpo de exército com 2 a 4 divisões.

Da reunião desses corpos nasceu o grande Exército, subordinado ao comando direto do Imperador.

A grande originalidade do exército imperial foi a sua transformação de francês inicialmente, em verdadeiro exército europeu, a tal ponto, que por ocasião da campanha

da RÚSSIA, os elementos estrangeiros constituíam mais da metade do seu efetivo.

Assim, a partir de 1805, o exército napoleônico começou a incluir unidades estrangeiras cujo número foi crescendo sem cessar.

Ainda quando l.° Cônsul, NAPOLEÂO procedeu à depuração do quadro de oficiais subalternos, pela reforma dos que já estavam velhos ou eram ignorantes ou considerados moralmente incapazes, e estabeleceu a promoção por arma mediante escolha para os postos superiores ao de capitão.

Uma escola militar em SAINT-CYR devia formar os oficiais de melhor instrução, de onde sairiam os quadros superiores que BONAPARTE desejava fossem jovens. Os coronéis e os generais tinham em média 37 anos; muitos tinham menos.

A disciplina das tropas de NAPOLEÂO conciliava-se com o espírito revolucionário que ainda perdurava em FRANÇA e assim tinha uma feição toda especial.

NAPOLEÂO exercia uma verdadeira fascinação em suas tropas, graças ao prestígio de seu gênio e à maneira de tratar os soldados.

Na Infantaria foi restabelecida a denominação de Regimento dando-a à meia brigada.

Com homens selecionados entre os mais vivos, e especialmente treinados, NAPOLEÂO constituiu corpos de volteadores e flanqueadores, que formavam a infantaria ligeira.

Ainda não sendo o fogo da Infantaria suficiente rápido e longínquo para poder, por si só, deter cargas de grandes massas de Cavalaria, a melhor formação de defesa contra tais cargas era o quadrado.

Os quadrados ficavam dispostos, um em relação aos outros, em "xadrês", em escalões, etc, de modo que os fogos de um não atingissem os outros.

O armamento utilizado era o fuzil modelo 1777.

Na Cavalaria, que ele soube empregar melhor do que ninguém antes de si, e que era muito numerosa, distinguia: a de reserva, ou grande cavalaria, com os couraceiros; e carabineiros; a de linha com os dragões e os lanceiros; e a ligeira, com os hussardos e caçadores.

Nas mãos de NAPOLEÂO a Cavalaria passou a ter um emprego mais acertado: explorava à distância, e fazia a segurança aproximada. Tomava parte nas batalhas e carregava contra o inimigo quando se apresentava oportunidade.

Até 1807, a Artilharia, no combate, era disposta em grupos de 2 a 8 peças nos intervalos dos batalhões ou, então, à retaguarda da lª linha, se havia posições dominantes.

Como a Artilharia, pelo seu fraco alcance eficaz, era obrigada a ficar a uma distância do inimigo não ultrapassando 900m; as baterias, uma vez empenhadas no combate, não podiam ser retiradas para agir noutra parte da frente.

NAPOLEÂO tratou, então, de constituir, independentemente da artilharia divisionária, as reservas de artilharia, destinadas a abrir brechas e, eventualmente, a reforçar com algumas baterias a artilharia de qualquer divisão.

Na Engenharia, os pontoneiros, que constituíam um grupo à parte, eram agregados à Artilharia; quanto aos engenheiros propriamente ditos eram organizados em unidades de sapadores e mineiros.

Acima do exército de linha, NAPOLEÂO colocou a Guarda Imperial, corpo de elite, temido na EUROPA inteira. Era a reserva invencível e sua aparição, em muitas emergências foi suficiente para decidir a vitória.

Finalmente cumpre salientar que NAPOLEÂO foi o primeiro organizador do serviço de ordens. Sempre teve ao seu lado salvo em 1815, o Major-General BERTHIER encarregado desse serviço e que tinha por missão fazer chegar às tropas as idéias do imperador sob a forma de "ordens". Esse serviço comportava a existência de um certo

número de oficiais de Estado-Maior e numerosos ajudantes-de-ordens.

4 - A TÁTICA E A ESTRATÉGIA

Já vimos que o instrumento utilizado por NAPOLEÀO para a sua investida através da EUROPA, foi o exército forjado pela Revolução Francesa, e o espírito ofensivo desse exército.

A isto aliou-se o espírito de observador e o conhecimento profundo que BONAPARTE tinha da História Militar.

Daí o seu modo de agir, a convicção que tinha de defender o êxito de uma campanha ofensiva, único meio de ter a iniciativa das operações; da surpresa do ataque, da superioridade de forças no ponto desejado e no momento oportuno; finalmente no impor sua vontade ao adversário forçando-o à batalha geral, único modo de ganhar *a* guerra.

A velocidade de suas ações, a implacabilidade de suas perseguições, a sua faculdade de tirar partido imediato dos erros do adversário, seu conhecimento dos homens, fazem de NAPOLEÃO um chefe militar excepcional.

Ao iniciar uma campanha o Imperador guardava o máximo segredo e o norteava a resolução de ser o mais forte no ponto e momento decisivo.

Para isso admirável era o serviço de informações. Espiões e agentes se espalhavam por todos os países que lhe interessasse conhecer.

O serviço geográfico do exército foi aperfeiçoado e nenhuma carta geográfica publicada na EUROPA deixava de figurar na mapoteca de NAPOLEÃO que a obtinha de qualquer modo.

A distribuição de forças pelos teatros ou operações obedecia a existência de teatros principal e secundário: para aquele o máximo, para este o mínimo possível; era o princípio da economia de força aplicada com o fim de dar-lhe liberdade de ação.

Jamais, BONAPARTE assumiu atitude puramente defensiva, tão logo era possível passava à ofensiva, que só ela dá resultado compensador.

Como nesta ofensiva visava diretamente o exército inimigo, procurava aceitar a batalha geral e para a qual concentrava todas as forças disponíveis.

Na batalha, verificou que há sempre um momento crítico.

Percebê-lo, saber aproveitá-lo e para isso dispor de meios e colocá-los em situação vantajosa a do inimigo eis a chave da vitória.

Dentro desta concepção as campanhas de NAPOLEÃO são caracterizadas pela presença constante do princípio da manobra.

BONAPARTE jamais deixou de manobrar, quer no campo tático, quer no campo estratégico.

Nas suas campanhas, NAPOLEÃO empregou normalmente dois tipos de manobras estratégicas: a manobra em posição central (em linhas interiores) e a manobra de flanco.

A manobra em posição central compreendia a seguinte idéia geral:

- procurar impedir a reunião das forças inimigas, ou separá-las;
- interpor-se entre as forças, ocupando uma posição central;
- lançar-se, com o grosso sobre cada uma, delas, sucessivamente, cobrindo-se contra outras;
- enfim, por em ação, no ponto decisivo e no momento oportuno, forças superiores às do inimigo.

A manobra visava, com efetivos menores, bater o adversário, numericamente superior, dentro da máxima "dividir para vencer".

A manobra em posição central era executada de duas formas:

- por ação ofensiva, nos âmbitos tático e estratégico;
- por uma espera ou expectativa estratégica, no âmbito estratégico.

Na primeira forma, a posição central era buscada por uma simples ocupação, com ou sem combates prévios ou pela conquista. O mais comum era a ocupação da posição central por um brusco deslocamento, numa atitude francamente ofensiva.

A segunda forma, expectativa estratégica, era imposta desde que existisse completa impossibilidade de acatar uma atitude ofensiva, no âmbito estratégico.

A idéia geral da expectativa estratégica era aguardar, com um dispositivo flexível, os erros do inimigo para dentro de um sábio aproveitamento de terreno, situar-se no interior de seu dispositivo.

Colocado no interior do dispositivo inimigo, NAPOLEÃO passava da atitude defensiva estratégica para a ofensiva tática sobre o elemento que lhe parecesse mais forte ou que maior mal pudesse lhe causar.

A manobra de flanco (ala): compreendia colocar, por um amplo envolvimento, o grosso das forças à retaguarda do inimigo, cortando todas as linhas de retirada.

Atingida uma região à retaguarda do inimigo, ficavam cortadas as vias de transporte o que impedia a chegada de reforços ou a retirada, facilitando e acelerando assim, a decisão final.

O inimigo sem poder receber reforços, suprimentos ou retirar-se, era ainda forçado a combater com a frente invertida.

No campo tático, isto é, na execução da batalha, NAPOLEÀO também executou *a* manobra de flanco e a manobra central.

O tipo da manobra tática de NAPOLEÀO, consistia em:

- ação em toda a frente, apenas com forças suficientes para aferrar o inimigo e levá-lo a empenhar nessa frente a totalidade ou, ao menos, a maior parte de suas forças.
- movimento envolvente de ala do inimigo, situada mais próximo da linha natural de retirada; caso o inimigo apresente os flancos bem apoiados, como em AUSTERLITZ, empregava a penetração (tipo de manobra central).
- ofensiva e fundo, com a massa principal, contra a parte do dispositivo inimigo, já enfraquecida por atender a ação contra a retaguarda; manutenção de uma reserva geral, pronta para fazer face as eventualidades e concorrer para o aproveitamento do sucesso ou êxito.

Para o acabamento da batalha, caso o inimigo vencido não estivesse aniquilado, como o exército prussiano depois das batalhas de IENA e AUERSTEDT, NAPOLEÀO realizava a perseguição com a cavalaria, que ele soube empregar melhor do que ninguém.

Durante o período das campanhas napoleônicas foi publicado o "Tratado das Grandes Operações", de autoria de JOMINI, o qual mostrava que todas as ações de NAPOLEÀO, até então, tinham obedecido à mesma regra: pôr em ação no ponto decisivo e no momento oportuno forças superiores às do inimigo.

A sistematização que JOMINI pretendia fazer do modo de atuar de NAPOLEÀO irritou o Imperador que ao tomar conhecimento dessa publicação exclamou:

—"Que faz o ministro da polícia? Como deixa imprimir semelhante livro? Ele ensina o meu sistema de guerra aos meus adversários. A obra deve ser apreendida! "

Com a observação de um seu ministro de que já era muito tarde; que os editores já haviam, sem dúvida, remetido exemplares a seus colegas estrangeiros e que uma apreensão excitaria a curiosidade, NAPOLEÃO concordou:

—" De fato, dei importância exagerada a isto; os velhos generais que comandam contra mim não lêem mais e os oficiais jovens que lêem, ainda não comandam ".

5 - O PENSAMENTO MILITAR DE NAPOLEÃO

NAPOLEÃO foi, acima de tudo, um executor magistral de suas próprias idéias militares. Escreveu, assim, com a espada, memoráveis campanhas desde 1796 até 1815.

Isso não quer dizer, em absoluto, que não tenha sido também um grande homem de idéias um eminente pensador militar.

Dotado de prodigiosa capacidade de trabalho, NAPOLEÃO deixou em sua vastíssima correspondência, principalmente a dirigida aos seus generais, o feito do seu pensamento militar.

Em 1830 foram publicadas em PARIS, pela primeira vez, as famosas "máximas" de NAPOLEÃO, das quais são a seguir transcritas algumas que merecem a nossa meditação.

(1) - "Um comandante em chefe deve perguntar a si mesmo diversas vezes por dia: Se o inimigo aparecer na linha de frente, na minha direita ou na minha esquerda, o que hei de fazer? Se não está certo a respeito do que fazer, há qualquer coisa de errado com a sua tropa que é preciso corrigir".

(2) - "Quando um chefe tem a intenção de travar batalha, deve reunir todas as suas forças e não omitir nenhuma. Um Btl às vezes decide a vitória".

(3) - "É missão da Cavalaria acabar a vitória e evitar que um inimigo batido se reorganize".

(4) - "Quando uma nação não dispõe de um corpo de oficiais e nenhum fundamento de organização militar, é muito difícil para ela organizar um exército".

(5) - "Nada é mais importante na guerra do que a unidade de comando; por conseguinte, quando se trava a guerra contra uma única potência, deve haver apenas um exército, atuando em uma só direção e conduzido por um só chefe".

(6) - "Os grandes feitos de um grande general não advêm da sorte ou do destino. São o resultado de planejamento e de talento".

(7) - "A guerra se compõe essencialmente de acidentes e conquanto deva seguir os princípios gerais da arte da guerra, um chefe não deve perder nenhuma oportunidade de tirar partido desses acidentes. Isto é a essência do gênio militar, na guerra há somente uma oportunidade favorável. O gênio sabe aproveitá-la".

(8) - "A defensiva não exclui o ataque. Igualmente, a ofensiva não exclui a defesa, embora sua finalidade seja irromper através da fronteira e invadir o país inimigo".

(9) - "A arte da guerra terrestre é uma arte de gênio, de inspiração".

(10) -"Os comandantes - em - chefe são orientados por sua própria experiência e por seu talento. A tática, as manobras, a ciência do engenheiro e do artilheiro, podem ser aprendidas nos manuais; porém o conhecimento da tática superior só se obtém pela experiência e pelo estudo da história das campanhas de todos os grandes capitães".

"Leiam e releiam as campanhas de ALEXANDRE, ANÍBAL, CÉSAR, GUSTAVO ADOLFO, TURENNE e FREDERICO II. Tomem-nos como seus modelos, pois este é o único meio de se tomar um grande chefe e descobrir os segredos da arte da guerra".

DOUTRINA MILITAR NO SÉCULO XIX

1 - GENERALIDADES

O Sec XIX é caracterizado por notáveis transformações no plano político, social e econômico com reflexos no plano militar.

As idéias herdadas da Revolução Francesa desencadeiam na Europa e na América Latina novas forças impulsoras de libertação e formação de novos Estados.

Assim contemplamos na América Latina as guerras de independência e formação dos Estados latino-americanos. Na área do império otomano desencadeia-se a

Insurreição da SÉRVIA (1804-1815), da qual resultou a autonomia do país; a Insurreição da GRÉCIA (1821- 1829) e Guerra Russo-Turca (1829); a Guerra da CRIMÉIA (1854-56); a Guerra dos Bálcãs

Simultaneamente, a primeira metade do Sec XIX assiste a numerosos movimentos armados do chamado período de agitação política; durante o qual os povos, em nome do princípio da soberania popular exigem a prática do regime constitucional.

Tais são as revoluções liberais de CADIZ (1820), do PORTO (1821), de Jul de 1830 e Fev de 1848 na FRANÇA.

Nenhum desses movimentos armados contribuiu, entretanto, para a evolução da arte da guerra a não ser que as guerras de independência vieram anunciar que as guerras nacionais apelavam para a ideologia como fator primacial para a vitória.

De agora em diante, não bastava que a Nação se integrasse na luta; era essencial que possuísse ideiais mais sugestivos e mais catalizadores do que os da Nação oponente. E quanto a isso as Guerras de Unificação da ALEMANHA (Guerra dos Ducados, Guerra contra ÁUS TRIA e Guerra Franco-Prussiana) constituiu um bom exemplo.

O fator básico na evolução da arte da guerra no Sec XIX, é entretanto, a Revolução Industrial, verificada na segunda metade desse século.

O processo caracterizou-se, em linhas gerais, pelo crescimento extraordinário da produção, resultante da invenção da máquina a vapor por WATT.

A par do aumento do poder de produção, surgiu a capacidade de transporte com o navio a vapor e a estrada de ferro.

Tais realizações completadas com a invenção do telégrafo elétrico e outras vão ter profundas repercussões na economia, forçando a adoção de um novo arranjo entre as Nações.

Aparecem, assim, as competições, as rivalidades em torno das fontes de matérias primas, dos mercados e das zonas geográficas importantes com as guerras coloniais e imperialistas em que a ÁFRICA e o EXTREMO ORIENTE foram palco, e a guerra dos Boers foi a que mais contribuiu para a arte da guerra.

Mas é na AMÉRICA DO NORTE com a Guerra de Sucessão (1861-64) que vamos encontrar ensaiados pela primeira vez os principais meios postos à disposição dos exércitos pela Revolução industrial, embora na Guerra da Criméia (1854-55) já tivesse sido experimentado o telégrafo elétrico em operações de combate.

Ressalta, entretanto, neste quadro de guerras travadas no Sec XIX a ausência do grande chefe militar, do estrategista, do comandante supremo à frente de seus exércitos dirigindo a batalha.

É que após a queda de NAPOLEÃO a Arte da Guerra perdeu aquele cunho pessoal e único que vinha desde JESAR.

Não houve, portanto, continuadores da glória de NAPOLEÂO, embora SHERMAN, na Guerra da Secessão e MOLTKE, na Guerra Franco-Prussiana, possam ser apontados como notáveis estrategistas.

Há que ressaltar finalmente a influência dos escritos de CLAUSEWITZ, sobre o pensamento militar prussiano, na segunda metade do Sec XIX, contribuindo de forma categórica para uma nova concepção da guerra.

2 - **CLAUSEWITZ**

KARL von CLAUSEWITZ (1780-1831) é um pensador militar que viveu no século XIX, mas cuja obra é ainda atual. Com efeito, às vésperas da guerra mundial de 1939-45 seus trabalhos, estavam em todas as vitrinas das livrarias alemãs.

Mais significativo do que isso é o fato de LENINE e os marxistas haverem esposado

a conhecida tese de CLAUSEWITZ de que "a guerra é a continuação da política por outros meios", especialmente os violentos.

Com 12 anos de idade, CLAUSEWITZ sentou praça no exército prussiano, então ainda sob a influência de FREDERICO II. Galgou os postos da hierarquia militar e em 1810 tornava-se membro do E M prussiano e professor da Escola Militar da PRÜSSIA.

Combateu as tropas de NAPOLEÂO e finalmente como comandante da Escola Militar de BERLIM, sistematizou e ampliou seus escritos sobre a concepção da guerra.

CLAUSEWITZ não criou nenhum sistema de estratégia. O que ele deixou foi uma diretriz de pensamento para o espírito prussiano, responsável pelas vitórias da PRÚSSIA nas guerras de 1866 e 1870.

Depois destas, CLAUSEWITZ tornou-se o ídolo do exército alemão sendo alguns de seus conceitos empregados pelos germânicos durante as 1ª e 2ª guerras mundiais.

Não só na ALEMANHA, mas em outros países, a filosofia de guerra de CLAUSEWITZ, tornou-se a base dos estudos militares, além de ter nutrido, como já frizamos, o pensamento marxista sobre a guerra.

A seguir transcreveremos alguns dos conceitos de CLAUSEWITZ, tirados de seu livro "Da Guerra". (Os comentários são do Cel Francisco Ruas Santos).

(1) - "A guerra é um ato de violência para compelir nosso adversário a dobrar-se. A violência reveste-se das invenções da arte e da ciência, a fim de enfrentar a violência".

"Uma vez que o emprego da força física em sua extensão máxima não exclui, de modo algum, a cooperação da inteligência, segue-se que quem usa a força de modo ilimitado, sem prestar atenção à quantidade do derramamento de sangue, deve obter uma superioridade, se o adversário não procede do mesmo modo".

(2) - "A destruição da força militar do adversário é o princípio-guia da guerra e, no que tange às ações positivas, o caminho direto para aquele objetivo".

"Essa destruição da força inimiga deve ser obtida principalmente por meios de batalha".

(3) - "O país (inimigo) deve ser conquistado, pois, do contrário, dele surgirá uma nova força militar. O poder militar (do inimigo) deve ser destruído. Porém, mesmo que essas duas coisas sejam conseguidas, a guerra não pode ser tida como acabada, enquanto a vontade do adversário não estiver também subjugada".

Estes três conceitos acentuam a natureza violenta da guerra encarada por CLAUSEWITZ, pois para ele esta não é apenas uma contenda entre exércitos, mas uma luta de vida e morte entre nações. A guerra assim concebida é o que CLAUSEWITZ e muitos autores depois dele classificam de guerra absoluta, isto é, aquela em que todas as forças são empregadas simultaneamente até o máximo. Pressentia assim, a guerra total.

(4) - "Na guerra tudo é indeterminado... o conjunto de uma ação militar acha-se penetrado completamente pelas forças morais e seus efeitos".

"Em estratégia tudo é muito simples, mas de modo algum muito fácil". E isso justamente porque "é necessário grande força moral para por um plano em execução e levá-lo a cabo com determinação".

CLAUSEWITZ continuamente põe ênfase no efeito das forças morais e na importância dos grandes chefes.

(5) - "A guerra é um instrumento da política; deve necessariamente a ela se subordinar e ajustar-se à sua escala. A conduta da guerra, em suas grandes linhas, é, portanto, a política armada de espada em vez de pena, mas não deve por isso, deixar de reger-se por suas próprias leis".

"A guerra é uma mera continuação da política por outros meios".

Este último conceito é o mais divulgado de CLAUSEWITZ; punha a guerra em seu lugar, não como um fim em si mesma, porém como um meio para atingir um fim. Este foi o tópico utilizado pelos marxistas para expandirem suas idéias sobre a guerra

revolucionária.

3 - REFLEXOS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

O desenvolvimento demográfico, o extraordinário surto dos meios de transporte, o progresso da navegação a vapor, a possibilidade de produção em grandes quantidades de bens de consumo e o acentuado progresso técnico que passa a introduzir, rapidamente consideráveis aperfeiçoamentos no armamento, tudo isso propiciado pela Revolução Industrial, não poderiam deixar de encontrar reflexos profundos na arte da guerra.

Antes dessa mudança na fisionomia do mundo, os exércitos em campanha mantinham-se, na maior parte, com os recursos das próprias zonas atravessadas; recrutavam-se heterogeneamente (ainda que a Revolução Francesa tivesse assinalado o advento dos exércitos nacionais); moviam- se com relativa lentidão nos preliminares do combate; não exigiam preparo prévio minucioso do soldado; e, empregando armamento de fraco teor técnico, não acarretavam, no combate, perdas consideráveis em pessoal como em material, nem impunham demorados choques.

O advento das mudanças a que a segunda metade do Sec XIX assiste introduz profundas alterações nesse quadro.

A Revolução Industrial tomou, cada vez mais, a força bélica dependente da capacidade de produção e de transporte. Vê-se-o através dos armamentos que vão surgindo, no arranjo dos exércitos e no desenrolar das lutas, até atingir o estado de coisas que denominamos guerra total.

Realizou-se, então, uma verdadeira corrida técnica que só as nações industrializadas podiam suportar.

A invenção da cápsula de percussão e do projétil cilindro-ogival levou à invenção do fuzil carregado pela culatra; e, em 1841, os prussianos distribuíam as primeiras dessas armas à sua infantaria: o fuzil DREYSE.

Esta arma foi posteriormente aperfeiçoada surgindo em seu lugar, na França, em 1866 o famoso fuzil CHASSEPOT com as seguintes características: velocidade de tiro - 6 tpm; alcance - 1200 m; calibre - 11 mm.

Já o fuzil de repetição somente aparecerá em 1886 com o fuzil francês LEBEL, de 8 mm, alcance de 2000 m, com depósito na culatra para 8 cartuchos.

As metralhadoras fazem a sua aparição na Guerra da Secessão que ante as necessidades crescentes da luta exigia armas mais aperfeiçoadas. Surgiram então as célebres "machine-gun", o fuzil-máquina que podia disparar 125 tiros por minuto.

O sistema destas armas americanas foi aperfeiçoado pelos franceses que lhe deram o nome de "mitrailheuses" devido à semelhança do fogo por elas produzido com as metralhadoras das peças de artilharia.

As metralhadoras só vão se firmar no campo de batalha no século seguinte, durante a Guerra Russo-Japonesa.

Outra grande contribuição da Revolução Industrial ao aperfeiçoamento técnico do armamento é a substituição do canhão de alma lisa pelo canhão raiado de carregamento pela culatra e o aparecimento do "Schrapnell".

A corrida se manifesta, nesta arma, no sentido da rapidez de tiro, de um lado, e do alcance, do outro.

O aumento de peso dos projéteis conduzia a que os canhões raiados de campanha não poderiam ser preferíveis às peças de alma lisa senão sob a condição de se achar um metal que tivesse, com o mesmo peso específico, uma força de resistência maior do que a do bronze ou do ferro fundido.

Encontrou-se esse metal no aço fundido e a usina KRUPP, em Essen (ALEMANHA), adquiriu logo um renome universal na fabricação de canhões.

Depois do aço fundido, apareceu a liga bronze-aço.

Mas havia a necessidade de produzir, com um número relativamente fraco de canhões e sem deslocamentos, uma maior potência de fogo na frente de combate.

Isto foi conseguido com a introdução do freio hidro-pneumático que aumentou a rapidez do tiro conduzindo aos desejados efeitos de concentração de fogo, com maior segurança e brutal instantaneidade.

Não só no aspecto técnico a Revolução Industrial teve influência. No campo estratégico os objetivos geográficos passam a ter importância indiscutível, as campanhas passam a impor prévia e cuidadosa preparação e absorvem energias, bens econômicos e valores humanos em níveis crescentes.

A utilização das estradas de ferro, por si só, acarreta algumas transformações de importância, pois permitem transportar mais rapidamente as grandes massas humanas, além do que darão um ritmo muito mais acelerado às operações que precedem as batalhas.

Daí surgirem, na PRÚSSIA, duas operações até então desconhecidas: a mobilização e a concentração, a que a rede ferroviária e o estudo antecipado conferem possibilidades de grande importância.

A longa e minuciosa preparação que a guerra passa a exigir importa em um recrutamento e um adestramento antecipado, na formação de elementos militares inteira e profissionalmente destinados ao seu mister.

Além disso, o emprego do telégrafo elétrico, embora de rendimento insuficiente (foi empregado pela primeira vez em combate na Guerra da Criméia - (1854-56), permite por uma vez, a rápida transmissão de ordens e, conseqüentemente, amplia a mobilidade estratégica dos exércitos.

Os exércitos parecem mais pesados ao movimento, mas os meios de que dispõem para esse movimento são mais poderosos.

Por outro lado, o número de tropas parece tomar o exercício do comando mais difícil, mas os generais dispõem de recursos infinitamente superiores aos do passado para transmitir as ordens.

No campo da tática as inovações técnicas trouxeram conseqüências no aumento da potência de fogo.

Os alcances de 300 e 800 metros, os fuzis e canhões da época substituíram por alcances úteis de 1600 e 4500 metros, a rapidez do tiro foi mais do que decuplicada.

Às distâncias pequenas e médias, graças à tensão das trajetórias, o fogo era susceptível de efeitos destruidores já consideráveis.

O aparecimento da metralhadora, junto à infantaria, dá acabamento a esse quadro e estabelece, no campo de batalha, a supremacia incontestável do fogo.

As frentes e profundidades são alargadas.

Nenhuma tropa em ordem unida, nenhum homem descoberto ou desabrigado pode se expor à chuva de projeteis.

A natureza das armas antigas impunha o agrupamento; a das modernas, a dispersão.

Mas o combate não muda de fisionomia apenas pelas alterações de dispositivo; ele vai oferecer um quadro inteiramente diverso com o aproveitamento cada vez mais extensivo do terreno.

DOUTRINA MILITAR NA GUERRA DE SECESSÃO

1 - INTRODUÇÃO

É na Guerra de Secessão, primeiro grande conflito da era industrial, que vemos pela primeira vez, ensaiados conjuntamente, os principais meios postos à disposição dos exércitos pela Revolução Industrial.

Embora correntemente chamada, também de Guerra Civil Americana, a Guerra da Secessão põe em confronto, além das forças militares, as forças econômicas e morais de ambos os contendores. Por conseguinte, os efetivos, as finanças, a indústria, a produção agrícola, a moral dos combatentes e da população caracterizaram o campo bastante alargado dos objetivos da guerra.

Para apressar a derrota do Sul, o Norte não hesitou em devastar os territórios invadidos e nada revela melhor do que isso o caráter total que legou para os conflitos entre nações.

Como guerra moderna, ele é, ainda hoje, fértil em ensinamentos e digna de apreciação pelos que se dedicam ao estudo da arte da guerra.

Todavia, essa posição de relevo que a Guerra da Secessão desfruta hoje no vasto campo de estudos da História Militar, só foi conquistado muito depois de terminar, com prejuízos, aliás, para aqueles que poderiam ter tirado proveito dos seus ensinamentos na 1ª Guerra Mundial.

2 - ANTECEDENTES

Condições geográficas, políticas e sociais diversas tinham conduzido o jovem país norte-americano a uma diferença bem marcada entre o Sul e o Norte basilada pela linha Mason- Dixon, limite entre a PENSILVÂNIA e MARYLAND.

Faca às condições geográficas, no Sul desenvolveu-se uma atividade puramente agrícola com o cultivo do fumo, arroz, algodão, milho, em grandes plantações, empregando o braço escravo em ponderável escala.

Além disso, largos rios navegáveis, no Sul, penetrando a fundo na planície costeira, ao mesmo tempo que permitiam ao colono ter as suas plantações afastadas dos vizinhos, estendidas em grande latifúndios, punham-no em ligação com estes, com o oceano e os centros comerciais de Ultramar.

Ao Norte a cultura era diversificada, espalhando-se em pequenas propriedades, com predominância da vida urbana, comercial e marítima, eminentemente burguesa.

Por outro lado a Revolução Industrial encontrou melhor campo de expansão ao Norte do que ao Sul, permanecendo este essencialmente agrícola.

No aspecto político convém lembrar que as colônias que a INGLATERRA fundou na AMÉRICA progrediram com a idéia de absoluta autonomia recíproca.

Esses pequenos "Estados", subordinados à metrópole, não reconheciam uma autoridade superior, que os governasse em conjunto, no próprio território americano.

A união realizada na Guerra da Independência foi apenas com o fito de enfrentar a INGLATERRA, mas não excluiu em absoluto a idéia de autonomia, de que eles eram tão ciosos.

Após a independência alguns estadistas prevêem a união americana como uma necessidade decorrente dos próprios fatores geográficos, porém outros permanecem com a primitiva idéia.

São essas duas correntes que vão dar nascimento aos dois partidos dominantes nos EUA desde a independência até a Guerra da Secessão, e todas as lutas políticas após a independência surgem dos choques dessas duas idéias: união e autonomia.

A princípio o partido dos que desejavam a união dos estados, respeitada a sua autonomia (Democratas) mostrava-se mais forte, mas progressivamente o partido da união federada - Republicanos ou Unicionistas - cresce e supera o primeiro.

Há que considerar também que as diferenças regionais entre o Sul e o Norte traduziram na política interna pela rivalidade entre os chamados "agricultores" e

"comerciantes", os primeiros defendendo o livre-câmbio e os segundos, o protecionismo do Estado.

As tarifas protecionistas favoreciam os Estados do Norte, onde se encontravam as indústrias, mas não correspondiam aos desejos dos grandes agricultores centralizados no Sul, mais interessados nos preços baixos que os ingleses, por exemplo, podiam pedir pelos seus artigos industriais.

O poder de taxar ou a possibilidade de criar esse direito estava afeto ao Congresso, ou antes, com a maioria dos representantes necessária para fazer passar os projetos de lei.

Essa maioria dependia do número de votantes e, também, do de Estados, uma vez que cada Estado tinha o direito de eleger dois representantes para o Senado do país.

O Norte estava com sua população crescendo em maior proporção do que a do Sul, devido ao trabalho livre, à pequena propriedade, às indústrias e à imigração. Era, pois, vital para o Sul, a manutenção do equilíbrio político com o Norte no seio da União.

Este equilíbrio era procurado através da aceitação na União de igual número de Estados adeptos da escravidão, sistema adotado pelos sulistas e Estados não escravocratas, idéia defendida pelos nortistas.

De fato, a questão da escravidão foi o fator social básico que levou ao agravamento das divergências entre Sul e Norte culminando com a guerra.

Embora, na época da colonização, a INGLATERRA tivesse permitido a implantação da escravatura, ela foi, entretanto, encarada de modo diferente pelos colonizadores do Norte e os do Sul.

Ao Norte instalaram-se homens cheios de sentimentos de liberdade e ideais igualitários, puritanos perseguidos por suas convicções, despidos dos preconceitos de nobreza e, que com o desenvolvimento da nação, tomaram-se pequenos proprietários, negociantes, industriais, dispondo de sólida classe média e que encaravam como aviltante o trabalho escravo.

No Sul estabeleceram-se famílias importantes da nobreza britânica que para aí transportaram seus hábitos de aristocracia, ociosidade, fausto e que viam no negro um instrumento fácil para trabalhar as grandes culturas. A sociedade sulista era assim individualista e de caráter quase feudal.

Deste modo toda a economia do Norte residia sobre o trabalho livre e a do Sul sobre o trabalho escravo.

Estas duas mentalidades diversas vão se chocar pela primeira vez quando se cogita da Constituição dos EUA.

Após longos debates, ficou estabelecida uma linha imaginária ao Sul da qual ficaram os estados que admitiam a escravidão e, ao Norte, os estados em que ela era abolida.

A população do Norte, cuja superioridade racial era incontestável, cresce rapidamente e exerce uma forte pressão sobre o Sul que termina permitindo a interdição da entrada de escravos no território americano.

O Sul procura remediar esse prejuízo estabelecendo locais de procriação de negros, onde a escravatura toma aspectos deploráveis, mostrando assim não desejar a identidade de vistas tão necessária à União.

O partido republicano, dominante no Norte, compreende então que o único meio de realizar a abolição é obter o governo e pelo fortalecimento da União obrigar o Sul a aceitá-la.

Quando o Sul percebe essa intenção do Norte, procura criar novos Estados escravagistas para manter o equilíbrio político de que necessita, contrabalançando da mesma maneira a questão das tarifas aduaneiras a que nos referimos.

O movimento expansionista para o Oeste americano veio trazer um elemento novo ao conflito.

O Sul e o Norte desejavam controlar as novas regiões, a fim de, pelo menos, manter o equilíbrio político no seio da União, e resguardar, deste modo, o que julgavam seus direitos.

Assim, a cada Estado abolicionista que ingressava na União, deveria corresponder também à criação de um Estado adepto da escravidão.

Uma série de lutas se desenvolve então escravagistas e abolicionistas. Cada vez se tornam mais tensas as divergências, terminando sempre por compromissos que adiavam mas não resolviam a questão.

A lei sobre os escravos fugidos, reacende a luta abolicionista e divide ainda mais os espíritos.

Os abolicionistas organizaram a chamada "Estrada de Ferro Subterrânea", que outra coisa não era do que um meio de facilitar a fuga, por caminhos secretos, dos escravos, até o Norte ou Canadá.

Para agravar as dissensões apareceu em 1852, a célebre novela "A Cabana do Pai Tomaz" de HARRIET B. STOWE, apresentando ao vivo os malefícios da escravidão.

Assim, ao mesmo tempo que aprofundou o sentimento abolicionista e o horror à escravidão, o livro contribuiu para aumentar ainda mais a separação entre o Sul e o Norte.

O caso DRED SCOTT foi outro fato que veio agravar ainda mais a crise social. Tratava-se de um escravo de MISSOURI, que pretendia obter sua alforria sob a alegação de que tinha residido tempos antes, com o seu senhor, em território livre. Levada a questão à Corte Suprema, esta decide que, pela Constituição, o negro não era um cidadão e, por conseguinte, não podia mover uma ação judiciária.

O Norte encheu-se de ira, acusando a corte suprema de parcial e sustentando pontos de vista contrários àquela decisão. Enquanto isso, como era natural, o Sul exultava.

Neste ambiente de dissensões e interesses irreconciliáveis chegou a nação americana à campanha presidencial de 1860.

Nesta campanha, os democratas que estavam no poder tiveram que ceder a vitória aos republicanos através de ABRAHAM LINCOLN, cujo programa incluía uma tarifa protecionista, mas simulava respeitar a questão da escravatura.

O Sul compreendeu que a eleição de LINCOLN era uma vitória para o Norte e o consequente desenvolvimento do programa Unionista que arrastaria os EUA à unificação e ao fim da escravatura.

Para muitos a eleição de LINCOLN significava a guerra. Ela foi, sem dúvida, o último acontecimento na longa série de divergências que iriam resultar na secessão dos Estados sulistas.

Coerente com suas atitudes anteriores, a Carolina do Sul, ante o fato consumado da eleição de um republicano, abandonou a União, declarando-se independente.

É acompanhada nesse movimento pelos seguintes estados: MISSISSIPI, FLÓRIDA, ALABAMA, GEÓRGIA, LOUISIANA, TEXAS e com eles forma a 8 de Fev 1861 a Confederação dos Estados do Sul, sob a presidência de JEFFERSON DA VIS.

LINCOLN ao tomar posse no dia 4 mar 1861, pronunciou um discurso conciliador a respeito dos acontecimentos, embora revelasse, bem claramente, o seu propósito de conservar a União.

Estava o país ainda na esperança de que se pudesse resolver a pendência sem sangue, quando o bombardeio do Forte Sumter, pelas forças da Cavalaria do Sul, fez deflagrar a guerra.

Perante este gesto de violência, LINCOLN solicitou aos Estados 75 000 dos seus milicianos, para enfrentar a situação.

Isto acarretou transcendental consequência, pois mudou, profundamente, o sentimento favorável à União ainda existente no Sul; os Estados de ARKANSAS, TENESSEE, CAROLINA DO NORTE e VIRGÍNIA aderiram à Confederação.

Estavam assim definidas as principais forças que se degladiariam na gigantesca luta armada.

3 - PLANOS INCIAIS

3.1 - Dos Confederados

Definido o conflito, JEFFERSON DA VIS, presidente da Confederação, torna-se praticamente um ditador, enfeixando em suas mãos os poderes civil e militar.

O seu plano consistia no estabelecimento de uma linha de defesa ao longo da linha formada pelo limite colonial entre o Sul e o Norte (linha Masson-Dixon), cobrindo a capital RICHMOND.

DA VIS parte, desse modo, do pressuposto de que os Estados escravocatas de MARYLAND, KENTUCKY e MISSOURI, que ainda não haviam aderido à Confederação, não podiam deixar de fazê-lo.

O plano sulista é bastante defensivo e, durante o desenvolvimento da guerra, os confederados desenvolvem somente duas incursões ofensivas em território nortista: as campanhas de ANTIETAM e de GETTYSBURG.

3.2 - Dos Nortistas

Do lado Nortista, LINCOLN entregava o Exército ao comando do Gen WINFIELD SCOTT, herói da guerra contra o MÉXICO.

O plano então estabelecido consistiu, inicialmente, em uma ofensiva limitada contra RICHMOND, permitindo ao mesmo tempo que maiores contingentes se organizassem e instruíssem.

Vencia, assim, a atração do objetivo geográfico, cuja conquista, esperavam os nortistas, significaria o fim da guerra.

Posteriormente, o plano evoluiu no sentido de separar o Sul em duas partes ao longo do rio MISSISSIPI, com atuação pelo vale deste rio.

Além disso foi estabelecido o bloqueio marítimo do Sul.

Vê-se assim que o plano dos federais era eminentemente ofensivo.

4 - A ORGANIZAÇÃO MILITAR DOS CONTENDORES

Em linhas gerais, a organização e a tática dos dois lados foram orientadas pelas mesmas idéias.

Não havia grandes unidades organizadas em tempo de paz.

Os estados-maiores foram de início, praticamente inexistentes.

O serviço militar era à base do voluntariado.

Os oficiais, nos regimentos de voluntários, eram eleitos pelos recrutas, o que iria resultar, como era evidente, em muitos disparates.

Grande número de indivíduos de posse ou prestígio obtinham **Q** comissionamento no posto de coronel e recrutavam regimentos para comandar.

Os quadros regulares de oficiais, oriundos de WEST POINT consistiam numa minoria.

O Sul, neste aspecto, levara alguma vantagem sobre o Norte por contar com maior número de "Westpointers".

A Infantaria nortista, como a sulista, era organizada em regimentos e estes em batalhões.

Dois a quatro regimentos formavam a Brigada.

As grandes unidades eram a Divisão, constituída de 2 a 4 Bda, e o Corpo de Exército com 2 a 4 divisões.

Os efetivos dessas grandes unidades variavam muito nos dois lados e também, quanto à inclusão, ou não,- de tropas de Cav, Art e trens.

No combate os infantes avançavam em linhas sucessivas de atiradores formando um expressivo enxame de combatentes.

Contudo com o decorrer do tempo essa tática elementar cederia lugar à idéia de infiltração e desbordamento.

Quanto à Cavalaria, era organizada em regimentos com 4 a 6 esquadrões.

Nos três primeiros anos da guerra, tirando partido das condições de vida vigentes em seu território, o Sul apresentará uma Cavalaria muito melhor que a do Norte, a qual, a rigor só na última fase da guerra se fará digna de nota.

A Artilharia estava, de um modo geral, numa fase de transição das peças lisas para as raiadas, sem que tivesse havido até então uma definição sobre qual dos dois sistemas predominaria.

O alcance do material variava entre 320 a 4000 m, sendo o carregamento tanto pela boca como pela culatra.

A tática da arma era muito rudimentar, limitando-se as Bia a seguirem a Infantaria o mais perto possível.

A Engenharia constituía antes um serviço do que arma.

Os trabalhos de Engenharia estavam estreitamente ligados à proteção das peças de Artilharia e à construção de fortificações.

5 - SÍNTESE DO DESENVOLVIMENTO ESTRATÉGICO

A Guerra da Secessão desenvolveu-se em três T O principais: LESTE, OESTE e SUDESTE, além da campanha no mar, resultante do bloqueio imposto ao Sul pelos nortistas.

5.1 - T O de LESTE -^05

Exigências da opinião pública levam o governo da União a empreender uma ofensiva contra RICHMOND, capital da Confederação, já que os nortistas até então pouco haviam realizado para definir a sorte da guerra.

Os Confederados sob o comando do Gen BEAUREGARD ocupavam a região de MANASSA JUNCTION, a frente da qual corre o rio BULL RUN, em condições de barrar o acesso a RICHMOND.

O choque entre sulistas e nortistas resultou na l.ª Batalha de BULL RUN ou MAN ASSAS JUNCTION em que o exército nortista foi derrotado e em desordem retirou-se para WASHINGTON.

1862

O desastre de BULL RUN ameaça seriamente as defesas de WASHINGTON, levando o Gen Mc CLELLAN, que havia substituído o Gen SCOTT no comando do exército federal a planejar e executar nova ação ofensiva tendo como objetivo RICHMOND.

O Gen ROBERT LEE, comandante do exército sulista, executa, então, brilhantes manobras em linhas interiores visando a impedir a junção das forças federais.

A atuação de LEE impediu que os nortistas fossem bem sucedidos na tentativa de conquistar RICHMOND.

Ao final do ano LEE resolve invadir o território inimigo pretendendo com isso aliviar a pressão contra os confederados. Desenrola-se então a campanha de ANTIETAM que entretanto, não apresentou resultados satisfatórios para os sulistas.

1863

Após encontros indecisos entre Nortistas e Sulistas no vale do RAPPAHANNOCK, o Gen LEE resolve empreender uma nova ofensiva contra os nortistas.

Em Jun, LEE invade a PENSILVÂNIA e concentra suas forças em torno de GETTYSBURG, numa posição onde ameaçasse WASHINGTON e FILADÉLFIA.

A 1º Jul, trava-se a Batalha de GETTYSBURG. Os Sulistas envolvidos de todos-os lados por forças mais numerosas são obrigados a se retirar com pesadíssimas perdas, para as suas posições iniciais no RAPPAHANNOCK.

1864

O Gen ULISSES GRANT, já agora Comandante-em-chefe dos exércitos da União, inicia uma nova e decisiva campanha ofensiva contra os Sulistas.

Após vários combates esparsos onde procura desbordar as forças de LEE, GRANT transpõe o rio JAMES e desbordando RICHMOND pelo Sul vai sitiar PETERSBURG e cortar as vias de transportes confederadas mais vitais.

1865

O sítio de PETERSBURG arrastou-se por dez meses, até que tomando-se insustentável a posição de LEE, este resolve abandonar PETERSBURG e RICHMOND, dirigindo-se para o Oeste.

GRANT lança-se então em perseguição de LEE levando este a render-se em APPOMATOX, em 9 Abr 1865.

5.2 - T O de OESTE

1861

Início da campanha neste T O é favorável aos federais que conseguem assumir o controle de grande parte dos Estados de MISSOURI, KENTUCKI e TENESSEE.

1862

Todo esse ano a luta é travada no eixodos rios MISSISSIPI e TENESSEE.

O rio MISSISSIPI era de grande importância para os dois lados, quer do ponto de vista puramente militar, quer do ponto de vista político-econômico.

Aos Nortistas interessava reabrir o rio MISSISSIPI ao comércio do Noroeste e seccionar a Confederação impondo-se, portanto, reduzir as posições fortificadas Sulistas em MENPHIS e VICKSBURG.

Em Abr tem início a operação dos Federais no sentido Norte-Sul a qual resulta na rendição de MENPHIS.

Enquanto isso, o Alm FARRAGUT atuando no sentido Sul-Norte, conquista NOVA ORLE- ANS, sobe o rio MISSISSIPI, conquista BATON ROUGE e NATCHEZ e, com auxílio de pequeno destacamento tenta apoderar-se de VICKSBURG, fracassando.

As ações confederadas em CORINTH e sobre as vias de transporte de GRANT impedem que este prossiga a sua marcha sobre VICKSBURG.

1863

Em Abr removeu-se a atuação de GRANT sobre VICKSBURG, conseguindo atingir, por leste, as cercanias da localidade.

Os Confederados conseguem rechaçar todos os assaltos à "Sebastopol Americana".

O sítio prolongou-se até o mês de Jul, quando os sitiados não dispondo mais de alimento, capitularam.

O rio MISSISSIPI foi, assim, reaberto à navegação para os Federais e a Confederação ficou dividida em duas partes.

1864

Ganha importância no cenário da guerra a figura do Gen SHERMAN, que recebe a

missão de penetrar no interior do território confederado e inflingir todos os danos possíveis aos seus recursos de guerra.

Por uma série sucessiva de manobras de ala, SHERMAN recalca as tropas Confederadas para ATLANTA e, por fim consegue conquistar esta importante cidade, pondo término à campanha neste T O.

5.3 - T O de SUDESTE

1865

Após a conquista de ATLANTA, o Gen SHERMAN desloca-se na direção de SAVANAH, destruindo vias férreas, pontes, além de plantações, armazéns, tudo enfim, que estava ao seu alcance, numa verdadeira campanha de devastação.

De SAVANAH, SHERMAN deslocou-se para o Norte, até que os Confederados sendo impotentes para se opor à ação dos federais se rendem na região de RALEIGH (1 Abr 865).

5.4 - A CAMPANHA NO MAR

Para tornar o bloqueio efetivo e separar os Estados do Sul do resto do mundo o governo federal desenvolveu intensa campanha no mar.

Para combater essas medidas os Confederados transformaram o vapor MERRIMAC em navio couraçado.

Em contrapartida os federais construíram o MONITOR.

O choque inevitável entre o MERRIMAC e o MONITOR constituiu a primeira batalha entre couraçados, até então.

6 - CONTRIBUIÇÃO PARA A DOUTRINA MILITAR

O Norte desde as primeiras operações verificou que seria difícil dominar o Sul e manter a União simplesmente com seus recursos, mas na sua vontade de vencer, dirigiu a guerra contra todos os elementos vitais dos sulistas, contra tudo que lhe era imprescindível para viver até obrigá-los a capitular.

Daí o caráter total que legou para os conflitos entre nações.

No campo estratégico o Norte compreendeu a importância que para a decisão da guerra teria a usura do Sul impedindo-o através do bloqueio de receber recursos do exterior.

Foi posta, assim em evidência, pela primeira vez, a importância do domínio do mar nas guerras de longa duração.

O domínio do mar permitiu também que o Norte desembarcasse e embarcasse forças terrestres de vulto como ocorreu com o exército de Mc CLELLAN em 1862.

Em contrapartida a manobra em linhas interiores praticada por LEE em nada ficou a dever às manobrais semelhantes de NAPOLEÃO e serviu para compensar a inferioridade numérica dos sulistas.

A estrada de ferro foi, por outro lado, um elemento inteiramente novo nas operações de guerra, influenciando-as poderosamente.

A importância da rede ferroviária para as operações determinou a criação de unidades especiais de Engenharia que fizeram coisas surpreendentes para a época.

Outra contribuição importante da guerra foi que ela, quase toda, desenvolveu-se no interior de florestas. Daí o grande número de combates em bosques que apresentou e que, constituiu uma fonte inesgotável não aproveitada na guerra 1914-18.

Como o reafirmarão mais tarde, a guerra franco-prussiana de 1870 e a russo-japonesa de 1904-1906, a Guerra da Secessão sancionou, no campo da tática, o banimento dos ataques frontais diante do poder defensivo do armamento moderno; valorizou, em contrapartida, os ataques de flanco e de surpresa.

Por outro lado exaltou a fortificação de campanha, praticada em grau desconhecido

até então. As trincheiras com parapeito, obstáculos com arame, abatises reforçados com redes foram usadas na organização das posições. E o atacante, por sua vez, em caso de paralisar a progressão cavava o "rifles pits".

No T O Oeste, cujas operações desenrolaram-se ao longo do rio MISSISSIPI e seus afluentes, tiveram destaque as operações anfíbias e outras em que as forças navais apoiaram as forças terrestres, num primeiro exemplo de operações combinadas.

No campo do desenvolvimento técnico teve surgimento de maneira rudimentar a metralhadora, enquanto, na Artilharia, como já dissemos, os canhões estavam na fase de transição das peças lisas para as raiadas. Também tiveram surgimento os primeiros navios couraçados e o submarino.

Por fim, foi na Guerra da Secessão que a organização do Serviço de Saúde teve sua primeira realização moderna e eficiente.

DOUTRINA MILITAR NA GUERRA FRANCO-PRUSSIANA (1870-71)

1 - ANTECEDENTES

Das resoluções do Congresso de VIENA (1815) saíra a Confederação Germânica, grupando os estados de língua alemã, sem constituir, todavia, um verdadeiro estado alemão.

Tal situação não agradava aos nacionalistas alemães, em particular à PRÚSSIA, desejosa de unificar a ALEMANHA em seu proveito.

Para realizar a unificação alemã era necessário não só forte apoio militar, como a intriga diplomática que neutralizasse possíveis adversários daquela política. Essa dupla obra foi realizada por BISMARCK, ROON e MOLTKE.

MOLTKE, Chefe do EM prussiano e ROON, ministro da Guerra da PRÚSSIA, inspirados pelas idéias de CLAUSEWITZ, vão foijar p instrumento que realizaria os objetivos de BISMARCK, presidente do Conselho de Ministros, e conhecido como o "Chanceler de Ferro".

A questão dos Ducados de ELBA foi o ponto de partida para o grande objetivo da unificação.

Em seguida BISMARCK cria a situação favorável para levar a guerra contra a ÁUSTRIA, de modo a alijá-la da Confederação Germânica.

A Batalha de SADOWA vencida brilhantemente por MOLTKE pôs fim em curto tempo à Guerra Austro-Prussiana.

Resultou em consequência a expulsão da ÁUSTRIA da comunidade germânica, criando-se a Confederação dos Estados do Norte, sob a liderança da PRÚSSIA, e a Confederação dos Estados do Sul. Embora realizado em parte o desejo da PRÚSSIA, tal situação não satisfazia ao desejo de BISMARCK.

A tarefa aparentemente era árdua, devido à repugnância dos Estados do Sul em aceitar hegemonia da PRÚSSIA e suas tendências particularistas.

Para realizar essa última tarefa, BISMARCK imaginou uma guerra com a FRANÇA, na qual os alemães teriam a oportunidade de uma desforra dos reveses sofridos nas campanhas napoleônicas e única força capaz de impelir os Estados do Sul à unificação fazendo com que trocassem a antipatia pela PRÚSSIA pelo ódio à FRANÇA.

Por meio de uma série de intrigas diplomáticas BISMARCK cria tal situação que levou NAPOLEÀO III, Imperador da FRANÇA, a declarar guerra à PRÚSSIA em Julho de 1870.

2 - AS INSTITUIÇÕES MILITARES

2.1 - PRUSSIANAS

A partir de 1860, pelo menos, tudo era pretexto para estudos profundos e meditados,

visando uma organização militar que lhes garantisse a unificação alemã.

Graças a SCHARNHORST, reorganizador da Academia Militar da PRÚSSIA, a ROON, ministro da Guerra e, sobretudo a MOLTKE, a PRÚSSIA apresentou a mais perfeita organização militar da segunda metade do Sec XIX, tendo como base o corpo de exército permanente, de sorte que o exército ou os exércitos de tempo de paz tinham perfeita correspondência com os previstos para a guerra.

A doutrina militar para o engrandecimento desse exército foi, conforme vimos, estabelecida por CLAUSEWITZ, com base em seus acurados estudos das campanhas napoleônicas.

O serviço militar era obrigatório por um período de 3 anos.

A Infantaria, dotada de elevado moral, correspondia às necessidades previstas. Foi a primeira a usar um fuzil de retrocarga - o fuzil DREYSE, ou fuzil de agulha, modelo 1840, calibre 15mm, 43 e com alcance máximo de 1.000 metros.

A tática da Infantaria era nitidamente ofensiva.

A Cavalaria, organizada com o mesmo cuidado que a Infantaria, era dotada de carabina DREYSE, que lhe dava certa potência de fogo; no entanto) foi sacrificada em virtude da má idéia que ainda se fazia do seu emprego.

Na Artilharia, a reorganização do exército colocou a disposição, a partir de 1861, um canhão raiado de aço, KRUPP, de carregamento pela culatra.

Em 1870 toda a Artilharia prussiana estava dotada desses canhões de melhor alcance e justeza que os de bronze.

Atirava o schrapnell ou o obus percutente com alcance eficaz de 3.000 metros.

Corrigindo os erros da campanha de SADOWA, em 1870 a Artilharia prussiana passou a ser empregada em massa, sob um único comando e em ligação com a Infantaria. Não mais se constituiu uma reserva geral que foi substituída pela "Artilharia de Corpo" à disposição do comando do C. Ex.

A engenharia era constituída em unidades sapadores, mineiros e pontoneiros.

A grande superioridade da PRÚSSIA que lhe valeu a hegemonia militar na segunda metade do Sec XIX residiu, sobretudo, na constituição de um Alto Comando, obra dos três grandes reformadores do Exército prussiano, já citados: SCHARNOHORST, ROON e MOLTKE.

2.2 - FRANCESAS

Com WATERLOO desapareceu a grandeza e o predomínio militar da FRANÇA no Sec XIX.

As campanhas que empreende a começar pela da CRIMÉIA que estabelece o traço de união entre os primeiro e segundo impérios, até a de 1870, atestam a sua decadência militar, observando-se em todas uma falta de organização e de preparação, uma deficiência na instrução dos chefes e de tropa, uma insuficiência no material e, sobretudo no armamento.

Ao contrário da PRÚSSIA, o serviço militar está longe de atender ao princípio da obrigatoriedade e as providências nesse sentido são parciais e não frutificaram completamente em 1870.

A organização de tempo de paz passou a não apresentar nenhuma relação com a formação dos exércitos para as campanhas.

Os defeitos dessa organização fizeram-se sentir em 1854, com o exército enviado à CRIMÉIA e depois em 1859 na ITÁLIA.

A FRANÇA, porém, não aproveitando os ensinamentos decorrentes dessa campanha, persistiu nas mesmas falhas em 1870, quando tudo foi preciso criar e improvisar.

Em compensação, a Infantaria dispunha do excelente fuzil CHASSEPOT, raiado, de

carregamento pela culatra, com 1200m de alcance, disparando sete tiros por minuto, nitidamente superior ao fuzil DREYSE, prussiano.

Infelizmente, essa superioridade do CHASSEPOT conduziu o exército francês ao abandono de todo espírito ofensivo. O pensamento militar francês foi conduzido no sentido da escolha de boas posições onde a Infantaria deveria quebrar, com o seu fogo mortífero, o "élan" do ataque inimigo.

Assim, para tirar partido da superioridade do seu armamento, a Infantaria francesa adotou a tática linear cuidando de pôr em linha o maior número de armas possível e de agir normalmente pelo fogo. Na Artilharia, o material sistema GRIBEAUVAL foi substituído em 1858 pelo canhão raiado, de bronze. Este material, todavia, ainda era inferior ao prussiano.

No início da guerra franco-prussiana apareceram os canhões a bala, pouco conhecidos ainda e que deram nascimento às metralhadoras. Complicados, compreendiam uma reunião de canos ou tubos à semelhança de um órgão de igreja, podendo fazer de 5 a 25 tiros por minuto e com um alcance máximo de 1800 metros.

Quanto à tática, os regulamentos franceses preconizavam manobras rígidas que visavam mais às paradas do que a preparação para a guerra.

A verdade é que em 1870 o exército francês não se achava à altura das novas condições impostas pela evolução da Arte da Guerra.

3 - MOLTKE

HELMUTH KARL BERNARD VON MOLTKE, nasceu na DINAMARCA em cuja escola militar ingressou, saindo aos 18 anos como oficial de infantaria, para em seguida ingressar no exército prussuiano.

Tendo exercido com brilhantismo todos os postos da hierarquia militar, desempenhando alguns comandos e comissões militares, ascende, em 1856, como Maj-Gen, à chefia do Grande Estado-Maior do Exército prussiano.

Já então BISMARCK dirigia a diplomacia prussiana.

À frente do Estado-Maior continua o trabalho iniciado por SCHARNHORST e a aplicação da doutrina clausewitziana.

Sob sua direção, o Estado-Maior realizou o seu papel precípuo: a preparação para a guerra, consubstanciada em planos de operações decorrentes dos planos de guerra traçados pela política de segurança nacional.

Isto exige que o EM se mantenha em dia com os fatores do Poder Nacional, tanto da PRÚSSIA como dos seus adversários prováveis.

MOLTKE não foi um inovador em matéria de arte militar.

Ele procurou introduzir um novo método no estudo das coisas da Arte da Guerra, transformando-se num emérito educador do seu exército.

E com MOLTKE que surge pela primeira vez, após NAPOLEÃO, a noção de como se faz uma guerra, preparada de antemão e sem improvisações prejudiciais ao desenvolvimento das operações.

Uma das conseqüências notáveis da atuação uniforme e metódica de MOLTKE na instrução do corpo de oficiais prussianos foi a unidade de doutrina que soube incutir no espírito dos chefes e que se tornou notável.

Para ele a guerra tem de ser preparada com cuidado e grande antecipação, em todos os seus aspectos, desde o comando até os serviços.

A superioridade de efetivo, a procura da batalha decisiva com todas as forças, o vencer a resistência do inimigo, quer moral quer materialmente e a consequente

perseguição, que consagra e integra a vitória, devem ser a suprema preocupação daquele a quem competir resolver esses casos.

MOLTKE afirma nas suas Instruções que "o elemento moral constitui a condição de todo o êxito e o valor real das tropas" o que está de acordo com a definição de guerra dada por FOCH; "A guerra é uma luta de forças morais".

Mas, a força de um exército, diz ainda MOLTKE, está no valor dos quadros cuja força deve ser gerada pela inteligência dos chefes.

E de MOLTKE a paternidade da fórmula "marchar separados, mas combater reunidos", para os corpos de exércitos, fórmula essa cuja execução será facilitada pelas estradas de ferro.

O planejamento militar tal como é concebido pelo Estado-Maior de MOLTKE, parte das hipóteses de guerra estabelecidas pela política de segurança nacional, e compreende: o plano de mobilização, o plano de concentração, o plano de transporte e o plano de operações.

Assim a preparação para a guerra é feita com antecedência, nos mínimos pormenores, e esse planejamento deve ser constantemente atualizado para atender às modificações indicadas pela política de segurança nacional.

Daí o aparecimento pela primeira vez do verdadeiro Serviço de Estado-Maior, o qual, no caso prussiano, é integrado por oficiais competentes, imbuídos de uma doutrina e em consonância com o pensamento do seu chefe, MOLTKE.

4 - DESENVOLVIMENTO ESTRATÉGICO

Desencadeada a guerra, os franceses pretenderam passar à ofensiva, baseados na premissa de que a tomada da iniciativa impunha-se para neutralizar a superioridade que se admitia para o inimigo.

Para isso foram concentrados na fronteira os exércitos de BAZAINE e Mc MAHON, cujos planos implicavam numa atuação de molde a separar a Confederação dos Estados do Norte, da dos Estados do Sul, almejando derrotar o adversário por partes.

A concentração defeituosa realizada pelos franceses, ensejou a que os prussianos, sob o comando geral de MOLTKE, melhor preparados, tomassem a iniciativa das operações.

O plano germânico consistia numa ação ofensiva através da ALSÁCIA, de modo a impelir as forças francesas para noroeste, na direção da BÉLGICA, cortando-as de PARIS. Esse plano MOLTKE cumpriu a risca.

De fato, logo no início das operações os franceses são derrotados nas batalhas da fronteira e obrigados a uma retirada estratégica.

BAZAINE, dirige-se para METZ, e Mc MAHON para CHALONS, sem, contudo empregarem qualquer esforço para retardar os germânicos.

Enquanto Mc MAHON prosseguia no seu deslocamento para CHALONS, as tropas germânicas conseguem nova vitória sobre BAZAINE, que fica sitiado em METZ.

Mc MAHON resolve então mudar a direção de sua retirada e deslocar-se para leste, numa tentativa para levantar o sítio de METZ e liberar o exército de BAZAINE.

MOLTKE, lança então o seu III Ex. com a missão de impedir que Mc MAHON levasse a cabo seu intento, ou, em qualquer circunstância, interceptá-lo, o que foi conseguido.

Os franceses, impossibilitados de socorrer BAZAINE, dirigiram-se descuidada e vagarosamente para SEDAN, na fronteira com a BÉLGICA.

MOLTKE via assim a concretização de seu plano.

Percebendo que os franceses retiravam-se desordenadamente para SEDAN, tratou de impedir que escapassem.

O exército de Mc MAHON e, por conseguinte, completamente envolvido em SEDAN e obrigado a capitular.

Com o Ex de BAZAINE sitiado em METZ e o Ex de Mc MAHON destruído em SEDAN, PARIS ficava à mercê dos prussianos.

Tal fato teve como consequência a queda de NAPOLEÃO III, e a proclamação da República.

Mas, era preciso desenvolver um esforço prodigioso para constituir forças ponderáveis, tarefa a que se entregaram os franceses, sob a direção do governo republicano.

Já, então, PARIS caía sob o sítio dos prussianos, sítio que durou quatro meses, ao fim dos quais a capital francesa teve de render-se.

Com o decorrente tratado de paz a França perdia a ALSÁCIA e a LORENA, além de pagar aos vencedores pesada indenização de guerra.

A incorporação pela força da ALSÁCIA e LORENA constituirá uma das causas da 1ª Guerra Mundial, pois a FRANÇA, humilhada, pela derrota militar e desejosa, por isto, de revanche não se conformará com a perda desse território.

Entrementes, completava-se a unidade alemã com a adesão dos Estados do Sul à Confederação do Norte que passou a chamar-se Império Alemão.

5 - CONTRIBUIÇÃO PARA A DOUTRINA MILITAR

A Guerra Franco-Prussiana deixara fundas consequências no espírito dos combatentes e nos dos que apreciavam o desenvolvimento dos processos de combate.

No campo do aperfeiçoamento técnico dos meios vemos surgir o fuzil CHASSEPOT e a metralhadora, o emprego mais largo das ferrovias, o uso do telégrafo e da fotografia cartográfica.

O aperfeiçoamento do armamento acarretou o aumento da potência de fogo e, em consequência, o desenvolvimento do papel desempenhado pelo terreno.

Mas a superioridade do fuzil francês CHASSEPOT pouco valor teve face ao desastre da falta de preparação e de coordenação na mobilização francesa.

Em contrapartida, face ao sucesso prussiano, reconheceu-se desde logo que a guerra devia ser preparada.

Do lado germânico tudo foi perfeitamente planejado, até aos detalhes, inclusive a capacidade de tráfico das ferrovias, elemento novo a considerar na conduta das guerras.

Sob este aspecto o comando germânico soube tirar o máximo proveito das estradas de ferro para a concentração.

Do lado francês vemos a ausência total de plano, confusão entre mobilização e concentração, tumulto e lentidão na execução das operações, desconhecimento do papel das ferrovias, nenhuma previsão quanto ao estudo de planos de operações.

Os traços que derivam da experiência, nesse período, e que o caracterizam, são, pois:

- forças militares organizadas são indispensáveis a uma nação;
- tais forças devem responder às exigências da política que essa nação adotou;
- seu emprego deve ser regulado desde o tempo de paz.

Finalmente, do quadro estratégico da guerra, contemplamos o ressurgimento da batalha de aniquilamento, com a manobra montada por MOLTKE.

Os ensinamentos colhidos com a derrota alertaram a nação francesa.

Realmente, logo depois da guerra, o exército francês se reorganizou e adotou o serviço militar obrigatório.

Vivendo com o pensamento de revanche, tirando proveito das lições da derrota, readquiriu seu espírito ofensivo e criou uma doutrina ofensiva.

1 - GENERALIDADES

Embora se trate de conflito de caráter especial, a luta Anglo-boer tem o seu lugar no estudo da evolução da Arte da Guerra por permitir que se verificasse, de um lado a fixação do emprego do armamento de tiro rápido e de outro lado, a importância da organização do terreno.

Ela é travada no quadro das guerras coloniais e imperialistas resultando do desbravamento e colonização de novos territórios, notadamente por parte dos ingleses, na segunda metade do Sec XIX, devido às novas condições econômicas, políticas e sociais propiciadas pela Revolução Industrial.

Dentro deste quadro de expansão colonialista a INGLATERRA apossou-se em 1806 da região do CABO, ao sul da ÁFRICA e, a partir de então, começaram a chegar imigrantes ingleses.

Lá, já existia, entretanto, uma população branca: os BOERS, constituída de agricultores e criadores descendentes de colonos holandeses vindos para o CABO após a revogação do edito de NANTES, e que não receberam bem a conquista inglesa.

Com a abolição da escravidão nas colônias inglesas (1833) os BOERS, escravocatas, abandonaram a colônia do CABO e se estabeleceram mais para o interior fundando os Estados de NATAL e ORANGE.

A INGLATERRA anexou o primeiro, dando causa a que os BOERS realizassem uma nova penetração fundando agora a TRANSVAAL, cuja independência os ingleses reconheceram.

Levava a TRANSVAAL vida econômica medíocre quando a descoberta de ricas minais de curo transformou radicalmente a situação com o afluxo intenso de imigrantes, notadamente ingleses.

O afluxo de forasteiros - os UITLANDERS, atraídos pelo ouro do TRANSVAAL e o seu descontentamento com o governo BOER, levou-os a almejar sua união com os ingleses.

O Presidente do TRANSVAAL era hostil à imigração e ao projeto de federação sob a soberania da INGLATERRA, além do que freava a exploração mineira com a imposição de pesadas taxas.

A intervenção dos ingleses nos negócios internos do TRANSVAAL, em favor dos UITLAN- DERS tomou inevitável a guerra.

Os BOERS dispunham de 80.000 combatentes aproximadamente e tiravam partido da habilidade de seus atiradores, de sua mobilidade e do conhecimento do terreno.

Os ingleses tinham a vantagem da disciplina e da organização da tropa.

Inicialmente, os BOERS realizaram uma ofensiva e infligiram sangrentas derrotas aos adversários, mas cometeram o erro de orientá-la para NATAL e não para o CABO, onde poderiam contar com o apoio dos descendentes de holandeses.

O episódio decisivo da guerra foi a campanha de Lord ROBERTS em 1900, com a invasão do ORANGE e do TRANSVAAL.

Os BOERS reduzidos à defensiva, passaram às ações de guerrilhas nas montanhas, atacando postos ingleses isolados, cortando vias férreas e incursionando até o CABO.

Os ingleses, aproveitando-se de sua superioridade numérica iam desbordando as posições defensivas do adversário, entravando as ações dos "comandos" ou destacamentos móveis dos BOERS e pondo em prática a política de terra arrasada e do

confinamento da população em campos de concentração.

Tais processos, particularmente a morte de milhares de pessoas nesses campos, a fome e o frio, forçou os BOERS à submissão, reconhecendo a soberania inglesa depois de três anos de guerra.

2 - ENSINAMENTOS

A derrota inglesa na primeira fase da campanha levou os estudiosos da arte da guerra a pesquisarem as suas causas.

Depois da queda de NAPOLEAO I o exército inglês, como o francês não se preocupou com o aprimoramento do seu exército.

Este era composto de efetivos reduzidos à base do voluntariado. Não havia Estados-Maiores acima do escalão brigada e as grandes unidades só eram formadas em caso de guerra.

Em tal situação, tiveram os ingleses de enfrentar, na ÁFRICA DO SUL, não uma guerra colonial como as anteriores que se havia empenhado, mas uma verdadeira campanha, moderna com características especiais.

Ela confirmou pela prática, a dificuldade dos ataques frontais e a quase total impossibilidade, frente a um inimigo mais aguerrido, da progressão da infantaria sem apoio eficaz da artilharia.

Os ingleses nenhuma preocupação tiveram na ligação entre as duas armas; a infantaria combatia separada da artilharia; esta mais preocupada no duelo com a artilharia inimiga do que no apoio à infantaria amiga.

Ampliou-se os ensinamentos das Guerras da Secessão e Franco-Prussiana: não era mais possível o avanço da infantaria desprotegida no terreno frente a uma infantaria não estabilizada e protegida por fortificações de campanha.

Em contrapartida os BOERS tiraram partido da perícia dos seus atiradores, da sua mobilidade, do aproveitamento do terreno além de serem bem dotados de artilharia.

Por outro lado, os BOERS quando se viram em situação desvantajosa empregaram um novo processo de combate, caracterizado por incursões rápidas em pontos vitais do dispositivo adversário. Eram as operações de Comandos que tinham surgimento e que iria ter pleno desenvolvimento durante a 2ª Guerra Mundial.

Isto custou aos ingleses o emprego de mais de 200.000 homens para reduzir a resistência do adversário, perdas no montante de um terço do efetivo em campanha, e o envio para esta de seus melhores generais.

No que respeita à logística, devemos considerar que os ingleses tiveram que transportar um corpo expedicionário de 200.000 homens, a 9000 Km da INGLATERRA, operação sem precedentes e que deveria servir de experiência muito útil para a realização dos enormes transportes da 1.ª Guerra Mundial.

Finalmente, a título de curiosidade, merece destaque o surgimento, durante a campanha, da idéia do movimento escoteiro.

Durante o sítio da localidade de MAFEKING, o oficial inglês BADEN POWELL utilizou-se dos serviços de rapazes da região em diferentes missões de apoio ao combate, com ótimos resultados.

De volta à INGLATERRA, ficou chocado com o contraste entre esses rapazes e a juventude inglesa, cheia de conforto e levando uma vida anti-higiênica nos grandes centros industriais.

Para corrigir esta situação lançou, alguns anos depois, o movimento dos Boy Scouts, o qual rapidamente se espalhou pelo mundo.

DOUTRINA MILITAR NA GUERRA RUSSO-JAPONESA

1 - ANTECEDENTES

Nos meados do Sec XIX, o JAPÃO ainda era um império feudal.

O Imperador - o mikado - achava-se reduzido desde o início do Sec XVII, a desempenhar um papel meramente religioso como "descendente dos deuses", mantendo-se praticamente invisível em seu palácio em KIOTO.

A autoridade política pertencia ao SHOGUN (generalíssimo), que tinha sua sede em YEDO e se transmitia hereditariamente, fato que criara uma outra dinastia ao lado da imperial.

Abaixo do SHOGUN, havia uma aristocracia militar dos DAIMIOS, grandes senhores vassalos do imperador, proprietários poderosos, ao mesmo tempo, governadores de províncias.

Cada um desses DAIMIOS tinham seus castelos e seus cavaleiros, os SAMURAIS, ou nobres sem fortuna, que viviam à custa de seu senhor, pagando-lhe em serviços, especialmente militares.

Depois dessa aristocracia de guerreiros, vinha a massa da população: comerciantes, operários e camponeses.

Tal situação feudal perdurou até que por imposição dos EUA. (Comodoro Perry, 1852), o JAPÃO abriu as portas ao comércio exterior. Isto foi o ponto de partida para uma revolução social, política e industrial, realizada em cerca de 30 anos (1868-1898), ao cabo da qual o JAPÃO passou do estado feudal para a categoria de grande potência militar e industrial de tipo ocidental.

Reorganizado à européia, ficou o JAPÃO em condições de poder assimilar a arte militar da época. E assim, logo depois, na guerra com a CHINA, em 1895, o JAPÃO deu larga mostra de seu valor esmagando aquela nação e se colocando na posição de líder no extremo oriente.

Chegou, assim, a ocasião de vingar-se das afrontas recebidas por parte dos russos, dado sua supremacia militar.

Pelo tratado de SHIMONOSEKI ficaria o JAPÃO, finda a guerra com a CHINA, com a posse de PORTO ARTUR, das ilhas FORMOSA e PESCADORES, além de vantagens comerciais.

Por outro lado, a CORÉIA, província da CHINA, se separava desta e se constituía independente.

Deste modo, com a guerra, o JAPÃO realizara um acréscimo de terras ao seu exíguo território já diminuto para sua densa população.

Mas, se o ideal japonês se concretizara deste modo, por outro lado a RÚSSIA, farta de terras, mas escassa de costas, desejava, por sua vez, obter as mesmas vantagens pelo lado da ÁSIA, já que pelo outro lado europeu lhe era impossível conseguir.

A RÚSSIA via na ÁSIA o rumo de sua natural expansão e o predomínio que o JAPÀO iria exercer doravante na CHINA seria um entrave às suas pretensões.

Por isso tratou de anular aquele tratado e, de acordo com a FRANÇA e a ALEMANHA, interveio na questão obrigando a uma revisão do Tratado de SHIMONOSEKI.

Os japoneses, ante a força que aquelas potências representavam, se submetem de má vontade àquela revisão, devolvendo PORTO ARTUR e contentando-se somente com a ilha FORMOSA.

Durou pouco tempo a reincorporação de PORTO ARTUR à CHINA, em virtude da revisão do Tratado de SHIMONOSEKI. A RÚSSIA, dois anos depois, pedia à CHINA permissão para lá invernar poderosa esquadra, e dentro em pouco, a diplomacia russa negociava e obtinha, mediante pequeno pagamento, o arrendamento por 100 anos, da península de LIAU-TUNG, compreendidos aí os portos de DALMY, PORTO ARTUR e TALIEN-NAM.

Isto tudo irritou profundamente o JAPÃO que se via esbulhado das conquistas que fizera à custa da vida de seus filhos.

Mas, as pretensões russas ainda iam mais longe. No ano de 1896 havia conseguido permissão para construir o Transiberiano, linha férrea que ligaria IRKUSTSK à VLADIVOS-TOK e que permitiria à RÚSSIA ficar praticamente senhora da MANDCHÚRIA.

Em 1900 dá-se a sublevação dos BOXERS na CHINA. Valendo-se dessa rebelião a RÚSSIA envia tropas da SIBÉRIA e de PORTO ARTUR para guardar a estrada de ferro mandchuriana.

Dominada a insurreição dos BOXERS, a RÚSSIA recusa-se a retirar suas tropas do território chinês; antes, pelo contrário, manifesta-se sua intenção de firmar-se ainda mais na CHINA.

Além disto, a RÚSSIA procurava infiltrar-se na CORÉIA, em franca concorrência com o JAPAO, surgindo nessa península um antagonismo nipo-russo em lugar do antagonismo sino- japonês.

O JAPAO via, com amargura, desenvolver-se a influência russa, em detrimento da sua, cada vez mais restrita. Mas, seus avisados estadistas, perceberam que só com a força podiam reparar as afrontas recebidas.

Deste modo, nos arsenais e nas fábricas de material de guerra, nos campos de manobras e nas casernas trabalhava-se ativamente de dia e de noite, para o apresto das forças combatentes. Numerosos espiões se espalhavam pelo território mandchuco e até nos gabinetes dos generais russos.

Enquanto isso a RÚSSIA ia aumentando, aos poucos, seu poder militar no Extremo Oriente, na previsão de acontecimentos reputados longínquos.

Mas nem por isso a RÚSSIA atentava para o perigo que o JAPÃO representava.

Nem lá se admitia que um povo de raça inferior pudesse, de um momento para outro, dar o grito de guerra contra o poder do Czar.

Deste modo, aqueles preparativos russos eram executados lentamente, sem pressa, côncios os dirigentes russos de que nada de mal lhes poderia fazer o JAPÃO.

Por outro lado, além dos preparativos bélicos, o JAPÃO, através de atividades diplomáticas, consegue a neutralidade da INGLATERRA e da CHINA em caso de algum conflito que ele se envolvesse.

Restava, agora que as forças nipônicas estavam aptas, encarar o adversário, provocar a guerra, com a rapidez fulminante, de modo a não dar tempo aos russos de acordarem da profunda letargia em que se achavam quanto aos negócios de Extremo Oriente.

A partir de então, o JAPÃO passa a exigir da RÚSSIA o respeito à integridade da CHINA e da CORÉIA; propõe o reconhecimento da MANDCHÚRIA como zona de influência russa e a CORÉIA copio zona de influência japonesa.

A RÚSSIA apresenta uma contra proposta; as negociações em torno desses problemas se alongam, deixando a RÚSSIA bem claro que não abriria mão da situação predominante que já obtivera na MANDCHÚRIA, sem, todavia, conceder, por eqüidade,

do JAPÀO, tratamento semelhante em relação à CORÉIA.

As negociações se alongam, aumentando cada vez mais a tensão, culminando com a retirada do embaixador japonês de PETROGRADO e do russo de TÓQUIO.

Era a guerra que se aproximava.

De fato, no dia 7 Fev 1904 saía de SESEBO, com rumo desconhecido, poderosa esquadra japonesa sob o comando do Alm TOGO.

Na noite de 8 para 9 destaca-se dessa esquadra uma esquadrilha de torpedeiros que investe sobre PORTO ARTUR e ataca a esquadra russa inopinadamente, e que descuidadosamente se deixa ficar ancorada.

Logo depois a esquadra russa é intimada à rendição e como houvesse reação, PORTO ARTUR é bloqueado pelo mar.

Estava iniciada a guerra.

2 - AS FORÇAS EM PRESENÇA

2.1 - RUSSOS

Embora esperando o conflito os chefes russos ou foram imprevidentes ou não foram ouvidos pelos responsáveis.

O certo era que no Oriente havia umas poucas unidades destinadas a guardar largo trato de terra.

Era necessário reforçá-las.

Porém, do lado russo os preparativos para a guerra esbarravam em duas grandes dificuldades: 1) mobilização rápida das tropas siberianas; 2) transporte de tropas européias para o teatro da luta.

A concentração dos exércitos russos na MANDCHÚRIA foi o problema mais grave para a RÚSSIA.

Para atingir o Extremo-Oriente a RÚSSIA dispunha de comunicações marítimas e terrestres, porém de grande extensões.

A comunicação marítima era balizada pelo mar BÁLTICO, MEDITERRÂNEO, VERMELHO, oceano ÍNDICO e PACÍFICO com uma variante pelo Sul da ÁFRICA; para percorrê-la eram necessários 2 ½ a 3 meses.

Por terra, a RÚSSIA dispunha da Estrada de Ferro Transiberiana. Esta tinha 10.000 km de MOSCOU a PORTO ARTUR. Além de tudo, como havia sido construída às pressas, não permitia aos trens mais de 20 km/ h.

O lago BAIKAL, de 45 km de comprimento era atravessado no verão com os vagões em barcos (ferry-boats) e durante o inverno os trens eram puxados a cavalo enquanto a tropa ia a Pé

Além disso havia necessidade, no longo trajeto a fazer, de dar pasto aos animais, permitir- lhes e aos homens desentorpecerem os membros gelados pelo frio e pela imobilidade. Não existiam compartimentos higiênicos nos trens e os homens tinham que lavar a própria roupa.

Deste modo a viagem durava de MOSCOU a LIAU-YANG, 45 dias.

"Nunca, em toda a história, um exército respirou através de uma traquéia tão longa e estreita e o próprio tamanho do corpo tornava ainda mais difícil essa respiração", no dizer de LIDDELL HART.

De qualquer forma os russos conseguiram concentrar na MANDCHÚRIA, a enorme cifra de 800.000 homens durante a guerra.

O exército russo se ressentia, no começo da guerra, da falta de cavalos, de baterias

de Art, de unidades de Eng e de tropas especializadas.

O soldado de uma maneira geral era infatigável, paciente, bravo, mas não tinha iniciativa. Sua vida corre na certeza de que corpo e alma devem ser dedicados ao seu chefe político e religioso: o Czar. São disciplinados, resistentes e desprezam a morte.

Sendo-lhes antipática a guerra, não a julgavam necessária ao país e por isso não se esforçavam pela vitória.

Sua educação militar era imperfeita, difícil de ser melhorada dada a espantosa ignorância da maioria.

Por outro lado, os oficiais, embora valentes, eram ignorantes do ofício e indiferentes ao soldado que eles desprezavam.

Por outro lado, os processos de combate são insuficientes, porquanto na instrução são tidos em medíocre consideração os ensinamentos contemporâneos.

2.2 - JAPONESES

O poder militar do JAPÃO se acentuara na guerra com a CHINA.

As vitórias fulminantes conquistadas contra o Celeste Império deram ao povo japonês a convicção do seu valor guerreiro.

E, na intervenção da CHINA, por ocasião da revolta dos BOXERS, a tropa japonesa causava aos demais contingentes europeus grande admiração pela bravura, sangue frio e notável aptidão militar.

Logo depois da revolução de 1868 o JAPÃO teve a seu serviço uma missão militar francesa.

Depois da guerra com a CHINA essa missão foi substituída por uma alemã, que deu ao exército japonês a organização com que entrou na guerra.

Mas, o que caracterizava e caracteriza o soldado japonês é a sua indomável energia moral.

Os japoneses são dominados pelos preceitos da escola filosófica religiosa do **Bushido.** O Bushido é uma religião dos Samurais; é um código de honra; uma escola onde se aprende a suportar a dor, a adversidade, os sofrimentos morais e até a morte, com a máxima resignação e coragem.

O Bushido ensina que é preferível morrer que sobreviver à desonra, e que o remédio único para uma desgraça está nas próprias mãos, daí o suplício do HARAKIRI, a que voluntariamente se submetem os japoneses que se sentem desonrados.

Os oficiais, profundamente impugnados da tradição dos Samurais, sabem obter de seus homens, incitados até o fanatismo, prodigiosos esforços físicos e morais.

Explicam-se, então, o soberbo consentimento de todos ao sacrifício pela Pátria aos gritos de **Daí Nipon banzai** ! e a firmeza das doutrinas táticas baseadas na confiança absoluta dos inferiores na aptidão dos seus superiores, primeiro fator de bom êxito.

3 - DESENVOLVIMENTO ESTRATÉGICO

A guerra teve início com o ataque de surpresa, da esquadra japonesa à base russa de PORTO ARTUR.

O ataque inopinado de PORTO ARTUR se justificava pela necessidade que tinham os japoneses de adquirirem a superioridade no mar.

A esquadra russa de WLADIVOSTOK estava, na ocasião, bloqueada pelo gelo.

A declaração de guerra oficial só foi proclamada 4 dias após o primeiro ataque a

PORTO ARTUR.

Por várias vezes TOGO tentou depois a destruição da esquadra russa não a conseguindo, mas, de qualquer forma os russos ficaram bloqueados pela esquadra japonesa.

Conseguindo esse primeiro objetivo, trataram os japoneses de invadir a CORÉIA o que é feito através do desembarque de numerosa tropa sob o comando do Gen KUROKI nos portos de CHEMULPO, MASAMPO e FUSAN.

As tropas japonesas marcham sobre SEUL, capital coreana; onde entram sem resistência, ficando a CORÉIA, a partir daquele instante sob a tutela do JAPÃO.

Quanto aos russos, o Gen KUROPATKINE, havia decidido estabelecer uma posição defensiva no corte do rio IALU, tendo em vista aguardar reforços de tropas européias.

Enquanto isso as vanguardas russas na CORÉIA eram rechassadas pelos japoneses.

O transporte marítimo, o desembarque e a progressão das forças do Gen KUROKI na CORÉIA executaram-se em condições modelares.

A marcha dos japoneses até o IALU, foi, entretanto, penosa, pois além de serem más as estradas, estava-se na época do degelo e das tempestades, que carregavam pontes e tornavam as passagens difíceis.

Em fins de Abr de 1904 os japoneses atingem o corte do IALU e esbarram com a posição russa.

Tratava-se agora, para os japoneses de romper a posição russa e invadir o território MANDCHUCO.

Trava-se então a primeira grande batalha dessa guerra: a batalha do rio IALU.

O plano de KUROKI consistia em fixar o inimigo por vigoroso ataque frontal, executar uma demonstração à sua direita, para depois desbordar a esquerda russa por um movimento envolvente.

O plano de KUROKI foi cumprido com pleno sucesso.

Ao meio dia de 1º Mai 1904, os japoneses envolviam a esquerda russa e, com um movimento contornante de grande envergadura, ameaçam a retirada dos russos.

Estes, sob o comando de SASSULITCH, vendo-se cercados, abandonam as posições e a golpes de baioneta, salvam-se com as metralhadoras, abandonando os canhões.

Causou estupefação ao mundo esta derrota dos russos.

O desastre para eles fora grande; a MANDCHÚRIA estava aberta para o adversário e o destacamento de SASSULITCH, não era de molde a barrar a marcha dos japoneses.

Na batalha do rio IALU se nota do lado japonês o mesmo processo por eles empregados em todos os encontros desta guerra: minuciosa preparação do ataque sem levar em conta a duração desse preparo; combate frontal conduzido vigorosamente com o apoio da Art e combinado com o ataque desbordante.

KUROKI, todavia, deixou de realizar a perseguição aos russos.

Enquanto era travada a batalha do rio IALU, os japoneses, partindo da CORÉIA vão desembarcar tropas na península de LIAO TUNG, tendo em vista cortar pela retaguarda a base de PORTO ARTUR.

O Gen NODZU, desembarca suas tropas na região de TAKUCHAN e vai procurar juntar-se com as tropas de KUROKI.

O Gen OKU desembarca na baía de EN-LAI e se dirige para PORTO ARTUR sendo, todavia, barrado pelos russos no istmo de NANCHAN.

A tropa japonesa, por meio de um movimento envolvente, força a posição dos russos obrigando-os a se retraírem para uma nova posição a 36 km de PORTO ARTUR.

A posse de PORTO ARTUR era de importância capital para os japoneses: 1) abatia

o prestígio dos russos; 2) tirava à esquadra russa seu ponto de apoio; 3) pesaria na fixação das preliminares de paz.

Para KUROPATKINE a situação apresentava-se da seguinte maneira: atacar KUROKI e proteger-se contra OKU ou atacar este protegendo-se contra aquele.

A decisão de KUROPATKINE foi procurar proteger-se e cobrir-se contra KUROKI e lançar parte de suas forças contra OKU aliviando a pressão sobre PORTO ARTUR.

OKU vê-se então obrigado a suspender o sítio de PORTO ARTUR e invertendo a frente dar combate às tropas russas, que ameaçavam sua retaguarda.

O encontro se dá em WA FANG HO saindo vencedor o general japonês e novamente derrotados os russos.

A perseguição, porém, não se realiza; o cansaço e violenta tempestade exauriram os japoneses.

Em fins de maio novas tropas japonesas haviam desembarcado em DALMY dando assim prosseguimento ao sítio de PORTO ARTUR que resistia heroicamente.

Tendo os japoneses assegurado o seu domínio sobre a península de LIAO TUNG, em que PORTO ARTUR está praticamente neutralizada, e, por outro lado, já tendo invadido a MANDCHURIA, competia-lhes, afora, marchar para o norte em busca do exército russo.

Para os russos, a tarefa imediata era barrar esse avanço dos japoneses ou, se não fosse possível detê-los ou lançá-los de volta na direção do mar, retardá-lo ao máximo, de modo que suas forças no extremo oriente fossem acrescidas pela via Transiberiana.

A esse tempo assumiu o comando geral das tropas japonesas o general OYAMA que determina o avanço de seus exércitos para LIAO IANG.

As forças russas que se opunham ao avanço japonês foram pouco a pouco envolvidas de modo que o grande espaço que separava os três Ex japoneses, cerca de 200 km, e de que se esperava soubesse KUROPATKINE aproveitar-se, o que não fez, havia desaparecido, estreitando-se para cerca de 30 km.

Segundo um dos autores que tratam da guerra, havia em fins de agosto de 1904, um conjunto de condições que deviam incitar KUROPATKINE a aceitar na região de LIAO IANG, a batalha decisiva no momento em que OYAMA se apresentasse para travá-la.

Todavia o Cmt-Chefe russo escolhera um terreno com deficiências muito sérias do ponto de vista tático.

Em consequência vai ser travada a batalha que duraria cerca de onze dias.

No ataque à linha principal, a manobra do Gen OYAMA foi conforme ao padrão evidenciado pelos japoneses em sua ofensiva: fixação do centro e de uma ala do adversário combinada com ação desbordante pelo outro flanco.

Aqui a ação de flanco foi executada pelo Ex de KUROKI, e KUROPATKINE receoso de que um recuo acidental de sua extrema esquerda pusesse em perigo sua linha de retirada para MUKDEN, determinou um retraimento de suas forças para o corte do SCHA HO.

Como corolário da nova atitude do exército russo travou-se a seguir a batalha de SCHA HO, na qual os russos intentam pela primeira vez uma ação ofensiva sem nenhum resultado positivo, e a batalha apresenta um resultado indeciso.

Segue-se um período de invernagem, em que russos e japoneses procuram abrigar-se das intempéries, separados apenas pelo SCHA HO.

Os contendores são reforçados e constroem obras de fortificação semi-permanentes.

O ano de 1905 é indicado com a queda de PORTO ARTUR em mãos dos japoneses, após cerca de 10 meses de sítio.

Quanto aos russos, procuram realizar algumas incursões ofensivas como a do GEN MIT- CHENKO contra a linha de comunicações japonesas e a que resultou na batalha de SANDEPU de resultados negativos para KUROPATKINE.

A queda de PORTO ARTUR liberou para os japoneses um poderoso grupamento de forças, o III Ex do Gen NOGUI, que é secretamente enviado para reforçar as tropas de OYAMA.

Em meados de Fev 1905, o comando japonês verificando que já dispunha de todos seus efetivos, que a temperatura havia se abrandado e que era preciso aproveitar a oportunidade antes que o degelo tornasse o terreno impraticável, resolve retornar à ofensiva.

O plano japonês consistia em fixar, inicialmente, os russos em toda a frente; em seguida, desbordar a sua ala direita cortando-os de MUKDEN.

Quanto aos russos a idéia inicial era também uma ação ofensiva de flanco, porém dada a iniciativa tomada pelos japoneses, são obrigados a mudar de atitude.

Trava-se então a maior batalha da guerra e que selou a sorte da mesma, a batalha de MUKDEN.

A luta foi encarniçada e heróica de ambas as partes, mas, o planejamento japonês mais uma vez dava pleno resultado.

Após sete dias de luta KUROPATKINE resolve pela retirada face às ações em seu flanco direito.

Todavia, o chefe russo ignorava o estado de esgotamento em que se achava o adversário; só via o de suas tropas.

Nesse momento de luta indecisa, acreditava ser o menos forte; desde então estava vencido, rompeu-se o equilíbrio moral.

Em fim de jornada de 10 Mai 1905, achava-se finda a batalha, com os restos do exército russo retirando-se para o norte numa desordem indescritível, mas, na verdade, escapando definitivamente aos japoneses.

Os russos sofriam um desastre moral completo e irremediável.

Hoje em dia, em que se pode ver os acontecimentos à distância, muito dificilmente a RÚSSIA teria ganho a guerra, ainda que KUROPATKINE tivesse sido vencedor em MUKDEN pois a fraqueza das forças armadas russas, de correntes do estado político e social da Nação teriam repontado de qualquer maneira durante a campanha.

Após a batalha de MUKDEN, praticamente, ocorreu uma trégua entre os contendores.

No mar, entretanto, como epílogo da sangrenta luta trava-se a célebre batalha de TSUSHI- MA com nova e sensacional vitória dos japoneses. Feriu-se ela entre as esquadras de TOGO e de RODJESTVENSKY que partindo de um porto do BÁLTICO, com os restos do poder naval do Império percorreu um longo percurso, contornando o sul da ÁFRICA.

Durou a longa viagem cerca de 8 meses e era intenção de RODJESTVENSKI penetrar em WLADIVOSTOK, que seria sua base de operações.

Mas TOGO em TSUSHIMA o aguardava para opor-se àquele objetivo.

O encontro das duas esquadras resulta na destruição da grande parte dos navios russos enquanto os restantes fogem em debandada.

Em Ago de 1905, com a intervenção do Presidente dos Estados Unidos, THEODORE ROOSEVELT, começaram as negociações para pôr fim à guerra.

O Tratado de PORTSMOUTH aceito pelos beligerantes continha os seguintes

pontos:

– reconhecimento, por parte da RÚSSIA, da virtual influência do JAPÃO sobre a CORÉIA;

– transferência ao JAPÃO, por parte da RÚSSIA, do arrendamento da península de LIAO TUNG;

– evacuação completa da MANDCHÚRIA;

– cessão ao JAPÃO, por parte da RÚSSIA, da metade meridional da ilha SAKALINA.

4 - CONTRIBUIÇÃO PARA A DOUTRINA MILITAR

4.1 - APRECIAÇÃO GERAL

A derrota da RÚSSIA causou estranheza ao mundo além de trazer complicações internas para o Czar.

Atribuiu-se o insucesso a KUROPATKINE, à sua incapacidade, à sua tibieza, mas se examinarmos mais atentamente o fenômeno, se verá que causas várias influíram no desenlace, desde a situação inicial.

Como diz CLAUSEWITZ, as guerras infelizes tem como causas, faltas cujos conhecimentos nem sempre chegam ao domínio público.

Para a RÚSSIA o problema de alimentar a guerra ficava dependendo do Transiberiano, impotente para dar-lhe o escoamento necessário às necessidades.

Por outro lado, a população russa demonstrava acentuada aversão pela guerra.

Ao contrário o JAPÃO estava à pequena distância do TO e o entusiasmo do japonês pela causa atingiu o auge.

Aliou-se a essa situação a passividade sempre crescente de KUROPATKINE, condenando-se, por isso, a uma defensiva pura.

A defensiva estabelecida pelo General russo se justificava até certo ponto, dada a extensão do território que ia até o coração do império russo.

Por isso mesmo sua situação era favorável à defensiva, mas não aquela em que caiu, dependente exclusivamente do ataque inimigo.

Os japoneses, ao contrário, agiram ofensivamente nos 18 meses que durou a campanha e, apesar do avanço até MUKDEN, faltava-lhe muito para atingir o coração do império inimigo.

De qualquer forma, a situação estratégica dos russos, como vimos não lhes era favorável. Ela resultava da fórmula: resistir e recuar.

Faltou, assim, a KUROPATKINE essa visão que dá aos generais a medida de seu justo valor e muitas vezes ele não soube, também, aproveitar-se dos erros inimigos.

4.2 - APRECIAÇÃO SOBRE A TÁTICA

Quanto à Infantaria o problema que estava em jogo era o do emprego do fogo e do movimento, posto em tela pela guerra dos BOERS, quando o mau emprego das armas pelos infantes causara derrotas ao ingleses.

Desde o princípio da campanha que o comando japonês indicava, como regra, na marcha para a frente, a conveniência da diminuição da densidade da linha de atiradores.

Mas, nenhum efeito surtiu dessa recomendação, pois os japoneses executaram seus movimentos em linhas de atiradores muito cerradas, e o combate foi geralmente travado com linhas de fogo muito densas e nas quais os homens se apresentavam encostados uns aos outros, cotovelo a cotovelo.

É de notar-se que a Infantaria japonesa, nos períodos de repouso, era exercitada continuamente tendo em vista as formações de combate.

Por outro lado, dado o espírito de ofensiva que o animava, o movimento para a frente, desde a abertura do fogo, prosseguia rapidamente, com curtas pausas, em que se atirava, enquanto o efeito do fogo inimigo fosse intenso; retomava a marcha logo que esse fogo diminuía e só detinha quando novos obstáculos a impediam de avançar.

Nunca os japoneses empregaram formações esquemáticas para conseguirem se aproximar do adversário.

Durante o combate pelo fogo nunca se fizeram lançar por pequenos grupos, por se julgar que eram extremamente perigosos. A maioria dos oficiais se pronunciaram pelo movimento de pelotões ou companhias, alguns até querendo que esses lances fossem praticados por unidades maiores.

Para o ataque se aligeirava o soldado, dispensando-o de carregar a mochila.

Quando a resistência de uma posição ou a violência do fogo da Artilharia tomava impossível a marcha para a frente durante o dia, os japoneses desde logo recorriam aos ataques noturnos.

Durante a marcha e o ataque noturnos, homens de ligação e mensageiros asseguravam as ligações; os combatentes usavam um braçal branco o que contribuía para manter a coesão durante a escuridão.

Quanto ao fogo, este meio de combater realizou sempre o papel que lhe cabia executar.

A linha de combate sempre esteve animada do desejo de avançar e o fazia lançando mão do fogo, único meio eficaz de diminuir o fogo inimigo, de maneira que fosse possível progredir; daí a convicção dos nipônicos da preponderância do fogo, como corolário da maior densidade da linha de atiradores, cotovelo a cotovelo.

Mas faltava ao ataque japonês essa intensidade crescente que chega a ser irresistível, dado o esgotamento das reservas destinadas a aumentar a frente e a densidade das linhas de atiradores; se os japoneses conseguiram vencer, isto se deve em parte ao fato de os russos não se terem mostrado ativos, ao contrário até, resignados e reduzidos a uma certa estagnação.

Enquanto raramente os japoneses empregaram o fogo de salva, essa técnica foi normalmente empregada pelos russos. Essa modalidade de tiro anulava o atirador, não levando em conta sua inteligência, vontade e ação pessoal.

Daí procurarem os russos a decisão pela baioneta, medindo-se a educação do soldado russo, pelo aforismo de DRAGOMIROFF: "A bala é louca, a baioneta é sábia." E assim procediam os infantes russos, sem que primeiro procurassem obter a necessária superioridade de fogos.

A Guerra Russo-Japonesa consolidou o emprego da metralhadora, surgida na Guerra da Secessão, e agora utilizada quer na ofensiva, quer na defensiva, em ligação com a Infantaria e a Cavalaria.

Seu papel preponderante se manifestou nos ataques a pequena distância, contra tropas que avançavam a descoberto.

Depois de LIAO IANG, à vista dos resultados alcançados pelos russos, os japoneses resolveram constituir companhias de metralhadoras, distribuindo-as pelas divisões e brigadas.

Quanto à **Cavalaria,** nulos são os ensinamentos que se podem tirar para esta arma pois nenhum adversário possuía Cavalaria de Iª ordem.

Quanto à **Artilharia,** o emprego da arma no campo experimental deu uma resposta

decepcionante para aqueles que afirmavam que a Artilharia seria a nova rainha das armas na guerra moderna.

De fato, as estatísticas da Guerra Russo-Japonesa mostraram que a Artilharia só causou 8% das perdas, enquanto o fogo da Infantaria era responsável por 85%.

Por outro lado, os russos violaram o princípio da concentração da Artilharia para obtenção da massa, pois frequentemente fracionavam as brigadas em unidades isoladas, que se engajavam umas após as outras. Também, ficou demonstrado ser muito desvantajoso colocar as peças perto da linha de infantaria.

Os japoneses utilizaram em larga escala a Artilharia de dorso, empregando mulas, com excelentes resultados.

Os russos, imitando os franceses, que muito confiavam nos seus canhões de tiro rápido, varriam o terreno com a Artilharia, isto é, faziam o tiro sobre zona. Foi não só muito eficaz esse processo como levou a enorme dispêndio de munição.

Neste particular os japoneses procederam com muito mais acerto, com mais cuidado e precisão, tais como os alemães, atirando sempre sobre um objetivo e, evitado, em princípio, a dispersão do tiro.

Quanto à **fortificação** de campanha, apresentou extraordinário desenvolvimento no campo de batalha, nos dois lados.

Devido às condições gerais em que se desenvolveram as operações, os russos, quase sempre esperavam os japoneses em posição, por isso fizeram largo emprego das ferramentas de sapa e verificaram ser necessário medidas para evitar indícios que revelavam as posições das peças de Artilharia.

Ficou confirmado o ensinamento da guerra dos BOERS sobre construção de abrigos nas trincheiras contra o tiro de Artilharia. Ficou patente que o infante deve empregar a ferramenta de sapa juntamente com o fuzil, cavando e atirando ao mesmo tempo, sempre que necessário.

Através da organização do terreno assim concebida, o campo de batalha começa a ficar "vazio" de combatentes que se aferram ao terreno, procurando desaparecer aos olhos dos adversários ou diminuir ao máximo o efeito de seus tiros; se isto era verdadeiro para as linhas de atiradores, também o era para as reservas, que se deslocavam aproveitando trincheiras já cavadas.

Em síntese, o grande ensinamento que ficou foi que o combatente deve lutar tanto com o fuzil como com a ferramenta de sapa, aferrar-se ao terreno e, sempre que possível, organizá-lo para a progressão, o abrigo e a defesa.

Finalmente, quanto às **Comunicações,** o emprego da radiotelegrafia veio evidenciar que esse novo meio técnico era agora indispensável nas operações de toda a natureza.

Convém lembrar que em 1897 MARCONI transmitira a primeira mensagem rádio, numa distancia de 15 km e, quatro anos mais tarde, através do Atlântico. Portanto o emprego militar da radiotelegrafia foi quase imediato, apresentando outro reflexo importante da Revolução Industrial sobre a Arte da Guerra.

DOUTRINA MILITAR PERÍODO ANTERIOR I GUERRA MUNDIAL

1 - GENERALIDADES

Apesar das aparências de harmonia que observaram entre os países europeus na primeira década deste século, uma permanente hostilidade havia entre grupos deles, motivada por razões econômicas e políticas.

De um modo geral, mantiveram-se unidas, de um lado, a FRANÇA, INGLATERRA e

RÚSSIA e, de outro lado, a ALEMANHA e a Monarquia Dualista ÁUSTRO-HÚNGARA; as potências menores gravitavam em tomo desses dois grandes blocos, de acordo com seus interesses e conveniências particulares.

Podem ser sintetizadas as razões do antagonismo nos seguintes termos:

1) choque de interesses da ALEMANHA e ÁUSTRIA com os da RÚSSIA, no Império OTOMANO e nos reinos Balcânicos (SÉRVIA, RUMÂNIA, BULGÁRIA e GRÉCIA);

2) idéias de expansões nacionalistas, por parte de algumas potências (Plano da GRAN- SÉRVIA, do Pan-eslavismo, etc);

3) movimento de desforra, com reivindicações francesas sobre os territórios da ALSÁCIA e da LORENA, perdidos para a ALEMANHA, em consequência da Guerra Franco-Prussia- na de 1870;

4) questões franco-germânicas, de natureza industrial e comercial no MARROCOS;

5) rivalidades industriais entre a ALEMANHA e INGLATERRA.

Na previsão de um conflito armado, os preparativos bélicos eram minuciosos e desenvolvidos; tratados e acordos diplomáticos, ostensivos ou sigilosos, foram assinados, denunciados ou desrespeitados.

Neste estado de ânimo, as potências procuravam estudar planos e aperfeiçoar sua doutrina- militar.

Na ALEMANHA, vemos o Conde von SCHLIEFFEN ressuscitar a manobra de ANÍBAL em CANES para criar a batalha de aniquilamento.

Seu pensamento militar e sua atitude em face da guerra foram dominados por essa idéia, que se tomou verdadeira obsessão em sua vida.

SCHLIEFFEN exerceu a chefia do Estado Maior alemão de 1891 a 1906 e se preocupava com a posição estratégica de seu país, cercados de poderosos vizinhos.

Alguns destes eram amigos, alguns seriam aliados prováveis, mas a maior parte era constituída de inimigos em potencial.

O problema com que se defrontava SCHLIEFFEN era o de orientar o esforço militar alemão de modo a obter a vitória sobre esse poderoso cordão de adversários.

A solução deveria permitir um golpe rápido, decisivo, aniquilador, contra o seu provável inimigo.

Voltando-se para a História, verificou que só um envolvimento por um ou ambos os flancos do adversário levaria ao cerco completo com resultados aniquiladores.

A fim de incutir no Exército a idéia dessa batalha de aniquilamento, SCHLIEFFEN escreveu uma monografia intitulada CANES tomando a célebre vitória de ANÍBAL como base do seu tema.

Por outro lado a operação que MOLTKE realizou em 1870 era colocada por SCHLIEFFEN como a CANES modelar: o máximo em decisão rápida e o modelo de campanha que culmina com a batalha de aniquilamento.

Como o adversário mais provável para os alemães era a FRANÇA, VON SCHLIEFFEN planejou, já em 1905, destruir os exércitos franceses por um amplo envolvimento.

SCHLIEFFEN morreu, entretanto, sem que tivesse podido ver seus ensinamentos culminar na CANES moderna de TANNENBERG.

Enquanto isso na FRANÇA, o então Ten Cel FERDNAND FOCH, professor na Escola Superior de Guerra, vai impulsionar com sua forte personalidade uma doutrina que marcará a atuação dos executantes franceses no decorrer da lª Guerra Mundial.

FOCH realça a ofensiva e a importância das forças morais.

FOCH prega a ofensiva, sempre a ofensiva, com um máximo de forças e de velocidade, o que consistirá em surpresa para o inimigo, e não admite outra forma de surpresa.

Parece, entretanto, que FOCH não pressentia o valor do terreno e da fortificação nem o partido que o defensor podia tirar das armas automáticas.

Em suma, visto como a defensiva devia ser prescrita, os processos defensivos seriam mal estudados, e a organização do terreno e o emprego judicioso das armas automáticas seriam ignorados.

A ênfase dada por FOCH aos fatores morais era notável e célebres ficaram frases suas como estas:

“Uma batalha perdida, é uma batalha que se crê perdida”,

“Vitória = vontade”.

Tudo isso é verdade, mas os fatores morais não prescindem dos fatores materiais.

2 - ORGANIZAÇÃO MILITAR

Analisadas as principais doutrinas que orientavam o pensamento militar na época, apreciaremos agora o estágio da organização militar na EUROPA, de maneira geral, no início do Sec XX.

2.1 - MOBILIZAÇÃO

A passagem do efetivo de paz para o de guerra, feita nos moldes tradicionais dos séculos anteriores, sofreu grandes e profundas alterações.

Graças aos novos recursos que existiam nos países da EUROPA, ao findar o século XIX, e às previsões e trabalho dos Estados-Maiores, as Reservas, bem orientadas, instruídas e, muitas vezes, perfeitamente atualizadas na formação e instrução militar, estavam, via de regra, em condições de acorrerem com presteza aos pontos de reunião e concentração, tão logo se fizesse necessário.

Além dos efetivos, a movimentação de animais, material, suprimentos e equipamento variado poderia ser realizada com sucesso, se o estudo antecipado do problema e uma preparação meticulosa fossem feitos com larga previsão.

Sem dúvida, um elemento muito influiria na grande transformação que se processou - as disponibilidades do transporte ferroviário, a partir da metade do século XIX.

O processo de mobilização que melhor pode ser observado até a deflagração da 1ª Grande Guerra, foi o alemão.

O conceito de "perigo iminente”, proclamado em todo território, na noite de 31 de julho de 1914, constituiu a fase inicial da mobilização alemã, conhecida por "Mobilização Secreta”.

No dia imediato, a "Mobilização Geral” foi ordenada para o dia "M”, 1 de agosto; até o dia "M” + 7 os reservistas dirigiam-se para os respectivos "Pontos de Reunião” e completaram os "Centros de Mobilização”.

Assim, muito naturalmente, pela simples ampliação das organizações já existentes e criação de novas unidades ou elementos, com muita antecedência prevista, todo o Exército passou do efetivo de paz para o de guerra; de quase 800.000 homens passou-se, naqueles poucos dias, a um total de 3.800.000 e, da mesma forma, surgiram 27 Exércitos de 1ª linha.

A utilização de transporte ferroviário excedeu a toda expectativa; nos dias M + 1 e M

+ 2 foram realizadas as medidas preparatórias para a suspensão completa do tráfego de natureza civil; às 0000 de M + 3, passou a vigorar exclusivamente o controle militar que deveria atender a movimentação intensa de tropas, animais, suprimentos e equipamentos para os vários pontos e regiões.

Entre os diversos fatores que concorreram para o êxito alcançado, deve ser salientado o fato do Estado-Maior Alemão, através de sua "Seção de Estrada de Ferro" de "Serviço de Transporte", estar trabalhando no complicado e colossal problema, desde o final do século que acabara.

2.2 - APERFEIÇOAMENTO DO MATERIAL

Considerando-se as modificações e as transformações introduzidas apenas no armamento da infantaria no decorrer do período em apreço, é fácil constatar-se as grandes alterações por que teriam de passar as organizações e as formações de combate.

A rapidez de tiro, cada vez mais contribuiria para que na zona de combate se estabelecesse uma maior intensidade de fogo, fazendo com que se modificassem os processos de combate.

O quadro que segue esclarece, resumidamente, os principais aspectos de transformação e aperfeiçoamento por que passou o armamento entre os anos de 1815 e 1914.

ANOS	ESPÉCIE		
	FUZIL	METRALHADORA	ARTILHARIA
1815	Alma lisa ante carga	—	Alma lisa ante carga
	A pederneira	—	Bronze
1818	Cápsula	—	—
1826	Raias	—	Luneta
1850	Pólvora fumaça	—	—
1855	Projétil ogival	—	—
1861	—	25 tiros p/minuto	—
1864	—	—	Aço fundido
1866	Retro carga repetição	100 tiros p/min.	—
1870	—	250 tiros p/min. emprego c/Art.	Raias
1874	Cartucho metálico	—	—
1877	Repetição aperf.	600 tiros p/min.	—
1882	—	Automatismo	—
1886	Carregador metálico	—	—
1897	—	—	Tiro indireto
1904	—	Dotação - S/RI	—
Alcance	de 300 a 2000 m	Até 2500 m	Até 6.000 m

OBSERVAÇÃO : A granada de mão já é usada em 1904.

Assim, quanto ao fuzil, pode se notar a rapidez, o alcance e a precisão sempre aumentando; de 200 a 300 passos, o alcance em pouco tempo passou a 1600 m; nas pequenas e médias distâncias, graças à tensão das trajetórias, o fogo já era capaz de efeitos destruidores.

O carregamento pela culatra, permitindo o tiro rápido em qualquer posição do atirador e também a utilização dos carregadores metálicos muita rapidez de repetição

deram ao fuzil.

No início do século XX, nos principais exércitos, o calibre dos fuzis variava entre 8 e 6,5mm.

A metralhadora apareceu a partir de 1860; algumas vezes, apresentando calibres até cerca de 40mm, teve seu emprego como peça de artilharia, com maus resultados.

Posteriormente, a partir de 1880, surgiu na metralhadora o automatismo, aumentando, num grande lance, a rapidez de tiro das armas de calibre reduzido, ou mesmo de grandes calibres.

Mais aliviada no peso e com condições de melhor transporte foi incorporada ao armamento da infantaria.

Anteriormente empregada na Guerra da Secessão nos ESTADOS UNIDOS, foi definitivamente consagrada durante a Guerra Russo-Japonesa, estabelecendo, sem dúvida, e supremacia do fogo na zona de combate.

Nenhuma tropa, nenhum combatente poderia mais expor-se impunemente; como exemplo, naquela campanha, a brigada NANBOU, em 1905, num temerário ataque às russas, chegou a perder cerca de 90% do seu efetivo.

A artilharia passou da alma lisa à raiada e ao carregamento pela culatra, aumentando como o fuzil, cada vez mais, a precisão, o alcance e a velocidade do tiro.

O material, afora esses aperfeiçoamentos, passou a dispor de maior mobilidade no campo de batalha, graças às transformações que sofreu.

Entre essas, a articulação entre o avant-trem e o retro-trem, o transporte dos serventes sobre os armões e a adoção de um único modelo de armão para todas as viaturas da bateria de campanha.

Desde 1890 desenvolveu-se uma artilharia pesada, de grosso calibre, onde podia ser salientado o obus 210.

Relativamente à munição, somente após 1850 é que se passou ao emprego dos projéteis de forma oblongo-cilindro-ogival, sendo abandonada a forma esférica.

2.3 - NOVOS MEIOS

Acompanhando o aperfeiçoamento das armas e atendendo às necessidades de comando e direção, cada vez mais ampliadas, uma variedade de novos meios de ligação, transporte e observação surgiu para utilização nas campanhas que se sucediam.

O Transporte Ferroviário em 1859, o Telégrafo em 1866, o Telefone em 1840, a Aerostação em 1865, a Radiotelegrafia em 1897, a Navegação aérea em 1910, o Transporte Motorizado e a Aviação em 1911 e a Fotografia em 1904 constituíram os principais elementos a considerar.

O transporte ferroviário permitiria que a mobilização, a concentração, as operações e a vida dos grandes efetivos em operações se fizessem melhor e mais rapidamente.

O telefone, o telégrafo, a aerostação, a radiotelegrafia, a navegação aérea, a aviação, a fotografia e a cartografia, em contínuo aperfeiçoamento, solucionaram as preocupações e necessidade de informações e ligações.

O avião, pela primeira vez, em 1911, na Guerra Ítalo-Turca, auxiliando a observação, favoreceu "vistas verticais" e extensos reconhecimentos, pronunciando ainda o seu emprego como meio de combate.

O automóvel ampliava as possibilidades de movimento, completando, de maneira ainda muito restrita, os encargos do transporte ferroviário; logo no início da 1ª Guerra Mundial, favorecia com êxito a intervenção de um exército francês no campo de batalha para uma ação decisiva.

Os dirigíveis possibilitavam a navegação aérea com facilidades de observação, reconhecimentos profundos e de participação em ações bem à retaguarda das frentes de combate.

2.4 - ORGANIZAÇÕES

Foram necessários três séculos, após o aparecimento do canhão sobre o campo de batalha europeu, para que a Artilharia realmente tomasse lugar entre as Armas combatentes, ao lado da Infantaria e da Cavalaria.

O poder e a nova mobilidade do canhão de campanha, por volta do século XVIII, modificaram o equilíbrio existente entre as duas tradicionais armas. Isso, aliado às possibilidades já reais, à conveniência e à necessidade do fracionamento dos Exércitos, proporcionou, então, a criação da DIVISÃO DE INFANTARIA.

A partir daquele momento, a história da DIVISÃO DE INFANTARIA confunde-se com a história das relações das 3 Armas entre si, relações que, os aperfeiçoamentos técnicos e táticos, trazidos a uma outra Arma, tomariam sempre mais estreitas na intimidade divisionária.

Assim, principalmente no período compreendido entre os princípios do século XIX e o ano de 1914 pode ser apreciada a primeira fase da evolução divisionária.

Nessa fase cada uma das Armas apenas cumpria isoladamente sua própria missão no combate; a concentração de esforços das Armas só seria possível ao comando divisionário pela justa posição dos efeitos de cada Arma, longe portanto de uma combinação ajustada, íntima e coordenada dos diferentes elementos para o combate, como no futuro se veria.

Assim, a organização divisionária permaneceu sempre com larga aplicação, mesmo com relação às Divisões de Cavalaria.

Os Corpos de Exército, ou apenas se organizavam por ocasião das crises, ou já tinham, desde o tempo de paz, uma organização própria e definida para melhor preparação, vida e instrução, como acontecia na PRÚSSIA e mais tarde, ALEMANHA.

O agrupamento de Divisões formava os C Ex e a reunião destes, os Ex.

Os C Ex tiveram constituição variável, segundo os exércitos a que pertenciam e a época que atravessavam.

As Cias de Mtr foram organizadas e já faziam parte do conjunto dos RI; outros elementos, tais como unidades de Serviço de Automóveis e Corpo de Aviadores existiam antes de 1914; em 1910, na ALEMANHA, um Corpo de Navegação aérea dispunha de 21 "Zepelins" e 100 pilotos.

2.5 - O COMBATE

Tão grandes transformações ocorridas entre 1815 e 1914 por certo muito influíram na maneira de combater-se e no modo de conduzir-se os combatentes durante as ações de guerra.

A natureza das antigas armas impunha o agrupamento no combate; o novo armamento iria impor uma dispersão cada vez mais acentuada.

As formações, os movimentos e os deslocamentos durante as operações teriam que fugir à vulnerabilidade pela disseminação e pelo aproveitamento do terreno.

Os Batalhões tiveram que se fracionar em companhias e pelotões; passaram a mover-se na zona de combate por lances rápidos e a apegar-se ao terreno que influenciou enormemente as ações na zona de combate.

As tropas enterraram-se no terreno pois a violência do fogo obrigou a infantaria a colar-se ao solo e o infante a criar abrigos individuais e trincheiras, cavando a terra com

baioneta, marmita e mãos quando não dispunha de utensílios apropriados.

Principalmente, durante a guerra Russo-Japonesa, a potência do fogo, em proporções inéditas, faria a organização do terreno tomar grande desenvolvimento.

Sob o ponto de vista estratégico, os principais conceitos firmados reconheciam sérias dificuldades nas ações frontais preconizando, em consequência, as ações de ala.

Procurando manter a iniciativa desde o começo, as operações deveriam ser conduzidas com o máximo vigor, para isso a massa deveria estar concentrada para a batalha decisiva.

Bem salientada a importância da atitude ofensiva, a defensiva, mesmo apoiada em organizações fortificadas, deveria constituir apenas uma conduta transitória que permitisse, numa melhor oportunidade, a retomada das iniciativas em busca da decisão.

No decorrer do período em apreço, o combate ofensivo mostrou duas fases distintas na sua realização - a ação pelo fogo e a ação pelo choque.

A fase final, o choque, seria realizado por meio dos elementos já lançados no combate, apoiados ou reforçados por novos elementos, até então em reserva.

Dadas as grandes restrições da progressão no ataque, devido à supremacia do fogo cada vez mais acentuada, cresceu de importância a ligação das Armas durante as ações, principalmente entre a infantaria e a artilharia.

Pelo mesmo motivo e pela maior duração que passaram a ter as batalhas, as operações noturnas foram também, gradativamente, aumentando de interesse e valor.

Tanto o combate ofensivo como o defensivo, das formações lineares procurando tirar o máximo proveito do fogo, passariam a formações em maior profundidade, fosse para manter o vigor das ações, fosse para realizar esforços sucessivos.

A fortificação de campanha assumiu enorme influência nas ações de combate, trincheiras, sapas, comunicações enterradas, abrigos, obstáculos, etc., traduziram as necessidades do combatente proteger-se a crescente intensidade do fogo e preparar-se para novas ações.

Nas formações de combate da Infantaria os RI avançavam com os Btl dispostos em várias linhas, estando colocadas na primeira, as Cias de Atiradores, a de Volteadores, desenvolvidas em atiradores e atirando sob severa disciplina de fogo.

De 1884 a 1906 essas formações previam nos Btl um escalonamento de 1000 m em profundidade a fim de diminuir a vulnerabilidade; mais tarde, as linhas de atiradores deram lugar a grupos irregularmente fracionados que progrediam de cobertura em cobertura, aproveitando o terreno para dele tirar apoio e proteção.

Todo ataque realizado em formação cerrada estaria condenado ao fracasso com perdas bem consideráveis; por isso, em 1904, os japoneses tiraram grande partido das ações noturnas, ou sob condições meteorológicas desfavoráveis, para se aproximarem das posições russas e atacá-las.

Durante a progressão, cada parada seria caracterizada pela construção de abrigos individuais ou trincheiras; o emprego constante dessa fortificação "ofensiva" permitiria aos elementos que progrediam à retaguarda das linhas de atiradores utilizar os trabalhos ali deixados mantendo-se a uma distância conveniente com possibilidades de intervenção eficaz, quando necessário, para reforçarem a ação das linhas de fogo.

A infantaria dos tempos da arma de cano liso, progredindo numa velocidade de 2.000 m por hora, atirando numa velocidade de 2 tiros por minuto e atirando com os batalhões formados em 2 ou 3 linhas de atiradores, separados por cerca de 100 m, passou a atacar em formações escalonadas e fracionadas, progredindo por lances rápidos e atirando, com armas raiadas e metralhadoras, cerca de 450 tiros por minuto.

A artilharia, até 1866, apesar da grande mobilidade já adquirida não atuava em massa, nem concentrava fogos, assim dispersando esforços e pouco auxiliando a infantaria amiga que atacava.

Ocasionalmente, pequenos grupos de baterias eram reunidas para intervenções em situação crítica ou difícil.

Em 1897, o aparecimento do canhão de tiro rápido, entre outras importantes modificações, proporcionou a concentração de fogos com maior instantaneidade e potência; entretanto, apesar das longas preparações, a artilharia não apoiava o ataque da infantaria e da cavalaria em toda a profundidade.

Enquanto o alcance do armamento da infantaria ia aumentando a distância que tinha de ser coberta no assalto e submetia o assaltante, durante um tempo maior, aos efeitos dos fogos inimigos, a artilharia, nesse tempo, permanecia inativa sem apoiar a infantaria amiga.

As ações da artilharia e da infantaria eram sucessivas; apesar das longas preparações a artilharia não intervinha quando a infantaria assaltava.

No combate a artilharia organizava-se em:

- baterias que atuavam contra a artilharia inimiga;
- baterias que atuavam contra a infantaria e organizações defensivas inimigas.

Havia uma artilharia divisionária (AD) e uma artilharia de reserva (AR) que mais tarde, em 1866, passou a constituir a artilharia de Corpo de Exército (ACEx), dando continuidade às ações da artilharia divisionária.

Toda a artilharia que estivesse sob a observação do inimigo era considerada artilharia destruída, entretanto, a possibilidade do tiro indireto veio permitir o emprego das Bias fora das vistas inimigas, em posições desenfiadas, realizando o tiro sem se exporem.

Surgiram, então, a necessidade de observatórios afastados e meios de ligação mais adequados que se tomaram da maior importância pela conveniência acentuada da artilharia ajudar em todo o combate as ações da infantaria.

A cavalaria, em cada estágio do aperfeiçoamento do material e em vista da preponderância que adquiria a supremacia do fogo no terreno, perdia a liberdade de ação para intervir no combate segundo os antigos processos; teve por isso, de adaptar-se; bem armada, passou, em muitas oportunidades *a apear* para combater.

Constituía uma reserva de fogo móvel atuando no combate onde se fizesse necessário, tendo ainda a seu cargo as missões de exploração, incursões profundas no interior do dispositivo inimigo e ações retardadoras.

Com o aproveitamento intensivo das organizações de campanha surgiram trabalhos mais específicos, prenúncio do emprego de tropas especializadas de engenharia.

No serviço em campanha, a segurança em marcha e em estação estavam a cargo de destacamentos especiais de segurança.

Os problemas de abastecimento e remuniciamento adquiriram maior complexidade em vista dos efetivos mais numerosos que se empenhavam nas batalhas, bem como da sua duração cada vez mais ampliada.

2.6 - COMANDO

Na FRANÇA, o mais alto comando poderia ser delegado aos mais capacitados chefes militares do momento; desde 1818, fora criado um Corpo de Estado-Maior, em cujo quadro o oficial selecionado ingressava logo após a saída das Escolas Militares para fazer toda carreira, sem jamais servir em unidades de tropa.

Na PRÚSSIA, o Rei era, de acordo com a tradição, o comandante em chefe dos exércitos, auxiliado pelo Ministro da Guerra e por um Grande Estado-Maior, órgão de planejamento e preparação das campanhas.

Esse conjunto criou uma mentalidade de "Alto Comando" que, pela unidade de doutrina mantida constituiu a principal causa da eficiência militar prussiana.

Dois nomes se destacaram nesse particular: CLAUSEWITZ e MOLTKE; o primeiro relativamente ao estabelecimento de uma doutrina de guerra e o segundo no que diz respeito à formação de um eficiente Quadro de Oficiais de Estado-Maior e à preparação das campanhas.

Já nas proximidades de 1914, a FRANÇA e a ALEMANHA possuíam os melhores serviços de Estado-Maior entre as principais nações; o Estado-Maior austríaco se orientava pelo sistema alemão; não tinha, entretanto, a mesma formação, o mesmo treinamento e a mesma eficiência.

Os Oficiais do Estado-Maior do Exército inglês, ainda em 1914, não possuíam a experiência e a prática das operações em grande escala; o Estado-Maior russo, no seu conjunto, era considerado de fraca qualidade, concorrendo para isso, o fato da seleção para as mais importantes funções, ser feita à base de prestígio social e não de valor profissional dos militares.

2.7 - CONCLUSÕES

A industrialização e a técnica alteraram profundamente o armamento e, em consequência, transformaram a fisionomia geral do combate.

Exemplo típico foi o aproveitamento do terreno no combate, imposto pelo domínio que a metralhadora passou a exercer nos campos de batalha.

Entretanto, outros aspectos poderão ser também apreciados.

As frentes de combate ampliaram-se como resultado da intensidade de um fogo destruidor e potente, da disseminação e fracionamento das unidades combatentes durantes as ações e, também, da maior afluência de efetivos nas operações e nos conflitos.

Os 20 quilômetros de frente de batalha dos tempos de NAPOLEÃO, passariam a 40, em 1866, na Guerra austro-prussiana e a 140, em 1904, na Guerra russo-japonesa; nesses exemplos pode ser constatada uma variação de 12 para 3 homens por metro de frente, consequência da preocupação da dispersão dos combatentes no terreno.

A duração das ações passariam de horas e dias, tentando a maiores prolongamentos amparados por maiores recursos para manter-se as operações.

A perda em mortos iria diminuindo enquanto o número de prisioneiros de guerra subiria de maneira vertiginosa; não mais seria o massacre ou o morticínio dos tempos da arma branca que concretizaria a eliminação de um adversário pela sua completa destruição; procurar-se-ia apenas a destruição do poder combativo do inimigo.

De 80% de mortos avaliados nos choques da antiguidade, a percentagem diminuiria com o aparecimento e o aperfeiçoamento das armas de fogo: 35% no século XVIII, 20% nas Campanhas Napoleônicas, 15% em 1866, 12% em 1904 e 6% nas proximidades de 1914.

Em síntese, o período que antecede a 1ª Guerra Mundial deixa em destaque as seguintes principais idéias:

— o estabelecimento da supremacia absoluta do fogo nas zonas de combate, particularmente após o advento da metralhadora;

— a dispersão dos combatentes durante o combate como necessidade de furtarem-se àquela supremacia de fogo e a possibilidade de melhor conquistarem seus objetivos pelo movimento;

— a imposição dos trabalhos de Organização do Terreno como assunto já consagrado nos regulamentos dos principais exércitos da época;

— a conveniência de ser muito bem solucionado o problema da ligação TROPA-CHEFE e INFANTARIA-ARTILHARIA durante todas as ações de combate.

DOUTRINA MILITAR NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

1 - ANTECEDENTES

Desde metade do século XIX estavam firmadas, no mundo e, em particular na EUROPA, as políticas das nacionalidades e de alianças, reunindo esta última, nações com interesses comuns e separando grupos com objetivos nacionais antagônicos.

No começo do nosso século, estavam formadas as seguintes "alianças": ENTENTE CORDIA- LE entre a FRANÇA e INGLATERRA, que se transformou na TRÍPLICE ENTENTE, com a adesão ulterior da RÚSSIA; e a TRÍPLICE ALIANÇA, entre ALEMANHA, ÁUSTRIA e ITÁLIA (Esta última potência não acompanhou a ALEMANHA em 1914, e contra ela se voltou em 1915).

Na ALEMANHA, desde a ascensão ao trono do Imperador GUILHERME II (1888), a política germânica se orientou decididamente no sentido do **desenvolvimento industrial** e da conquista de mercados mundiais e de fontes de matéria prima. Para apoiar tal política, tratou essa nação de desenvolver seu **Poder Marítimo**, num claro desafio à hegemonia marítima e comercial britânica.

Por outro lado, a **Revolução Industrial** desencadeada no hemisfério Norte gerara, para as primeiras grandes potências industriais - ALEMANHA, FRANÇA e INGLATERRA, principalmente, a necessidade de conquistar mercados e de controlar fontes de matéria prima dando causa às GUERRAS COLONIAIS E IMPERIALISTAS desencadeadas em quase todo o mundo por essas e outras potências, entre 1815 e 1914.

Em decorrência dessas guerras, a ÁFRICA foi devassada e ocupada pela FRANÇA, INGLATERRA e BÉLGICA, notadamente. Na ÁSIA, a INGLATERRA e *a* FRANÇA ampliaram suas zonas de influência de par com a RÚSSIA e o JAPÃO. Na OCEANIA, a partilha foi feita entre a INGLATERRA, os EUA, a HOLANDA e a FRANÇA.

A ITÁLIA e a ALEMANHA, que se encontravam às voltas com suas **GUERRAS DE UNIFICAÇÃO** (1848-1870), chegaram muito atrasadas para essa corrida colonial e imperialista, tendo de aceitar os piores quinhões.

No entanto, a opinião pública germânica tinha sido preparada para a colocação do mundo sob a hegemonia prussiana. Para isso, o Estado Maior alemão elaborou, desde 1895 o **Plano Pangermânico** que consistia na conquista da EUROPA CENTRAL (área pivô, segundo a concepção geopolítica da época), para formação de uma **Confederação Germânica**, e no domínio dos BÁLCÃS e da TURQUIA, até o Golfo Pérsico.

A linha HAMBURGO-BERLIM-VTENA-BUDAPESTE-SOFIA-CONSTANTINOPLA-BAG-DAD constituiria a base da projetada GRANDE ALEMANHA.

O período de 1895 e 1914 foi consagrado à preparação das ações preliminares para por em execução o **Plano** e as seguintes providências foram tomadas por parte do Governo alemão:

Estreita cooperação com a TURQUIA (Imp OTOMANO) nos campos **político militar**.

Construção da estrada de ferro BERLIM-BAGDAD, a qual, às vésperas do conflito atingira RAS-EL-AIN (cerca de 500 Km de BAGDAD).

Esta atuação germânica, no ORIENTE MÉDIO, ameaçava a "zona de influência" que a INGLATERRA já se reservara no GÔLFO PÉRSICO, no SW da ÁSIA, e também na ÍNDIA.

Por outro lado, o nacionalismo sérvio objetivando a concretização da Grande SÉRVIA reunindo os estudos eslavos do Sul (atual IUGOSLÁVIA), contrariava, a um só tempo, a política austro-húngara de predomínio nos BALCÀS e os projetos alemães no

ORIENTE MÉDIO.

Ainda por cima, a RÚSSIA, arrogando-se o direito de proteger os povos eslavos dos BALCÀS, e almejando o controle dos ESTREITOS (BÓSFORO e DARDANELOS) ficava em posição antagônica aos interesses alemães, austro-húngaros e turcos, simultaneamente.

Por fim, a FRANÇA, já tendo se entendido com a INGLATERRA a respeito das respectivas "zonas de influência" no Ultramar, acalentava o desejo de recuperar os litigiosos territórios da ALSÁCIA e da LORENA (grande produtora de carvão), que lhe haviam sido arrebatados pelo Império Alemão, na Guerra de 1870.

É fácil compreender agora a lógica da constituição dos principais blocos políticos militares que se defrontaram na guerra:

De um lado: ALEMANHA-ÁUSTRIA-HUNGRIA-TURQUIA e BULGÁRIA, sob a denominação de POTÊNCIAS ou IMPÉRIOS CENTRAIS.

Do outro lado: INGLATERRA-FRANÇA-RÚSSIA-SÉRVIA e ROMÊNIA, com o nome de ALIADOS.

2 - CAUSA IMEDIATA DA GUERRA

Em 1908, a ÁUSTRIA, anexou os territórios da BÓSNIA e HERZEGOVINIA, que, até então integravam o Império Turco.

Este ato contrariava as aspirações nacionalistas da SÉRVIA que desde então procurou alimentar os movimentos subterrâneos no sentido de libertar aqueles territórios, mantendo-se sempre vivo o descontentamento contra a conquista austríaca.

O ato final da conspiração e constituiu a causa imediata da 1ª Guerra Mundial, foi o assassínio em Jun 1914, do herdeiro austro-húngaro, Arquiduque FRANCISCO FERNANDO e sua esposa, quando visitavam SARAJEVO, capital da BÓSNIA.

Apesar do criminoso ter sido um cidadão natural da BÓSNIA e o assassinato ter ocorrido naquele território, o Império Austro-Húngaro atribuiu culpa ao governo sérvio, enviando-lhe um ultimato, aceito quase integralmente.

Mas o ambiente internacional foi-se agravando, envolvendo em pouco os principais países europeus.

A RÚSSIA, que se afirmava protetora dos povos eslavos na península balcânica pediu uma conferência européia para tratar do conflito austro-sérvio.

A ALEMANHA insistiu pela localização do conflito entre os dois países.

A FRANÇA, firmemente disposta a cumprir sua aliança com a RÚSSIA, e a INGLATERRA permaneceram em posição de expectativa.

Após um mês de difíceis negociações, que assumiram os mais variados aspectos e despertaram dramática ansiedade no mundo inteiro, a situação agravou-se quando a ÁUSTRIA sob o pretexto de não haver recebido resposta satisfatória ao seu ultimato declarou guerra à SÉRVIA.

A mobilização austríaca forçou a RÚSSIA a fazer idênticos preparativos; a 31 de Jul a ALEMANHA também se mobiliza, e a 1ª Ago declara guerra à RÚSSIA.

Nesse mesmo dia a FRANÇA decreta a mobilização geral; a 2 a ALEMANHA intima a BÉLGICA a permitir o movimento de tropas em seu território, o que foi recusado; a 3 a ALEMANHA declara guerra à FRANÇA e, no dia seguinte à BÉLGICA.

Esse desrespeito à soberania belga leva a INGLATERRA a declarar guerra à ALEMANHA, em 5 Ago, completando-se, assim, o quadro geral da conflagração.

3 - DESENVOLVIMENTO ESTRATÉGICO

A 1ª Guerra Mundial desenvolveu-se em cinco frentes principais:

— **FRENTE OCIDENTAL**, compreendendo territórios da BÉLGICA, FRANÇA e LUXEMBURGO;

— **FRENTE ORIENTAL**, compreendendo territórios da PRÚSSIA ORIENTAL, RÚSSIA, POLÔNIA e HUNGRIA;

— **FRENTE BALCÂNICA**, compreendendo territórios da ÁUSTRIA, HUNGRIA, SÉRVIA, RUMÊNIA, BULGÁRIA, ALBÂNIA e GRÉCIA;

FRENTE ITALIANA, compreendendo territórios da ÁUSTRIA e ITÁLIA;

FRENTE TURCA, compreendendo territórios da TURQUIA, PÉRSIA e PALESTINA.

3.1 - FRENTE OCIDENTAL

Esquematizando as atividades nessa Frente, apresentam-se nitidamente os seguintes períodos:

1º Período: De Ago a Nov 1914: Guerra de movimento;

2º Período: De Nov 1914 a Mar 1918: Guerra de estabilização, em trincheiras;

3º Período: De Mar a Nov 1918: Guerra de movimento.

3.1.1 - 1° Período

Captura de LIÈGE (5 a 16 Ago 1914): Apesar da obstinada resistência belga, os alemães obtém sua primeira vitória pela conquista da cidade fortificada de LIÈGE, na fronteira belga.

Batalha das fronteiras (14 a 24 Ago 1914): Atravessando a BÉLGICA, de acordo com Plano de 1914, os alemães enfrentam os Exércitos franceses e ingleses, na região de MONS, no vale do Rio SAMBRE e nas ARDENAS, os quais são repelidos para o S com pesadas baixas.

Essas tropas Aliadas marcham em retirada para o corte do Rio MARNE onde o Comandante francês - JOFFRE - pretende organizar uma contra-ofensiva, movimentando com esse fim, tropas da direita para a esquerda.

Em vista do sucesso obtido, o Comandante alemão MOLTKE, decide atacar também com sua ala esquerda ao longo da fronteira S de METZ.

Batalha do MARNE (6 a 10 Set 1914): Tendo concentrado forças superiores a NE de PARIS, JOFFRE contra-ataca o flanco esquerdo alemão.

Para enfrentar essa ameaça, os alemães trazem apressadamente tropas de sua esquerda para a direita, abrindo, assim uma brecha na região N de CHATEAU THIERRY.

Os aliados irrompem imediatamente pela brecha e, com isso, obrigam os alemães a um retraimento. geral para a linha do Rio AISNE.

Corrida para o Mar (Set, Out e Nov 1914): os ataques frontais dos aliados à posição Alemã de AISNE fracassam; seguem-se sucessivas ameaças de flanqueamento, por ambos os partidos em luta que, desse modo, progridem lateralmente rumo ao N, por NOYON, ARRAS, LILLE, YPRES, alcançando o mar em OSTENDE; todos os Exércitos agarram-se fortemente ao terreno conquistado, entrincheirando-se em grandes linhas paralelas, ao longo de toda a linha de contacto, estabilizando-se face a face.

São salientados como causas do fracasso alemão:

— 1) enfraquecimento da ala direita que, conforme o Plano de SCHLIEFFEN, deveria possuir 90% das forças alemãs (Princípio da Massa);

— 2) decisão de MOLTKE de atacar também com sua ala esquerda, resultando uma insuficiência de meios para resultados eficazes em qualquer parte (Princípio de Economia de Forças);

— 3) perdas das comunicações durante a invasão e consequente perdas de ligação;

— 4) incapacidade do Comando alemão na coordenação das ações, permitindo a abertura da brecha em CHATEAU THIERRY;

— 5) descortínio de JOFFRE, reagrupando sua força no MARNE e lançando um contra-ataque, com superioridade de meios, num ponto sensível do inimigo: seu flanco

oeste.

3.1.2 - 2° Período

Ano de 1915: Nesse ano, os alemães mantiveram as posições ocupadas, dos VOSGES até o mar, voltando a atenção para os russos.

Os aliados atacaram em alguns pontos, sem obterem resultados satisfatórios.

Em 28 Fev aparece o lança-chamas e em Abr trava-se uma batalha, no YPRES, onde os germânicos usam, pela primeira vez, os gases de combate.

Batalha de VERDUN (Fev a Dez 1916): O Gen alemão FALKENHAYN planeja um ataque contra a mais forte posição francesa VERDUN.

Os franceses resistiram de Fev a Ago, contra-atacando em Set, sem ganho de terreno apreciável; foi uma luta demorada e sanguinolenta, sem consequências.

O Gen FALKENHAYN passa o Comando geral alemão a HINDEMBURGO que tem como seu Ch E M o Gen LUDENDORFF.

Batalha Naval de JUTLÂNDIA (30-31 Mai 1916): Foi o único encontro entre as tropas de alto mar, com resultado indeciso, por excesso de cautela de ambos os lados.

Batalha de SOMME (Jul a Nov 1916): Enquanto se desenrolava na fronteira de L da FRANÇA a Batalha de VERDUM, travou-se outra violenta luta no "front" do N; após uma preparação de Art que durou 7 dias, os Aliados atacaram o mais forte trecho da linha alemã, ao longo do Rio SOMME.

Os carros de combate são aí empregados pela 1.* vez.

Os aliados perdem cerca de 600.000 homens e os alemães 500.000, mas as linhas de contacto permaneceram, em traços gerais, as mesmas de antes.

Situação no início de 1917: Ao começar o ano, os Aliados obtêm superioridade de meios e JOFFRE planeja ações ofensivas sobre NOYON e nas FLANDRES, a fim de capturar bases de submarinos.

Os alemães mantêm uma atitude defensiva generalizada, colocando suas esperanças numa irrestrita guerra submarina; esta política foi o ato final que levou os ESTADOS UNIDOS à luta, sendo a guerra declarada a 6 de Abr 1917.

Retirada alemã (Fev a Abr 1917): Sabedores das idéias ofensivas dos Aliados, proclamadas pelo novo Chefe, Gen NTVELLE, os alemães se retiram para 50 km à retaguarda, no setor de NOYON e, com isso, encurtaram a frente que ocupavam, economizando Divisões, pois este setor constituía um saliente em suas linhas.

Batalhas de ARRAS e do AISNE (Abr 1917): Apesar da retirada alemã em NOYON, o Gen NIVELLE permanece inclinado a ações ofensivas e ataca nas frentes de ARRAS e do Rio AISNE.

Ta.s operações foram onerosas em vidas humanas e não apresentaram resultados satisfatórios ptra os Aliados.

Não houve surpresa tática nem estratégica; o moral do Exército francês caiu devido ao fracasse dessas operações, nas quais mantinha grande esperança, havendo ameaça de insubordinação; em consequência, NIVELLE foi substituído pelo Gen PÉTAIN, que prontamente realizou algumas reformas com o fim de recuperar o soldado francês.

Intensificando a instrução e conduzindo, com sucesso, pequenas ações bem preparadas, conseguiu restaurar a confiança e levantar o moral dos franceses.

Batalha de CAMBRAI (20 Nov 1917): Nessa data, os ingleses lançam o primeiro ataque de carros em massa, operando com 500 veículos, sem preparação de Art.

Obtiveram completa surpresa e uma boa penetração, mas o êxito não foi aproveitado por falta de reservas adequadas.

3.1.3 - 3° Período

Avanços alemães (Mar a Jul 1918): Com o colapso do Exército russo, os alemães transferiram para a Frente Ocidental muitas divisões, obtendo superioridade numérica; LUDENDORFF, que dirigia as operações germânicas, resolve fazer um esforço supremo, a fim de decidir a guerra antes que os ESTADOS UNIDOS pudessem cooperar eficazmente com os Aliados.

Desfecha, mensalmente, de Mar a Jul, ataques poderosos em diferentes setores: SOMME, LYS, AISNE, NOYON, conseguindo atingir as vizinhanças de AMIENS e o vale do Rio MARNE, na região de CHATEAU THIERRY.

Tais sucessos foram devidos a modificações no processo tático ofensivo, já anteriormente provados na Frente Italiana.

Ofensiva final dos Aliados (Jul a Nov 1918): A grave situação criada com os sucessos alemães, forçaram os Aliados à Unidade de comando na Frente Ocidental, sendo nomeado o Gen FOCH para Comandante em Chefe, em Mar 1918.

Sem preocupar-se com as vitórias alemãs. FOCH reajustou todas as forças aliadas e incorporou as novas tropas vindas da AMÉRICA; em Jul, estava pronto para passar à ofensiva.

Preliminarmente reduziu os salientes produzidos pelos avanços alemães recentes.

Tomando como objetivos principais os entroncamentos ferroviários à retaguarda dos alemães, atacou em Set, ao longo de toda a frente, com esforço na direção de MAUBEUGE e SEDAN, que foram conquistadas no início de Nov.

O armistício (11 Nov 1918): Quando os alemães recuaram na FRANÇA, todos os seus aliados entraram em colapso no resto do Mundo.

Motins e revoluções irromperam em território alemão; o governo do Kaiser viu-se, assim, forçado a solicitar um armistício, que foi aceito pelos Aliados e assinado em 11 Nov, em COMPIÈGNE, proximidades de PARIS.

3.2 - FRENTE ORIENTAL

1914: Campanhas da PRÚSSIA ORIENTAL, GALÍCIA e POLÔNIA.

Batalha de TANNENBERG (Ago 14): Embora não estivessem parcialmente mobilizada, a RÚSSIA teve que invadir a PRÚSSIA ORIENTAL, por força de acordos com a FRANÇA.

Após ações de tomada de contacto, na linha da fronteira, os alemães atraíram todo o II Ex Russo para a região L de TANNENBERG; o resultado foi uma batalha do tipo CANES, na qual todo esse Ex russo foi envolvido por ambos os flancos e, práticamente, aniquilado.

1.ª Batalha dos Lagos MAZURIANOS (Set 1914): Após a.Batalha de TANNENBERG, os alemães lançaram-se sobre o flanco do I Ex russo, ao N dos Lagos MAZURIANOS.

Cobertos por forte contra-ataque , os russos retiraram-se do território prussiano, embora não se possa considerar o fato como uma vitória militar dos germânicos.

Batalhas na GALICIA (Ago a Set 1914): Enquanto se desenrolavam as batalhas anteriormente citadas, os russos agiam na direção de PRZEMYSL, fazendo recuar os austríacos até os Montes CÁRPATOS.

Operação na POLÔNIA (Set a Nov 1914): Em Set os alemães avançam na direção de VARSÓVIA mas são obrigados a retroceder para suas fronteiras face à enérgica contra- ofensiva.

Beneficiando-se da rede ferroviária, os alemães trocam suas tropas para o N do Rio WARTHA e atacam agora na direção de LODZ, sendo novamente detidos e obrigados à

retirada.

Apesar dessas duas derrotas táticas, os alemães conseguiram evitar invasão de seu território que os russos pretendiam efetuar partindo do corte do WARTHA; trata-se, pois, de ofensivas táticas com finalidades defensivas.

1915: Reveses russos

Batalha da MAZÚRIA (Fev 1915): Atuando na direção de GRODNO, os alemães aprisionam 100.000 russos, retirando-se os remanescentes para L de VILNA.

Retirada russa na GALÍCIA (Mai a Set 1915): Concentrando forças nos CÂRPATOS, os alemães atacam juntamente com os seus aliados austríacos, repelindo os russos para a VOLÍNIA.

No fim de 1915, os russos tem suas forças dispostas em longo cordão de RIGA à fronteira da BUCOVINA, sofrendo ainda escassez de suprimentos de toda ordem.

1916: Ofensiva russa

Ofensiva de BRUSSILOV (Jul a Ago 1916): O Gen BRUSSILOV, Cmt do setor russo do S, ataca entre os pântanos do PRIEP e a BUCOVINA e, ã custo de enormes perdas - um milhão de homens - avança cerca de 50 km apenas detido na linha atingida.

As perdas austríacas são também numerosas e incapacitam seus exércitos para qualquer ação ofensiva em prazo próximo.

1917: Colapso da RÚSSIA

As grandes perdas russas da última campanha agravaram a situação interna, política e social do Império Russo, fazendo deflagrar-se a guerra civil; a 15 Mar, o Czar NICOLAU II abdicou, formando-se um governo republicano sob a presidência de KERENSKY.

Aproveitado a debacle geral da RÚSSIA, os alemães atacam com sucesso na frente RIGA, em Set.

A 17 Nov, os bolchevistas apoderam-se do poder e propõe o armistício que foi assinado em BREST-LITOVSK.

Com isto, a ALEMANHA recuperou muitas tropas para emprego em outras Frentes, além de dominar grandes áreas férteis em suprimentos.

3.3 - FRENTE BALCÂNICA

1914-1915: Campanha da SÉRVIA

Invasões austríacas: Em 1914, os sérvios repeliram três tentativas de invasão dos austríacos, agindo em posição central e beneficiados pelas dificuldades oferecidas pelo terreno.

Em Ago 1915, a BULGÁRIA declarou guerra aos Aliados e, juntamente com tropas alemãs e austríacas, avança sobre a SÉRVIA.

Os exércitos sérvios foram esmagados na direção da ALBÂNIA e, dos seus 400.000 homens, somente 150.000 conseguiram embarcar em portos albaneses, fugindo ao inimigo.

1915-1916: Campanha da SALÔNICA

Essa, campanha tinha por finalidade socorrer os sérvios quando eram expulsos de seu território, mas as tropas aliadas chegaram demasiado tarde e em quantidade insuficiente.

Desembarcando em SALÔNICA em 1915, os Aliados atingiram a fronteira grega somente em 1917.

Finalmente, já em 1918, sob comando unificado, os Aliados progrediam na direção

de BELGRADO, com absoluto sucesso.

1916: Campanha da RUMÂNIA

Em Ago 1916, a RUMÂNIA entrou na guerra ao lado dos Aliados.

Prontamente o contacto foi estabelecido na MOLDÁVIA e na TRANSILVÂNIA, face aos alemães e, no corte do DANÚBIO, face aos búlgaros.

Os rumenos mantiveram-se em obstinada defesa, mantendo a linha de contacto descrita acima; em Nov, terminaram por ceder, frente a ações convergentes de Oeste e do Sul, retraindo- se com pesadas baixas (400.000 homens) para o Nordeste do seu território e desaparecendo como força organizada.

Como se vê, no fim de 1916, as potências centrais dominavam toda a RUMÂNIA, SÉRVIA, BULGARIA (sua aliada), o MONTENEGRO e a ALBÂNIA.

3.4 - FRENTE ITALIANA

A ITALIA manteve-se neutra até Mai 1915, quando declarou guerra à ÁUSTRIA-HUN- GRIA, apresentando um contingente de 1.500.000 homens; em Jun 1916, declarou guerra à ALEMANHA.

Ofensivas do Rio ISONZO (1915-1917): Nesses 2 anos, os italianos fizeram onze ataques contra as posições austríacas estabelecidas a L do ISONZO, com grandes perdas, mas sem resultados práticos.

Campanha de TRENTINO (Mai a Jun 1916): Desejosos de atuar sobre a retaguarda italiana, os austríacos atacaram, partindo da região de TRENTO, na direção de VENEZA; mas as dificuldades do terreno montanhoso e *a* obstinada resistência dos italianos impedem o progresso daqueles além de suas próprias fronteiras.

Batalha do CAPORETO (Out a Nov 1917): Auxiliados por tropas alemãs chegadas a esta Frente, os austríacos atacam em Out no setor de CAPORETO.

Empregando novos processos táticos, repelem os exércitos italianos que sofreram perdas avaliadas em 320.000 homens, para o corte do Rio PIA VE.

Batalha do PIAVE (Jun 1918): Puramente defensiva; os italianos repelem poderoso ataque austríaco.

Batalha de VITTÓRIO-VENETO (Nov 1918): Após detalhados preparativos, os italianos atacam, com esforço na direção de VITTÓRIO-VENETO, e conseguem repelir os austríacos para fora de suas fronteiras de L, penetrando ainda no território TRENTINO até as fraldas dos ALPES; 500.000 austríacos foram aprisionados.

3.5 - FRENTE TURCA

Campanha dos DARDANELOS (1914 e 1915): Em 30 de Out 1914, os turcos entraram na guerra ao lado das potências centrais.

Após demorados preparativos, os Aliados realizaram uma primeira operação anfíbia na península dos DARDANELOS, em Abr de 1915.

Dificuldades nas comunicações, falta de iniciativa dos chefes subordinados e a excelente defesa turca, fizeram fracassar a operação Aliada.

Um segundo desembarque teve lugar em Ago de 1915, sendo, então, mantidas pequenas cabeças de praia até Jan 1916, quando tiveram que evacuar a península face às dificuldades de progressão para o interior.

Foram essas as primeiras operações anfíbias que se realizaram em moldes modernos.

Campanha da MESOPOTÂMIA: Em Nov 1914, os ingleses desembarcaram pequeno contingente ao S de BASSORA, conquistando, *a* seguir, essa cidade, onde se detiveram para reajustamento.

Em Abr 1915, prosseguiram para o N, ao lado dos Rios TIGRE e EUFRATES, atingindo KUT em fins de Set, quando derrotaram os turcos na primeira batalha de vulto.

Estes retiraram-se para CEISIFON, onde conseguem deter e derrotar os ingleses que retomaram a KUT.

Nesta cidade os ingleses foram cercados, de Dez a Abr 1916, rendendo-se finalmente, por força da fome e doenças.

Após intensos preparativos, novas forças inglesas partem de BASSORA para o N, repelindo os turcos de KUT; novo encontro ocorre em BAGDAD, em Mar 1917, sendo os turcos derrotados.

Nenhuma operação de destaque se realiza, até Out de 1918, quando os turcos solicitaram um armistício.

As forças inglesas na MESOPOTÂMIA que, inicialmente compunham-se de 8.000 homens, atingiram um total de 450.000 no fim da guerra.

Campanha da PALESTINA

Devem ser ainda citadas: a defesa de SUEZ, contra os turcos, em 1915, e as Batalhas de GAZA, em 1917, e MEGIDO, em Set 1918, ambas na PALESTINA, nas quais foram vitoriosos os ingleses; em 10 Set 1918 entravam em DAMASCO e, a 26, em ALEP, fazendo junção com unidades procedentes da MESOPOTÂMIA.

5 - **APRECIAÇÃO GERAL**

Final do ano de 1917: a Frente Ocidental vivia, desde novembro de 1914, um prolongado período de estabilização.

Os adversários na "corrida para o mar" fracassaram nas suas possibilidades de mútuo envolvimento e, enterrados em toda a extensa frente, aperfeiçoaram ao máximo um sistema de combates de trincheiras.

Na batalha das fronteiras já os fogos das metralhadoras e da artilharia obrigaram o atacante a se colar ao solo, sem poder progredir, e a buscar vias de acesso para uma progressão menos custosa.

A aviação, que fizera a sua entrada na arte militar durante a guerra ítalo-turca de 1911-12, continuava a desempenhar o seu papel na observação do campo de batalha.

Do ponto de vista tático, as conclusões de ordem mais geral resultantes das operações vividas nos anos de 1915, 1916 e meados de 1917, diziam respeito, principalmente, aos seguintes aspectos:

— a organização do terreno e a fortificação de campanha estavam firmemente integrados em todas as ações táticas.

— na frente ocidental, os adversários, igualmente esgotados, se entrincheiraram; espalhando redes de arame formando e construindo abrigos.

— a supremacia do fogo sobre o movimento admitida em toda a zona de combate;

— a necessidade do movimento para obter-se a decisão, era conceito perfeitamente assentado;

— somente a ofensiva poderia levar à vitória;

— as dificuldades de manobra, de movimento, teriam de ser removidas.

— o problema da ruptura das posições se apresenta logo à meditação dos comandos.

— os alemães são os primeiros a buscar essa ruptura, lançando mão, a 22 Abr 1915, em YPRES, os gases, com violação dos acordos internacionais; mas a operação somente serviu para facilitar a tomada de contra-medidas por parte dos Aliados.

Para sair então da longa estabilização seria necessário conjugar fogo e movimento de tal sorte que os objetivos fossem alcançados com o maior rendimento e com as menores perdas.

O problema comportava dois aspectos:

— na infantaria, uma base de fogos que apoiasse e um escalão de fogo que progredisse;

— entre as Armas, a continuidade do apoio da Artilharia em toda a profundidade de ataque da Infantaria.

No âmbito da Infantaria a coordenação entre o fogo e o movimento seria conseguida pelo aperfeiçoamento do material - a arma automática - do seu adequado emprego no combate e das organizações e formações de combate que, logicamente, surgiram para a utilização desse armamento, entre elas, o Grupo de Combate, pouco mais de uma dezena de homens gravitando em torno de um fuzil-metralhador, em que uma parte empregava o fogo, enquanto a outra, o movimento, ambas progredindo altemadamente e constituindo o núcleo essencial do escalão de fogo, a célula da infantaria no combate.

Entretanto, tendo de vencer terreno eriçado de obstáculos e muito dificultado pela utilização intensiva da organização do terreno, a infantaria, quando insuficientemente apoiada pela artilharia, sentia-se desamparada ante o fogo destruidor da defesa adversária; em consequência, as deficiências desse apoio teriam de refletir no desenvolvimento, na intensidade e na manutenção do esforço ofensivo.

Em outras palavras "o apoio" como hoje é compreendido, necessitava ter maior importância do que a "preparação" inicial, por mais violenta e arrasadora que pudesse ser.

Se o elemento "SURPRESA" fosse assegurado, por certo muitos riscos e dificuldades seriam poupados; no entanto, isso era difícil pois as grandes movimentações da retaguarda afastada, no escalão estratégico, estavam na dependência dos transportes ferroviários, fato que indicava aos reconhecimentos inimigos, mais ou menos, a frente a ser atacada, enquanto as necessidades e servidões de um sistema de comunicações à base do telefone, caracterizavam, muitas vezes, na zona de combate, os detalhes das ações no que se relacionasse a dia e hora.

Como resultado, a surpresa era um mito, pois faltava um dos seus fundamentos, o segredo; desencadeado um ataque, o inimigo, antecipadamente sabedor, poderia movimentar de modo apropriado suas reservas para invalidar o golpe ou muito dificultar a ação.

Assim, cada vez mais, estabelecida a conveniência e a necessidade de conjugação e coordenação das ações da infantaria e da artilharia no desenrolar de todo o ataque, a solução do problema ficava na dependência do aperfeiçoamento relativamente a meios de ligação e de comunicações, apenas mais satisfatórios num futuro ainda afastado.

Desse modo, até meados de 1917, os processos de combate ofensivo eram deficientes, deixando as tropas atacantes impotentes ante as formidáveis posições defensivas inimigas, solidamente estabelecidas no terreno e servidas por uma potência de fogo capaz de quebrar o ímpeto ofensivo dos assaltantes.

A extraordinária expansão industrial da época e o surto da técnica aperfeiçoada já vinham permitindo o emprego, em ritmo cada vez mais crescente, de armamento e material de maior eficiência.

Apesar da variedade de armas e munições, metralhadoras de diferentes tipos, fuzis-metralhadores, granadas de mão e de fuzil, fuzis mais aperfeiçoados, morteiros e gazes de combate, da potência de fogo que impunha um consumo de munição jamais imaginado, da evolução de meios de comunicações, das novas técnicas de tiro experimentadas, das maciças preparações de artilharia que duravam dias e semanas, do aumento dos calibres e das melhores e mais amplas possibilidades de reconhecimentos, a defesa continuava a resistir aos efeitos do fogo do atacante e a impedir a sua aproximação definitiva.

O que faltava então ao ataque, se a potência de fogo era tão intensa e o armamento tão aprimorado?

Simplesmente IMPULSÃO e VELOCIDADE para romper a defesa e explorar o êxito, e isso porque os processos do combate ofensivo, de então, davam lugar aos seguintes aspectos:

— formações de ataque ainda densas, portanto muito vulneráveis;

— ataque da infantaria sem apoio da artilharia ou apenas colado à barragem rolante, combinação fácil de ser interrompida pelas dificuldades de ligação;

— pequena velocidade de progressão do ataque, facilitando ao defensor a utilização de reservas, mesmo afastadas, e permitindo-lhe o combate em profundidade, em posições sucessivas organizadas.

Além do mais, a infantaria não mais defendia-se como em 1914, em posições e formações lineares de pouca profundidade; tratando-se de posições das quais a infantaria estivesse grandemente escalonada em profundidade, a conquista pelo inimigo atacante das partes mais avançadas do sistema defensivo não constituía uma brecha, como anteriormente, e por conseguinte, só parcialmente perturbaria o conjunto da defesa; para que haja perigo é necessário que o atacante rompa a posição em toda a sua profundidade.

5.1 - NOVOS PROCESSOS DE AÇÃO OFENSIVA

Preocupando, pois, aos beligerantes, desde algum tempo a solução daquele impasse, começaram a ser desenvolvidas tentativas e experiências no sentido de se criarem processos capazes de alterarem a guerra estabilizada e de conduzir as operações a uma decisão final.

A guerra de gases empregada pelos alemães em abril de 1915 já representara uma dessas tentativas para a ruptura das posições fortificadas; apresentando apenas o caráter de uma surpresa técnica, servira somente para provocar e facilitar contra medidas adequadas.

O lançamento do carro de combate mostrará já, em 1917, uma experiência inglesa para solucionar os problemas da prolongada campanha.

A concepção do carro de combate resultou do aproveitamento do motor a explosão e foi devida à preponderância do fogo mortífero das armas automáticas; destinava-se o engenho a levar fogo a curta distância das armas inimigas e a romper as posições defensivas organizadas à base de metralhadoras enterradas em lagura e profundidade e de redes de arame.

Anteriormente, já haviam os carros de combate se apresentando na Frente Ocidental como arma de apoio à infantaria, com resultados pouco convincentes.

Recordando a época, em uma das ações iniciais, de 49 carros de combate empregados, apenas 5 conseguiram atingir seus modestos objetivos; 17 "não pegaram" na Posição de Partida, 9 não puderam transpor a Linha de Partida e 18 pararam, no começo ou no transcurso da operação, por defeitos de ordem técnica.

Agora, seriam empregados como "arma de choque", para abrir caminho à infantaria, numa ação em que, atuando em "massa", teriam a principal participação.

A parte da Frente Ocidental selecionada para a realização da experiência inglesa foi a região de CAMBRAI, numa extensão de 12 km entre os Canais do Norte e do ESCALDA.

Os ingleses que não esperavam resultados tão espetaculares na sua experiência foram igualmente vítimas da própria surpresa que causaram; perderam por isso as principais vantagens obtidas, uma vez que não puderam tomar medidas apropriadas para o aproveitamento do sucesso inicial.

Essa foi a experiência inglesa para a solução do impasse da estabilização, cheia de ensinamentos; somente muito mais tarde, no entanto, é que será amplamente explorada como orientação tática.

As conclusões decorrentes porém já permitiam salientar que os carros de combate:

— podiam proporcionar o movimento;

– conseguiam a surpresa;
– permitiam a ruptura sem grandes perdas;
eram aptos ao acompanhamento da infantaria no combate;
– deviam ser empregados em grande número.

Do lado alemão, o mesmo empenho em solucionar o problema das frentes longamente estabilizadas gerou um novo modo de conduzir o combate ofensivo, conhecido pelo nome de "tática de infiltração".

Era uma tática sistematizada por LUDENDORF, comandante germânico, sob cuja orientação se desenvolveu e ampliou desde seu início.

A sua finalidade essencial era reviver o espírito ofensivo amortecido pela estabilização na Frente Ocidental; seu princípio fundamental consistia inicialmente em selecionar para o ataque uma parte da frente bem decisiva e que pudesse servir como referência de maior importância para a repartição das forças atacantes.

O sucesso deveria, e poderia, ser alcançado desde que houvesse nervos firmes, disciplina, audácia e intrepidez, mesmo que não tivessem CC para o acompanhamento do ataque, o que era o caso da infantaria alemã.

A infantaria alemã foi treinada para as novas táticas de infiltração, cuja idéia principal de conduta prescrevia às tropas de 1° escalão penetrar nos "pontos fracos" da defesa inimiga enquanto as reservas seriam empregadas apenas para a exploração dos sucessos que se fossem obtendo, e não para a correção das falhas ou insucessos do ataque.

A progressão seria balizada pelos "pontos fracos" na posição inimiga; os "pontos fortes" deveriam ser evitados, de modo a obter-se a maior rapidez.

Era impositivo e sistemático o imediato alargamento das "brechas" obtidas por meio das ações nos flancos criados nas penetrações.

Como medidas preparatórias e complementares, o treinamento das unidades que tomariam parte nas operações sob os novos processos seria realizado em regiões bem afastadas das frentes de combate.

Foram realizadas experiências específicas para a aplicação tática; uma em RIGA, na Frente Russa, em setembro de 1917 e outra em CAPORETO, na Frente Italiana, em outubro de 1917.

RIGA, na RÚSSIA, foi atacada pelos alemães empregando detalhes em experimentação que, em síntese, era os seguintes:

– surpresa pela movimentação das unidades do escalão de ataque durante a noite e no último momento para as suas posições de partida;
– surpresa pela quase eliminação da preparação de artilharia;
– infiltração através dos pontos fracos, devendo os pontos fortes ser ultrapassados e só posteriormente destruídos;
– progressão do escalão de ataque protegido e ligado a uma barragem rolante e bem apoiada pela artilharia leve.

Aproveitando-se da revolução bolchevique, o VIII Ex alemão, sob o comando de Von HUTTER, após manter afastadas da frente, cerca de 120 km, até a véspera da batalha, em treinamento e instrução minuciosa das ações que teriam de realizar-se, cerrou, a 31 de agosto, suas Divisões e, a 1° de setembro, depois de uma curta, porém violenta preparação de artilharia, incluindo granadas tóxicas, partiu ao ataque.

As posições russas foram facilmente conquistadas e a 3 de setembro, RIGA caía nas mãos dos alemães usando este novo processo de combate ofensivo.

Em CAPORETO, na Frente Áustro-italiana, ainda nesse mesmo ano, os alemães tiveram mais outra oportunidade para nova experiência de seus processos que tão bons resultados já tinham produzido e que tão bem vinham impondo.

Os sucessos de RIGA e CAPORETO firmaram para o Alto Comando alemão a idéia de que o impasse causado pela estabilização na Frente Ocidental poderia ser bem solucionado.

Daí, apreciar-se, logo em seguida, em 1918 as tentativas alemãs renovadas naquela frente e traduzidas pelas ofensivas realizadas no início de 1918 em busca de operações decisivas.

5.2 - SITUAÇÃO NA FRENTE OCIDENTAL NO INÍCIO DE 1918

Ao começar o ano de 1918, o contacto entre os beligerantes flutuava a cavaleiro da linha: NIEUPORT, ARMENTIÈRES, DOUAI, ST QUENTIN, LAFÈRE, N de REIMS, S de GRAND PRÉ, VERDUN (exclusive), ST MIHIEL, PONT À MOUSSON e L do Rio MOSELLE.

O armistício firmado entre alemães e russos, em Nov de 1917, como consequência da Revolução Bolchevista, havia dado superioridade numérica aos primeiros pela transferência de numerosas divisões da Frente Ocidental; existiam, então, 208 divisões alemãs em oposição a 179 divisões aliadas.

Contudo, a Direção Suprema do Exército Alemão (Gen LUDENDORF) sabe que essa superioridade decrescerá com a entrada em linha das tropas americanas e que o seu Governo está em face de uma crise econômica muito grave, com repercussão na ordem política e social da ALEMANHA e inevitável reflexo nas operações militares.

Assim sendo, só existem duas alternativas para os germânicos:

- a) agir imediatamente, com rapidez e força;
- b) depor as armas.

LUDENDORF opta pela primeira alternativa.

Optando por operações ofensivas, os alemães desencadeiam, a partir do Mame, grandes ataques sucessivos, montados de acordo com os novos processos táticos experimentados, com ótimos resultados, em CAPORETO.

Essas operações são as seguintes:

- Ofensiva do SOMME (21 Mar 1918), desencadeada entre ARRAS e LA FÈRE, avançando os alemães até MONTDIDIER e SOISSONS;
- **Ofensiva do LYS** (9 Abr 1918), realizada no vale do Rio do mesmo nome, penetrou cerca de 20 km para W;

Ofensiva do AISNE (27 Mai 1918), que atingiu as margens do Rio MARNE, a montante de CHATEAU-THIERRY;

- **Ofensiva de NOYON** (9 Jun 1918), cujo objetivo era PARIS mas que foi detida pelos aliados.

Embora não decisivas, essas ofensivas foram brilhantes vitórias táticas obtidas em virtude da surpresa com que eram lançadas e de bons processos de combate (infiltração); o fracasso em obter resultados decisivos pode ser atribuído à falta de mobilidade das reservas no aproveitamento das penetrações e à carência de apoio logístico aos amplos movimentos dos combatentes.

Por outro lado, a defesa ganhava eficiência pela adoção de nova tática que consistia no seguinte:

- na linha de frente somente eram mantidas tropas necessárias à vigilância e para repelir pequenas incursões: eram os Postos Avançados, (P A);
- a Posição Principal de Resistência (P P R), a ser mantida a todo custo, ficava

de 2 a 3 km à retaguarda dos P A;

– entre os PA e a P P R eram organizados pontos fortes para retardar e quebrar o ímpeto do avanço adversário;

– a Art era disposta em profundidade, de modo que apoiasse tanto os PA como a P P R;

– a Reserva era colocada em condições de contra atacar sem demora na região da P P R que fosse violada.

Em Jul 1918, os norte-americanos já haviam desembarcado mais de um milhão de homens na EUROPA e, com isso, os Aliados adquiriram grande superioridade na Frente Ocidental; estavam, pois, em condições de tomar a iniciativa das ações, com uma ofensiva geral.

Para isso, o Comando Geral Aliado, já unificado (General FOCH), decidiu:

– numa 1ª fase preliminar, reduzir os salientes formados pelos avanços alemães citados anteriormente a fim de apossar-se de linhas de transportes laterais (roçadas ferroviárias e rodoviárias);

– numa 2ª fase, atuar sobre os entroncamentos ferroviários à retaguarda dos alemães, a fim de eliminar a possibilidade de qualquer movimento retrógrado organizado, e destruir suas forças.

– a 2ª Batalha do MARNE caracterizou o início da contra-ofensiva aliada que culminou com a assinatura do armistício (Set 1918).

5.3 - O ARMISTÍCIO

Já no fim de Set de 1918, a causa das Potências Centrais não tinha mais esperança; a BULGÁRIA retirou-se da guerra a 30 Set; a TURQUIA entregou-se no fim de Out; e, em 5 Nov, a ÁUSTRIA solicitou um armistício.

A 8 Nov, os abalos revolucionários na ALEMANHA atingiram o ápice e o KAISER abdica; parlamentários alemães apresentaram-se para negociar o armistício e as cláusulas apresentadas pelo Generalíssimo FOCH foram levadas ao novo Governo Alemão; a 11, os representantes deste assinaram o documento final, em COMPIÈGNE, cessando o fogo às 11:00 do mesmo dia.

6 - CAUSAS DA VITÓRIA ALIADA

As principais razões que permitiram a vitória aos aliados pode ser facilmente, destacadas.

Inicialmente, não se poderá deixar de pôr em evidência o benefício que resultou da realização do COMANDO ÚNICO, assim como da personalidade do Chefe a quem este Comando foi atribuído.

Razões de lógica e bom senso impõe a qualquer coalizão a UNIDADE DE COMANDO, de efetivação muitas vezes difícil.

Não deve deixar de igualmente salientar-se o mérito do Mar FOCH que, com sabedoria conduziu-se na direção suprema das forças aliadas em ações defensivas, de início, ofensivas e vitoriosas, posteriormente, com efetivos que atingiram cerca de dezenove exércitos totalizando seis milhões de combatentes.

Outra razão foi a superioridade numérica definitiva por parte dos aliados, desde o mês de julho de 1918 e devido ao afluxo dos reforços americanos que vinham chegando, no valor de 200.000 soldados mensais, perfazendo, já em agosto, um efetivo desembarcado de 1.500.000 em 27 Divisões de Infantaria, para atingir, em fim de setembro, 36 Divisões, das quais 26 tomaram parte ativa nas operações.

Desse modo, pode o Mar FOCH dispor de uma massa de Divisões em reserva, cujo

número aumentava continuamente até, em breve, atingir 103.

Quanto a material, a superioridade foi também significativa; a total capacidade industrial dos aliados produzindo artilharia pesada, carros de combate, gases e aviões, aumentava sua potência de maneira cada vez mais acentuada.

Daí surgiu a possibilidade de, em todos os ataques que então se desenvolveram, cada C Ex aliado ser apoiado por artilharia pesada da ordem de 200 a 300 peças, sem que o Comando tivesse necessidade de sacrificar o apoio de uns em benefício de outros, como geralmente acontecia no lado alemão.

Mesmo dispondo da superioridade de efetivos, o Mar FOCH soube seguir um método que evitou as falhas básicas apresentadas pelos alemães, não selecionou Divisões especiais, criando GU de elite que atuassem enquanto outras apenas aguardavam os acontecimentos, em inferioridade moral.

Toda e qualquer Dl aliada era possível de entrar em linha mesmo sem prévia preparação especial.

Tal maneira de agir, além das vantagens do ponto de vista moral e dos benefícios que usufruía no aproveitamento dos efetivos disponíveis, tinha o maior resultado em contribuir consideravelmente para obter a surpresa, suprimindo muitos dos preparativos usuais.

Sobre todas as vantagens da superioridade numérica, os aliados e seu chefe somavam ainda a superioridade moral.

Nos dias sombrios da primavera de 1918, eles não haviam deixado se abater e quando a hora da ofensiva soou, seu moral estava íntegro, exaltado por vitórias sucessivas e apoiado pelo acréscimo de sangue novo e nova energia trazidos pelos combatentes americanos.

Diante desse bloco ardente, vigoroso e gavanizado por sucessos, o Ex Alemão apresentava-se sensivelmente diminuído.

Viu-se como LUDENDORF pouco antes forjara com suas últimas ofensivas o meio que poderia ainda proporcionar à ALEMANHA uma "paz aceitável".

Entretanto, viu-se, simultaneamente, como já estava frágil o instrumento e como, por certo, carecia de condições para renovar iniciativas, caso deixasse escapar essa ocasião.

Com efeito, o número elevado de prisioneiros que nos últimos quatro meses a ALEMANHA perdeu nos campos de batalha do Ocidente e do Oriente foi superior ao que perdera nos quatro anos da guerra que desenvolvia; é que a reserva moral já estava quebrantada.

Sem dúvida, mesmo no alvorecer de 11 de novembro de 1918, encontrou-se nas retaguardas alemãs que se retiravam através das ARDENAS e dos FLANDRES, combatentes decididos que ainda lutavam com energia desesperada; entretanto, eram exceções, a massa do Ex Alemão já se desagregara.

Aquele Ex, ainda não faltava material, posições solidamente organizadas que pudessem se tornar inexpugnáveis; entretanto, faltava-lhe vontade, assim não mais poderia utilizar quaisquer recursos.

Mais uma vez, a 1ª GUERRA MUNDIAL, no seu final, ilustraria a lei geral da superioridade do espírito sobre a matéria, do moral sobre o material, pois o Ex Alemão no fim de 1918 abandonara a confiança da vitória que até ali o havia animado e sustentado.

Contudo alguns dias antes do armistício, FOCH ainda dispunha de 1 milhão de soldados americanos em reserva e os alemães ainda se encontravam em terreno aliado e não haviam perdido uma batalha decisiva.

A consequência disso é o espírito alemão não se considerar nunca vencido, o que

irá permitir a HITLER afirmar para as gerações jovens que a ALEMANHA foi então traída pelos seus líderes e não vencida no campo de batalha.

Por outro lado, como o Grande Estado-Maior alemão e a casta militarista prussiana não foram dissociadas e a ALEMANHA não teve o seu território devastado, julgará, que vale a pena correr o risco de novo.

FOCH esqueceu-se das lições básicas de CLAUSEWITZ:

— "O poder militar do inimigo deve ser destruído";

— "O país inimigo deve ser conquistado pois, do contrário, dele surgirá uma nova força militar".

7 - **PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS**

7.1 - POLÍTICAS

Independência da FINLÂNDIA, LETÔNIA, ESTÔNIA, LITUÂNIA, às expensas da RÚSSIA, em cujo império constituem nacionalidades à parte.

Renascimento do Estado Polonês com as áreas que lhe haviam sido subtraídas, no séculos XVIII, pela ÁUSTRIA, RÚSSIA e PRÚSSIA, e independência da parte que, sob o nome de Reino da POLÔNIA, se achava sob o domínio dos Czares.

Tchecos e Boêmios se libertam da ÁUSTRIA e passam a constituir a TCHECOSLOVÁQUIA.

Os territórios da ALSÁSIA e LORENA são restituidos à FRANÇA.

A HUNGRIA se separa da ÁUSTRIA, realizando assim o sonho nacionalista que fracassara em 1848. «

A SÉRVIA engrandecida se transforma na IUGOSLÁVIA.

A FRANÇA e a INGLATERRA, além de preservarem seus domínios coloniais, passam a exercer MANDATOS sobre as ex-colônias alemãs da ÁFRICA e sobre áreas do ORIENTE MÉDIO.

No ORIENTE MEDIO surgiram, às expensas do IMPÉRIO OTOMANO, os seguintes novos Estados: SÍRIA, LÍBANO, IRAQUE e TRANSJORDÂNIA.

Adquirindo MANDATO sobre a PALESTINA e uma situação vantajosa na ARÁBIA, a INGLATERRA assegurou melhor proteção para o Canal de SUEZ.

No EXTREMO ORIENTE, o JAPÃO apossou-se de KIAU TCHEU, na Península do SHANTUNG e das ILHAS MARIANAS, CAROLINAS e MARSHALL.

Finalmente, segundo ARNOLD TOYNBEE, o efeito de maior alcance da 1.' Guerra Mundial foi a transferência do PODER, da EUROPA para os ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.

7.2 - PARA A DOUTRINA MILITAR

Confirma-se a preponderância dos Fatores Econômicos na guerra.

Aparecimento dos carros de combate como elemento decisivo.

Emprego em massa dos Gases de Combate.

Aparecimento dos lança-chamas e da Guerra Bacteriológica.

Surgimento da tática de "infiltração" e consequente valorização do Grupo de Combate (GC).

Importância das Metralhadoras, das granadas de mão e das redes de arame farpado.

Afirmação da Aeronáutica, já como Arma de combate (Caça e Bombardeio), além de suas missões pioneiras de Reconhecimento.

Na Guerra Naval comprovou-se a eficiência dos submarinos.

Valorização da SURPRESA TÉCNICA (CC e Gases).

Em Resumo: "As novas armas criadas ou desenvolvidas durante a Guerra Mundial 1914- 1918 preencheram as expectativas. As metralhadoras ceifaram exércitos, o tanque espalhou o terror, o arame farpado atrasou os ataques, os aviões de bombardeio e caça abriram novos horizontes na arte bélica. Os submarinos e os torpedos provaram sua alarmante eficiência, enquanto os lança-chamas, os ataques com gás e a guerra bacteriológica, ficaram nos primeiros ensaios. A granada de mão, como arma agressiva, uniu-se às outras na sombria contribuição de um novo e vasto tipo de **Guerra Total".**

A PROPAGANDA teve nesse conflito, pela primeira vez, a mais generalizada aplicação.

DOUTRINA MILITAR ENTRE 1915-1939

1 - GENERALIDADES

A 1ª Guerra Mundial deixa a desejar no que se refere a brilhantes concepções ou realizações.

E em vão que se procura, na frente ocidental, movimentos envolventes como os de NAPOLEÀO.

Durante quatro anos, o armamento da época, a combinação da metralhadora, trincheira e arame farpado, conferem à defensiva uma nítida superioridade sobre a ofensiva. A longa estabilização da frente ocidental e os poucos exemplos de manobras bem sucedidas são um testemunho disso.

Assim, a tática defensiva Aliada, lógica e coerente da conjuntura de 1918, vai servir de receita até 1940, na FRANÇA e alhures.

O culto da defensiva, erigido por PÉTAIN, então e depois da guerra, transformou-se em verdadeiro dogma na FRANÇA, malgrado a visão de numerosos chefes que não vão ser ouvidos.

A construção da Linha MAGINOT, na fronteira com a ALEMANHA, caracteriza bem o espírito militar francês na época.

Mas os fatos de 1940, como os de 1870 mostrarão que, de uma doutrina defensiva à ausência de espírito ofensivo, existe apenas um passo.

Já se observou que cada guerra apresenta em germe as idéias que vigorarão no conflito seguinte. Neste aspecto a 1ª Guerra Mundial confirmou e acentuou o caráter total e global das guerras modernas.

De fato elas são tridimensionais, isto é, terrestre, marítima e aérea, alargando de muito a noção simples e primitiva das guerras de superfície.

Elas envolvem todas as frentes: terrestres, marítimas, aéreas, diplomáticas, econômicas e de forças morais.

Nesta nova modalidade, a vitória final é a resultante de todos os esforços em todas essas frentes de luta e não mais apenas da frente terrestre ou marítimas.

A guerra é militar, econômica e psicológica e a vitória se obtém conjugando-se os esforços das três.

Mas a evolução da Arte Militar à luz das novas idéias não tomou o mesmo rumo no seio das maiores potências militares.

Enquanto nos principais países vencedores, INGLATERRA, FRANÇA, e EUA, a tendência geral foi conservadora e decididamente defensiva, na ALEMANHA, ITÁLIA, RÚSSIA e JAPÃO países que necessitavam da guerra para atingir seus objetivos nacionais imediatos, a tendência predominante foi a de aplicar e desenvolver as novas idéias.

O armamento, as organizações e a tática, sempre em relação estreita, de algum tempo, já vinham autorizando a evolução sentida na parte final do primeiro grande conflito mundial.

Observando-se que um RI iniciara, em 1914, tendo na sua organização, de armas automáticas, apenas 6 metralhadoras agrupadas em 1 Sec Mtr e chegara em 1918 com 81 fuzis- metralhadores, 16 metralhadoras, 3 canhões 37 e 3 morteiros 81, tudo reunido em 1 Cia Mtr e 1 Sec Eng.°, ter-se-á, sem dúvida, uma parte da explicação do progresso obtido no combate ofensivo em 1918.

Deve, ainda, ser levado em conta o aparecimento de uma aviação de combate integrando-se no ataque desde o seu início, o aperfeiçoamento dos engenhos blindados e o melhoramento dos meios de comunicações.

A realização do armistício, em 1918, não permitiu que as modificações dos processos de combate ofensivo que se processavam pudessem mostrar tudo de que já eram capazes; entretanto, se fosse possível resumir o que já tinham provocado, poder-se-ia dizer que, em particular, preconizavam:

— surpresa estratégica: segredo nos preparativos; concentração ameaçando diversos pontos da frente;

– **surpresa tática:** discrição, rapidez na ação, curta ou ausência de preparação de artilharia, e movimentos noturnos;

– **penetração rápida na posição inimiga:** profunda, com aproveitamento imediato, segundo a linha de menor resistência; emprego de reservas para a exploração do sucesso em vez de remediar insucessos;

– **emprego em massa de CC:** penetrações mais independentes da infantaria;

– **cooperação da aviação com as forças de terra:** cooperação já íntima, atuando a aviação com a mesma evidência das outras armas.

No entanto, a par dessa crescente evolução, estavam ainda presentes servidões que somente anos mais tarde seriam removidas, mercê de novo aperfeiçoamento técnico, entre elas:

– a tirania das estradas de ferro tornando difícil a surpresa;

– a falta de adequados meios de comunicações (na época ainda dominavam o telefone e o estafeta);

– a relativa falta de mobilidade estratégica e tática das tropas;

– a enorme tonelagem de munições exigidas pelo fogo de artilharia.

Encerradas as atividades da guerra 1914-1918, cerca de 20 anos a separariam do novo e mais intenso conflito mundial a 2.‘ Guerra Mundial; nesse intervalo, alguns conflitos de modesta envergadura e vastíssimos progressos de ordem técnica deixavam antever grandes modificações nos processos de combate, principalmente pelos benefícios proporcionados na utilização de novo ou mais aperfeiçoado material e de novas organizações que melhor o empregarão.

O desenvolvimento técnico da aviação permitia, desde 191S, missões de bombardeio em prolongamento aos tiros da artilharia e cooperação com essa Arma na realização das preparações, e mesmo com a infantaria durante o combate, atacando com bombas e metralhadoras os objetivos mais importantes, apesar da extrema dificuldade de ligação.

O Gen americano MITCHEL havia preconizado:

– "A próxima guerra será por aeroplano, e a única defesa contra isso é mais aeroplanos”.

Experiências mostravam as grandes possibilidades do transporte aéreo nas operações táticas e estratégicas, bem como as grandes possibilidades do desenvolvimento vertical.

Quanto aos blindados, já se considerava a conveniência do seu emprego em toda a frente assim como sua combinação com a infantaria; porém, o extraordinário

aperfeiçoamento dos veículos a motor e a possibilidade de, encouraçados, tornarem-se cada vez mais eficientes, caracterizaram a intensidade de seu futuro emprego, cuja doutrina ainda não estava seguramente assentada.

Do lado francês os carros de combate como arma auxiliar, sempre subordinados à infantaria; a idéia alemã levava o espírito da evolução para o princípio de que:

— "onde houvesse flancos na guerra, nem um só CC deveria ser posto em linha de ataques

frontais", assim lembrando o emprego da cavalaria, e que o seu emprego deve ser feito em MASSA, com RAPIDEZ e grande RAIO DE AÇÃO, "na mesma direção, ou noutra direção do ataque da infantaria", o que caracterizava a independência de ações.

Mesmo em época mais anterior, quando era ainda mais controvertido o emprego dos CC, espíritos mais avançados e evoluídos em previsões, emitiam idéias que teriam comprovação futura.

Em 1921, ocasião de exagerado pacifismo internacional, apresentando ainda os engenhos blindados condições técnicas pouco satisfatórias, eram externados conceitos tão ajustados à atual doutrina de seu emprego que, somente como fantasiosos ou imaginosos poderiam, então, ser considerados.

Assim teria que se admitir, se naquela época fosse afirmado que o aparecimento do engenho blindado alteraria fundamentalmente a tática e a estratégia e modificaria profundamente a organização dos Exércitos.

Ter-se-ia pensado, então, como fantasia: 100.000 homens em condições de se deslocarem a 80 ou 100 quilômetros de distância em uma noite, com armas e trens, em qualquer direção e a qualquer momento.

Como idéia, bastariam 4.000 CC para uma tropa de 20.000 homens; para maior facilidade continuaria a se pensar em Infantaria, Cavalaria, Artilharia, porém não constituiriam eles nada mais do que uma só Arma capaz de abordar o inimigo por surpresa, com uma tática simples, brutal e desconcertante.

Em primeiro lugar, CC de 50 e mais toneladas cobertos pela escuridão ou pela neblina, avançando agressivamente, enterrando casas e organizações; Infantaria e Artilharia Blindadas seguindo-os de perto pelas brechas abertas; as primeiras linhas inimigas caindo, permitiriam o aparecimento de Carros mais rápidos de exploração, para completarem a vitória, como sempre fazia a cavalaria.

Alguns dias mais tarde, aqueles mesmos 100.000 homens, recompletados poderiam levar uma nova ação 100 quilômetros mais adiante; procurar-se-ia uma linha para detê-los, porém, seria demasiado tarde para modificar a sorte da Campanha.

Muito poucas vezes tem-se visto uma profecia tão completa, tão precisa tão correta; nada mais, nada menos do que perfeito relato do que se passaria quase vinte anos mais tarde nos campos da POLÔNIA e nas terras da FRANÇA.

Assim era que o Gen ESTIENNE, belga, previa, ainda naquele ano de 1921, o futuro dos engenhos blindados, quando deles era apenas admitida uma participação modesta no combate, acompanhando a infantaria.

Assim no espaço entre as duas grandes guerras, com o aperfeiçoamento da técnica da motorização, o transporte motorizado veio dar novos recursos à mobilidade tática, estratégica e logística.

O sistema de comunicações participava igualmente do progresso técnico espantoso e da melhoria acentuada, particularmente pela extrema flexibilidade proporcionada pelo rádio.

2 - A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Dentre os conflitos que ocorreram no intervalo das duas Grandes Guerras poderão ser lembrados:

- 1920: RÚSSIA - POLÔNIA;
- 1922: TURQUIA - GRÉCIA;
- 1931: JAPÃO - MANDCHÚRIA;
- 1933: JAPÃO - CHINA;
- 1935: ITÁLIA - ABISSÍNIA;
- 1936: GUERRA CIVIL ESPANHOLA.

Este último acontecimento - a Guerra Civil Espanhola - constituiu verdadeiro campo de experimentação dos novos engenhos de guerra e dos novos processos de combate que a época sugeria aos vários futuros beligerantes do próximo conflito mundial.

Cumpre destacar, da Guerra Civil Espanhola, dentro dos aspectos mais importantes, os seguintes processos:

- generalizou-se *a* motorização;
- a aviação integrou-se diretamente na participação das batalhas;
- surgiu o Observador-Avançado, facilitando as ligações Infantaria-Artilharia;
- os “combinados” CC-Inf (Carros de Combate-Infantaria) solucionaram o problema das ações mais independentes;
- os CC passaram também a transportar a Infantaria em determinadas oportunidades;
- tendência para o emprego de formações compactas de CC;
- noção de DAC (Defesa Anti-Carro) pelo emprego de uma arma AC (Anti-Carro) e da Aviação;
- tendência ia Infantaria para a formação de equipes ou pequenas unidades mais fortemente dotadas de AAu e Mrt de modo a, mais independente, poderem se conduzir nos combates;
- retorno da cavalaria cumprindo suas clássicas missões de reconhecimento, exploração e segurança, adaptada às novas organizações, isto é, dispondo de elementos mecanizados e motorizados;

- utilização da guerra psicológica num sentido mais organizado e imediato, do qual o aspecto mais objetivo foi a célebre "5ª coluna”.

Assim foi, nesses aspectos, que russos, italianos e alemães utilizaram a oportunidade da Guerra Civil Espanhola para o aperfeiçoamento de seu material e para a comprovação de suas organizações e modificações.

O aproveitamento da Guerra Civil Espanhola para experiência explica-se pela oportunidade da participação simpática aos adversários dispensada, principalmente pelos russos de um lado, aos governistas, e italianos e alemães de outro, auxiliando o Gen FRANCO, Chefe da Revolução

Da parte alemã foi cuidadosa e meticulosa a preparação.

Sob a direção do Gen VON FAUPEL foram experimentadas, na ESPANHA, novas táticas ofensivas e defensivas e de modo bem mais particular, salientando:

- o processo então denominado "SCHWERPUNKT”, ou seja, a reedição do processo de seguir a linha de menor resistência e que dava lugar à superioridade local durante a batalha - em outras palavras, seria a permanente procura de pontos de resistência mais fracos para atacá-los com superioridade local;
- o processo de "AUFROLLEN” — Ruptura num ponto da frente e envolvimento das alas interiores resultantes dessas rupturas;

- o emprego sistemático do "combinado” CC—Av;
- o valor das armas anti-carro na DAC;
- o valor da radiofonia nas comunicações de combate; ,
- o emprego das localidades como Centros de Resistência.

3 - CONCLUSÕES

3.1 - ORGANIZAÇÕES

Não poderiam ser discretos os efeitos do grande aperfeiçoamento por que passou o material de guerra no período que antecedeu o final da Primeira Guerra Mundial e o início da Segunda Guerra Mundial.

Bastaria aqui lembrar as influências do aparecimento do fuzil-metralhador, da metralhadora leve, de material de artilharia e de comunicações, dos engenhos blindados, assim como da participação direta da aviação nas ações de combate, para concluir-se da necessidade de profundas modificações que se relaciona às ORGANIZAÇÕES.

Além do mais, o combate ofensivo bem como o defensivo, utilizando processos mais evoluídos e variados, por força teriam que se valer de FORMAÇÕES e ORGANIZAÇÕES adequadas ou adaptadas ao melhor rendimento daquele material e daqueles processos.

Assim, as formações de combate, em todo o período considerado, mostraram real possibilidades de se apresentarem na luta com grandes modificações em sua estrutura anterior e no seu material orgânico.

Em 1930 um RI possui, organicamente, 10 fuzis-metralhadores, 48 metralhadoras. 3 canhões 37 e 6 morteiros 81, agrupados, com exceção dos FM, em 1 Cia Mtr e 1 Cia de Engenhos.

Sem dúvida, esse material pouco a pouco, proporcionava maior autonomia de combate aos elementos do RI, pelo apoio imediato e indispensável que já podia prestar.

A combinação CC—Av e CC—Inf ensaiou nesse período, entre as duas grande) guerras, suas primeiras experimentações, indicando com segurança a ação dos futuros "combinados” e "grupamentos”, desde logo aplicando uma tática imbuída do mais alto grau de surpresa, agressividade, rapidez e flexibilidade.

Foi o princípio do fracionamento íntimo das Divisões de Infantaria e da combinação sistemática dos seus elementos para o combate tendo em vista amortecer os efeitos dissociativos dos modernos meios de combate e aproveitar ao máximo a flexibilidade na zona de combate.

Surgia, pois, nas organizações da época, uma nova noção - o GRUPAMENTO TÁTICO - a reunião num escalão inferior ao divisionário, de tropas de várias Armas dispondo de adequado apoio logístico, para o cumprimento de uma determinada finalidade tática.

Na vigência da Segunda Guerra Mundial essa nova organização teria plena aceitação e desusado emprego.

3.2 - TÁTICA E ESTRATÉGIA

Ao final da Guerra Civil Espanhola, estavam os alemães convencidos de que os antigos processos de combate haviam realmente evoluído.

Desembaraçados das obrigações do Tratado de VERSALHES, já numa fase de intenso rearmamento e preparação militar, tem na sua nova doutrina e nos seus processos de combate o emprego de uma técnica e de uma tática essencialmente agressiva e manobreiras, baseadas na surpresa e fundamentadas nos princípios da tática de infiltração que não pudera ter total aplicação no final do conflito de 1914-1918.

Para a ALEMANHA, isso traduzia-se na "BLITZKRIEG” - nada mais que a combinação tática do CC, Aviação, surpresa do golpe quanto à direção e à oportunidade e, acima de tudo, na penetração e exploração profundas, levadas a efeito por poderosas forças blindadas lançadas à frente dos grossos dos Exércitos e operando independentemente.

Os processos de combate ofensivo que sintetizavam essa idéia e que os alemães iam pôr em execução contra a POLÔNIA eram fundamentadas, pois, nos seguintes elementos:

- antigas táticas de infiltração de LUDENDORF;
- teoria de "SCHWERPUNTK”;
- teoria de "AUFROLLEN”;
- realização de penetração estratégicas profundas a cargo das GU blindadas;
- emprego em massa de Blindados organizados em Divisões Blindadas;
- íntima cooperação de uma Aviação com as Forças Terrestres, principalmente com as Unidades Blindadas;
- intenso emprego da Radiofonia;
- utilização de Forças Aero-Terrestres;

- emprego sistemático da *5.‘* coluna e da Guerra psicológica em escala inédita.

E que era tudo isso na parte fundamental? Nada mais do que as antigas idéias que nortearam o lançamento de um novo material de guerra em 1917 - o Carro de Combate - combinadas com as essências da Doutrina ofensiva alemã, baseada nas "infiltrações” e provada em RIGA e em CAPORETO, em 1917, e nas ofensivas alemãs e aliadas de 1918.

Participando dessa combinação com uma Aviação de Combate agressivamente integrada nos objetivos táticos das forças atacantes, surgiria assim a "BLITZKRIEG”.

Quanto aos franceses, pretendiam ainda a total permanência dos processos do período anterior.

Na verdade, orientados por uma política de guerra extremamente voltada para a ATITUDE DEFENSIVA, nela e dela tudo esperavam, baseadas nas considerações de que:

- “... o solo nacional jamais será invadido...”;
- “... a força viva do ataque inimigo será absorvida pelo cimento e pela rocha das defesas...”;
- “... com o preço de um CC poderão ser adquiridos vários canhões AC...”;
- "... uma guerra jamais será vencida pela aviação...”

Relativamente ao combate defensivo a Guerra Civil Espanhola já provara que a "defesa linear” não mais podia resistir ao peso de um ataque moderno; a "defesa em todas as direções” já havia sido dotada pelas tropas governistas contra os blindados do Gen FRANCO.

A despeito dos ensinamentos das ações livradas na Espanha, o Exército Francês parecia desconhecer a importância capital da ajuda aérea sobre o campo de batalha e não percebia nos CC nada além do instrumento que poderia abrir caminho à Infantaria, apenas imune às armas automáticas inimigas, e não um poderoso elemento de choque e de manobra.

- E assim, nesses aspectos mais gerais, encontra-se a EUROPA no limiar do grande conflito iniciado em 1939.
- a Aviação assegurando uma superioridade total nos setores escolhidos, isolando o campo de batalha, neutralizando a aviação inimiga, paralisando a ação do

comando adversário, mantendo as tropas contrárias presas ao solo e participando diretamente na batalha com as forças terrestres;

– a **Motorização** permitindo a disposição das forças bem à retaguarda da frente, em regiões onde a distância é tal que o inimigo não poderá concluir com segurança sobre sua zona de aplicação, permitindo, por outro lado, a reunião rápida das unidades encarregadas da exploração inicial dos sucessos das tropas blindadas;

– a **Mecanização,** criadora das Grandes Unidades Blindadas - as Divisões Blindadas (DB), como poderoso elemento de choque e de manobra.

Esses três elementos - Aviação - Blindados - Transporte Motorizado - caracterizando uma guerra de aceleração e desagregamento, influindo na organização das Grandes Unidades e na necessidade de uma readaptação no combate para resistirem aos efeitos de um material cada vez mais patente e de uma tática e uma estratégia cada vez mais agressivas e envolventes.

E isso que, em 1939, vai ser lançado contra a POLÔNIA e, em 1940, contra a FRANÇA, ambos países colocados em atitude defensiva, apresentando armamento de infantaria e artilharia que pouco evoluíra a não ser em matéria de arma AC, cujos processos de combate defensivo já estavam ultrapassados e dispondo de uma Aviação, uma DAC e uma DAA e nitidamente inferiores em qualidade e quantidade.

DOUTRINA MILITAR NA II GUERRA MUNDIAL

1 - ANTECEDENTES

1.1 - POLÍTICOS E ECONÔMICOS

O Tratado de Versalhes, que deveria ser o epílogo da última das guerras, foi, na realidade, o prólogo de uma conflagração de proporções ainda mais vastas.

Desde sua assinatura, a 28 de junho de 1919, a ALEMANHA tentou tirar partido do desentendimento entre os vencedores para burlar aquele instrumento jurídico.

A LIGA DAS NAÇÕES, nascida com o Tratado, não contou com a indispensável colaboração dos EUA e deu provas sobejas de sua inadequação às finalidades para que tinha sido criada.

Além de restrições econômicas, políticas e territorial, o Tratado fixava o efetivo do exército alemão em 100.000 homens, no máximo, sem tanques e sem artilharia pesada; a tonelagem de sua Marinha de Guerra em 10.000, com apenas 15 mil tripulantes de uns poucos cruzadores e alguns velhos navios de linha; era proibido possuir submarinos, vedava o uso da aviação militar e excluía o Grande Estado-Maior, cérebro do velho exército alemão.

Aproximando-se da RÚSSIA, pelo Tratado de RAPALLO (1922), os alemães, burlando o que chamavam de "Diktat" de VERSALHES, vão poder fabricar e aperfeiçoar seu armamento na URSS. O Gen Alemão von SEECKT encarregou-se da reorganização do "grande exército alemão".

Com a subida de ADOLF HITLER ao poder, em 1933, o III Reich, sua criação, tenta aumentar seu "espaço vital".

Recuperada a ALEMANHA social e economicamente, ia HITLER, entrementes multiplicando seus "golpes de audácia" no campo político e militar:

Em 1934, o rearmamento do Reich, a despeito da proibição imposta.

Em 1935, o restabelecimento do Serviço Militar obrigatório.

Em 1936, a reocupação da RENÂNIA e a participação na Guerra Civil Espanhola (laboratório onde a "Wehrmacht" experimentou suas armas e treinou seus aviadores).

Em 1937, a declaração de nulidade do Tratado de VERSALHES.

Em 1938, a anexação da ÁUSTRIA e do território dos SUDETOS (TCHECOSLOVÁQUIA).

– Os "golpes" de 1939 (ocupação de MEMEL e invasão da TCHECOSLOVÁQUIA) levaram, finalmente, FRANÇA e INGLATERRA a intervir, tendo em vista impedir que o "Führer" se apossasse do "Corredor de Dantzig" e da POLÔNIA.

Apesar da advertência dessas, duas potências, HITLER não se deteve. Ao contrário, firmou com MUSSOL1NI o Pacto de Aço (Nazi-Facista) e, na madrugada de 7 Abr 1939, o seu comparsa italiano invadiu a ALBÂNIA, para servir de base às futuras ações do Eixo nos BALCÀS.

Em agosto, RIBENTROP assinou em MOSCOU o Pacto Germano-Russo (restituição à RÚSSIA dos Estados Bálticos e repartição da POLÔNIA) visando afastar a possibilidade de guerra em duas frentes, como ocorrera em 1914.

No dia l.° Set 1939, forças motorizadas alemãs invadiram a POLÔNIA.

No dia 3, a GRÃ BRETANHA enviou um "ultimatum" a HITLER, declarando o estado de guerra entre os dois países, se o governo alemão não desse ordem para suspender a ação agressiva contra a POLÔNIA. No mesmo dia a FRANÇA declarou *a* existência de um estado de guerra com a ALEMANHA.

Estava assim iniciada a SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

1.2 - PSICO-SOCIAIS E BIOGRÁFICOS

RATZEL, geógrafo alemão, criador da antropogeografia, pioneiro da Geopolítica, idealizou o Estado como "organismo vivo" que, portanto pode crescer, lutar, definhar e morrer: os mais fortes lutam e crescem, os mais fracos definham e morrem.

HAUSHOFFER, General da "Wehrmacht" continuador de RATZEL, com a sua teoria do "determinismo geográfico", forneceu os fundamentos pseudo-científicos para as tendências expansionistas do PANGERMANISMO, na roupagem nova da teoria do "espaço vital".

HITLER, gênio político, misto de megalômano e louco, pôs em movimento essas idéias, convencido da superioridade da raça germânica. Dotado de uma fé inquebrantável em sua estrela, apareceu em uma época em que o povo alemão, esmagado e desorientado pela derrota de 1918, parecia esperar um milagre para reencontrar se não sua grandeza, pelo menos seu equilíbrio.

Aos olhos do povo HITLER parecia um salvador. Ele próprio considerava os germânicos uma raça superior, destinada a dominar o mundo. Sua doutrina é o "culto da força". Sua intuição, que reputava infalível, o levava a improvisar sem respeito aos limites do possível. Só seus desejos tinham importância. Sua vontade brutal ignorava paciência. Impulsionador vigoroso, ressuscitou a "Wehrmacht" e dotou-a de armamento notável.

O seu mais grave erro, no entanto, foi o de subestimar o adversário, apesar de nos seus escritos ter enunciado: "é preciso sempre escolher inimigo mais fraco do que nós próprios; aí reside todo o segredo do sucesso".

Em consequência, as finalidades da guerra desencadeada pela ALEMANHA eram as seguintes:

– conquistar maior espaço territorial (objetivo social);
– conquistar mercados para seus produtos (objetivo econômico);
– conquistar o domínio da EUROPA e do mundo (objetivo político).

2 - SITUAÇÃO NO INÍCIO DA GUERRA

Iludindo as condições do Tratado de VERSALHES, os germânicos subrepticiamente reconstituíram o seu exército.

Simultaneamente LUDENDORFF, apresentando-se como teórico da guerra total, exaltava as energias alemãs no sentido da revanche e buscava, no estudo dos erros passados, as soluções para o futuro.

LUDENDORFF, desse modo, preparava o caminho para HITLER.

Este por sua vez, junta a sua contribuição: realizava a centralização de todos os poderes em suas mãos e preparava o expansionismo germânico que devia dar à ALEMANHA o espaço vital.

Em 1939, a WEHRMACHT abrangia então:

- o exército de terra (das Heer), sob o comando do mar BRAUCHITSCH;
- a marinha de guerra (die Kriegsmarine), sob o comando do Almte RAEDER;
- o exército do ar (Die Luftwaffe), sob o comando do Mar-do-Ar GOERING.

Os comandos das três forças estavam subordinadas ao "Oberkommando der Wehrmacht" (O **K/M),** encarregado da direção geral da guerra, sob a autoridade do mar KEITEL, representan**te do FUHRER** (Comandante Supremo das Forças Armadas).

Por ocasião do ataque alemão no Oeste. (10 Mai 1940), o exército alemão compreendia 175 divisões da ativa, das quais 10 blindadas (Panzer division).

Além disso, para cada unidade do exército de campanha correspondia uma unidade da reserva (unidades ERSATZ).

Quando a ALEMANHA se aproximou do seu apogeu militar, em mai 1940, já se preparou moral e materialmente para evitar o que HITLER chamava de "outro milagre do MARNE".

Por outras palavras, vai realizar, com os novos meios, o CANES von SCHLIEFFEN.

Para tal, dispunha de três elementos fundamentais, que vão dar à guerra de 1939 a 1942 um aspecto totalmente diverso do passado:

- **a mecanização,** configurada nas DB para a ruptura;
- **a motorização** que permitiria a colocação de forças a tal distância da frente, que o adversário não poderia deduzir qual o ponto em que incidiria o peso do ataque;
- **a aviação** que isolaria da retaguarda o campo de batalha.

— Surpresa, velocidade, superioridade esmagadora aplicadas no ponto fraco do adversário, eis as três regras básicas de que se valeu o exército alemão para o seu êxito.

2.1 - FRANÇA

Depois da vitória de 1918 e da queda do governo POINCARÉ em 1924, a FRANÇA foi entorpecida pelas idéias de desarmamento, da segurança coletiva e do pacifismo.

A tendência de seus líderes militares mais influentes evidenciava uma regressão, não a 1914 nem a 1918, mas a 1870, para as concepções estáticas dessa época com a sua mística das "velhas posições" defensivas.

Enquanto que os ensinamentos de 1914-18 conduzem os germânicos ao combinado carro- avião, os franceses mantém o culto da defensiva e conduz à Linha MAGINOT.

Por conseguinte, em 1939, imperava em grande parte da nação a confiança na Linha MAGINOT e o sentimento da superioridade do concreto sobre o carro de combate.

Por outro lado, desprezando os ensinamentos da Guerra Civil Espanhola, o exército francês conhecia mal a importância capital do apoio aéreo no campo de batalha e via nos carros apenas o meio para abrir caminho à Infantaria pela neutralização das armas automáticas.

Além disso a Guerra da Espanha havia demonstrado que a defesa linear, a que os franceses ainda adotavam, já não resistiria mais ao peso de um ataque moderno. Era preciso que a defesa fosse organizada em todas as direções, inclusive contra os carros.

Com este estado de espírito o exército francês apresentava-se, em 1939, face aos alemães com 88 Dl, 3 DB, 3 Div mecanizadas leve e 6 Divisões de Cavalaria.

As forças aéreas estavam em estado lamentável e a defesa anti-aérea era fraca.

A organização do comando era também defeituosa, pois o Gen GAMELIN, Cmt-em-Chefe era também chefe do EM da Defesa Nacional e tinha sua autoridade limitada pelo "Comitê de Guerra".

2.2 - INGLATERRA

As divisões inglesas, organizadas às pressas, não possuíam seu material completo.

Os ingleses somente irão construir um excelente exército, após a queda da FRANÇA, beneficiando-se do tempo que a incapacidade alemã para invadir as ilhas Britânicas lhes proporcionará.

O certo é que como a INGLATERRA, as demais nações que lutaram contra a ALEMANHA, no início da guerra, não estavam em condições de enfrentar o perigo germânico.

3 - DESENVOLVIMENTO ESTRATÉGICO

A Guerra Mundial de 1939-45 desenvolveu-se principalmente nos seguintes Teatros de Operações (TO):

- TO da EUROPA OCIDENTAL;
- TO da EUROPA ORIENTAL;
- TO do MEDITERRÂNEO;
- TO da ÁFRICA ORIENTAL;
- TO ASIÁTICO e do PACÍFICO;
- TO do ATLÂNTICO.

Para fins de estudo podemos dividir, a grosso modo, o desenvolvimento estratégico da 2." Guerra Mundial, em duas fases distintas:

1ª Fase: caracterizada pelo predomínio da ALEMANHA e seus aliados, que abrange o período compreendido desde a Campanha da POLÔNIA, até fins de 1942 início de 1943.

2ª Fase: caracterizada pelo predomínio dos ALIADOS, que vai desde as vitórias de EL ALAMEIN, STALINGRADO e RABAUL até o fim do conflito, com a rendição da ALEMANHA e do JAPÃO.

3.1 – 1ª FASE

1) - **CAMPANHA DA POLÔNIA:** (Set-Out 939) (TO da Europa Oriental).

No dia 1º Set 939 as tropas alemãs iniciaram a invasão da POLÔNIA.

Não obstante a situação de grande inferioridade geográfica e militar, a nação polonesa resistiu heroicamente à impetuosa ofensiva do inimigo.

O exército polonês dispunha apenas de 30 Dl e 10 Bda Cav.

A Força terrestre alemã para a invasão era constituída de cerca de 50 Divisões entre as quais 6 Panzer, todas agrupadas em 5 Ex e estes em 2 grupos de Exércitos, respectivamente o do Norte, sob o comando do von BOCK e o do Sul, sob o comando de von RUNDSTEDT.

A invasão foi realizada simultaneamente ao N e ao S pelos, dois Grupos de Exércitos.

Duas ações convergentes, uma sobre VARSÓVIA e outra sobre BRESTLITOVSK, caracterizaram a manobra de duplo envolvimento das forças invasoras configurando o tipo da CANES moderna.

No dia 27 Set, com *a* queda de VARSÓVIA, estava virtualmente concluída a invasão da POLÔNIA.

A rapidez das operações caracterizou o advento da BLITZKRIEG.

Por outro lado, desde o dia 17 Set, por Este, os soviéticos de acordo com o pacto germano- russo, de 23 de Ago haviam invadido igualmente o território polonês sendo estabelecido uma linha limite entre as áreas ocupadas pelas forças russas e alemãs.

Concretizava-se assim uma nova partilha da POLÔNIA.

2) - **INVASÃO DA FINLÂNDIA:** (Nov-39 a Mar-40) (TO da Europa Oriental).

Em Set de 1939, a FINLÂNDIA, fez uma declaração de neutralidade; em seguida, recebeu da RÚSSIA um oferecimento de proteção e pouco depois, uma proposta para que fizesse certas concessões de território.

Anteriormente a RÚSSIA, em acordo com a ALEMANHA havia absorvido os estados bálticos da ESTÔNIA, LETÔNIA e LITUÂNIA.

Chegava agora a vez da FINLÂNDIA.

STÂLIN, valendo-se do apoio alemão, resolve exigir dos finlandeses a entrega de bases e territórios.

Não sendo atendidos em suas pretensões, os russos lançam contra a FINLÂNDIA, quatro poderosos exércitos sob o comando do Gen TIMOSHENKO.

O exército finlandês contava apenas 12 Dl e um punhado de tanques antiquados.

Não obstante a valente e heróica resistência do país, a FINLÂNDIA foi impotente para resistir à avalanche soviética e é obrigada a solicitar um armistício em 12 Mar 40, fazendo certas concessões.

3) - **CAMPANHA DA DINAMARCA E NORUEGA:** (Abr-Jun 940) (TO da Europa Ocidental).

Os recursos econômicos, em particular os minérios de ferro sueco, além da posição estratégica (da NORUEGA, os alemães poderiam ter bases para uma ação sobre a INGLATERRA), gerou a disputa de influências entre os ALIADOS e alemães sobre os países escandinavos.

Os alemães adiantando-se, invadem a DINAMARCA em 9 Abr 940 e promovem a "proteção" desse país.

Simultaneamente lançam-se sobre a NORUEGA, onde ajudados pela 5ª coluna, em menos de 48 horas tinham a posse dos principais pontos do país.

Os ingleses, tardiamente, tentaram uma ação sobre o porto de NARVIK, porém foram obrigados a recuar.

4) - **CAMPANHA DA HOLANDA, BÉLGICA e FRANÇA:** (Mai-Jun 940) (TO da Europa

Ocidental).

Havia 8 meses que os dois exércitos, francês e alemão, permaneciam face a face nas respectivas posições defensivas: a linha MAGINOT e SIEGFRIED.

Porém, a 10 mai 940, os alemães tomando a iniciativa invadem a HOLANDA e a BÉLGICA, com o Grupo de Exército "B" de von BOCK.

Enquanto isso o Grupo do Exército "A" de von RUNDSTEDT, precedido por três

Corpos Panzer executam o esforço principal dos alemães entre DINANT e SEDAN (ARDENAS) onde rompe uma brecha nas linhas francesas e por um longo envolvimento isolam os exércitos aliados que combatiam na FLANDRES.

Face a uma decisão de HITLER fazendo cessar o avanço das tropas blindadas de GUDE- RIAN, os ingleses que combatiam na FLANDRES puderam realizar a célebre retirada de DUNQUERQUE.

Logo após a captura de DUNQUERQUE, seguiu-se a segunda fase da invasão da FRANÇA.

As forças "panzer" alemãs, que estavam voltadas para noroeste, infletiram sem perda de tempo para o Sul, na direção de PARIS.

Enquanto isso, outro grupamento de forças panzer de GUDER1AN tomam a linha MAGI- NOT pela retaguarda, procurando ligação com o Grupo de Exército "C" de von LEEB que atacava nessa frente.

A 14 Jun os alemães entram em PARIS e o Mar PETAIN com seus exércitos em colapso é compelido a capitular e pedir o armistício, quando os nazistas já haviam atingido BORDÉUS.

O armistício foi assinado em COMPIÈGNE no mesmo local onde se firmara o armistício de 1918.

Por outro lado, convém lembrar que desde 10 Jun, os italianos haviam entrado na guerra ao lado dos alemães.

5)- A BATALHA DA INGLATERRA: (Ago-Dez 940) (TO da Europa Ocidental).

Após o colapso da FRANÇA, HITLER verificou que a sua situação estratégica face ao ocidente somente estaria garantida com a destruição, também da GRÃ BRETANHA.

Planejou assim a célebre Operação "Sealion" que previa inicialmente a conquista da supremacia aérea para permitir a invasão das ilhas britânicas.

A essa luta aérea desesperada e titânica, entre alemães e ingleses, e que durou de agosto a dezembro de 1940 é que se costuma dar o nome de Batalha da INGLATERRA.

A ação das Forças Aéreas Alemã causou graves prejuízos às ilhas britânicas, mas a valente atuação dos ingleses defendeu o Império e a EUROPA e, além disso, consumiu preciosos recursos do inimigo.

Durante a Batalha da INGLATERRA dois novos meios de combate foram apresentados por cada um dos contendores. Os alemães empregaram as famosas bombas V-2 também conhecidas como bombas voadoras e que seriam, no futuro, as bases de estudo dos modernos mísseis; enquanto por parte dos ingleses era aplicada a invenção do RADAR, que surpreendeu inteiramente aos alemães.

Não conseguindo os germânicos os meios necessários para o seu objetivo, face à resistência heróica do povo inglês, sob a liderança inconfundível de WINSTON CHURCHIL e a fibra dos pilotos da RAF, a operação Sealion foi abandonada.

6) - **CAMPANHA DOS BALCÃS:** (Ago-40 a Mai-41) (TO da Europa Oriental).

Em fins de Ago 1940, com o objetivo de assegurar o suprimento de petróleo, HITLER, ordenou a ocupação da ROMÊNIA.

Tal fato desgostou MUSSOLINI, que como aliado de HITLER, achava-se com direito a exercer influência sobre os países balcânicos.

Assim, contrariando o seu aliado, os italianos, em Out 40, invadem a GRÉCIA.

Os gregos, porém, opõem séria resistência ao avanço italiano,obtendo uma série de vitórias em toda a frente. Com isso a empresa italiana vai se tomando um fracasso.

O calamitoso desenvolvimento do conflito ítalo-grego determinou a intervenção alemã.

Aproveitando dissensões internas na IUGOSLÁVIA e BULGÁRIA, HITLER

determinou também a invasão desses países, a fim de melhorar sua posição nos BALCÃS.

Em seguida partindo das fronteiras búlgara e Iugoslávia invade a GRÉCIA em socorro aos italianos.

A esse tempo os ingleses já haviam intervindo no conflito balcânico em auxílio dos gregos, porém foram impotentes face a avalanche das divisões panzer germânicas.

A 27 Abr 41 os tanques da vanguarda germânica entravam em ATENAS e a GRÉCIA caía em poder de HITLER.

A conquista da GRÉCIA foi seguida do célebre assalto aero-terrestre à ilha de CRETA, pelos paraquedistas alemães.

Os BALCÂS, entretanto, até o final da guerra constituiriam uma constante preocupação para os alemães que foram obrigados a ali manter grandes efetivos.

7) - **CAMPANHA DA ÁFRICA DO NORTE:** (Set-40 a Ago-42) (TO do Mediterrâneo).

A derrocada de franceses e ingleses na EUROPA, e a supremacia aero-naval dos italianos no MEDITERRÂNEO animaram MUSSOLINI a ameaçar o poderio inglês no EGITO.

Assim em Set 940 forças italianas sob o comando do Gen GRAZIANI invadiram o EGITO, partindo da CIRENAICA.

Os ingleses, entretanto, sob o comando do Gen WAWELL, detêm o avanço italiano em SIDI BARRANI.

Em Dez 40, o Gen WAWELL contra-atacou as mal equipadas tropas italianas levando-as de volta até a TRIPOLITANIA, e impondo-lhes uma completa derrota.

Face ao desastre italiano os alemães intervieram na luta e em Fev 41 desembarcaram na ÁFRICA DO NORTE os famosos "AFRIKA KORPS", sob o comando do Gen ROMMEL que iria se tornar famoso no curso da guerra no deserto.

Em Mar 41, ROMMEL iniciou suas operações ofensivas, empurrando os ingleses até às fronteiras egípcias, recuperando o terreno perdido anteriormente por GRAZIANI.

Suspendendo as operações por circunstâncias várias ROMMEL vai permitir ao Gen AUCHINLECK, novo comandante das forças britânicas, em Out desse mesmo ano, partindo da fronteira, atacar a ÁFRIKA KORPS e, novamente, atingir BENGAZI e EL-AGHEILA, 650 km a W da fronteira do EGITO, sem porém, destruir completamente as forças alemãs.

Em Mai 42, ROMMEL lançou nova e potente contra-ofensiva na direção do CAIRO, obrigando os ingleses a uma rápida retirada até as proximidades de EL ALAMEIN, colocando em perigo a base naval de ALEXANDRIA e o Canal de SUEZ.

A posição de EL ALAMEIN era uma faixa de deserto pedregoso apertada entre o MEDITERRÂNEO e a depressão de QATTARA, razão pela qual não podia ser flanqueada.

A 30 Ago 42, ROMMEL realiza seu ataque sobre EL ALAMEIN porem é repelido.

Tem início assim a célebre batalha que iria mudar o curso da guerra.

Até Out, reorganizaram-se os ingleses, agora sob o comando do Gen MONTGOMERY e, na noite de 23 e 24 daquele mês atacaram as forças de ROMMEL, rompendo o dispositivo alemão.

A vitória inglesa em EL ALAMEIN decretou a derrocada alemã na ÁFRICA DO NORTE.

8) - **CAMPANHA DA ÁFRICA ORIENTAL:** (Jan-Mai 941) (TO da África Oriental).

Aproveitando-se dos sucessos alcançados contra os italianos na ÁFRICA DO NORTE, os ingleses, em Jan 41 sob o comando dos Gen PIATT e CUNNINGHAM, decidem invadir a ERITRÉIA, a SOMÁLIA e a ABISSÍNIA, que estavam em poder dos italianos desde 1935.

A campanha foi rápida e no mês de maio os italianos se rendem, conseguindo assim os ingleses assegurar a rota do Mar VERMELHO.

9) - CAMPANHA DA RÚSSIA: (Jun-41 a Nov-42) (TO da Europa Oriental).

A grande influência que a ALEMANHA passou a exercer nos países balcânicos, a par da conquista de países escandinavos, causou grandes preocupações aos russos.

Por outro lado, HITLER após o fracasso da tentativa de invasão da INGLATERRA, verificou que devia tomar a iniciativa de destruir o "perigo vermelho" e assegurar a hegemonia da **ALEMANHA** na **EUROPA,** para antecipar-se à Rússia.

Assim, apesar de estar em vigor um tratado de não agressão entre os dois países, a ALEMANHA, em Jun 41, iniciou a invasão da RÚSSIA.

Destruir o exército vermelho, ocupar a UCRÂNIA, o CÁUCASO e MOSCOU, eram os principais objetivos da Operação BARBAROSSA, nome em código da invasão da RÚSSIA.

180 Divisões, inclusive 20 blindadas em três Grupos de Exércitos: o do Norte, sob o comando de von LEEB, o do Centro, sob o comando de von BOCH e o do Sul, comandado por RUNDSTEDT, iniciaram os alemães a 22 Jun 41 a colossal invasão na qual vão encontrar dificuldades intransponíveis, apesar dos sucessos iniciais.

Como acontecera na campanha da FRANÇA, a arrancada inicial dos germânicos fora fulminante.

Numa primeira fase, o Grupo de Exército Norte, em rápida marcha, atinge e realiza o cerco de LENINGRADO; no Centro, von BOCH conquista BIALISTOK; WINSK, SMOLENSK e atinge os arredores de MOSCOU; no Sul, RUNDSTEDT encontra tenaz resistência por parte dos soviéticos em torno de KIEV, que entretanto não consegue resistir.

KIEV tornou-se um importante exemplo de batalha de aniquilamento do tipo explorado pelos germânicos.

Enquanto isso a luta pela posse de MOSCOU prossegue encarniçadamente, até a chegada do inverno, quando, no Sul RUNDSTEDT atingia ROSTOV.

O aliado dos russos impede que os alemães realizem o último esforço para atingir MOSCOU.

Envolvidos por tempestade de neve e a uma temperatura de 35 graus abaixo de zero, o exército de von BOCH é obrigado a sustar as operações.

Com a chegada da primavera, os alemães reiniciaram as operações no setor Sul, na direção de CÁUCASO, esbarrando então com a cidadela de STALINGRADO.

Trava-se aí a memorável batalha desse nome, que marca o limite máximo da penetração alemã na RÚSSIA.

A RÚSSIA E OS RUSSOS

Gen Günther Blumentritt
(Transcrito de "Decisões Fatais")

"O homem do Oriente é bem diferente do seu antagonista do Ocidente, tem muito maior capacidade de suportar as agruras da campanha e sua passividade o induz a um alto grau de indiferença, ao encarar a vida e a morte. Lá, a importância do indivíduo não é julgada da mesma maneira que no Oeste. Um grande número de perdas é aceito quase sem maior preocupações. O homem não possui grande iniciativa; está acostumado a receber ordens, a ser guiado".

"Seu modo de vida é simples, primitivo mesmo em comparação com os nossos padrões. Seu ambiente é de pobreza. Os bolchevistas podem apontar suas grandes realizações nas cidades, desde 1917, edifícios imponentes e modernas avenidas. Porém as aldeias, ao contrário, nada mudaram após a Primeira Guerra Mundial: o homem do campo não vive melhor agora do que antes. A maior parte das casas são de madeira, com cobertura de palha, em variados estágios de decadência. Mas, uma vez que os habitantes nada conhecem de superior, carecem, geralmente, de ambição de melhorar as condições de vida. Dão pouca importância ao que têm para comer ou vestir. É surpreendente o quanto podem viver com o que para o ocidental seria uma dieta de fome. O russo vive muito perto da natureza. O calor e o frio não o afetam muito.

A mulher é de compleição forte e trabalha tanto quanto o homem. O estreito contato com a natureza torna tais indivíduos capazes de andarem facilmente à noite e em meio à neblina, através das florestas ou pântanos. Não têm medo da escuridão, nem de suas infindas florestas e nem do frio. Estão acostumados a invernos nos quais o termômetro cai frequentemente a 45 graus centígrados abaixo de zero".

"O siberiano, que é parcial ou completamente um asiático, é ainda mais duro e tem maior resistência que seus compatriotas europeus".

"Para o europeu ocidental, acostumados aos países pequenos, as distâncias no Oriente parecem infindas".

"Esta é reforçada pela melancólica monotonia da natureza do terreno, particularmente opressiva durante os dias nebulosos do outono e na interminável escuridão do inverno. O russo é muito influenciado pela região onde vive, e creio que a natureza do terreno é grandemente responsável por sua passividade e monotonia".

"Foi considerável o efeito psicológico de tal terreno no soldado alemão comum. Sentia-se pequeno e perdido naqueles imensos espaços".

10) - OPERAÇÕES NO PACÍFICO: (Dez-41 a Mai-42) (TO do Pacífico).

Desde o término da 1ª Guerra Mundial o JAPÀO passou a disputar com os EUA a predominância no PACÍFICO.

Por outro lado os antecedentes históricos do JAPÃO não deixavam dúvidas do seu interesse sobre a porção continental da ÁSIA que se lhe defronta.

Assim, dentro de sua política da expansão, o JAPÃO, inicia em 1937, nova guerra com a CHINA, o que lhe dá importantes bases no território continental. Em Set 1940 assinara o Pacto Tripartite com a ALEMANHA e a ITÁLIA (eixo ROMA—BERLIM—TÓQUIO). A derrota da FRANÇA e a HOLANDA, permitiram aos japoneses estenderem os seus domínios no Sudeste da ÁSLA e no PACÍFICO. Somente os EUA entravavam a marcha expansionista japonesa.

O JAPÃO lança-se assim contra os EUA realizando em 7 Dez 941, o ataque de surpresa à base naval norte-americana de PEARL HARBOR, dando início à guerra em outro TO, e envolvendo diretamente novos poderosos contendores.

Desde o ataque a PEARL HARBOR até 8 Mai 42, os japoneses conquistaram os principais objetivos para o domínio da Grande ÁSIA ORIENTAL.

Foram efetuados desembarques em MALACA, GUAN, HONG KONG, BANGKOK,

LUZON, MINDANAO e WAKE, MANILHA, BORNÉO, parte da NOVA GUINÉ e das ilhas SALOMÃO foram ocupadas.

No começo de Abr 42, já haviam atingido a estrada da BIRMÂNIA, ocupado a SUMATRA e se apossado de SINGAPURA; a AUSTRÁLIA, a NOVA ZELÂNDIA e a ÍNDIA estavam em perigo.

Entrando, a 8 Mai 42, no MAR de CORAL, a esquadra dos EUA obtém uma importante vitória cujas consequências limitaram o avanço japonês no SE do PACÍFICO, afastaram o perigo da AUSTRÁLIA e defenderam a rota de suprimentos.

3.2 – 2ª FASE

Os alemães e italianos (na EUROPA e na ÁFRICA) e os japoneses (no Pacífico) haviam realizado uma expansão extraordinária sem, contudo, principalmente os primeiros, alcançarem os objetivos que se haviam proposto conquistar.

A determinação dos ALIADOS e os frutos da Lei de Empréstimos e Arrendamento, que difundia o poderio econômico norte-americano entre as nações que se batiam do seu lado, iriam determinar uma alteração no curso do conflito, em fins de 1942 e início de 1943.

Tal alteração se materializou em três ações vitoriosas das forças aliadas denominados PONTOS DE INFLEXÃO da 2ª Guerra Mundial: STALINGRADO (URSS) — EL ALAMEIN (África do Norte) — RABAUL (Pacífico).

1) - TO DO MEDITERRÂNEO

A vitória de MONTGOMERY sobre as forças de ROMMEL em EL ALAMEIN, (Out-42) permitiu aos ingleses iniciar uma grande contra-ofensiva e encetar a perseguição aos ítalo-germânicos até a TUNÍSIA.

A esse tempo já estavam as tropas do EIXO enfrentando também franceses livres que do Sul (região do Lago TCHAD), com o Gen LECLERC, se juntaram às tropas de MONTGOMERY.

Para completar a derrocada alemã, os EUA, que haviam declarado guerra ao EIXO, desembarcara m por uma ação de surpresa, tropas sob o comando de EISENHOWER em ORAN, ARGEL e CASABLANCA (Nov 42).

Após breve luta as tropas norte-americanas fazem junção com as inglesas limpando assim, a ÁFRICA DO NORTE das forças do EIXO.

Em seguida (9 Jul 43) os ALIADOS iniciaram a invasão da SICÍLIA, por tropas do VIII Exército Inglês e V Exército Americano; no dia 16, a conquista estava terminada.

Foi iniciada em seguida (2 Set) a invasão da Península por TARANTO e SALERNO, sendo NÁPOLES conquistada em 2 Out, já com a ITÁLIA tendo capitulado desde Set, face aos sucessos dos ALIADOS.

Os alemães, entretanto, não se rendem e a luta prossegue na península italiana até o Vale do PÓ, onde teve atuação destacada a nossa Força Expedicionária (FEB).

2) - TO DO PACÍFICO

Após ingentes lutas em tomo da ilha SALOMÀO, com destaque para a batalha de GUADALCANAL, e no SW da NOVA GUINÉ, os norte-americanos sob o comando de MAC ARTHUR iniciaram em meados de 1943 um movimento de pinça para isolar RABAUL.

A operação somente foi completada em Mar 44.

Com o isolamento de RABAUL, base chave japonesa no Pacífico Sul, ficava aberta a via de acesso para o avanço de MAC ARTHUR ao longo da costa da NOVA GUINÉ.

A partir daí começou a contra-ofensiva geral dos ALIADOS que por meio de uma série de assaltos anfíbios, retomaram paulatinamente os territórios conquistados pelos japoneses, atingindo as FILIPINAS.

Enquanto isso por terra, pela BIRMÂNIA, os ALIADOS desenvolvem intensa luta para construir a célebre estrada que permitiria levar reforços à CHINA e completar assim o grande cerco das forças japonesas do SE asiático.

3) - TO DA EUROPA ORIENTAL

Os russos muitos ajudados pelos norte-americanos e ingleses, conseguiram estancar a ofensiva germânica e, embora a vitória anterior na Batalha de MOSCOU tenha sido significativa, a verdadeira reviravolta no TO se inicia em STALINGRADO.

Aí tendo os russos reunidos forças superiores, contra-atacam no dia 19 Nov 42, a coberto de uma tempestade de neve e a 20° centígrados abaixo de zero.

Um braço de pinça rompeu a frente do rio DON a noroeste de STALINGRADO, ou o braço através das posições fracamente ocupadas ao Sul dessa localidade; e quatro dias depois s as duas forças russas fizeram junção, fechando a armadilha.

Como consequência todo um Exército alemão, o VI Exército do Gen von PAULUS foi cercado e aniquilado, (Fev 43).

Daí por diante não mais cessou a contra-ofensiva soviética.

Em 1943, o Exército Vermelho, contava com 500 Divisões, constituindo uma organização inteiramente nova, quando comparado com o exército que iniciara a guerra.

Embora HITLER tentasse algumas operações ofensivas locais nada mais pôde deter a derrocada alemã na RÚSSIA.

De sucesso em sucesso as tropas russas penetraram em território alemão e atingiram em Abr 45, BERLIM que é conquistada para em seguida fazer junção com as tropas norte- americanas e inglesa em pleno coração da ALEMANHA.

4) - TO DA EUROPA OCIDENTAL

Poderosas forças inglesas e norte-americanas aguardavam nas ILHAS BRITÂNICAS, desde 1943, circunstâncias favoráveis para efetuarem uma grande invasão através da MANCHA.

Dentro do plano estratégico geral aliado, a invasão da EUROPA OCIDENTAL seria conjugada com uma ofensiva russa de verão.

A invasão da FRANÇA comportaria: um ataque principal ao Norte (Operação OVERLORD) e um desembarque secundário ao Sul (Operação ANVIL, posteriormente denominada DRAGOON).

A ação principal (Operação OVERLORD) consistiu em desembarques anfíbios combinados com operações aeroterrestres, na NORMÂNDIA.

Os ALIADOS apresentaram um efetivo de 3 milhões de homens sob o comando geral do Gen EISENHOWER, enquanto o Gen MONTGOMERY comandava as forças terrestres.

Do lado alemão estavam os Gen RUNDSTEDT e ROMMEL.

A grande invasão foi iniciada a 6 Jun 944, entre CHERBOURG e o rio ORNE, com o lançamento da 6.’ D A e T iniciando o grande acontecimento; no final da jornada, estava concluída a primeira fase: o desembarque de elementos encarregados da conquista de uma cabeça-de-praia.

No dia seguinte, foi ampliada, prosseguindo sem interrupção a invasão, sendo CHERBOURG capturada no dia 26 Jun; St LÓ e COUTAGES nas mãos dos ALIADOS, deram passagem ao III Ex dos EUA que, através da península de CONTENTIN, se

lançou, por AVRANCHES, como uma onda de blindados.

Impossibilitados de oferecer resistência, retiraram-se os alemães para a fronteira, entrando os exércitos aliados em PARIS no dia 24 Ago; assumiu então o governo da FRANÇA o Gen CHARLES DE GAULLE.

Enquanto isso, desde 17 Ago estava em franco desenvolvimento a Operação Dragoon, com os ALIADOS atuando também no Sul da FRANÇA.

No Norte, até o fim da 1ª quinzena de Set já estavam nas mãos dos ALIADOS, quase toda a FRANÇA e a BÉLGICA.

No principio de dezembro, preparavam-se os ALIADOS para romper a linha SIEGFRIED e avançar sobre o RENO, quando os alemães aproveitando-se de condições atmosféricas, lançaram u poderosa contra-ofensiva das ARDENAS.

Apesar de alterarem os planos aliados, nada conseguiram de concreto, pois, em seguida, foi reduzida o bolsão que conquistaram.

Prosseguindo no seu avanço, em Mar 45, os ALIADOS atingem o rio RENO, e num golpe de sorte conquistam a ponte de REMAGEM quase intacta o que permite estabelecer, com facilidade uma cabeça de ponte além do obstáculo.

Transposto o RENO, a derrocada alemã mais se acentuou e a 25 Abr 45 era feito o primeiro contacto com os russos, em TORGAU, no corte do rio ELBA.

A 7 Maio 45 a ALEMANHA rendeu-se incondicionalmente.

5) - TO DO PACÍFICO

Concluída a luta na EUROPA, trataram os EUA de liquidar o problema japonês.

Assim, depois das vitórias de IWO JIMA e OKINAWA e da declaração de guerra da URSS ao JAPÃO, segue-se o lançamento da bomba atômica em HIROSHIMA (6 Ago 45) e em seguida sobre NAGASAKI (9 Ago 45).

Com a destruição dessas duas cidades pelos efeitos da nova arma de guerra o JAPÃO é levado a render-se incondicionalmente a 15 Ago 45.

6) - TO DO ATLÂNTICO

Finalmente, convém ressaltar a Batalha do ATLÂNTICO que vem a ser a penosa luta travada pelos ALIADOS para manter abertas suas comunicações marítimas no oceano ATLÂNTICO, face a campanha submarina desencadeada pelos alemães e em consequência da qual o BRASIL se viu envolvido na guerra.

4 - PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS

A primeira formulação dos objetivos da paz que se seguiria à Segunda Guerra Mundial está consubstanciada na CARTA DO ATLÂNTICO, assinada por CHURCHILL e ROOSEVELT, em 14 Ago 941.

A Carta assegurava a todos os povos, entre outras coisas:

escolha da forma de governo;

acesso, em condições iguais, ao comércio e às matérias primas do mundo;

garantia de melhoria dos padrões de trabalho, progresso econômico e segurança social;

meios das nações viverem em segurança dentro de suas fronteiras e acesso de todos os homens a uma existência isenta de medo e de necessidades.

Com a DECLARAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (2 Jan 942), vinte e seis nações assinaram a adesão à Carta, ulteriormente, mais quatorze outras a ela se solidarizaram.

Ai está a origem da atual ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.

Depois da Carta do ATLÂNTICO, várias conferências voltaram a discutir os

problemas da paz que se seguiria ao conflito. Dentre estas destacam-se as seguintes: Declaração do CAIRO, Declaração de TEERÀ, Declaração de YALTA, Declaração de POSTDAM.

Lamentavelmente, é forçoso admitir que, apesar de todas essas conferências, as potências vencedoras não lograram harmonizar seus pontos de vista no tocante aos princípios fundamentais da paz, e, o mundo que sai do cadinho da 2ª Guerra Mundial, pouca semelhança tinha com os sonhos expressos pelos idealistas, durante a primeira fase do conflito.

O resultado disso foi a chamada GUERRA FRIA.

A guerra criara, em várias partes do mundo, o que os diplomatas chamam de **vazio de poder.** Para exemplificar: o aniquilamento da ALEMANHA como grande potência deixou um grande vazio na EUROPA CENTRAL. A derrota do JAPÃO resultou na formação de um grande vácuo em territórios como a MANDCHÚRIA, a CORÉIA e a CHINA. O enfraquecimento da INGLATERRA, em consequência da guerra, deixou numerosas de suas colônias à pressão de rivais poderosos.

Potências fortes e ambiciosas se esforçaram, daí por diante, para preencher esses vácuos, que se passaram a ser a causa de todos os atritos internacionais surgidos depois da guerra.

Não tardou a evidenciar-se a penetração russa ou pelo menos comunista no ORIENTE MÉDIO, na PENÍNSULA MALAIA, na EUROPA CENTRAL e no EXTREMO ORIENTE.

Por outro lado, a reação dos EUA, a outra potência que resultou fortalecida do conflito, pôs uma resistência decisiva à expansão soviética nestas e outras regiões. Daí a doutrina TRUMAN (1947): socorro a qualquer país cuja "liberdade e independência fossem ameaçadas de agressão externa ou interna". O Plano MARSHAL (1947): "ajuda americana para cobrir as despesas de reconstrução dos Estados europeus devastados pela guerra."

A reação russa não se fez esperar: em Jun de 1947, um movimento comunista se apoderou do governo da HUNGRIA e, em 1948, os comunistas assaltaram o poder na TCHECOSLOVA- QUIA. Seguiu-se a disputa pela ALEMANHA, pela CHINA e pela CORÉIA. Outros países europeus aderiram ao regime comunista: IUGOSLÁVIA, POLÔNIA, RÔMÂNIA e BULGÁRIA, sob a denominação de REPÚBLICAS POPULARES. A parte oriental da ALEMANHA, desde a linha ODER-NEISSE, tornou-se também uma REPÚBLICA POPULAR, ingressando na órbita soviética, e o setor de BERLIM foi ocupado pelas quatro potências vencedoras (FRANÇA, INGLATERRA, EUA e URSS).

Por outro lado, na PALESTINA fundou-se, sob os auspícios das NAÇÕES UNIDAS, o Estado de ISRAEL, em cumprimento a uma velha promessa de "dar um lar aos judeus".

Na ÍNDIA surgiram dois Estados: o PAQUISTÃO e o INDOSTÀO (ÍNDIA).

Os holandeses perderam seus domínios na INDONÉSIA, a qual se tornou independente.

As colônias francesas da INDOCHINA se tornaram igualmente independentes.

A CHINA e a CORÉIA se dividiram em duas.

Esse estado de coisas provocou a criação de blocos militares antagônicos, liderados respectivamente pelos EUA e URSS: OTAN, OTASE, e CENTO de um lado, e PACTO DE VARSÓVLA do outro lado, para citar apenas os principais, que se defrontam até hoje.

5 - CONTRIBUIÇÃO PARA A ARTE DA GUERRA

A contribuição da 2ª Guerra Mundial para a Arte da Guerra se fez em todos os

campos da atividade humana.

Mais do que nunca foi confirmado o caráter total da guerra, envolvendo não só as atividades militares, como também as econômicas e psicológicas.

Nesta nova modalidade a vitória final é a resultante de todos os esforços em todas essas frentes de luta.

Mas, embora, houvesse modificações na tática e evolução na técnica, os princípios de guerra permaneceram imutáveis.

Os processos, entretanto, sofreram profunda influência da evolução dos meios empregados para fazer a guerra.

Assim é que, os alemães, desenvolvendo extraordinariamente os meios blindados e mecanizados puderam de início surpreender o mundo com movimentos rápidos e envolventes sintetizados na BLITZKRIEG.

A guerra moto-mecanizada, aliada aos modernos processos de comunicações aumentou sensivelmente os espaços necessários para o emprego dos meios de combate.

A manobra preferida dos contendores é a manobra envolvente. Os alemães na sua fase de vitórias derrotaram a POLÔNIA e a FRANÇA, e chegaram às portas de MOSCOU através de grandes manobras de envolvimento. Em contra-partida os seus antagonistas na contra-ofensiva final utilizaram o mesmo tipo de manobra.

É o caso de STALINGRADO, onde os russos com uma manobra de duplo envolvimento aniquilaram o VI Exército Alemão.

Por outro lado, o envolvimento vertical foi amplamente utilizado pelas forças aeroterrestres, que demonstraram possuir grande mobilidade estratégica e capacidade de obter a surpresa. Assim foi o assalto a CRETA pelos alemães e apoio das Div A e T aliadas para o desembarque na NORMANDIA.

Outro aspecto a considerar é que o domínio do ar tornou-se imprescindível para o êxito das ações de superfícies. Daí o aperfeiçoamento do avião e com ele o papel predominante, tanto nas ações estratégicas como nas ações táticas e logísticas das Forças Aéreas.

Porém, à medida que a guerra se prolongava, tanto num lado, como no outro, haveria verdadeira corrida para a potência, na qual, muitas vezes, os ALIADOS são ultrapassados pelos alemães: potência pelo aumento dos calibres, potência dos motores, espessura das blindagens.

Paralelamente ocorre a luta secular entre o valor da couraça e a potência do projétil: os canhões anti-carro aumentarão sua eficácia e, em seguida, surgirão os "destruidores de carros".

Por outro lado, o aparecimento da "bazooka" americana na TUNÍSIA, vai dar infante uma arma individual que atira a curta distância (100 m) e faz surgir a terrível eficácia da perfuração das maiores blindagens pelas cargas ocas.

Em contra partida, para lutar contra esses combatentes que acionam armas terríveis, os carros serão guarnecidos por infantes atiradores de elite, dotados de fuzis semi automáticos e com dispositivo infra vermelho que permitirá atirar com precisão durante à noite. Finalmente, as minas vão ser empregadas com densidade cada vez mais maciça seja para deter os carros, como os infantes.

Em consequência surgem as tropas especializadas em aberturas de brechas em campos minados utilizando um novo invento: o detector de minas.

Na Artilharia os calibres são aumentados e surge a Artilharia autopropulsada, para acompanhar os grandes deslocamentos dos carros de combate.

Para fazer face aos grandes espaços que exigiam operações descentralizadas os ALIADOS utilizaram o Grupamento Tático, organizado à base de um Regimento de

Infantaria, um Grupo de Art 105, uma Cia de Eng.

Este processo permitiu atender com rapidez o aproveitamento das brechas no dispositivo inimigo e acompanhar assim a velocidade da operação, determinada pelo aproveitamento de uma situação tática.

Outro campo em que a 2ª Guerra Mundial ofereceu enorme contribuição foi o das operações combinadas.

Se as operações de blindados aéreos e aeroterrestres foram inicialmente realizadas e ampliadas depois pelos ALIADOS, as operações combinadas são de concepção e realização anglo-americana preferentemente.

O início, modesto ainda, das operações combinadas inglesas surgiu, por iniciativas de Sir JOHN DILL, Ch do E M imperial, logo depois da evacuação de DUNQUERQUE, e, posteriormente incentivados por Lord MOUNTBATTEN.

As finalidades iniciais, limitadas, dessas operações, foram fustigar o inimigo no litoral europeu, obter informações, destruir objetivos e experimentar novos processos. Eram os chamados "Comandos" que com efetivo variável combinavam elementos da Marinha, Exército e Força Aérea.

Mas logo, os Americanos, na gigantesca operação anfíbia que foi o conjunto de suas operações no PACÍFICO, iriam atingir a perfeição no domínio das operações combinadas, culminado no desembarque na NORMANDIA.

Através da História Militar, as operações de desembarque apresentaram um impasse cuja principal causa era a dualidade de comando.

Na 2ª Guerra Mundial, pela primeira vez, o problema foi satisfatoriamente resolvido, com um comando único, flexível e bem definido.

A realização das operações anfíbias em largos espaços, a superação da idéia de atuação independente das forças armadas e, finalmente, a exigência da unidade de comando, vão fazer surgir na organização militar um novo escalão de comando: o Teatro de Operações.

Assim como NAPOLEÃO criou o Corpo de Exército, a Guerra Mundial de 1939-45 institucionalizou e transmitiu-nos o Teatro de Operações.

No campo psicológico, a contribuição da guerra foi de grande importância, notadamente, devido ao desenvolvimento do rádio que lhe deu uma nova dimensão.

Usaram-na, em larga escala, os alemães, nos anos que precederam a guerra, principalmente 1938 e 1939, e durante ela, com uma técnica diabólica.

Tal como no campo militar, sua manobra psicológica buscava o ponto fraco do dispositivo visado: fraqueza das alianças adversárias, contradições internas, lutas sociais, etc.

Se a propaganda foi uma arma quase exclusivamente alemã, as Guerrilhas e os Exércitos Secretos (os "partisans" na Itália, a "Resistência" na França, etc) formaram uma organização irregular que prestaram poderosos serviços, nos países ocupados em favor da causa dos ALIADOS.

Tais atividades foram amplamente utilizados nos conflitos de após guerra.

Mas o que é singular observar na vitória dos ALIADOS foi o extraordinário número representativo dos efetivos em luta, bem como o imenso consumo de material que passou a exigir dos órgãos de suprimento uma tarefa árdua para prestar, às ações táticas e estratégicas, o apoio logístico necessário ao cumprimento das missões em vista.

Finalmente é de ressaltar, como ficava evidenciado, a crucial importância da ciência e da técnica na guerra, tanto na sua preparação, como na sua conduta.

Nenhum outro exemplo seria mais sugestivo do que a bomba atômica, mas é preciso, também não esquecer as bombas voadoras, alemães precursoras dos modernos

teleguiados, o radar e outros inventos eletrônicos, os antibióticos, os canhões sem recuo, e inúmeros outros que permitiram desvendar um mundo inteiramente nôvo nesta segunda metade do século XX.

CAPÍTULO 5

PROCESSO DE ENSINO

O processo de ensino na AMAN, baseia-se na exploração e análise de casos históricos à luz dos fundamentos da Arte da Guerra a seguir enumerados e definidos:

Fundamentos da Arte da Guerra 1

1 - **Doutrina Militar**: São as maneiras pelas quais uma força militar é organizada, equipada, instruída, empregada e desenvolvidas suas forças morais da guerra, (o porque lutar ou instruir-se. Ou, a convicção na justiça da causa pela qual se luta). Uma Doutrina Militar se desenvolve em cinco campos:

Organização
Equipamento — Preparo para a Guerra
Instrução — ou
Forças Morais — Ciência da Guerra
Emprego - — Arte da Guerra

Este conceito é um entendimento prático de sua definição como:
"Conjunto de conceitos básicos, princípios gerais, processos e normas de comportamento que sistematizam e coordenam as atividades das Forças Armadas" (CC - 20 - 230 do EME).
Os elementos constitutivos de cada campo, são função do escalão em estudo. São detalhados no Estudo de Situação do comando respectivo. (Pel, Cia, Btl, Bda, DE, Ex etc).
Os referidos elementos, conforme o escalão, são úteis para a pesquisa e o estudo crítico de uma doutrina, particularmente no seu aspecto de Arte Militar.

2 - **Fatores da Decisão Militar**: São fundamentos críticos valiosos para a pesquisa e estudo de História Militar, para a análise dos ensinamentos colhidos na decisão de um comandante de um escalão considerado. Eles denominam-se: Missão, Terreno, Inimigo e Meios. Foram percebidos e tratados por Sun Tzu em sua obra, sobre Arte da Guerra, há dois e meio milênios. Qualquer decisão militar é fruto de uma análise lógica desses fatores, no clássico Estudo de Situação. Processo lógico de raciocínio, deriva do Discurso do Método de Descartes, aplicado à resolução de um problema de Arte e Ciência Militar.

a) **Missão:** Quem a recebe formula a clássica pergunta "De que se trata?" A seguir, procura saber a missão que lhe foi imposta e a deduzir as não expressas.

b) **Terreno:** Tendo como farol a missão recebida, um comandante, estuda o terreno onde irá atuar. Isto, quanto a seus aspectos topotáticos: Observação e Campos de Tiro, Cobertas e Abrigos, Obstáculos, Vias de Acesso e Acidentes Capitais. E mais, as Condições Metereológicas.

c) **Inimigo:** Procura estudar o inimigo a enfrentar em seus aspectos: Organização, Equipamento, Instrução e Forças Morais. Após, conclui sobre suas deficiências, vulnerabilidades e possibilidades.

d) **Meios:** É o estudo crítico de sua situação por um comandante, sobre o mesmo enfoque acima, para concluir suas deficiências, vulnerabilidades, pontos fortes e possibilidades reais. Sua decisão, teoricamente, se baseará na exploração de seus pontos fortes contra as vulnerabilidades do inimigo. E mais, na adoção de medidas de segurança para negar ao inimigo a exploração de suas deficiências e vulnerabilidades, ou contra-informação. No Estudo de Situação, função do escalão, cada fator se desdobra em diversos elementos. Estes serão considerados na pesquisa e estudo crítico de uma ação militar passada.

A decisão resultante de um Estudo de Situação, traz em seu bojo a aplicação dos Princípios de Guerra e a Manobra a adotar.

Do Estudo de Situação, ministrado na ECEME, o chefe, o planejador e o historiador militar poderão retirar os fundamentos e elementos para a pesquisa e estudo crítico de uma operação militar passada, ou de uma manobra como exercício.

3 - **Fator Militar:** É um conjunto resultante do somatório de diversas parcelas. Seu desempenho positivo ou negativo é função da qualidade ou influência das múltiplas parcelas que o caracterizam: Chefe, Estado-Maior, Tropa, Equipamento, Terreno, Condições Metereológicas, Imponderáveis da Guerra, Incerteza da Situação, Confusão no Combate, Aplicação dos fundamentos da Arte da Guerra, Grau de Operacionalidade, Moral, Pensamento militar criador, Tecnologia etc.

O Fator Militar é composto de duas ordens de forças. As materiais e as morais. As últimas assumem relevância nos exércitos pobres. Os estudiosos de Arte e Ciência Militar têm enfatizado este aspecto.

a) **Chefe:** Ele é o catalizador de todos os elementos do Fator Militar. É o responsável pela combinação harmônica de todos eles no combate. Assemelha-se ao regente de uma grande orquestra. O chefe caracteriza-se por seu caráter, capacidade, experiência profissional e características de sua liderança.

A História Militar dedica especial atenção ao estudo dos grandes chefes militares, através de estudos biográficos e autobiográficos. Em campanha, é uma preocupação das informações militares, conhecer as características do chefe que está do outro lado.

b) **Estado-Maior:** Após Napoleão este elemento passou a ter grande relevância. A debacle daquele grande Capitão é atribuída a falta de um Estado-Maior para auxiliá-lo na conduta da guerra. Na Prússia, do século XVIII ficou patenteada a relevância de um Estado-Maior. Com perseverança e continuidade de permanência na função e na ação, o Estado-Maior conseguiu transformar o inexpressivo Exército Prussiano, na mais eficiente máquina de guerra do século.

A sofisticação e a complexibilidade crescentes da guerra obrigaram os chefes a recorrerem a assessores em pessoal, material, instrução, emprego da tropa, informações, ações psicológicas, governo civil e em História Militar e Geografia.

c) **Tropa:** Define-se pela quantidade e qualidade. Na última, entre outros elementos, considera-se seu grau de adestramento, padrões sanitários, características que refletem o caráter nacional do povo a que pertence e forças morais (convicção do porque lutar ou na justiça da causa).

d) **Equipamento:** São os recursos quantitativos e qualitativos postos em jogo no combate; Material Bélico, Suprimentos e materiais de toda ordem, não enquadrados nas duas primeiras categorias.

O material de Comunicações assume especial relevo. Ele infra-estrutura a Arma do Chefe - as Comunicações. Sem elas suficientes e eficientes, o chefe não poderá bem reger a orquestra posta a sua disposição. Fica mudo e impotente. Deficiências neste setor ensejam interessantes exercícios de crítica, para o chefe, o pensador, o planejador e o historiador militar.

A experiência histórica tem demonstrado, em guerras recentes que exércitos dispondo de bom equipamento, não foram capazes de tirar rendimento dos mesmos, por deficiências culturais da tropa.

e) Terreno: O grau de dificuldade que apresenta a uma operação repercute sensivelmente no Fator Militar. Seus elementos topotáticos servem para a pesquisa e estudo crítico de uma operação militar.

f) Condições Metereológicas: As condições metereológicas, chuva, neve, ventos, nevoeiro, fases da lua e partes do dia etc, repercutem no Fator Militar.

g) Os Imponderáveis da guerra: São circunstâncias imprevisíveis num combate, influindo decisivamente em seus resultados.

Em passo do Rosário, em 20 fev 1827, o vento soprando na direção do Exército de Barbacena e mais o capim seco pela longa estiagem, criaram condições para que o campo de batalha fosse incendiado. Em consequência Barbacena teve de ordenar a retirada, para evitar que seu Exército fosse destruído pelo fogo e por asfixia.

h) Incerteza da Situação: Normalmente um chefe não dispõe de informações suficientes para lastrar seu Estudo de Situação. As medidas de contra-informação do inimigo restringem a ação de seu setor de informações. Daí decorre o risco calculado. Prejudicar a observância de um princípio de guerra em benefício de outro.

Churchill já afirmava "não se pode conduzir uma guerra na base da certeza". O chefe, nestas ocasiões, procura apoiar-se nos princípios de guerra da Segurança e da Economia de Forças, para precaver-se contra a incerteza.

i) Confusão no combate: Alguém já definiu: "Combate e confusão". É o chefe e a tropa têm de estar preparados e com as cabeças frias, para exercitarem o espírito de iniciativa, em situações confusas de combate.

j) Observância dos mandamentos da guerra, de seus princípios, e da Manobra: Estes elementos fundamentam as decisões no campo da Arte da Guerra. Dada sua relevância, serão estudados e desenvolvidos em separado e intensamente em sala de aula.

l) Grau de Operacionalidade: Uma força poderá dispor de um bom chefe, bom Estado-Maior, boa Tropa, bom Equipamento, Moral, etc. Mas não estando, habituada a atuar em conjunto na paz, poderá apresentar um baixo rendimento na guerra. Daí a necessidade de exercícios na paz. Manobras na carta de Estado-Maior. Após de Estado-Maior e quadros. E finalmente, de Estado-Maior, quadros e tropas, no campo. No Brasil são caros os exercícios do último tipo. Os dois primeiros são mais baratos e de grande rendimento.

m) Moral: Quanto mais elevado, maior será a qualidade do Fator Militar. É o combatente convicto da razão de instruir-se ou lutar.

n) Pensamento Militar Criador: Espírito que deve dominar todos os integrantes de uma força. Pensar para rejeitar, modificar, inovar e progredir. Capacidade de criticar sadiamente idéias previamente aceitas, visando a rejeitá-las, ou modificá-las. Se contrapõe a idéia derrotista de que nada se cria tudo se copia.

Todos os conceitos da Doutrina Militar resultaram do pensamento militar criador. Todas as inovações na Doutrina Militar foram em determinada ocasião uma idéia revolucionária de um chefe ou pensador militar. O sucesso militar dos grandes capitães da História Militar deveu-se em grande parte ao pensamento militar criador. Tiveram coragem de discutir idéias previamente aceitas de Doutrina Militar. E, a seguir, rejeitá-las, modificá-las ou criar idéias novas responsáveis pelas vitórias de seus exércitos.

o) Tecnologia: A qualidade do Fator Militar depende muito do grau tecnológico

dos equipamentos militares. E os exércitos dos países das grandes potências são um exemplo de como o desenvolvimento tecnológico influi no rendimento de seus equipamentos.

4 - PRINCÍPIOS DE GUERRA

4.1 - **Objetivo:** O que e onde atacar, defender, retardar, manter, destruir, conquistar, emboscar, etc. **Onde conduzir a Ação Principal ou Decisiva**. Se bem marcado e atingido cumpre a missão.

Ex.: Objetivo na Defensiva - Manter a região X
Objetivo na Ação Retardadora - Retardar Y dias na linha X

4.2 - Surpresa: Atacar, Defender, Retardar, Emboscar **onde ou quando não se é esperado**. Surpresa Tática ou Estratégica. Pode ser técnica. Comporta graus relativos, desde a surpresa parcial até absoluta. E obtida na Ofensiva, Defensiva, em MVT Retrógrados, etc.

4.3 - **Ofensiva:** Só a atitude ofensiva conduz à vitória, isto é, atitudes ofensivas na Defensiva, Ofensiva, Movimentos Retrógrados. **Conquistar e manter a iniciativa e impor a vontade do adversário**. Combater é atacar e contra-atacar. Agressividade.

4.4 - **Manobra: Através dos movimentos rápidos e seguros, colocar nossos meios em melhor posição face ao inimigo.** Ação Principal sobre o objetivo. Ações Secundárias e reserva proporcionando segurança, flexibilidade e preservando a massa da Ação Principal, encarregada de atuar no ponto decisivo - o **Objetivo.**

4.5 - **Massa: Ser forte no ponto decisivo ou no objetivo da operação:** Meios compatíveis e suficientes e inclusive prioridade de apoios para a ação principal ser mais forte que o adversário no ponto decisivo ou objetivo. Este princípio pode ser atendido sem que seja dada a maior parte dos meios a ação principal.

Ex.: 10% meios ação principal desde que compatível e suficiente para ser forte no ponto decisivo caracteriza a Massa.

4.6 - **Economia de Meios: Distribuição judiciosa e compatível dos meios disponíveis para a Ação Principal, Ações Secundárias e Reserva.** Prioridade e suficiência de meios para a Ação Principal e o mínimo necessário para as Ações Secundárias. As Ações Secundárias e a reserva proporcionam segurança e impulsão à Principal.

4.7 - **Segurança: Pelas Informações** - (O máximo conhecimento da missão, inimigo, terreno, condições metereológicas e meios). **Pelo dispositivo-reserva** compatível e ações secundárias protegendo a ação principal. **Pela contrainformação** - Negando ao inimigo colher informações sobre nosso dispositivo e intenções. Ela previne surpresas e assegura flexibilidade caso ela ocorra. A segurança pode ser obtida pelo movimento.

4.8 - **Simplicidade: Manobras e planos simples**, transmitidos aos executantes com clareza, precisão e concisão e facilmente entendidos.

4.9 - Unidade de Comando: Qualidadede Chefia e Condições legais e estruturais (Comunicações - A Arma do Comando), para que ela possa ser exercida em toda sua plenitude. Disciplina intelectual dos executantes de uma operação em todos os escalões. A operação deve subordinar-se a seu comandante.

5 – MANOBRA E ELEMENTOS

Objetivo: (onde conduzir a Ação Principal)
Formas: Ofensiva, Defensiva e Mixta

Tipos: Ofensiva (Central ou Ala) — Defensiva (Móvel ou Posição)
Modalidades: Ofensiva - Central (Ruptura e Linhas Interiores)
Ofensiva-Ala (Desbordamento e Envolvimento)

- **Direções:** Paralelas, Convergentes, Divergentes
- **Repartições Meios:** Ação Principal, Ações Secundárias e Reserva
- **Amplitude:** Tática ou Estratégica
- **Desencadeamento:** Simultâneas ou Sucessivas
- **Comando:** Centralizado ou Descentralizado

5.1 – Manobra central

Consiste em atuar numa direção sensivelmente perpendicular à frente adversária. Pode apresentar-se sob dois tipos:

- **ruptura ou penetração**
- **em posição central** ou em **linhas interiores**

(a) - Ruptura (Penetração)

Consiste em romper o dispositivo adversário por meio de ações poderosas, visando a criar flancos e sobre eles poder rebater os grupamentos de forças. Compreende 3 fases:

- a ruptura das defesas inimigas (obtenção da brecha);
- o alargamento da brecha;
- a conquista do objetivo.

(b) - Linhas interiores (Posição central)

Consiste em adotar-se um comportamento defensivo em todos os grupamentos, menos um, com o qual se vai tomar uma atitude ofensiva, objetivando destruir uma das massas de manobra do Ini; depois de bater uma das forças do adversário, deve-se atuar contra os demais grupamentos, antes que eles se reúnam.

A manobra em linhas interiores decorre da impossibilidade de enfrentar, em boas condições, dois ou mais grupamentos de forças do adversário e pressupõe que o inimigo esteja disperso, em grupamentos tão afastados entre si, que não se possam reunir a fim de participar da mesma batalha.

5.2 – Manobra de flanco (ala)

Consiste na combinação de duas ações: uma **frontal**, destinada a **fixar** as defesas, inimigas, e outra de **flanco** (principal), que visa a retaguarda do adversário. Compreende dois tipos: - o **desbordamento** e o **envolvimento**, cada um dos quais pode ser **simples** (um flanco) ou **dupla** (dois flancos).

(a) - Desbordamento

Nele, o ataque principal é orientado para a conquista de um objetivo, na retaguarda imediata do inimigo, que corte suas vias de retirada e o sujeite à destruição na própria posição.

(b) - Envolvimento

Nele, o ataque principal busca atingir um ponto vital situado bem à retaguarda da posição inimiga; sua finalidade é forçar o adversário a abandonar sua posição ou desviar forças importantes para fazer face à ameaça.

Quando realizado por forças aeroterrestres, toma o nome de envolvimento vertical.

(c) – Desbordamento X Envolvimento

		- Desbordamento	**- Envolvimento**
-	**Obj. do Atq principal:**	**Próximo**	**Afastado**
-	**Ação Secundária (frontal)**	**Soldada à principal**	**Além da distância de apoio mútuo, em relação à principal**

5.3 Defesa em posição

Nela, o grosso das forças defensoras é disposto sobre regiões selecionadas, tendo por principal escopo manter as posições ocupadas e controlar o terreno entre elas. A reserva é empregada para aumentar a profundidade da defesa ou para estabelecer a posição, através de contra-ataques.

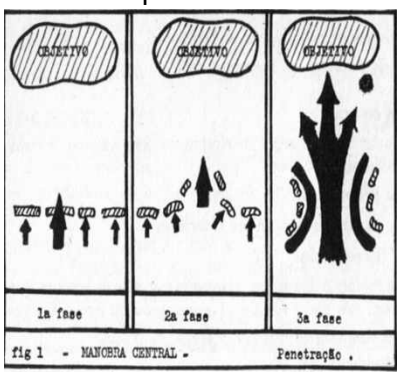


fig 1 - MANOBRA CENTRAL - Penetração.

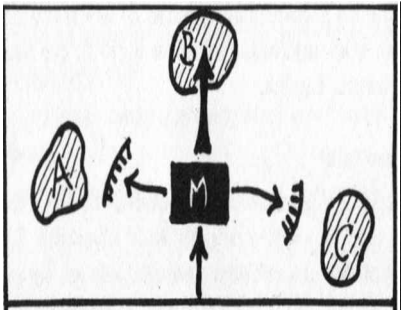


fig 2 - MANOBRA CENTRAL - em Linhas Interiores.

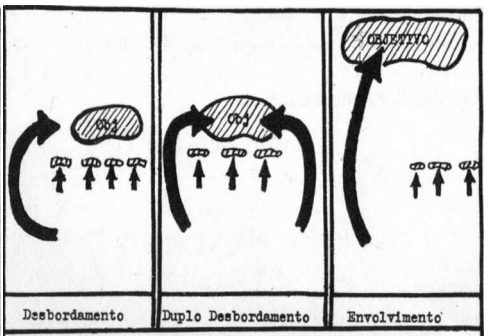


fig 3 - MANOBRA DE ALA

5.4 - Defesa móvel

Nela, o grosso das forças defensoras é conservado como elemento móvel de choque e o restante guarnece uma posição defensiva avançada. A força de choque serve como elemento de contra-golpe para destruir o inimigo na região mais favorável.

Amplitude

Quanto à amplitude, a manobra é **tática** ou **estratégica,** conforme o âmbito em que se aplica e os objetivos a que visa conquistar.

Execução

Compreende todas as medidas relacionadas com a preparação e a conduta das ações necessárias à realização da manobra.

Sob o ponto de vista do tempo em que são executadas, as ações podem ser: **sucessivas simultâneas.**

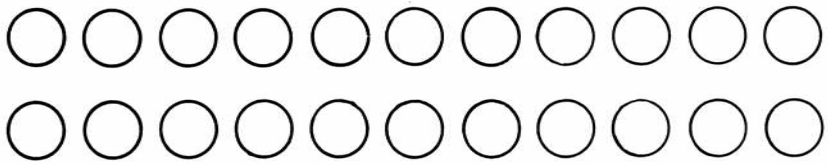
Sob o ponto de vista do grau de dependência que os grupamentos de força, encarregados da execução das ações, mantêm em relação ao comando responsável pela operação, a manobra pode r: **centralizada ou descentralizada.**

ORDEM LINEAR E ORDEM PROFUNDA

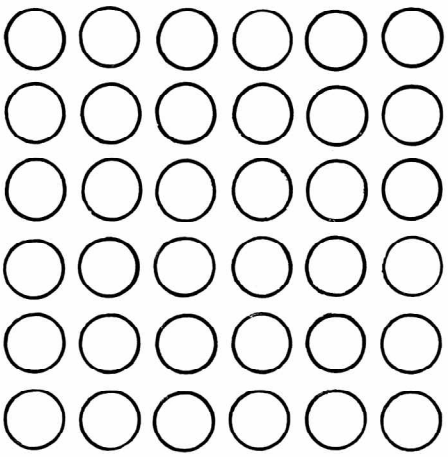
Essas designações se referem ao modo de se apresentarem as tropas no campo de batalha. Estão em ORDEM LINEAR quando se apresentam em linha desenvolvida, em duas, três ou quatro fileiras e em ordem profunda quando se apresentam em colunas mais ou menos densas e cerradas.

O emprego dessas "ORDENS" ficou sempre condicionado a natureza do armamento. Na antiguidade, quando as armas de arremesso eram de fraco, alcance, havia mais confiança no choque à arma branca e por isso a ordem profunda era mais empregada. A arma de fogo, embora muito lentamente, introduziu uma modificação nesse modo de combater, surgindo assim a ordem linear que permitia o emprego de maior número de fuzis na linha de fogo. A essa vantagem, porém, correspondeu uma desvantagem: o enfraquecimento da frente de combate, dada a pequena potência de fogo

da época, ficando portanto, muito exposta aos ataques da vaiaria. Reconhecendo-se que a ordem linear era além de tudo, difícil de manobrar - mudar de frente ou de direção - voltou-se à ordem profunda, precedida de atiradores esparsos, colocados à frente.



ORDEM LINEAR



ORDEM PROFUNDA

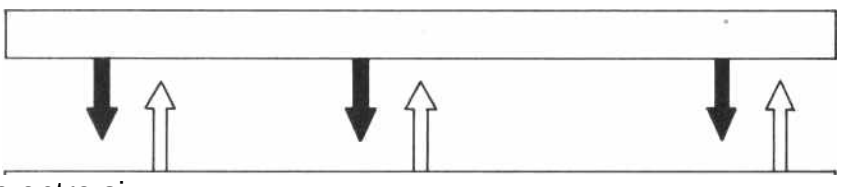
Daí por diante a tendência tem se manifestado na manutenção de atiradores à frente, o resto da tropa em escalões cada vez mais densos no sentido da profundidade (quando possível e sem estar sujeito ao fogo da artilharia inimiga).

Essas ordens linear e profunda se referem ao terreno da tática. No terreno estratégico tem também seu domínio.

Ligando a essa estratégia de ordem linear se encontra o "CORDÃO ESTRATÉGICO" que é uma disseminação de forças em missão defensiva, sobre uma linha mais ou menos extensa de modo a poder ocupar todos os pontos importantes. Resulta disso que, querendo defender-se em todos os pontos, não se está forte em nenhum deles. Daí o seu abandono após a Revolução Francesa, dada a profunda evolução que a arte da guerra sofreu por essa ocasião.

Quando se consideram dois exércitos inimigos situados, um em frente do outro, temos a considerar os dispositivos que possam tomar: paralelos ou oblíquos um em relação ao outro.

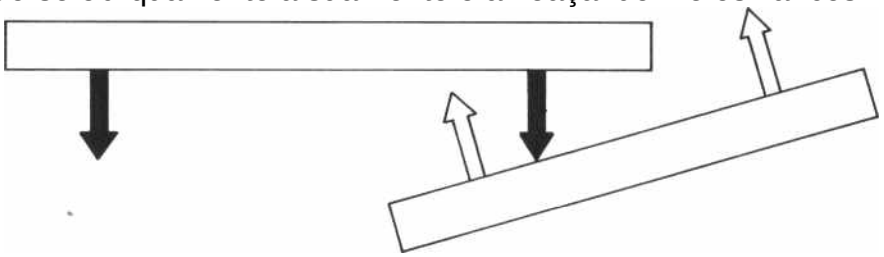
ORDEM PARALELA — é o dispositivo em que os exércitos inimigos se colocam



paralelamente entre si.

Usada muitíssimas vezes na antiguidade e na Idade Média (quase a regra comum) está hoje abandonada por conduzir ao combate frontal, desastroso em seus efeitos, muito embora o atacante tenha obtido a vitória. O ataque frontal a que a ordem paralela conduz é muito mortífero, demorado e de pouca importância para o fim em vista.

ORDEM OBLÍQUA — é o dispositivo que um exército toma em relação ao outro exercite colocando-se obliquamente à sua frente e ameaçando-lhe os flancos.



A ordem oblíqua, cujo esquema está acima, foi usada na antiguidade por Epaminondas e Alexandre e na Idade Moderna por Frederico II.

O desbordamento por um dos flancos, para ser vantajoso, necessita do ataque frontal - fixador do inimigo - ficando o de flanco destinado a desarticulá-lo, fazendo-o mudar de frente e ameaçando-lhe a retaguarda.

Observação: O assunto abordado é intensamente explorado em aula por fundamentar a Filosofia da Guerra e para servir de apoio ao Ensino Profissional.

A seguir exercícios e pesquisas realizadas a domicílio ou em sala, junto com exemplos de verificações de aprendizagem.

Ao final relação de trabalhos de Arte e Ciência Militar publicados pela Biblioteca do Exército, úteis ao prosseguimento de estudos sobre a História da Doutrina Militar de parte do profissional militar do Exército.

A.M.A.N DIV. ENS.	**(Em negrito a preencher pelo Cadete)**		4º ANO	
SEC. ENS. "A"		UD	SESSÃO	T
HISTÓRIA MILITAR	**PE D II PARTE**	2	2.6.4	1
ASSUNTO	**1ª GUERRA MUNDIAL** - CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS E EVOLUÇÃO DAS INSTITUIÇÕES MILITARES			
NR ORD	TÓPICOS PARA PESQUISA		OBS	

	CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS **1.1 NA EUROPA (AHE PAG 121 e 122)** **1.1.1** INDEPENDÊNCIA DA FINLÂNDIA, LETÔNIA, ESTÔNIA E LITUÂNIA. **1.1.2** RENASCIMENTO DO ESTADO POLONÊS. **1.1.3** CONSTITUIÇÃO DA TCHECOSLOVÂQUIA. **1.1.4** RESTITUIÇÃO DA ALSÂCIA E LORENA À FRANÇA. **1.1.5** A HUNGRIA SE SEPARA DA ÁUSTRIA. **1.1.6** TRANSFORMAÇÃO DA SÉRVIA EM IUGOSLÁVIA. *i* **1.2 NA ÁFRICA (AHE PAG 144)** **1.2.1** EX COLÔNIAS ALEMÃS FICAM SOB MANDATO DA FRANÇA E INGLATERRA. **1.3 NO ORIENTE MÉDIO (AHE PAG 120)** **1.3.1** SURGEM SÍRIA, LÍBANO, IRAQUE E TRANSJORDÂNIA. **1.3.2** PALESTINA SOB MANDATO DA INGLATERRA **1.4 NA ÁSIA (AHE PAG 126 e 132)** 1.4.1 JAPÃO SE APOSSA DE KIAU TCHEN E DAS ILHAS MARIANAS, CAROLINAS E MARSHALL	AHE PAG 121, 122 144 e 126
2	**1.5 TRANSFERÊNCIA DO PODER DA EUROPA PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.** **INSTITUIÇÕES MILITARES** **2.1 RECRUTAMENTO** **2.2** INSTRUÇÃO **2.2.1** INTENSIFICAÇÃO VISANDO RESTAURAR CONFIANÇA E LEVANTAR 0 MORAL DO SOLDADO FRANCÊS (1917) **2.2.2** TREINAMENTO MINUCIOSO DAS AÇÕES DE INFILTRAÇÃO PELOS ALEMÃES.	

AHE — Atlas Histórico Escolar – MEC

NR ORD	DESENVOLVIMENTO DOS TÓPICOS	UD	SESSÃO	T	OBS.
		2	2.6.4	2	

2	**2.3 MATERIAL BÉLICO** **2.3.1** LANÇA CHAMAS (FEV 1915). **2.3.2 GASES DE COMBATE YPRES** (ABR 1915) **2.3.3** CARROS DE COMBATE (49-NOV 1916 E 500- ABR 1917). **2.3.4** APERFEIÇOAMENTO DAS ARMAS AUTOMÁTICAS **2.3.4.1 MTR PES** **2.3.4.2 MTR LEVE** 2.3.4 3 **FUZIL METRALHADOR (GC)** **2.3.5** INTENSIFICAÇÃO DO USO **2.3.5.1 GRANADAS DE MÀO** **2.3.5.2 AVIÀO — l.° SÓ REC DEPOIS CAÇA E BOMBARDEIO** **2.3.5.3 SUBMARINO — MUITO UTILIZADO PELOS ALEMÀES**. **CAUSA DA DECLARAÇÃO DE GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS** **2.3.6** OUTROS **2.3.6.1** FACA DE TRINCHEIRA. **2.3.6.2** PISTOLA AUTOMÁTICA. **2.3.6.3** MORTEIRO ANTI-CARGA. '2.3.6 4 CANHÀO DE CAMPANHA AAé. **2.4 COMANDO** **2.4.1** GEN PETAIN SUBSTITUI NIVELLE (ABR1917) **2.4.2** GEN FOCH NOMEADO CMT-EM-CHEFE (MAR 1918). **2.4.3** GEN FOC NÀO SELECIONOU DIVISÕES ESPECIAIS. **2.5 ORGANIZAÇÃO MILITAR** **2.5.1** GRUPO DE COMBATE. **2.5.2** AERONÁUTICA COMO ARMA DE COMBATE.	

NR ORD	DESENVOLVIMENTO DOS TÓPICOS	UD	SESSÃO	T	OBS
		2	2.6.4	3	

2	2.6 **PROCESSOS DE COMBATE** 2.6.1 ATÉ 1917: COMBATE OFENSIVO DEFICIENTE **2.6.1.1** APERFEIÇOAMENTO DO SISTEMA DE COMBATES DE **TRINCHEIRAS.** **2.6.1.2** MÁXIMO APROVEITAMENTO DO TERRENO. **2.6.1.3** SUPREMACIA DO FOGO SOBRE O **MOVIMENTO**. **2.6.1.4** COORDENAÇÃO DO FOGO E MOVIMENTO NA INF; GC COM FM; PARTE ATIRA ENQUANTO OUTROS PROGRIDEM. **2.6.1.5** RAZÕES DO APOIO DEFICIENTE DA ARTILHARIA: SÓ PREPARAÇÃO, **BARRAGEM ROLANTE** E DEFICIÊNCIA DE COMUNICAÇÕES. 2 6.1.6 FALTA DE IMPULSÀO E DE VELOCIDADE PELOS SEGUINTES MOTIVOS: **FORMAÇÕES DENSAS, APOIO DEFICIENTE DE ARTILHARIA E PEQUEN . VELOCIDADE DE PROGRESSÃO, PERMITINDO AO INIMIGO O USO DE RESERVAS**. **2.6.1.7** DIFICULDADE EM SE OBTER A **SURPRESA: TRANSPORTE FERROVIÁRIO**, RECONHECIMENTO AÉREO, **USO INTENSIVO DO TELEFONE**, LONGAS PREPARAÇÕES DE ART. **2.6.1.8** AVIAÇÃO INICIALMENTE EMPREGADA APENAS NA **OBSERVAÇÃO** **2.6.1.9** OPERAÇÕES **ANFÍBIAS** NA CAMPANHA DE DARDANELLOS.	

NR ORD	DESENVOLVIMENTO DOS TÓPICOS	UD	SESSÃO	T	OBS
		2	2.6.4	4	
2	2.6.2 NOVOS PROCESSOS DE COMBATE **2.6.2.1** NOVOS PROCESSOS PARA A TENTATIVA DE RUPTURA: SURPRESA TÉCNICA **(GASES E CARROS DE CMB);** **2.6.2.2** CC EMPREGADOS INICIALMENTE COMO APOIO A INF. E DEPOIS COMO **ARMA DE CHOQUE**; **2.6.2.3** CONCLUSÕES DO EMPREGO DOS CC: PROPORCIONAM MOVIMENTO, CONSEGUEM SURPRESA, RUPTURA SEM GRANDES PERDAS, APTOS AO ACOMPANHAMENTO DA INFANTARIA E EMPREGO EM GRANDE NÚMERO; 2.6.2 4 TÁTICA DE INFILTRAÇÃO EMPREGADA PELOS ALEMÃES: RIGA E CAPORETO; **2.6.2.5** NOVO PROCESSO DE DEFESA: PA, PPR E RESERVA. PONTOS FORTES ENTRE OS PA E A PPR; **2.6.2.6** GUERRA **2.6.2.7** EMPREGO DA "PROPAGANDA". 2.7 **LOGÍSTICA** 2.7.1 CARÊNCIA DE APOIO AOS AMPLOS MOVIMENTOS NA OFENSIVA ALEMÃ DE 1918.				TRANSP.
3	**CONCLUSÕES** **3.1** IMPORTÂNCIA DO COMANDO ÚNICO NA VITÓRIA ALIADA. **3.2** O MORAL COMO FATOR DA VITÓRIA. **3.3** PREPONDERÂNCIA DOS FATORES ECONÔMICOS NA GUERRA. **3.4** O CMDO ALIADO NÃO SEGUIU AS LIÇÕES DE CLAUSEWITZ; "O PODER MILITAR DO INIMIGO DEVE SER DESTRUÍDO" "O PAÍS INIMIGO DEVE SER CONQUISTADO POIS, DO CONTRÁRIO, DELE SURGIRÁ UMA NOVA FORÇA MILITAR". **3.5** PERDAS HUMANAS APROXIMADAMENTE 8.700.000, ENTRE CIVIS E MILITARES.				

CONSEQUÊNCIA MILITAR PRA O BRASIL DA I GUERRA MUNDIAL
CONTRATO DA MISSÃO MILITAR FRANCESA

MISSÃO MILITAR FRANCESA

1 – FINALIDADE
AUXILIAR O EXÉRCITO BRASILEIRO EM NOVOS ASPECTOS DA ARTE E CIÊNCIA MILITAR EVIDENCIADOS NA I GUERRA MUNDIAL (MODERNIZAÇÃO)
— GRUPOS DE COMBATE AGINDO EM TORNO DE METRALHADORAS;
— INTRODUÇÃO DOS BLINDADOS;
— SURGIMENTO DA AVIAÇÃO;
— ORGANIZAÇÃO DO TERRENO;
— APOIO LOGÍSTICO PARA GRANDES EFETIVOS;
— NOVAS TÉCNICAS DE ESTADO MAIOR (MOBILIZAÇÃO, CONCENTRAÇÃO, USO TRANPORTES FERROVIÁRIOS).
2 - MOTIVOS DA ESCOLHA
— VITÓRIA FRANCESA NA GUERRA;
— ELM DO EXÉRCITO LUTARAM AO LADO DA FRANÇA.
3 - MISSÃO FRANCESA — CONSTITUIÇÃO
- 3.1 OFICIAIS:
— CHEFE; GEN GAMELIM — CHEFE 3.' SEC EM DO GEN JOFFRE E COMANDANTE DE D I AO FINAL DA GUERRA.
4 - ATUAÇÃO DA MISSÃO — INSTRUTORES NAS:
— ECEME, AsAO, AVIAÇÃO DO EXÉRCITO, ESCOLAS DE SAÚDE, VETERINÁRIA E EQUITAÇÃO;
— ESCOLA MILITAR — A CARGO DA MISSÃO INDÍGENA. AO FINAL UM SUBDIRETOR DE ENSINO DA MISSÃO FRANCESA

5 — 1922 - PRIMEIRA GRANDE MANOBRA DE SAICAN
6 — INFLUÊNCIAS:
— IMPLANTAÇÃO DO MÉTODO PARA A SOLUÇÀO DE PROBLEMAS MILITARES.
— PROCESSO MAIS SELETIVO NA FORMAÇÃO DOS CHEFES.
— ELEVAÇÃO NÍVEL CULTURAL E PROFISSIONAL DOS OFICIAIS E SURGIMENTO DE PENSADORES MILITARES BRASILEIROS.
— FORMAÇÃO DOS CHEFES QUE CONDUZIRAM A FEB NA ITÁLIA.
— ESTÍMULO AO ESTUDO DA HISTÓRIA DO EXÉRCITO PARA A FORMULAÇÃO DE TÁTICAS E ESTRATÉGIAS CALCADAS NA EXPERIÊNCIA MILITAR BRASILEIRA.
— DINAMIZAÇÃO DOS TRABALHOS DE MOBILIZAÇÃO.
— INTRODUÇÃO DAS MANOBRAS DE GRANDE ENVERGADURA.
7 — TÉRMINO DOS TRABALHOS — 1939
— AO FINAL FIGURAVAM COMO ASSESSORES. PASSARAM A INSTRUTORES SEUS ALUNOS BRASILEIROS OU OFICIAIS QUE REALIZARAM CURSOS NA FRANÇA.
8 —A ESCOLA DE ALTOS ESTUDOS MILITARES DARIA ORIGEM MAIS TARDE À E S G, INICIATIVA DE ALUNOS MAIS DISTINTOS DA MISSÃO FRANCESA.
9 — OBSERVAÇÕES:
— O JAPÃO ANTES DA GUERRA RUSSO-JAPONESA TEVE SEU EXÉRCITO INSTRUÍDO POR UMA MISSÃO FRANCESA.
— A ARGENTINA TEVE SEU EXÉRCITO INSTRUÍDO POR UMA MISSO ALEMÃ, AO COMANDO DE VAN DER GOLTZ.

A.M.A.N

1978

CONSEQUÊNCIAS DA II GM
EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR

DIV ENS

SEC ENS “A”

HISTÓRIA MILITAR

4º ANO

UD	SESSÃO	T
02	2.8.11	1

PED II PARTE

1. INSTITUIÇÕES MILITARES
1.1 ORGANIZAÇÃO MILITAR
1.1.1 GRUPAMENTO TÁTICO
1.1.1.1 CONSTITUIÇÃO BÁSICA
1.1.1.1.1 INFANTARIA : 1 RI
1.1.1.1.2 ARTILHARIA : 1 GO 105
1.1.1.1.3 ENGENHARIA : 1 CIA
1.1.1.1.4 TROPAS ESPECIALIZADAS
1.1.1.2 EMPREGO
OPERAÇÕES **DESCENTRALIZADAS**
1.1.1.3 VANTAGENS
1.1.1.3.1 RAPIDEZ NO APROVEITAMENTO DE **BRECHAS** NO DISPOSITIVO INIMIGO
1.1.1.3.2 ACOMPANHAR A **VELOCIDADE** DA OPERAÇÃO DETERMINADA PELO APROVEITAMENTO DE UMA SITUAÇÃO TÁTICA.
1.1.2 EXÉRCITOS SECRETOS, FORÇAS IRREGULARES
1.1.2.1 PARTISANS — ITÁLIA
1.1.2.2 MAQUIS — FRANÇA
1.1.3 GUERRILHAS
FORÇAS INSURRECIONAIS
1.2 ARMAMENTO E EQUIPAMENTO
1.2.1 CARACTERÍSTICAS
1.2.1.1 AUMENTO
1.2.1.1.1 **POTÊNCIA DE FOGO**
1.2.1.1.2 CALIBRES
1.2.1.1.3 ESPESSURA DAS BLINDAGENS

1.2 1.1.4 **EFICÁCIA DOS CANHÕES AC, SR**
1.2.1.1.5 EFICÁCIA PROJÉTIS
1.2.2 SURGIMENTO
1.2.2.1 BAZOOKA (LR)
1.2.2.2 DETETOR DE MINAS
1.2.2.3 FUZIS SEMLAUTOMÁTICOS
1.2.2.4 FUZIS COM DISPOSITIVO **INFRA-VERMELHO** (TIRO NOTURNO)

12.2.5 RADAR, **V-I, V-2 (BOMBAS VOADORAS)**
1 2.2.6 **BOMBA ATÔMICA**

A.M.A.N

1978

CONSEQUÊNCIAS DA II GM
EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR

DIV ENS

SEC ENS "A"

HISTÓRIA MILITAR

4º ANO

UD	SESSÃO	T
02	2.8.11	1

PED II PARTE

1.3. **PROCESSOS DE COMBATE**

1.3.1. **ESTRATÉGIA**

1.3.1.1 BLITZKRIEG CARACTERÍSTICAS
- 1.3.1.1.1 **BLINDADOS**
- 1.3.1.1.2 MECANIZADOS
- 1.3.1.1.3 **AVIAÇÀO**
- 1.3.1.1.4 MANOBRA
  - 1.3.1.1.4.1 ENVOLVIMENTO
  - 1.3.1.1.4.2 ENVOLVIMENTO **VERTICAL**
- 1.3.1.1.5 MOBILIDADE
- 1.3.1.1.6 SUPERIORIDADE **AÉREA**
- 1.3.1.1.7 OPERAÇÕES COMBINADAS
  - 1.3.1.1.7.1 ANFÍBIAS, **AÉROTERRESTRES** BLINDADOS, **AVIAÇÀO**

1.3.2 TÁTICA
- 1.3.2.1 EMPREGO
  - 1.3.2.1.1 COMANDOS
  - 1.3.2.1.2 **GRUPAMENTOS TÁTICOS**

1.3.3 GUERRA PSICOLÓGICA
- 1.3.3.1 PROPAGANDA
- 1.3.3.2 COMUNICAÇÕES
  - 1.3.3.2.1 RÁDIO
  - 1.3.3.2.2 ALTO-FALANTE
  - 1.3.3.2.3 PANFLETO

1.4 COMANDO

1.4.1 TEATRO DE OPERAÇÕES

1.4.1.1 FINALIDADE:
UNIDADE DE COMANDO

1.4.1.2 CARACTERÍSTICAS:
- 1.4.1.2.1 COMANDO ÚNICO DEFINIDO, FLEXÍVEL
- 1.4.1.2
- 1.4.1.2.2 EVITAR ATUAÇÃO **INDEPENDENTE** DAS FFAA DO TO E **DUALIDADE** DE CMDO
- 1.4.1.2.3 FACILITAR COORDENAÇÃO DAS OPERAÇÕES COMBINADAS

1.5 LOGÍSTICA

1.5.1 CARACTERÍSTICAS
- 1.5.1.1 VULTO DOS EFETIVO
- 1.5.1.2 ALTO CONSUMO DE MATERIAL

A.M.A.N

1978

CONSEQUÊNCIAS DA II GM
EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR

DIV ENS

SEC ENS "A"

HISTÓRIA MILITAR

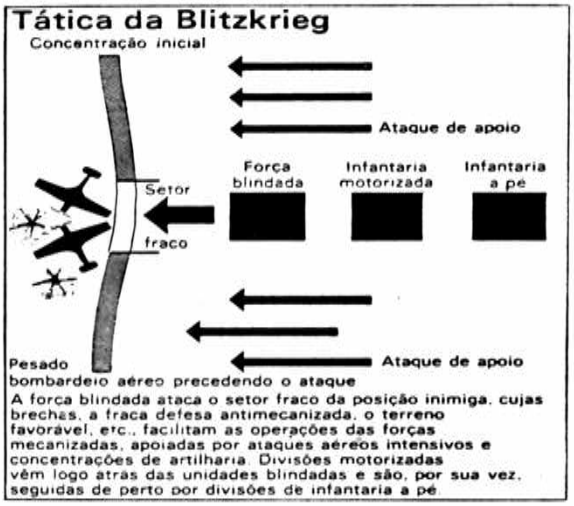
4º ANO

UD	SESSÃO	T
02	2.8.11	1

PED II PARTE

2. CONSEQUÊNCIAS
- 2.1 CARTA DO ATLÂNTICO: 14 AGO 41
  - 2.1.1 FINALIDADE:
    - 2.1.1.1 ASSEGURAVA A TODAS AS NAÇÕES
      - 2.1.1.1.1 ESCOLHA DA FORMA DE **GOVERNO**
      - 2.1.1.1.2 ACESSO AO COMÉRCIO E ÀS MATÉRIAS-PRIMAS
      - 2.1.1.1.3 GARANTIA DE MELHORIA
        - 2.1.1.1.3.1 PADRÕES DE TRABALHO
        - 2.1.1.1.3.2 PROGRESSO **ECONÔMICO**
        - 2.1.1.1.3.3 SEGURANÇA SOCIAL
      - 2.1.1.1.4 SEGURANÇA EM SUAS **FRONTEIRAS**
  - 2.1.2 DECLARAÇÕES
    - 2.1.2.1 DAS NAÇÕES UNIDAS: 2 JAN 42
      ONU
    - 2.1.2.2 CAIRO
    - 2.1.2.3 TEERÀ
    - 2.1.2.4 YALTA
    - 2.1.2.5 POSTDAM
- 2.2 A GUERRA FRIA
  - 2.2.1 VAZIO DO PODER
    - 2.2.1.1 EUROPA CENTRAL
    - 2.2.1.2 COLONIAS INGLESAS
    - 2.2.1.3 MANDCHÚRIA
    - 2.2.1.4 CORÉIA
    - 2.2.1.5 **CHINA**
  - 2.2.2 CONSEQUÊNCIA:
    DISPUTA ENTRE AS GRANDES POTÊNCIAS
- 2.3 FORTALECIMENTO DOS ESTADOS UNIDOS
- 2.4 PENETRAÇÃO SOVIÉTICA
  - 2.4.1 ORIENTE MÉDIO
  - 2.4.2 PENÍNSULA MALAIA
  - 2.4.3 EUROPA **CENTRAL**
- 2.5 REAÇÀO DOS EUA
  - 2.5.1 DOUTRINA TRUMAN (1947)
    - 2.5.1.1 AJUDA A QUALQUER PAÍS CUJA INDEPENDÊNCIA FOSSE AMEAÇADA DE AGRESSÃO **EXTERNA** OU INTERNA
  - 2.5.2 PLANO MARSHALL
    - 2.5.2.1 AJUDA À EUROPA PARA RECONSTRUÇÃO DOS ESTADOS DEVASTADOS PELA GUERRA
- 2.6 REAÇÀO SOVIÉTICA
  - 2.6.1 OCUPAÇÃO DA **HUNGRIA** (1947)
  - 2.6.2 ASSALTO AO PODER NA TCHECOSLOVÁQUIA (1948)
  - 2.6.3 BIPOLARIDADE
    - 2.6.3.1 ALEMANHA (DIVISÃO)
      - 2.6.3.1.1 ALEMANHA ORIENTAL
      - 2.6.3.1.2 ALEMANHA OCIDENTAL
    - 2.6.3.2 CHINA (DIVISÀO)
      - 2.6.3.2.1 CHINA COMUNISTA
      - 2.6.3.2.2 CHINA NACIONALISTA
    - 2.6.3.3 CORÉIA (DIVISÃO)
      - 2.6.3.3.1 CORÉIA DO NORTE
      - 2.6.3.3.2 CORÉIA DO SUL
  - 2.6.4 ADESÁO AO MARXISMO
    - 2.6.4.1 IUGOSLÁVIA
    - 2.6.4 2 POLÔNIA
    - 2.6.4.3 RUMÂNIA
    - 2.6.4.4 BULGÁRIA
- 2.7 FUNDAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL
- 2.8 OCUPAÇÃO DE BERLIM PELAS QUATRO POTÊNCIAS
- 2.9 SURGIMENTO NA ÍNDIA DO **PAQUISTÃO** E INDOSTÀO
- 2.10 INDEPENDÊNCIA DA **INDOCHINA** (FRANÇA)
- 2.11 BLOCOS MILITARES ANTAGÔNICOS
  - 2.11.1 EUA

2.11.1.1 OTAN
2.11.1.2 OTASE
2.11.1.3 CENTO
2.11.2 URSS
PACTO DE VARSÓVIA



NOTA DE AULA

A BATALHA DE CAMBRAI (Nov 1917)

1 - Ambientação

Em três anos de luta em uma frente estabilizada, os aliados haviam tentado, ao preço de milhões de vidas e de artilharia cada vez mais numerosa e potente, abrir uma brecha, através da qual pudessem retomar a guerra de movimento e buscar a decisão na Frente Ocidental.

Em vista dos repetidos fracassos das ofensivas aliadas, o Estado-Maior inglês tentaria obter a brecha com o emprego em massa dos carros de combate. Decidiu fazer nova experiência (Na primeira experiência foram empregados 49 carros) no setor de CAMBRAI, numa frente de 12 Km, entre os Canais do Norte e Escalda. Esse setor era considerado calmo, ao ponto de os alemães nele manterem divisões que vinham repousar e se recuperar.

A posição defensiva alemã - uma parte da linha Hindenburg ou Siegfried - compunha-se de três linhas, com a largura de 1.500m, sob um oceano de redes de arame

farpado. Ainda não estava terminada. Consistia de uma trincheira de postos avançados e duas trincheiras de combate, com sapas de ligação e abrigos subterrâneos. Uma outra posição, a oeste de Flesquiéres, estava em construção.

Entre as linhas alemãs e as linhas inglesas, o solo estava recoberto por uma erva intacta, exceção da frente ocidental, terrivelmente revolvida pelas explosões de três anos de luta.

O setor era guarnecido por duas divisões alemãs, pertencentes ao II Ex.

2 - **Descrição sumária**

Ao alvorecer do dia 20 Nov, o Exército inglês do Gen Byng avançou subitamente em diferentes pontos de uma zona de ataque de 60 Km.

No setor de CAMBRAI foram concentrados 6 Dl apoiadas por 500 CC e 1.000 canhões. O objetivo era abrir uma brecha até a altura de Marcoing.

Depois do início do ataque, a artilharia, até então silenciosa, abriu fogo. Concentrou-o sobre os pontos fortes e baterias inimigas. Enquanto isso, os carros progrediam por entre as linhas alemãs, arrebentando as redes de arame, ultrapassando as trincheiras e chegando até as posições de baterias.

Na retaguarda dos carros, a infantaria ia consolidando a conquista de posições.

No fim da jornada, os ingleses haviam conseguido uma brecha profunda. Apenas a localidade de Flesquiéres resistia, assim mesmo já flanqueada.

Na jornada de 21, *a* brecha tinha a profundidade de 8 Km por 10 Km de frente. Com perdas diminutas, haviam sido feitos 8.000 prisioneiros e sido capturados 136 canhões. Resultado prodigioso, pois antes, isso só seria conseguido com ataques poderosíssimos e semanas de intensa preparação de artilharia.

Achava-se em CAMBRAI, onde por coincidência acabara de chegar, uma Dl alemã que por iniciativa própria procurou imediatamente tapar a brecha.

O comando alemão não desorientou-se. Tomou providências adequadas para a difícil situação que enfrentava. Reforçou as duas Dl que guarneciam o setor com mais uma tirada da frente de Arras e com batalhões reservas dos regimentos em linha. Mais tarde reforçou a defesa com mais duas Dl.

Os ingleses, que não esperavam resultados tão espetaculares de sua experiência, deixaram de aproveitar, à fundo, as vantagens obtidas, pela ausência de providências apropriadas e prévias, como por exemplo, uma reserva adequada.

Uma vez detida a progressão inglesa, os alemães contra-atacaram no dia 30, nos flancos da penetração, com o 7 Dl ao Norte e 5 Dl ao Sul. Conseguiram reduzir pela metade a conquista inglesa.

3 - **Trabalho pedido**: Análise a manobra inglesa à luz dos princípios de guerra e da manobra e seus elementos.

4 - **Uma solução**

Princípios de guerra observados pelos ingleses:

1 — **OBJETIVO:** Romper a linha de Siegfried

2 — **SURPRESA:** Atacar numa frente calma, local de recuperação e repouso de tropas alemãs, protegidas pela linha Siegfried. Uso pela primeira vez de Carros de Combate em massa-49 CC. Surpresa técnica.

3 — **MASSA:** Concentração na frente a atacar de 6 Dl, 500 CC e 1000 canhões.

4 — **ECONOMIA DE MEIOS:** Foi desrespeitado. Ausência de meios para a Reserva e de ações secundárias para protegerem a Ação Principal. Essa com dosagem mais que suficiente.

5 — **OFENSIVA:** Bastante ofensiva a ação principal, mas prejudicada pela fraqueza das ações ofensivas secundárias e de reserva. Tudo para manter a impulsão da Ação Principal e protegê-la de ataques de flanco. Foi conquistada a iniciativa e não mantida até o final da batalha.

6 — **MANOBRA:** Foi observado quando ao deslocamento da massa, com rapidez e segurança até o objetivo. A partir daí foi desrespeitado o princípio, por falta de segurança para a ação principal para consolidar o objetivo, por inexistência de reservas compatíveis e fraca atuação das ações secundárias para conter os contra-ataques de flanco desfechados pelos alemães.

7 — **SEGURANÇA:** Desrespeito pela inexistência de reserva e insuficiente dosagem de meios para conter os ataques de flanco alemães.

Um aspecto novo foi a segurança pelo movimento, proporcionada pelos CC à Ação Principal.

8 — **SIMPLICIDADE:** A manobra foi simples
— Ação Principal - Ruptura
— Ação Secundária - Fixação

9 — **UNIDADE DE COMANDO:** Atendido
A manobra e elementos dos inglês em Cambrai

1 — OBJETIVO — Romper a linha Siegfried

2 — FORMA — OFENSIVA
TIPO — CENTRAL
MODALIDADE — RUPTURA

3 — DIREÇÕES PARALELAS

4 — REPARTIÇÃO DE MEIOS:
— Ação Principal
Massa suficiente para a ruptura
— Ações Secundárias
Dosagem insuficiente
— Reserva
Incompatível para a segurança e flexibilidade da ação.

5 - **AMPLITUDE**: Estratégica

Doutrina Militar dos Gregos (exercício)

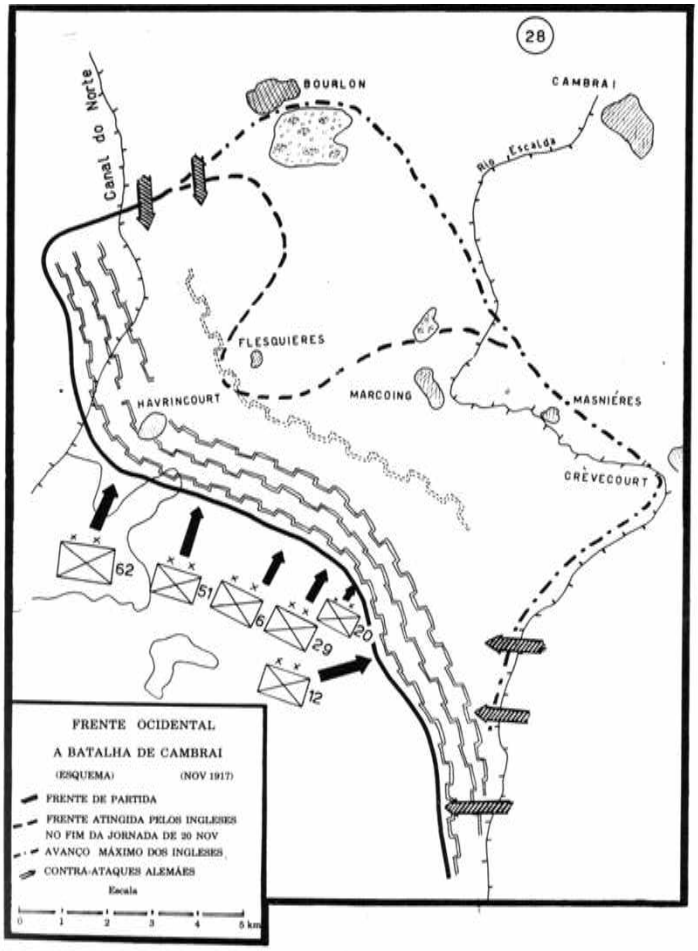
1 — Com apoio no exposto neste livro descreva por campos as principais características da Doutrina Militar dos Gregos.

2 — Uma Solução

ORGANIZAÇÃO:

a) **Comando:** 10 Estrategos eleitos pela Assembléia formavam um conselho de Guerra. Cada dia um exercia o comando supremo.

b) **Tropa:** A Falange subdividia-se em Sintagmas. A Falange foi a maior máquina militar de seu tempo. Alexandre o Grande aperfeiçoou a Falange e criou a Tetra-Falange a maior GU construída na Grécia. A Falange era constituída de Infantaria e Cavalaria ligeiras e pesadas e mistas no caso da Infantaria.



c) **Serviço Militar:** Era obrigatório. De 18 aos 45 anos o cidadão podia ser convocado para lutas externas. De 45 aos 60 anos podia ser convocado para a defesa de uma cidade.

d) **Caráter do Exército:** Nacional - O povo em armas.

EQUIPAMENTO:

a) **Armamento Individual:**

Piques de 3 a 4m e após 6 a 8 Fundas, arcos e dardos Fundas, arcos e piques

Pique, espada no destaque e armaduras de couro e pano Arco e pique longo

– Infantaria pesada
– Infantaria ligeira
– Infantaria mista
– Cavalaria pesada
– Cavalaria ligeira

b) **Armamento coletivo:**

Balista	–	Arremesso de Pedras
Catapulta	–	Arremesso de líquidos
Ariete	–	Abrir brechas em muralhas pelo choque
Torre de madeira	–	Para assalto a muralhas
Mantelete	–	Abrigos de madeira para investir muralha

INSTRUÇÃO

Iniciava na infância. Prática de esportes e exercícios físicos. Competições esportivas em público. Rigorosa disciplina na paz e na guerra. Todo cidadão tinha obrigação de

adestrar-se no manejo das armas.

FORÇAS MORAIS: Eram desenvolvidas em alto grau. Os mais valentes enquadravam os tímidos nas batalhas. Os chefes davam o exemplo ao liderarem as ações mais arriscadas. Caso da mãe espartana que mandou o filho dar um passo 'a frente para aumentar o comprimento de sua espada.

EMPREGO: Batalha com duração de 10 a 30 minutos. Inicialmente a ordem paralela. Após o tebano Epaminondas, o campo de batalha foi revolucionado ao usar a ordem oblíqua em Leutras. Alexandre o Grande, sempre usaria a ordem oblíqua. Ou seja, procurar a decisão, desbordando um dos flancos ou alas inimigas com a Cavalaria. Alguns Generais gregos conseguiram tornar flexível a falange, variando sua largura e profundidade.

A Falange tinha extraordinário poder de choque. A Infantaria e a Cavalaria pesadas suportavam, o choque. As tropas ligeiras eram dispostas na frente, retaguarda e flancos para proporcionarem a segurança ao Grosso, reconhecer e inquietar o adversário.

Alexandre não atacava sem reconhecer minuciosamente o inimigo.

Em Arbelas foi introduzida a Perseguição por Cavalaria e Infantaria montada — origem de binômio Infantaria — Carro.

Os princípios de Guerra do **Objetivo, Manobra, Surpresa, Ofensiva, Massa e Segurança** foram os que mais lançou mão Alexandre para suas vitórias.

Mesmo em inferioridade de meios, conseguia ser forte no ponto, no momento e local decisivo.

O dispositivo de Alexandre para a batalha não era esquemático. O adotava em função dos Fatores da Decisão Militar. (Missão, Terreno, Inimigo e Meios) Alexandre demonstrou sempre preocupação com a segurança de sua linha de comunicações e retaguarda sem o que não avançava. Influiu decisivamente na formação de Alexandre seu mestre,o filósofo Aristóteles. Foi na Grécia antiga que surgiu o primeiro historiador militar, o General Xenofonte ao escrever obra sob o título – O comandante de Cavalaria.

A M A N
DIV ENS
SEC ENS "A"

1978
4º ANO

1ª VERIFICAÇÃO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MILITAR
FUNDAMENTOS DA ARTE DA GUERRA

DATA:	HORÁRIO:	LOCAL:

CAD Nr_____ NOME **GABARITO** Tu _____ORIGEM_____ _____

GRAUS DAS QUESTÕES

1ª Q _ _____

2ª Q _ _____

3ª Q _ _____

4ª Q _ _____

SOMA _ _____

GRAU DA VERIFICAÇÃO

EM ALGARISMOS: _____

POR EXTENSO: _____

_____

_____
RUBRICA DO INSTRUTOR

INSTRUÇÕES PARA A EXECUÇÃO DA V E

1. Esta VE compõe-se de 3 (três) questões, com 15 (quinze) itens e 7 (sete) folhas, inclusive a capa;
2. O tempo destinado a VE é de 45 (quarenta e cinco) minutos;
3. Não é permitida a consulta de documentos;
4. Escreva seu número, nome, turma e origem em todas as folhas da VE;
5. Verifique a impressão do seu exemplar.

P E N S A M E N T O

"Para sustentar em tempo de paz o cérebro de um Exército e prepará-lo para a guerra, não há livro mais fecundo em meditações, do que o da HISTÓRIA MILITAR"

1ª QUESTÃO — (Valor 5,0)

Item 01 — Qualquer decisão militar em combate, resulta da análise pelo comandante do escalão considerado, dos seguintes fatores — ou Fatores de Decisão Militar:

1 **- MISSÃO**
2 **- TERRENO**
3 **- INIMIGO**
4 **- MEIOS**

Item 02 — Entendida a Doutrina de um exército, como as maneiras pelas quais ele é organizado, equipado, instruído, desenvolvidas suas forças morais (o por quê lutar?) e empregado, caracterize os 5 (cinco) campos de uma Doutrina Militar, explicados em aula.

1 **- ORGANIZAÇÃO**
2 **- EQUIPAMENTO**
3 **- INSTRUÇÃO**

4 **- FORÇAS MORAIS**
5 **- EMPREGO**

Item 03 — Da pesquisa e estudo crítico da História Militar da Humanidade, chefes, pensadores e historiadores militares, perceberam alguns elementos constantes em todas as guerras e que foram denominados: Princípios de Guerra.

Enumere os constantes do livro texto — A História da Doutrina Militar.

1 **- OBJETIVO**
2 **- OFENSIVA**
3 **- MASSA**
4 **- ECONOMIA DE FORÇAS**
5 **- SIMPLICIDADE**
6 **- MANOBRA**
7 **- SEGURANÇA**
8 **- UNIDADE DE COMANDO**
9 **- SURPRESA**

Item 04 — Igualmente, a pesquisa e o estudo crítico da História da Humanidade, constataram outros elementos constantes em todas as guerras — a Manobra e seus elementos. Enumere estes elementos constantes do livro texto citado, com suas sub-divisões: deduzido da missão)

1 — **OBJETIVO** (Definido ou deduzido da missão)

2 - **FORMAS**
a) OFENSIVA
b) DEFENSIVA
c) OFENSIVA-DEFENSIVA
d) PARALELAS

3 - **DIREÇÕES**
e) CONVERGENTES
f) DIVERGENTES

4 – **REPARTIÇÃO DE MEIOS**
a) AÇÃO PRINCIPAL
b) AÇÃO (ÕES) SECINDÁRIA(S)
c) RESERVA

Item 05 — A Manobra varia em suas formas, conforme a ação adotada. Ou manobras ofensivas e defensivas, ou uma combinação ofensiva-defensiva.

Na ofensiva a manobra possui os seguintes tipos:

a) **CENTRAL** e b) **FLANCO OU ALA**

Item 06 — O tipo de manobra ofensiva destinada *a* romper a frente do dispositivo inimigo, visando a criar flancos chama-se:

a) **PENETRAÇÃO** ou b) **RUPTURA**

Item 07 — O tipo de manobra ofensiva que conduz o ataque principal sobre um flanco ou ala do inimigo, para conquistar um objetivo à sua retaguarda imediata e destruí-la na posição, chama-se:

DESBORDAMENTO

2ª QUESTÃO — (Valor 3,2)

Cadete, você está integrando, como Oficial, uma Brigada de Infantaria, encarregada de realizar um ataque ou uma ação ofensiva. E lembrando-se do que aprendeu na Cadeira de História da AMAN, observa atentamente seu comandante, para aprender, como ele utiliza os Fundamentos da Arte da Guerra (Princípios de Guerra e Manobra e seus elementos) na montagem do dispositivo da Brigada para o combate:

Item 08 — Seu comandante, com base em boas informações, realizou detalhado Estudo da Situação, à luz dos fatores da decisão militar. Após, concluiu que para cumprir a missão recebida, deveria conquistar determinada elevação.

Que princípio de guerra o comandante atendeu?

OBJETIVO

Item 09 — Seu comandante não esqueceu de deixar um BI em reserva e voltado para a direção do BI encarregado do ataque principal sobre a elevação. E mais, alertou seus elementos de informações que intensificassem a busca de informações sobre o inimigo.

Certificou-se que o dispositivo que adotara era flexível, para fazer face a uma possível surpresa inimiga. Que princípio de guerra o comandante atendeu?

SEGURANÇA

Item 10 — Você assistiu a grande preocupação de seu comandante em repartir judiciosamente os meios à sua disposição. Deu meios para ataque principal e secundário, reserva, vigilância do flanco esquerdo exposto e apoiado num curso d'água não obstáculo. Não esqueceu de mandar elementos para a proteção de sua área de Apoio Logístico. No último caso, em razão da possibilidade levantada, de ela ser atacada por grupos de Forças Especiais do inimigo.

Que princípio de guerra o comandante conciliou para equilibrar o seu dispositivo?

a) MASSA **b) ECONOMIA MEIOS**

Item 11 — Você observou que o comandante da Brigada recomendou a seus comandantes de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações e de Apoio Logístico que só cumprissem suas ordens. Certificou-se que as Comunicações, a arma do Comando, estavam funcionando bem. E mais, que elas lhes propiciavam ligações rápidas e seguras com o escalão superior, unidades vizinhas e unidades subordinadas.

Que princípio de guerra o comandante atendeu?

UNIDADE DE COMANDO

O inimigo foi derrotado. O comandante e Estado-Maior da Brigada, junto com o assessor de História, apuraram as causas da derrota inimiga. Concluíram:

Item 12 — Que ele deixou um flanco desguarnecido e uma pequena reserva que empregou no início do ataque contra o nosso ataque secundário. E mais, que foi fácil para nosso serviço de informações colher elementos sobre seus movimentos, através da escuta de suas Comunicações.

Que princípio de guerra foi ferido pelo comandante inimigo?

SEGURANÇA

Item 13 — Que o inimigo realizou todo o seu esforço defensivo sobre a região do ataque secundário de nossa Brigada.

Que princípio desrespeitou por falta de informações?

OBJETIVO

Item 14 — Que o comandante não distribuiu judiciosamente os meios à sua disposição, por todas as ações previstas. Concentrou demais na frente de nosso ataque secundário. Dosou mal a sua reserva e não teve meios para cobrir bem o flanco exposto. Que princípio de guerra ele desrespeitou na organização do seu dispositivo?

ECONOMIA DE MEIOS

3ª QUESTÃO — (Valor 1,8)

Item 15 — Na aula inaugural foi comentada a Port 61-EME - Diretriz para as atividades do Exército no campo da História, ocasião em que foi distribuído um exemplar da mesma a cada um dos senhores. Foi-lhes mostrado que ela tinha por objetivos: — Contribuir para a formação e o aperfeiçoamento dos quadros e da tropa (Instrução e Ensino).

— Contribuir para o desenvolvimento da Doutrina do Exército (Organização, Equipamento, Instrução, Forças Morais e Emprego).

— Preservar e divulgar o Patrimônio Histórico-Cultural do Exército.

E mais, que por ela passam a ser considerados participantes das atividades do Exército, no Campo da História, todo o pessoal e organizações que integram o Ministério da Guerra.

Leia as afirmações abaixo e assinale, no parêntesis à esquerda de cada uma, com um C se a afirmativa for CERTA e com um E se a afirmativa for ERRADA. Deixe em branco quando não souber.

a (**C) —** A intensificação da pesquisa e do estudo crítico da História do Exército, sobre o seu emprego em lutas internas e externas, fornecerão valiosos subsídios para a edificação do Exército do futuro, à altura do destino de grandeza do Brasil.

b (C) — Arte Militar é tática ou estratégia de emprego de uma força. A tática e a estratégia resultam de infinitas combinações dos fundamentos da Arte da Guerra. Logística, ou prever para prover, tem muito de Arte Militar. O Brasil gigante não é obra do milagre. Para sua configuração, muito contribuiu o fator militar, com suas soluções táticas, estratégica e logísticas, fruto do pensamento militar brasileiro. A História da Arte da Guerra do Exército existe. É uma realidade que não pode ser descuidada. Deve ser pesquisada e estudada com maior intensidade.

c (C) — Ciência Militar é preparo da tropa para a guerra (organização, equipamento, instrução, forças morais). Sua evolução é acentuada em função do progresso tecnológico dos armamentos e equipamentos. Existe a História da Ciência Militar do Exército Brasileiro que contribuirá bastante, mas com menor intensidade do que na Arte Militar, para a edificação do Exército Brasileiro do futuro. Nesta matéria, é mais importante olhar-se o presente dos grandes exércitos e procurar, atualizar-se, na medida do possível, com a Ciência Militar Mundial em vigor.

d (E) — A pesquisa e o estudo crítico da História do Exército Brasileiro é irrelevante para o profissional militar, pois dela nada poderá extrair de relevante em Arte e Ciência Militar, para a edificação do Exército do futuro, à altura do destino de grandeza do Brasil. Exceção feita, ao seu valor como instrumento de fortalecimento do moral do Exército, através da evocação e culto de seus heróis, feitos e tradições. Devemos buscar ensinamentos com os grandes capitães da História Militar Mundial. Com os chefes brasileiros do passado nada aprenderemos em soluções táticas, estratégicas ou logísticas aplicadas ao Brasil. Estes merecem, no entanto, o nosso mais profundo respeito, pelos exemplos de brasilidade que nos legaram. Mas nada aprenderemos com eles. O ensino militar hoje está mais evoluído do que no tempo em que eles atuaram em nossa História.

1ª VC DA HISTÓRIA MILITAR - 4.° ANO - 1978 - F1 02

OBSERVAÇÕES

1. Constituição da prova: 3 (três) questões distribuídas em 2 (duas) partes e impressas em 12 folhas, inclusive a capa;
2. Duração da prova: 2 (duas) horas;
3. Consulta a documentos: Será permitida ao Memento: Fundamentos da Arte da Guerra.
4. Anexo: **ANEXO Nr 1** (Croquis Nr 1) e **ANEXO Nr 2** (Croquis Nr 2 e 3)

Cad Nr _____ NOME _____ Tu _____ - ORIGEM _____

1ª PARTE

A — 1ª QUESTÃO — (Valor 2,5) [ ]

FUNDAMENTOS DA ARTE DA GUERRA

Assinale com um X, no parênteses, ao lado da ÚNICA alternativa que completa corretamente o sentido da afirmação inicial. Deixe em branco quando não souber.

Item 01 — Chamam-se elementos fundamentais da Arte da Guerra, os fatores que, de modo decisivo, influem na dinâmica dos fatores militares.

Dentre os "Elementos Fundamentais" salientam-se aqueles imprescindíveis à apreciação completa de fatos histórico-militares, que são:

( ) o Chefe e o Homem
( ) o Chefe e a Tropa
( ) a Tropa e o Material
(X) os Princípios de Guerra e a Manobra

Item 02 — A regra fundamental ou básica da Arte da Guerra que, correta e inteligentemente aplicada, aumenta a probabilidade de se obter resultado favorável, e, às vezes, decisivo, é o:

( )Elemento de Manobra
( )Princípio de Manobra
(X) Princípio de Guerra
( ) Objetivo de Guerra

Item 03 — "Dispor os meios de combate, na melhor posição face ao inimigo, para destruí-lo ou vencê-lo ou impedir que vença".

Trata-se do Princípio de Guerra denominado:

( ) Simplicidade
( ) Massa
( ) Segurança
(X) Manobra

Item 04 — Consiste em adotar-se um comportamento defensivo em todos os grupamentos, menos um, com o qual se vai tomar uma atitude ofensiva; depois de bater uma das forças do adversário deve-se atuar contra os demais grupamentos, antes que eles se reúnam.

( ) Ofensiva
( ) Ruptura ou Penetração
(X) Linhas Interiores (Posição Central)
( ) Manobra de Flanco

Item 05 — O ataque principal é orientado para a conquista de um objetivo, na retaguarda imediata do inimigo, que corte suas vias de retirada e o sujeite à destruição na própria posição.

(X) Desbordamento
( ) Envolvimento
( )Ruptura ou Penetração
( ) Ofensiva - Defensiva

Item 06 ( )

Na COLUNA I, abaixo, encontram-se Princípios de Guerra e Elementos de Manobra. Na COLUNA II encontram-se conceitos relacionados com a coluna I. Escreva nos parênteses, à esquerda de cada operação da COLUNA I, o ÚNICO número da COLUNA II que lhe corresponda.

COLUNA II

COLUNA I.

(5) Massa
(6) Economia de Forças
(4) Manobra Central
(3) Defesa Móvel
(2) Risco Calculado

1. Meta ou finalidade cuja consecução assegura o sucesso de uma operação militar.
2. Quando um chefe deliberadamente despreza um princípio de guerra, em benefício da observância de outro (s) mais crucial (is) no momento.
3. O grosso das forças é condensado como elemento móvel de choque e o restante guarnece uma posição defensiva avançada.
4. Consiste em atuar numa direção sensivelmente perpendicular à frente adversária.
5. Ser o mais forte no ponto decisivo.
6. Aproveitamento necessário e suficiente dos meios disponíveis.
7. O que é de imediata compreensão e natural execução.
8. Garantir-se pela informação e pelo dispositivo contra ações inimigas.

B - 2ª QUESTÃO — (Valor 3,75)

Complete as sentenças abaixo:

Item 7 – ( )
A ordem de batalha paralela foi uma consequência da própria organização da falange. Quando, porém, os chefes se aperceberam que os combates frontais, a que tal ordem de batalha conduzia, não davam resultados rápidos passaram a procurar a decisão por uma das alas. Essa nova idéia fez surgir a **ORDEM OBLIQUA** usada pela primeira vez, por EPAMINONDAS, na Batalha de **LEUTRAS.**

Item 8 – ( )
A decadência de ROMA atingiu o máximo com o desmembramento do grande império em dois outros. Nas províncias ocidentais, após o barbarismo, surgiram novos reinos, tornando-se mais notável o Império de CARLOS MAGNO. Inicia-se assim a **IDADE MEDIA** caracterizada por duas instituições, cujas influências foram consideráveis - o FEUDALISMO e a **CAVALARIA,** que se liga à grande epopéia das CRUZADAS e que marcou seu apogeu durante essa Idade.

Item 9 – ( )
Sob o comando de GENGIS CÃ, o poderoso Exército Mongol marchava com as alas avançadas e o centro ligeiramente atrasado.
Essa formação permitia, entre outras vantagens, às alas agirem sobre a retaguarda inimiga, caso viesse a ser atacado o centro. Essa modalidade de manobra, prefe rida por GENGIS CÀ, é chamada **DUPLO ENVOLVIMENTO.**

Item 10 – ( )
No Século XVII irrompia na Europa a Guerra dos Trinta Anos, entre Portugal, Espanha e Holanda.
Em vista disso, decidiu a Holanda invadir o BRASIL. Após serem derrotados na BAHIA, os holandeses conseguem conquistar e estabelecer-se em PERNAMBUCO até serem derrotados nas Batalhas de GUARARAPES.
Para se opor aos Regimentos de NASSAU o exército patriota utiliza o célebre **TERÇO** espanhol, em que os arcabuzeiros e depois os mosqueteiros se dispunham em pequenos quadrados flanqueantes nos vértices do grande quadrado de piqueiros, com os alabardeiros ao centro.

Item 11 – ( )
O Século XVIII é caracterizado, na Europa, pelo retomo do absolutismo e pelo desenvolvimento da Arma de Fogo. Na PRÚSSIA, ascende ao poder FREDERICO II, que herdou de seu pai um Exército bem instruído e poderoso. No campo da TÁTICA, FREDERICO sempre observou os princípios da defesa e da manobra. No campo da ESTRATÉGIA, dada a posição geográfica da PRÚSSIA em relação aos seus adversários, desenvolveu a manobra

central **LINHAS INTERIORES.**

Para isto contava com a mobilidade superior de seu Exército e a excelente rede de estradas prussianas.

Item 12 – Após a Revolução Francesa, sentiu a França a necessidade de reorganizar seu Exército para enfrentar as coroas vizinhas que se coligaram, a fim de sufocar as idéias liberais surgidas àquela época. Nas guerras contra essas coligações surgiu NAPOLEÀO, proclamado Imperador dos Franceses em 1804. O instrumento utilizado pela FRANÇA para a sua investida através da EUROPA foi o espírito ofensivo do GRANDE EXÉRCITO IMPERIAL.

Na batalha, verificou NAPOLEÀO que há sempre um **MOMENTO CRÍTICO.**

Nessa situação, dispor os meios em posição vantajosa, face ao inimigo, estava a chave da vitória.

Dentro dessa concepção, as campanhas de NAPOLEÀO são caracterizadas pela presença constante do princípio da **MANOBRA.**

Item 13 – As idéias liberais da Revolução Francesa desencadeiam na EUROPA as guerras de unificação, surgindo novos estados e nas AMÉRICAS, as guerras de independência, libertando as colônias portuguesas e espanholas do jogo das metrópoles.

Na segunda metade do século, o Novo e Velho Continentes são sacudidos por duas guerras: a **GUERRA DA SECESSÃO** (1860-65) e a Guerra Franco- Prussiana (1870-71).

O fator básico na evolução da Arte da Guerra nessa época foi a **REVOLUÇÃO INDUSTRIAL** resultante da invenção da máquina a vapor por WATT.

Item 14 – Em 1852, o JAPÃO abriu as portas ao comércio exterior, e em cerca de 30 anos, passou da condição de estado feudal para a de grande potência. Mas se o ideal japonês se concretiza desse modo, por outro lado, a RÚSSIA procurava restringir essa influência por causa do entrave que isso acarretava às suas pretensões na ÁSIA.

No dia 7 de fevereiro de 1904, a esquadra japonesa atacou a esquadra russa e por duas vezes a derrota.

Em terra, na CORÉIA e na MANDCHÚRIA, o Exército japonês inflingiu sucessivas derrotas aos russos. Essa guerra consolidou o emprego da **METRALHADORA** surgida na guerra da Secessão e agora utilizada quer na ofensiva quer na defensiva.

Item 15 – O assassinato do herdeiro ao trono austro-húngaro seria o estopim que deflagaria a 1ª Guerra Mundial em 1914.

O desenvolvimento bélico, assegurando *a* predominância do fogo, acabou por levar os contendores ao impasse de uma guerra de posição que lhes exauria os recursos humanos e materiais. Era necessário obter a decisão nos campos de batalha e isso só seria possível com o retomo à guerra de movimento.

O aparecimento do **CARRO DE COMBATE** foi a resposta à esse impasse. Utilizado experimentalmente no SOMME, sua presença foi decisiva na Batalha de CAMBRAI.

Item 16 – No período entre 1919 e 1939, o espectro da Revolução Comunista Russa acabou por envolver as grandes potências européias em uma confrontação de fundo ideológico.

Durante os anos de 1937 e 1938, eclodiu um movimento armado, conhecido como **GUERRA CIVIL ESPANHOLA,** quando foram testados, nos campos de batalha, os aperfeiçoamentos introduzidos na Arte da Guerra desde o término do último conflito e a serem empregados no próximo, que se iniciaria em 1939.

Item 17 – A contribuição da 2.ª Guerra Mundial, para a Arte da Guerra, se fez em todos os campos da atividade humana. Mais do que antes, foi confirmado o caráter total da guerra. O emprego de blindados, aviação e forças aeroterrestres deram nova dimensão ao campo de batalha. O emprego desses meios somados às operações anfíbias, realizadas com sucesso no Pacífico e

na EUROPA, pelos Aliados, em ações combinadas, vão fazer surgir na organização militar um novo escalão de comando: o **TEATRO DE OPERAÇÃO.**

No campo psicológico, a propaganda e o emprego de guerrilheiros mostraram uma nova face da guerra.

2ª PARTE

3ª QUESTÃO — (Valor 3,75)

Caracterizar alguns dos Princípios de Guerra e elementos da Manobra, observados pelos luso-brasileiros na 1.” Batalha dos Guararapes, após a leitura da descrição da mesma, a seguir:

1ª BATALHA DOS GUARARAPES

(19 ABR 1648)

(DESCRIÇÃO)

1 **- AMBIENTAÇÀO** (Vide CROQUIS Nr 01 — ANEXO Nr 01)

Foi travada nos Montes Guararapes, ao sul de Recife-PE, entre patriotas luso-brasileiros e holandeses, durante as guerras holandesas (1624-54), extensão no Brasil, da Guerra dos 30 anos na Europa (1618-1648). Este conflito marcou o início da Arte da Guerra perfeita, praticada por Gustavo Adolfo da Suécia, na ocasião da guerra com a Espanha, à qual o Brasil pertenceu de 1580-1640, devido a Sucessão da Casa Real Portuguesa.

2 - **SITUAÇÃO GERAL**

Os patriotas dominavam o interior de Pernambuco. Desde 1645, após as batalhas de Monte das Tabocas e Casa Forte, sitiaram os holandeses no Recife. Em 18 março, aportou nesse local poderosa esquadra holandesa, com 6.000 soldados. Destinava-se a romper o sítio de sua base naval e atacar a Zona de Retaguarda patriota em Cabo, porta de entrada de recursos aos mesmos, via Bahia. Os patriotas, baseados no Arraial Novo de Bom Jesus, elevaram o efetivo de seu Exército e o adestraram na Zona de Retaguarda. Poucos dias antes da batalha, o General Francisco de Menezes, preso pelos holandeses quando dirigia-se ao Brasil para liderar a guerra, conseguiu evadir-se do Recife e juntar-se aos patriotas.

3 **- SITUAÇÃO PARTICULAR**

Em 17 Abr 1648, o Exército Holandês, forte de 6.200 homens, deixou Recife com destino à região do Cabo, sob o comando do General Von Schkoppe.

O Exército Holandês procurou fixar o Exército Patriota no Arraial Novo de Bom Jesus. Isto, através de fintas e demonstrações que iria atacar essa posição. Em 18 Abr, mudou de direção e marchou para o sul, pelo litoral. Passou à noite próximo dos Montes Guararapes, após chacinar, com auxílios dos índios Tapuias, 40 brasileiros e obter, dos sobreviventes, a falsa informação de que somente 200 patriotas guarneciam Guararapes.

O Exército Patriota acompanhou, através de patrulhas, a marcha do Exército Holandês. Convocado um Conselho de Guerra, ficou decidido marcharem à noite, ocuparem posição nos Montes Guararapes, e ali oferecerem batalha, de surpresa, tirando o máximo partido do terreno.

Em 17 Abr 1648, o Exército Holandês retomou a marcha, na convicção de haver fixado o Exército Patriota no Arraial Novo e ter pela frente, no máximo 200 luso-brasileiros.

Ao chegar no Boqueirão dos Guararapes, cairía numa emboscada.

4 - **A BATALHA**

1 - **Dispositivo inicial (Vide CROQUIS Nr 02 — ANEXO Nr 02)**

O Exército Patriota adotou o seguinte dispositivo, coberto por matas e dobras dos Montes Guararapes:

— Ala **esquerda:** Terço de Henrique Dias (Inf ligeira)

— Centro: Terço de Fernandes Vieira (o mais forte)

— Ala **direita:** Terço de Felipe Camarão (Inf ligeira)

— Reserva: Terço de Vidal de Negreiros (Inf mista)

Do Terço de Fernandes Vieira foram destacados dois tercços (200 homens), ao comando do tático e estrategista da Insurreição Pernambucana, Major Antonio Dias Cardoso, subcomandante do Terço de Vieira, consumado mestre em emboscadas e vencedor da Batalha de Montes das Tabocas.

Missão: Postar-se na entrada norte do Boqueirão dos Guararapes. Fazer crer aos holandeses que iria oferecer resistência. Após, obrigá-los a desdobrar o dispositivo, atacá-los e persegui-los através de estreita passagem entre os alagados e uma encosta dos Montes Guararapes, encoberta de mata, formadores do Boqueirão.

2 - **Desenvolvimento da Batalha**

O Exército Holandês, ao chegar aos Guararapes e constatar estar o Boqueirão ocupado por 200 homens de Dias Cardoso, desdobrou-se para persegui-lo.

O regimento de vanguarda penetrou célere no Boqueirão, estreitando drasticamente sua frente de combate normal. Descuidou-se da segurança. Sua única preocupação foi caçar os 200 homens de Dias Cardoso.

Outro regimento estreitou drasticamente sua frente ao penetrar no Boqueirão pelas águas rasas dos Alagados, no mesmo propósito de caçar os 200 homens.

O regimento da retaguarda desdobrou-se e procurou envolver Dias Cardoso e seus homens. Progrediu na encosta dos Guararapes entre a mata e a crista.

No momento em que os dois regimentos haviam se internado o suficiente nos alagados e no Boqueirão, e que o terceiro, dissociado pela mata, progredia na encosta dos Guararapes, foi dado ordem, ao Exército Patriota, para abandonar seu esconderijo e realizar um ataque geral à espada (VIDE CROQUIS Nr 03 — ANEXO Nr 2).

O Terço de Fernandes Vieira investiu o regimento que progredia pelo Boqueirão e que não teve espaço para adotar a ordem clássica de batalha. Aí, o combate se travou feroz. Após muita luta, com auxílio de parte do terço em Reserva, de Negreiros, foi conseguido romper o regimento holandês que progredia no Boqueirão.

O Terço de Camarão investiu, através dos Alagados que conhecia, o regimento que por ali progredia. A ligeireza dos índios contra a pouca mobilidade dos holandeses, ocasionada por seu pesado equipamento, resultou na desorganização do regimento inimigo, seguido de seu envolvimento, neutralização e quase destruição total.

O Terço de Henrique Dias investiu para fixar o regimento que progredia nos Guararapes.

Neste setor, as coisas andaram mais difíceis.

Alguns soldados de Henrique Dias abandonaram suas posições para saquearem holandeses mortos. A reserva, empregada para auxiliá-lo, atuou em direção errada.

A ameaça neste flanco só foi enfrentada com elementos retirados do centro, após solucionada a ameaça nessa frente.

Mas apesar de tudo, Henrique Dias e seus homens cumpriram a missão de fixar em larga frente o regimento inimigo, até que este exaurisse suas forças e gastasse toda a munição.

O efeito surpresa provocou mais de mil deserções holandesas, sendo que a maior parte nas primeiras horas da batalha.

Durante a batalha, os holandeses tiveram 900 baixas, entre mortos e feridos, contra 480 dos luso-brasileiros.

Após 4 (quatro) horas de batalha, os holandeses retiraram-se, com 3.200 homens, para o alto de um morro à sua retaguarda.

Na manhã seguinte, retiraram-se, em ordem, para o Recife. Não houve perseguição luso- brasileira, pois o efetivo holandês de 3.200 homens constituia-se, em raza campanha, perigo aos 1.500 patriotas, extenuados, após 36 horas de marchas, dura batalha e forte chuva caída durante à noite.

Responda, nos espaços em branco de cada item, qual o Princípio de Guerra relacionado com as afirmações a seguir:

Item 18 – Os luso-brasileiros possuíam bom conhecimento sobre o terreno e o inimigo. Dispuseram de

reserva compatível que foi usada em dois graves momentos. Houve falha no princípio em estudo quando alguns homens de Henrique Dias abandonaram o dispositivo para espoliar os holandeses mortos.

R- SEGURANÇA

Item 19 – ( ) Os luso-brasileiros apresentaram-se frente ao inimigo em posição vantajosa com toda a sua força, quando este julgava ter pela frente somente 200 luso-brasileiros. Este fato concorreu decisivamente para a vitória.

R - SURPRESA

Item 20 – ( ) Os luso-brasileiros colocaram o terço de Fernandes Vieira, o mais forte e melhor armado, para atacar o ponto decisivo do dispositivo inimigo. Deixaram ainda a reserva atrás do Terço de Fernandes Vieira e empregaram parte dela em reforço àquele Terço.

R - MASSA

Item 21 – ( ) Atrair os holandeses para uma emboscada no interior do Boqueirão dos Guarara- pes. A seguir, atacá-los neste lugar, quando por falta de espaço não pudessem adotar dispositivo de combate em campo raso, foi a decisão do Exército Patriota.

R - **OBJETIVO**

Item 22 – ( ) Marcha noturna, com rapidez e sigilo, do Arraial Novo aos Montes Guararapes. Atração do inimigo para uma emboscada no interior do Boqueirão. Emprego parcelado da reserva. Tudo para colocar os meios luso-brasileiros em posição vantajosa, em relação ao inimigo, o que efetivamente foi conseguido.

R - MANOBRA

Item 23 – ( ) Agressividade nas ações principal e secundárias, conquistando, os luso-brasileiros, a iniciativa e impondo sua vontade ao inimigo, apesar da inferioridade numérica de 1 (um) para 3 (três). Ação caracterizada por ataques e contra-ataques luso- brasileiros durante toda a batalha, com notável agressividade.

R - OFENSIVA

Item 24 – ( ) Disposição nas alas dos terços mais fracos, e mais aligeirados. Reserva compatível e meios suficientes para a ação principal, ou um dispositivo bem equilibrado.

R - **ECONOMIA DE MEIOS**

Escreva, nos espaços em branco, as idéias relacionadas com a manobra e elementos empregados pelos luso-brasileiros, na batalha em estudo.

OBJETIVO: Destruir o poderio holandês no RECIFE

Item 25 – [ ] FORMA **OFENSIVA**

Item 26 – [ ] TIPO **CENTRAL**

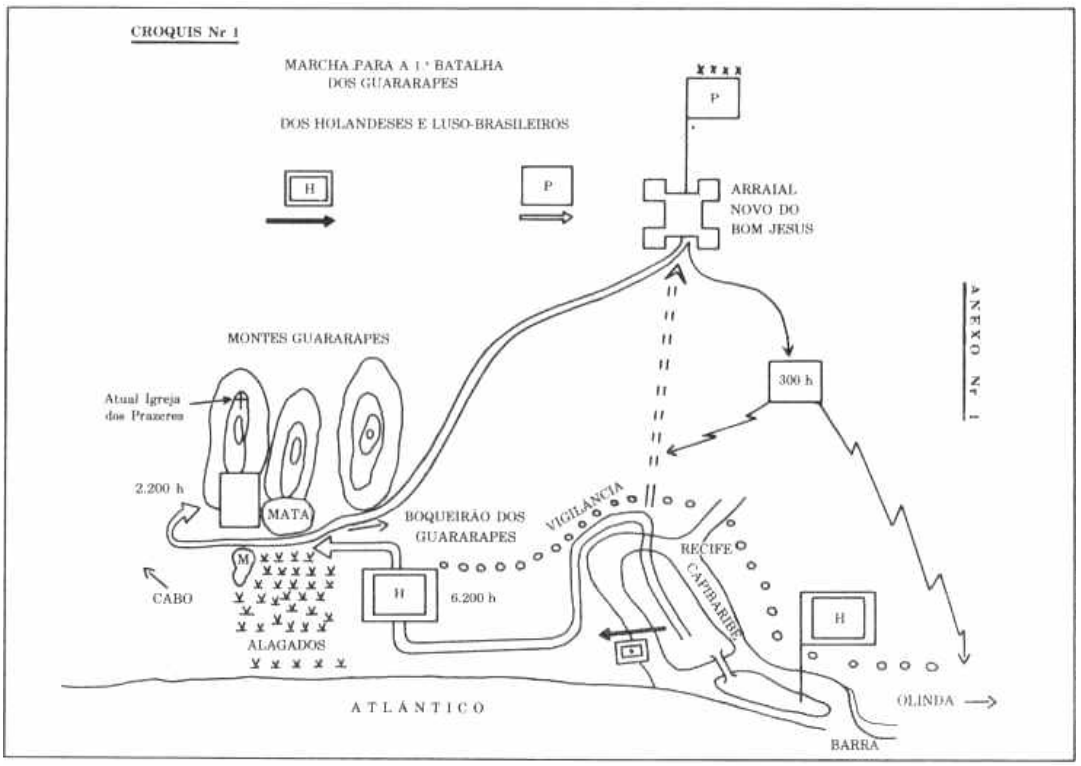
Item 27 – [ ] MODALIDADE **RUPTURA OU PENETRAÇÃO**

Item 28 – [ ] Repartição dos Meios (unidades empregadas)

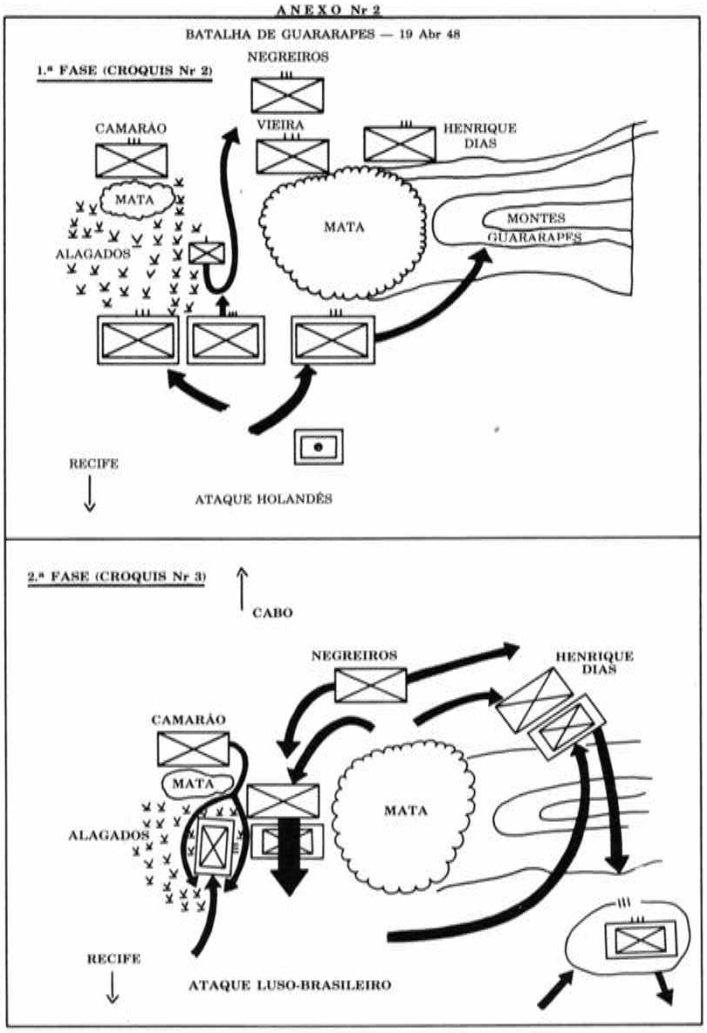
— Ação Principal: **TERÇO VIEIRA**
— Ações Secundárias: **TERÇO CAMARÃO e H. DIAS**
— Reserva: **TERÇO VIDAL NEGREIROS**

Item 29 – Direções: PARALELAS

Item 30 – Desencadeamento das Ações: SIMULTÂNEAS



ANEXO Nr 2



OBRAS DE INTERESSE DA

HISTÓRIA DA DOUTRINA MILITAR
EDITADOS PELA BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

A — Trabalhos sobre Arte da Guerra ou relacionados

(Por ano de edição)

(Período anterior a ida da FEB para a Itália)

(x) - Autores do Exército Brasileiro

01) GAVET, André. Arte de Comandar. 1938 e 1945 – 2ª ed

02) ROUSSETE, L. Mestres da Guerra. 1938

03) MERMET, A. Ensaio sobre Tática Alemã. 1943

04) LEBAUD. Comandar. 1943

05) VERÍSSIMO, Inácio. Iniciação Tática, 1974

06) COURVILLE, X. Jomini ou advinho de Napoleão. 1944 (Período da FEB na Itália)

07) BATHIER, P. de la. De Descartes ao Gen X. 1945

08) MAGALHÃES, J. B. Noções Militares Fundamentais. 1945 (x) (Período Post FEB)

09) CLAUSEWITZ, Princípios de Guerra. 1947

10) CARTIER, Mistérios da Guerra. 1949

11) CAMPOS, Senna, Logística na Paz e na Guerra. 1952 (x)

12) GORLITZ. W. O EM Alemão - Histórico e Estrutura. 1955
13) LANZA, C. Napoleão e a Guerra Moderna. 1955
14) DERVIEW. Concepção da vitória entre os grandes generais. 1956
15) GARTHOFT. R. L. Doutrina Militar Soviética. 2v, 1957
16) SUN TZU. Arte da Guerra. 1958
17) GAVET, Arte de Comandar. 1958
18) MAGALHÃES, J. B. Civilização Guerra e chefes militares. 1959 (x)
19) RAPOSO FILHO, Amerino. A Manobra na Guerra. 1960 (x)
20) COURTHEV, W. Mac Arthur - Seu encontro com a História. 1961
21) DECISÕES FATAIS (Trad Amerino Raposo e J. R. M. Carvalho) 1962
22) CAMPOS Senna. Logística para a Invasão - 1965 (x)
23) FAULLER, J. F. Conduta da Guerra (1789-1960) 1966
24) GUDERIAN, H. Panzer Lider. 1966
25) CLARK, Mark. W. Risco Calculado. 1966
26) SPEIDEL, H. Rommel e a Campanha da Normandia. 1967
27) GOUTARD, A. Guerra das Ocasiões Perdidas. 1967
28) GOODSPEED. D. J. Ludendorf. 1968
29) PERRAULT. O Segredo do Dia D. 1974
30) YONG. D. Rommel. 1975

B — Trabalho sobre História Militar Geral (x)

01) SARMENTO. Domingos. Facundo. 1939
02) BLIN. Pequena História da Grande Guerra. 1939
03) FIGUEIREDO, L. Observação no Extremo Oriente. 1941
04) DUVAL. Lições da Guerra na Espanha. 1941
05) PEREIRA. Alcino N. Guerra da Polônia. 1944
06) GRAÇA, James. R. Guerra através dos séculos. 1948
07) Idem. Reflexos sobre a Guerra Moderna. 1941
08) TAVARES, A. Lyra. 4 anos ná Alemanha ocupada. 1951
09) PEIXOTO, J. B. II Grande Guerra. 1951
10) CRITTENBERGER. Campanha NO — Itália. 1952
11) CARVALHO, Estevão L. Paz no Chaco. 1958
12) BRADLEY. História de um soldado. 1960
13) GEN LECLERC VISTO POR SEUS COMPANHEIROS. 1961
14) CHURCHILL. W. Seis dias de uma guerra milenar. 1969
15) HOHNE, H. SS. A Ordem Negra. 1970
16) EISENHOWER. Cruzada da Europa. 1972
17) DAYAN, Moshe. Guerra do Sinai. 1972
18) MEMÓRIAS DO MAR MONTGOMERY. 1977
19) AUDACIOSAS AÇÕES DE OTTO SKORZENY.

C — Trabalhos sobre Guerra Revolucionária

Informações, Guerra Psicológica, Segurança Nacional (x)

01) TAVARES. A. Lyra. Segurança Nacional. 1958

02) LINEBARGER, Paul. Guerra Psicológica. 1962
03) BONNET, G. Guerras Insurrecionais e Revolucionárias. 1963
04) OLIVEIRA, H. A. Guerra Revolucionária. 1965
05) CLARKE, Robin. Guerra Silenciosa. 1970
06) PESSOA, M. Direito da Segurança Nacional. 1971
07) GEHLEN, R. O Serviço Secreto. 1972
08) GURGEL, J. A. Segurança e Democracia. 1975
(Além dos enquadrados noutras categorias)

D — Trabalhos sobre Ciência Militar

01) PORTELLA, Zílio. Exercícios na carta. 1942
02) REGULAMENTOS PROVISÓRIOS PARA A INSTRUÇÃO DOS QUADROS E TROPA. 1945
03) ARAÚJO, Orestes. Psicologia Militar. 1959
04) LOPES. Myra. Sociologia Militar.

INFANTARIA:

01) SILVA, Golbery Couto e. Tiro de Morteiro. 1939

02) BOUCHACOURT, Psicologia da Inf. 1951

03) LAUTREC, C. M. Infantaria e CC. 1951

CAVALARIA:

01) CAMBETA, J. USKUB. Papel da Cavalaria na Vitória. 1938

02) DUPONT, Mais uma carga camaradas. 1938

03) MANUAL DE SERVIÇO EM CAMPANHA. 1941

04) KAUFMANN. K. Livro do Carro de Combate. 1943

05) MARIATE, O. Guia do Cavaleiro. 1944

06) RABORG, P. Força Mecanizada. 1947

07) ALVES, J. V. Portella. Blindados **através dos séculos. 1964**

ARTILHARIA:

01) LINTIER, Minha peça. 1958

02) ALVES, J. F. Portella. Seis séculos de Artilharia. 1964

ENGENHARIA:

01) AZAMBUJA. J. C. Fortificações Permanentes. 1940

02) OT — Instruções Provisórias. 1944

03) THOMPSON. P. W. Engenheiros na Batalha. 1954

COMUNICAÇÕES:

01) TEIXEIRA, P. B. Emprego tático. 1945

02) FIALHO, A. Emprego tático do Batalhão. 1945

INTENDÊNCIA:

DEL RÉ, J. J. Intendência através dos tempos. 1955

E — Trabalhos sobre Estratégia

01) CIDADE, F. Paula. Notas de Geografia Militar (x)
Sul-Americana. 1940 (Curso ministrado pelo autor na ECEME e interrompido com sua partida para comandar Cáceres - MT).

02) VERÍSSIMO, Inácio J. Introdução ao Estudo da Estratégia. 1944 (x)

03) SILVA, Golbery do Couto e. **Planejamento Estratégico.** 1955 (x)

04) HERRERA, H. **Estratégia Aliada na II Guerra**. 1961 (x)

05) HART, Liddel. **Estratégia.** 1966

06) WANDERLEY, Nelson L. **Estratégia Militar e Desarmamento.** 1971 (xx)

07) ÁLVARES, Obino L. et alli. **Estudos de Estratégia.** 1971 (x)

Transcrito de: **BENTO. Como estudar e pesquisar a História do EB**
(x) Oficial do Exército Brasileiro
(xx) Oficial da Aeronáutica

No dia 7 de setembro de 1978, a Comissão abaixo, designada pelos BI n.° 142 de 27 de julho e n.° 150 de 8 de agosto de 1978, concluiu os trabalhos de revisão de aspectos de História Militar e Redação e Estilística e de complementação e coordenação do presente trabalho escolar que passou a chamar- se com melhor propriedade de **História da Doutrina Militar,** em substituição ao título anterior **Evolução da Arte da Guerra.**

A Comissão :

História Militar
Ten Cel Inf QEMA Ney Salles
Ten Cel Eng QEMA Cláudio Moreira Bento
Ten Cel Inf QEMA Sérgio Monteiro Marcondes

Redação e Estilística
Ten Cel Art (ME) Nei Paulo Panizzutti
Ten Cel Inf (ME) Manoel de Brito